

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A FAMÍLIA BEIJA-FLOR

LUIZ ANSELMO BEZERRA

NITERÓI

2010

LUIZ ANSELMO BEZERRA

A FAMÍLIA BEIJA-FLOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em História.

Eixo cronológico: História Contemporânea.

Linha temática: Poder e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alvito Pereira de Souza

NITERÓI

2010

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B574 Bezerra, Luiz Anselmo.

A família Beija-Flor / Luiz Anselmo Bezerra. – 2010.

243 f.

Orientador: Marcos Alvito Pereira de Souza.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

Bibliografia: f. 243.

1. Escola de samba - Rio de Janeiro (RJ). 2. Jogo do bicho. 3. Ditadura militar - Brasil, 1964-1979. 4. Poder. 5. Família - Aspecto político. I. Souza, Marcos Alvito Pereira de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 394.25098153

LUIZ ANSELMO BEZERRA

A FAMÍLIA BEIJA-FLOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em História.

Aprovada em agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. MARCOS ALVITO PEREIRA DE SOUZA
PPGH – UFF

Profa. Dra. ADRIANA FACINA GURGEL DO AMARAL
PPGH – UFF

Profa. Dra. KARINA KUSCHNIR
PPGSA – UFRJ / IFCS

Profa. Dra. SIMONI LAHUD GUEDES (SUPLENTE)
PPGA – UFF

Profa. Dra. LEILA MARIA DA SILVA BLASS (SUPLENTE)
PEPGCS – PUC / SP

NITERÓI

2010

Ao amigo Daniel “Madruga”, de conselheiro amoroso a anjo da guarda (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A gratidão é tema central no universo da *família Beija-Flor*. E se o ato de agradecer tem sempre um caráter impositivo e custoso, espero, no entanto, manifestá-lo da forma mais espontânea possível, do fundo do meu coração.

É uma satisfação poder dizer a meus pais que valeu a pena toda a dedicação que tiveram pela minha educação ao longo desses anos, eles sentiram de perto o drama dos últimos momentos na elaboração do trabalho, e com muita compreensão, na certeza de que a transmissão de tudo aquilo que aprendi será a sua maior compensação. E da mesma forma, acredito que tenha sido com minha querida irmã e meu cunhado-irmão.

Foi um prazer imenso conhecer pessoas tão interessantes ligadas ao mundo do samba e que estavam aqui pertinho sem que eu me desse conta. Espero, humildemente, poder retribuir o tanto que aprendi fazendo alguma coisa pelo samba e pelo carnaval, já que até hoje só foi beneficiário do envolvimento com essas maravilhas do povo brasileiro.

Para evitar esquecimentos, quero deixar registrado o meu agradecimento ao conjunto da família – que não é pequena –, para todos do ramo dos Bezerra, dos Batista, dos Pereira, dos Nascimento e dos Teixeira. Apenas um agradecimento especial ao Pedro Jr., que foi decisivo na minha passagem do *rock and roll* para o samba.

E sem os amigos eu não teria chagado ao término da luta, são tantos... Agradeço ao pessoal da rua onde me criei e aos colegas dos outros pedaços de Nilópolis que costumo frequentar – que todos fiquem aqui representados pelo Luciano, pelo Eduardo, pelo Marcos (*teacher*), pelo Antônio Carlos, pelo Nelsinho, pelo Fabiano, pela Filomena, pelo Mário Quintana, pelos Luíses, pelo Marcelo, pelos Andrés e pelo Alberto. Quero lembrar a galera da UFF através dos diferentes grupos de amigos que giram em torno do Cadu e do Rafael, do Douglas, do Guilherme, do Jonas e do Fabrício, da Sabrina e do Vinícius, e da dona AP.

A Ela e outras mulheres, meu eterno carinho.

Aos professores da banca examinadora quero agradecer pelo tanto que suas sugestões contribuíram para evolução do trabalho. O curso de antropologia urbana da professora Karina Kuschnir, além das ótimas amizades que me proporcionou, apontou o caminho da dissertação. As observações dos professores Marcelo Badaró e Adriana Facina foram fundamentais para o maior embasamento do trabalho em pontos mais relacionados às suas respectivas linhas de pesquisa, e isso deu realmente muita riqueza à dissertação.

A excelência do PPGH – UFF assegurou ótimas condições para a realização da pesquisa, sou muito grato à bolsa CAPES com a qual fui contemplado. Espero ter cumprido as

metas do programa com a qualidade do trabalho, que foi fruto de muita dedicação. Através da Silvana, quero manifestar minha gratidão a todos os funcionários da Pós. E aproveito para lembrar dos colegas que deram a maior força no trabalho com as transcrições: Morgana, Fernanda, Paulo, Lucinha e Leonardo.

Reservo um agradecimento especial à professora Leila Blass, ao nosso grande amigo tricolor – sem palavras! – e à professora Maria Lúcia Montes, esta pessoa queridíssima que é luxo só e, informalmente, teve um papel essencial na minha orientação.

Ao meu querido mestre e amigo Marcos Alvito quero manifestar o reconhecimento do quanto que tem sido importante para mim dentro e fora do “campo científico”. Nos últimos anos, foi ele a pessoa com quem aprendi as melhores “jogadas”, e embora seja um grande apaixonado pelo samba, foi seu estilo Bob Dylan – sempre se transformando – na área de pesquisa uma das maiores inspirações que tive ao longo dos anos na UFF.

Agradeço ao que faz parte de tudo e de todos, porque acredito na existência de uma força maior que nos guia.

É ela,
Maravilhosa e soberana,
De fato nilopolitana.
Enamorada deste meu país
É ela,
A deusa da passarela
Razão do meu cantar feliz.
É ela,
Um festival de prata em plena pista,
É o sorriso alegre do sambista,
Ao ecoar do som de um tambor...
Beija-flor minha escola,
Minha vida, meu amor

A deusa da passarela, samba-exaltação de autoria de Neguinho da Beija-Flor

RESUMO

O trabalho apresenta uma análise das relações institucionais entre jogo do bicho e escola de samba enquanto suporte do esquema de poder familiar montado no município de Nilópolis durante a ditadura militar e que se encontra em pleno vigor ainda nos dias atuais. Abordamos num primeiro momento visões macro-políticas que relacionam a projeção dos dois ramos do poder familiar à interferência militar na Baixada Fluminense. Entretanto, o estudo aprofunda a reflexão sobre a adesão ao regime por parte das lideranças das famílias Sessim e Abraão na medida em que se assenta nos pressupostos de um modelo epistemológico atento à relevância de dados fragmentários, ou seja, indícios soltos que foram identificados no exame de fontes jornalísticas, de arquivo e fontes orais, estas produzidas mediante a realização de entrevistas de acordo com a metodologia da história oral. Em função disso, a pesquisa aponta para um conjunto mais amplo de fatores que teriam contribuído para a consolidação, pelas referidas famílias, de uma tradição de atuação política baseada no lugar. A relação dos chefes do esquema com setores da comunidade local é tratada considerando-se a dimensão simbólica do sistema de trocas que se centralizou na figura do banqueiro do bicho e presidente de hora da Beija-Flor, Anísio Abraão David, e foi estruturado através da organização carnavalesca na forma de uma *economia do dom*. Portanto, o universo simbólico do esquema político é analisado no trabalho com a demonstração de que se compõe também pela interligação de elementos da memória dos imigrantes de origem libanesa estabelecidos na localidade e de um conjunto de valores incorporados do sistema do jogo do bicho. Seguindo a proposta etnográfica do *olhar de perto e de dentro*, tomamos a visão de antigos moradores de Nilópolis vinculados à Beija-Flor acerca do contexto em que estão inseridos e das práticas que desenvolvem como ponto de partida para explicação dos mecanismos que articulam as redes sociais responsáveis pela sustentação da estrutura de poder estudada. Em síntese, argumenta-se que a vitalidade do esquema familiar está associada à capacidade de articulação desenvolvida por suas lideranças através do controle de organizações que permitem a manutenção, e reprodução, de vínculos estabelecidos tanto nas redes de sociabilidade de âmbito local quanto em setores externos à esfera do município e ao mundo do samba.

Palavras-chave: escola de samba; jogo do bicho; poder familiar; ditadura militar.

ABSTRACT

The paper presents an analysis of the institutional relations between “jogo do bicho” and samba school as part of the support of the family power scheme set up in Nilópolis during the military dictatorship, which fully works until the present time. To begin with, it is going to present macropolitician views which link up the projection of the two realms of the family power with the military interference in Baixada Fluminense. Nevertheless, the study goes deeper into the reflection about Sessim and Abraão family leaders’ sticking to the military regimen according to the tenets of an epistemological pattern concerned to the relevance of fragmentary data, that is, unattached clues identified in journalistic sources, files and interviews as well. The latter were produced according to the oral history methodology. Because of this, the study indicates a larger number of factors which may have contributed to the consolidation of the political tradition of the referred families in the locality. The relation of the scheme leaders with the local community sectors is treated considering the symbolic dimension of the exchange system which has been centered in the figure of “jogo do bicho” leader and also honorary president of Beija-Flor samba school, Anísio Abraão David. This exchange system was structured through the carnivalesque organization under the form of the *gift economy*. Therefore, the symbolic universe of the political scheme is analysed in this paper with the demonstration that it is also compounded by the interconnection of Lebanese immigrant memory elements locally settled and a group of values incorporated in the “jogo do bicho” system. Following the ethnographic proposal of a *close and inner look*, we collected opinions from ancient Nilopolis dwellers linked to Beija-Flor about the context in which they are inserted and about the activities they develop as a starting point to explain the mechanisms that articulate the social nets responsible for the support of the power structure studied here. In short, it is discussed that the family scheme vitality is associated with the capacity of articulation developed by its leaders through the organization control which allow the maintenance and reproduction of established links both of the local sociability nets and of sectors out of the city and the samba world.

Key words: samba school; jogo do bicho; family power; military dictatorship.

Sumário

Introdução	12
Capítulo I	
1. A Interferência militar na Baixada Fluminense e seus desdobramentos em Nilópolis	21
2. Os negócios do jogo do bicho em Nilópolis antes e depois do golpe de 1964	31
3. A Escola de Samba Beija-Flor e a ditadura militar	46
4. Abertura política e aumento da concorrência no espaço político-partidário	57
Capítulo II	
1. Uma tradição familiar de ajuda ao semelhante	65
2. O universo simbólico dos jogos em Nilópolis	82
3. A Beija-Flor dos anos de sacrifício	85
4. Os Abraão David e os tempos de sucesso da Beija-Flor	93
5. O luxo e a grandiosidade da Beija-Flor	97
6. “Alô, papai! A família Beija-Flor te ama!”	103
Capítulo III	
1. Nilópolis e seus centros de sociabilidade	120
2. Bloco Associação Carnavalesca Beija-Flor	123
3. Escola de Samba Beija-Flor	126
4. As demais associações carnavalescas nilopolitanas na rede local de lazer	130
5. A Escola de Samba Beija-Flor como uma alternativa de lazer	132
6. A aproximação dos Abraão David com a Escola de Samba Beija-Flor	140
7. Voltando à questão dos enredos de exaltação do regime militar	149
8. A contratação do carnavalesco Joãozinho Trinta	151
9. O samba-enredo e a quadra	158
10. A dimensão espetacular dos desfiles da Beija-Flor	178
11. O barracão	183
12. Toma lá, dá cá	194

13. Os projetos assistenciais da Beija-Flor de Nilópolis	204
14. As festas religiosas promovidas por Anísio	209
Conclusão	222
Fontes	226
Bibliografia	229
Anexos	
1. Os carnavais da Beija Flor de Nilópolis	234
2. Os compositores campeões	237
3. As letras dos sambas-enredo de 1973 a 1978	239
4. Listagem dos prefeitos de Nilópolis	241
5. Genealogia dos ramos do poder familiar	242
6. Mapa das principais ruas e avenidas do município de Nilópolis	243

Introdução

A Beija-Flor se destaca entre as escolas de samba do Rio de Janeiro por ser considerada uma espécie de domínio familiar. No entanto, o início de sua história em muito antecede a direção dos Abraão David, começa pela fundação como bloco carnavalesco em 25 de dezembro de 1948. A passagem à condição de Grêmio Recreativo Escola de Samba veio em 1954, e, segundo relatos de antigos componentes, teria resultado da iniciativa de uma das lideranças mais importantes da época, o compositor Silvestre David dos Santos, popularmente conhecido como Cabana. Foram muitos carnavais no “sobe e desce” característico das pequenas escolas, transitando entre os três grupos definidos pela antiga divisão dos desfiles carnavalescos, até o retorno definitivo ao “grupo de elite” do carnaval carioca, o Grupo 1, com a apresentação dos chamados enredos de exaltação da ditadura nos carnavais de 1973, 74 e 75, estando a escola nesse momento sob a presidência de Nelson Abraão David. No entanto, foram as conquistas de 1976, 77 e 78 que se constituíram através da memória no marco de uma nova fase associada à atuação dos irmãos Nelson e Aniz Abraão David, o Anísio. Com a permanência da escola junto às “grandes” do carnaval carioca ficando assegurada pelo primeiro tricampeonato, passou-se a conferir aos Abraão David o *status* de verdadeiros “donos” da Beija-Flor.

É certo que a escola de samba faz parte, de uma forma ou de outra, da vida de quase todos aqueles que têm residência em Nilópolis, mesmo que só se lembrem disso por conta da proximidade do carnaval. Eu não saberia dizer se foi exatamente a pesquisa das minhas origens nilopolitanas o que levou à realização deste trabalho. Embora nascido e criado em Nilópolis, as influências da família de imigrantes nordestinos contribuíram muito para me deixar meio que distante do “povo do samba”, e por essa razão creio que nos primeiros momentos da pesquisa realmente não estivesse observando algo tão familiar.

O desejo de explorar o universo da Beija-Flor só se confirmou no momento em que finalmente me dei conta do objeto de estudo que estava relativamente próximo de mim e que traria a oportunidade de abordar temas interessantíssimos – carnaval, política, jogo do bicho, religião – e grande aprendizado numa primeira experiência de pesquisa. Não fosse a oportunidade do curso *Samba, Festa e Cultura Popular*, ministrado pelo professor Marcos Alvito na graduação em História da UFF no ano de 2001, e que teve como uma das leituras o artigo da professora Maria Lúcia Montes sobre a questão do *erudito* e do *popular* no contexto do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, no qual ela se refere a toda uma

experiência de campo no barracão da Beija-Flor na época em que Joãozinho Trinta era carnavalesco da escola¹, o impulso para o trabalho talvez não tivesse surgido. Ora, deixou-me bastante intrigado o fato de uma pesquisadora residente na cidade de São Paulo saber tanto sobre a escola, e eu, morando a dez minutos da quadra, quase nada! Essa situação de certa forma vergonhosa para um rapaz nilopolitano recém formado em História me levou a buscar orientações com os referidos professores para não perder a chance de aventurar a pesquisa.

As primeiras entrevistas visando a realização do trabalho foram feitas em 2005. Como eu não tinha vínculo com pessoas da Beija-Flor nem experiência em pesquisa de campo, e, além disso, sentia um medo tremendo de ser interrogado sobre as intenções do estudo, a saída foi recorrer aos contatos de conhecidos meus com pessoas que pertencessem à escola ou tivessem feito parte dela em um dado momento. De início, as entrevistas aconteceram justamente com ex-componentes da escola, algo que me ajudou a desfazer o receio em tratar de certos temas nas conversas e acabou se tornando uma preparação para o contato com antigos componentes que conheci a partir daí. No total, foram quinze entrevistados entre ex-componentes e componentes ativos da Beija-Flor, sendo que seis deles não mais participavam da escola no momento em que decidiram colaborar com o trabalho. Outros cinco colaboradores além desses foram: um descendente libanês e sua esposa “brasileira”, um ex-artista do barracão que não era exatamente componente da escola, um antigo morador de Nilópolis e militante partidário de esquerda e um sambista da região que não faz parte da Beija-Flor. Através desses contatos, passei a acompanhar atividades desenvolvidas na quadra de ensaios ao longo do ano e também alguns momentos do processo de confecção do desfile no barracão da Cidade do Samba.

Tendo como proposta de pesquisa abordar a escola de samba enquanto ponto de articulação do esquema de poder montado pelas famílias Sessim e Abraão em Nilópolis, permaneci durante um bom tempo acreditando que as informações obtidas através das entrevistas e observações de campo eram muito superficiais, principalmente no tocante às relações entre a escola de samba e o jogo do bicho. Somente através de referências teórico-metodológicas adequadas foi possível entender que, mesmo apresentando-se de forma dispersa, os dados disponíveis poderiam dar embasamento a uma análise consistente. Em primeiro lugar, destaco a relevância do pressuposto fundamental do chamado *paradigma indiciário*, que apresento aqui nas palavras do historiador Carlo Ginzburg:

¹ Montes, Maria Lúcia Aparecida. “O erudito e o popular, ou as escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa”. In: *Revista USP*, 32 (1996-1997): 6-25.

[...] Se as pretensões de conhecimento sistemático mostraram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explique os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.²

A partir do momento em que me dei conta que os próprios atores sociais poderiam estar fornecendo indicações para a reconstituição de uma “profunda conexão” capaz de explicar o funcionamento da estrutura de poder familiar, pereceu-me muito apropriado adotar como proposta metodológica o modelo etnográfico denominado por José Guilherme Magnani como *olhar de perto e de dentro*. Isto não tem a ver necessariamente com a fundamentação do estudo através de uma pesquisa de observação participante com o intuito de trazer à tona detalhes escondidos, mesmo porque sustenta esse autor que o método etnográfico não se reduz a uma técnica, ele pode usar e se servir de várias, de acordo com as circunstâncias de cada pesquisa. Na perspectiva de Magnani a etnografia seria:

... antes um método de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais um arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso do que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”.³

Nesse sentido, através de um exame atencioso que possibilitou a reorganização de uma série de indícios acerca da interferência militar na Baixada Fluminense como fator determinante para a montagem do esquema de poder das duas famílias desenvolveu-se a abordagem macro-política que deu origem ao primeiro capítulo. Nele, entram em cena como principais personagens os membros do círculo de decisão do poder familiar, que são os representantes dos Sessim e dos Abraão com atuação no campo político-institucional e os banqueiros do jogo do bicho ligados a este último ramo de parentesco.

² Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 177.

³ Magnani, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 17, nº 49, São Paulo, junho de 2002: 11-29. p. 17.

No segundo capítulo é que o conjunto dos atores sociais envolvidos na *trama* passa a fazer parte efetivamente da análise, a começar pelo trabalho de interpretação dos valores que tomam como referência para descrever em seus próprios arranjos o universo social em que atuam. Nessa perspectiva assumimos definitivamente a proposta do *olhar de perto e de dentro*, e no sentido de analisar o poder familiar considerando a visão *nativa* a seu respeito.

A categoria *família* está associada ao conjunto de imigrantes libaneses que se estabeleceram como comerciantes em Nilópolis, serve como referência para que os antigos componentes descrevam a Escola de Samba Beija-Flor enquanto espaço de socialização em sua primeira fase e também como símbolo da estrutura de poder chefiada por Anísio, daí a escolha do título do trabalho. E a partir dela procuramos identificar outras categorias nativas que fazem parte do conjunto de valores dos atores sociais inseridos no universo de pesquisa para compreendê-lo como uma *totalidade*, conforme propõe Magnani:

Assim, uma totalidade consistente em termos de etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais: para os primeiros, é o contexto da experiência, para o segundo, chave de inteligibilidade e princípio explicativo. Posto que não se pode contar com uma totalidade dada a priori, postula-se uma a ser construída a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas, como condição para que se possa dizer algo mais que generalidades a respeito do objeto de estudo.⁴

A categoria do familiar e todas as outras que surgiram interligadas a ela – *amizade, respeito, honra, generosidade, lealdade* – foram definidas nos termos do pesquisador a partir de escolhas teóricas, e nesse sentido as considerações de Pierre Bourdieu acerca da teoria do *dom* ocuparam um lugar central na construção do segundo capítulo.

Contudo, tais categorias são construções que correspondem a determinadas relações sociais, e foi no sentido de explicitá-las que teve desenvolvimento o terceiro capítulo do trabalho. Nessa etapa foi possível demonstrar como são organizadas redes sociais através da estrutura de uma escola de samba, o que nos permite compreender porque ocorre a ampliação da influência social dos banqueiros do jogo do bicho na medida em que se relacionam com as agremiações carnavalescas.

Alguns esclarecimentos importantes precisam ser feitos ainda nessa etapa introdutória. As entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa seguiram o modelo da chamada história de vida, entretanto, havendo uma condução para o relato de experiências acerca da trajetória de cada um dos colaboradores na Beija-Flor. Apenas no caso daqueles que não são componentes

⁴ idem, p. 20.

da escola nem ligados ao “mundo do samba” adotou-se um foco específico, como por exemplo, a memória dos desdobramentos da interferência militar em Nilópolis, ou então do estabelecimento das famílias de imigrantes libaneses na localidade.

A questão da memória é central no trabalho, a começar pelas próprias referências temporais definidas pelos atores sociais que já revelavam interpretações sobre o passado: a Beija-Flor dos “anos de sacrifício” não seria a mesma dos “anos de sucesso”. Mas antes de qualquer apropriação em meio às diversas categorias propostas para a memória convém reconhecermos a sua condição primordial de fenômeno social. Michael Pollak observa, sobretudo, o fato da memória se caracterizar como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes⁵. Nessa linha de raciocínio, uma definição pertinente aparece na síntese elaborada por Ciro Cardoso no tocante ao conceito de *memória coletiva*:

Em primeira aproximação, poder-se-ia definir a memória coletiva como um conjunto de elementos estruturados que aparecem como recordações, socialmente partilhadas, de que disponha uma comunidade sobre sua própria trajetória no tempo, construídas de modo a incluir não só aspectos selecionados, reinterpretados e até inventados dessa trajetória como, também, uma apreciação moral ou juízo de valor sobre ela. Em ambos os níveis, tais ingredientes se modificam no tempo segundo mudem as solicitações que, em diferentes situações histórico-sociais, façam ao passado as instâncias organizadoras da consciência social.⁶

Na verdade, como o ato de recordar é próprio de cada pessoa, lidamos propriamente com conjuntos heterogêneos de memórias, sendo todas elas de alguma forma mediadas. Portelli observou muito bem como que a noção de *memória dividida* deve ser empregada em sentido amplo, evitando a persistência do raciocínio baseado na simples oposição entre uma *memória oficial* marcada por intenso trabalho de organização, e uma *memória dos dominados*, esta, dotada de espontaneidade, como se estivesse num estado de pureza.⁷ Interessaria, no entanto, o trabalho de subversão de “memórias subterrâneas” num silêncio imposto por circunstâncias que as impedem de aflorar, mas isto sem desconsiderar que os próprios “dominados” compartilham valores e referências temporais com os “dominantes”.⁸

⁵ Pollak, M. “Memória e identidade social” In: *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, 1992: 200-212. p. 201.

⁶ Cardoso, C. F. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p.17.

⁷ Portelli, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito política e senso comum”. In: Ferreira, Marieta. M. e Amado, Janaína. (coords.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 126-127.

⁸ Pollak, M. “Memória, esquecimento, silêncio” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989: 3-15. p. 4.

As citações de trechos das entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa aconteceram de acordo com alguns critérios: primeiro, para explicitar que determinadas informações apresentadas no trabalho não são afirmações do pesquisador; segundo, quando o entrevistado descreve uma determinada situação que perderia a riqueza da narrativa caso fosse reelaborada nas palavras do autor; e por fim, para indicar como as categorias nativas são articuladas na argumentação do discurso dos atores sociais.

A preocupação em manter preservada a identidade dos entrevistados me obrigou a utilizar nomes fictícios para todos, ficando mantidos apenas os nomes das personalidades públicas envolvidas no contexto da pesquisa. Procurei apresentar o mínimo possível de informações pessoais sobre os colaboradores do trabalho, tentando mencionar apenas os papéis que desempenham ou desempenharam na agremiação carnavalesca (compositor, baiana, diretor, artesão, artista ou profissional do barracão). Todavia, a omissão de certas informações a seu respeito ou a não citação de determinadas falas trariam um prejuízo considerável para o trabalho. Lidamos com a investigação de universos sociais em que as relações se estabelecem face-a-face, isto impôs a necessidade de adotarmos um esquema metodológico que defende justamente a aproximação com os atores.

Embora não tenha entrevistado representantes do círculo de poder das famílias Abraão e Sessim, apostei na análise de fontes jornalísticas em que são publicadas entrevistas concedidas por eles e textos cuja autoria costuma ser atribuída aos mesmos. Basicamente, são os materiais oficiais de imprensa da Escola de Samba Beija-Flor, e antes de apresentá-los cabe um esclarecimento importante sobre a grafia dos nomes dos principais personagens da pesquisa. Em primeiro lugar, “Anísio” foi como o banqueiro do jogo do bicho e presidente de honra da Beija-Flor, Aniz Abraão David, ficou popularmente conhecido em Nilópolis, antes mesmo de se tornar contraventor. Optei por utilizar a primeira forma ao longo do texto, sendo que nas citações dos materiais de imprensa de Beija-Flor e outras fontes jornalísticas podem aparecer também as seguintes grafias: para o nome popular, “Anízio”; e para o sobrenome da família, Abrão ou Abrahão. Só mesmo verificando o documento de identidade de Anísio ou de um de irmãos para se saber a grafia correta...

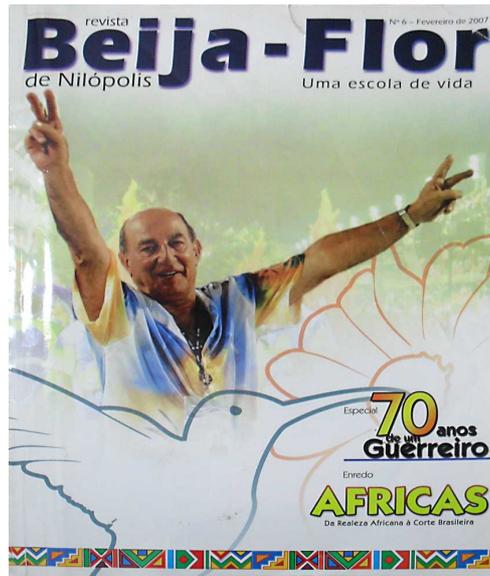
E em relação aos materiais oficiais de imprensa da Beija-Flor, trata-se de duas publicações, uma delas é o jornal *O Beija-Flor*, que passou a ser reeditado em julho de 2009. O projeto teve início em dezembro de 2004, com a distribuição mensal e gratuita dos números do jornal sendo feita através do barracão da Cidade do Samba e do Centro Social da Beija-Flor, sempre em tiragem de dez mil exemplares. Entre meados de 2008 e junho de 2009 houve uma interrupção da produção. A equipe de redação do jornal é composta por

profissionais especializados, que possuem trajetória também no mundo do samba. Não são, porém, os mesmos representantes da equipe responsável pela segunda das publicações a que estamos nos referindo, pois um outro grupo de profissionais já está envolvido desde 2002 com a edição anual da revista *Beija-Flor de Nilópolis – uma escola de vida*, tendo assumido papel mais significativo na construção de uma certa imagem mítica de Anísio.

Convém observar que em ambas publicações as inúmeras menções ao nome de Anísio jamais fazem qualquer associação de sua pessoa às atividades da contravenção. Em vista da qualidade da produção gráfica da revista, que tem tiragem de 60 mil exemplares, podemos supor um alto investimento na realização do projeto. A distribuição ocorre no período do Carnaval, de forma gratuita, e se dá em alguns setores do Sambódromo no dia do desfile da Beija-Flor; depois, uma certa quantidade de exemplares fica disponível aos visitantes do barracão. Se pensarmos na popularidade que a Beija-Flor conquistou nos últimos anos, e considerando o espetáculo das escolas de samba como um evento turístico internacional, compreende-se que o alcance da revista é muito amplo, o que potencializa de maneira extraordinária o trabalho de promoção pessoal dedicado a Anísio.



Capa do jornal *O Beija-Flor*, fevereiro de 2010



Capa da *Revista Beija-Flor*, fevereiro de 2007

A proposta editorial da revista contém dois pontos básicos, além do tema principal que é desenvolvido em função de alguma data comemorativa no âmbito da agremiação carnavalesca. Em primeiro lugar, os editores afirmam que a revista tem como meta principal “modernizar o relacionamento da Beija-Flor com a sociedade”, tentando “ampliar a família Beija-Flor com a conquista de novos simpatizantes” e, por outro lado, fortalecê-la mediante a valorização dos componentes “anônimos”, na promoção do que seria um resgate de suas memórias.⁹ O segundo ponto diz respeito à divulgação dos “trabalhos assistenciais” realizados através da escola de samba com o patrocínio de seu presidente de honra.

Há uma estrutura básica definida em função das seções permanentes que compõem o corpo da revista e das falas de personagens centrais. Após o editorial, rigorosamente, vem uma mensagem de Anísio, como se estivesse dando as boas vindas ao público do desfile, e em seguida, depois do índice, vem a fala de Farid Abraão David, irmão mais novo de Anísio e atual presidente administrativo da Beija-Flor de Nilópolis. Depois disso é que se apresenta um longo texto explicativo do tema de enredo a ser desenvolvido no desfile carnavalesco do respectivo ano, intercalando-se uma série de propagandas.

Uma fala também especial, e que está presente em todas as edições, é a do deputado federal Simão Sessim. Essa não aparece numa posição fixa, às vezes vem logo no começo da revista, em outras vem mais pelo final. Sempre assume a forma de um pronunciamento na tribuna da Câmara Federal, ressaltando-se a relevância do tema de enredo da Beija-Flor e seu papel, assim como das escolas de samba em geral, enquanto símbolo de brasilidade.

⁹ *Revista Beija-Flor – uma escola de vida*. Fev. 2007.

Há uma seleção de textos distribuídos de forma mais flexível, aparecendo espalhados no corpo da revista, sendo de autoria de jornalistas e pesquisadores convidados que colaboram no tratamento de assuntos relativos à história do carnaval. Artigos e reportagens especialmente dedicados à escola de samba são quase sempre preparados pelos próprios membros da equipe de comunicação, e nesse sentido ganha destaque uma seção voltada para divulgação dos “projetos assistenciais” mantidos por Anísio.

Mesmo que sejam fontes indiretas, produzidas a partir de todo um trabalho institucional, elas são ricas na medida em que apresentam as lideranças do poder familiar da forma como desejam aparecer publicamente. Portanto, os materiais de imprensa produzidos oficialmente em nome da diretoria da escola de samba são uma base para identificarmos os valores que fazem parte do universo dos Sessim e dos Abraão e que, de certa forma, são compartilhados por aqueles que estão vinculados às famílias.

Capítulo I

1. A interferência militar na Baixada Fluminense e seus desdobramentos em Nilópolis

O autor de um relevante estudo sobre a história recente da Baixada Fluminense considera o caso do município de Nilópolis como modelo mais bem acabado de controle político baseado na conjunção entre poder militar, poder familiar e contravenção.¹⁰

Em seu trabalho, o sociólogo José Cláudio Alves observa a situação política do município a partir da reestruturação promovida pela ditadura nas relações de poder que prevaleciam até o momento na região. De um modo geral, a interferência militar teve como diretriz a supressão, com enfraquecimento ou cooptação, das formas de oposição existentes e daquelas que se apresentassem apenas como futura ameaça. E para tanto, um conjunto de ações bem definidas foram realizadas: cassações de prefeitos e vereadores, fechamento e ocupação de câmaras e prefeituras, imposição de interventores e pressão para o ingresso no partido governista.¹¹

De fato, as ações associadas à interferência militar e seus desdobramentos no plano macro-político constituem os primeiros elementos para uma abordagem da estrutura de poder montada sob o comando dos membros da primeira geração de descendentes das famílias de origem libanesa Sessim David e Abraão David, estabelecidas em Nilópolis desde o início da década de 1930. Contudo, se faz necessário avaliar até que ponto a interferência teve suas determinações, e assim saber se a adesão ao situacionismo após o golpe de 1964 explica por completo a ascensão política das famílias.

As visões que serão apresentadas em debate neste capítulo são basicamente formulações de autores consultados em meio à bibliografia existente sobre as relações de poder na Baixada Fluminense durante a ditadura militar. No entanto, alguns dos antigos moradores de Nilópolis que concederam entrevistas no âmbito desta pesquisa constroem também um ponto de vista acerca da ascensão das referidas famílias na política local a partir de uma associação com o advento do golpe. E por essa razão, foram selecionados alguns de seus relatos nos quais se destacam comentários sobre a trajetória dos atores que chefiavam, ou chefiavam, os tipos de organizações em foco nesta primeira parte do estudo (diretórios locais de partidos, jogo do bicho, escola de samba, agências de serviços, órgãos públicos). Provavelmente, pelo fato de terem sido pessoas de militância através da política partidária ou

¹⁰ Alves, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias-RJ: APPH, CLIO, 2003. p.104

¹¹ *ibid.*, p.101

da atuação em movimentos sociais e no campo da cultura, os entrevistados imprimem tal enfoque na construção de seus discursos.

Algumas fontes jornalísticas também terão relevância, posto que a proposta de análise não se prende ao caráter de denúncia que tais fontes geralmente assumem, mas procura detectar a partir de situações de crise no seio do poder familiar – quase sempre com ampla repercussão pública – informações que possam ser úteis no trabalho de elucidação de certos aspectos do funcionamento da estrutura de poder investigada.

Uma breve reconstituição do quadro político nilopolitano anterior à interferência militar revela a projeção de certas lideranças diretamente envolvidas com o processo de emancipação que fez com que Nilópolis, em 1947, deixasse de ser distrito de Nova Iguaçu. Por exemplo, o então deputado Lucas de Andrade Figueira foi considerado o principal articulador desse processo, ficando conhecido como “o libertador de Nilópolis”, e assim passou a contar com grande prestígio e exercer influência sobre o eleitorado na cidade.¹²

O primeiro prefeito eleito do município, João Moraes Cardoso Júnior¹³, havia sido o primeiro vereador distrital por Nilópolis na Câmara Municipal de Nova Iguaçu, em 1937. Portanto, na época da emancipação já tinha uma certa trajetória, e pelo que se percebe de informações disponíveis acerca de sua atuação é possível considerar sua forte influência na localidade, tanto que veio ser eleito prefeito mais duas vezes, em 1954 e 1967.

Além de Lucas Figueira, dois políticos que iniciaram a carreira através de mandatos no legislativo municipal se tornaram deputados influentes, sendo o primeiro Egídio Mendonça Thurler, vereador na primeira legislatura, de 1947 a 1950, prefeito entre 1951 e 1955, e deputado por três legislaturas consecutivas pelo PTB até se tornar Secretário de Viação e Obras Públicas no governo de Badger Silveira em 1962. Jarbas Lopes foi vereador na segunda legislatura, de 1951 a 1954, e provavelmente se tornou deputado pelo PSD em 1958, tendo depois desempenhado alto cargo na Cia. Transportes da Baía da Guanabara, no governo de Badger Silveira, assim como Egídio Mendonça. Ambos foram chefes de seus partidos em Nilópolis durante a existência do antigo estado do Rio.

A concepção acerca da atividade político-partidária no município que aparece em relatos sobre o período anterior ao golpe revela uma atitude de condenação moral às correntes práticas de corrupção eleitoral e intercâmbio de favores, dando a entender que seriam traços característicos de uma cultura política da região, além da pistolagem.

¹² A maioria das informações sobre os políticos influentes em Nilópolis antes do golpe de 64 foram obtidas em Araújo, Raimundo. *Figuras e fatos de Nilópolis*. Rio de Janeiro: Revista Continente Editora, 1964.

¹³ Cf. Anexo 4 (pág. 241).

Miranda, antigo morador que veio ainda menino para Nilópolis nos anos 40, fala com indignação sobre a forma fraudulenta como os processos eleitorais transcorriam na localidade no período anterior ao golpe. O tom de sua fala talvez seja justificado pela idéia de que os aspectos considerados negativos da prática política venham sendo ao longo do tempo mantidos e reforçados pelas lideranças partidárias que se sucedem. Ele recorda uma tática ilegal de campanha utilizada nas eleições municipais em benefício de um dos políticos anteriormente mencionados e de um vereador também conhecido na época:

[...] Egídio Mendonça Thurler foi o grande líder do PTB em Nilópolis. Esse camarada, logo quando chegou aqui, trabalhava na cancela [era fiscal de barreira] que tinha entre Nilópolis e Anchieta. Tinha cancela dos dois lados, porque lá era o estado da Guanabara, era Distrito Federal, e aqui era estado do Rio. Ele trabalhava ali e se elegeu vereador em Nilópolis trazendo gente de fora. Antigamente buscavam as pessoas, isso trazia voto. Tinha vereador, como o Jerônimo, que morava na Piedade, ele transferia lá da Piedade 400, 300 votos e se elegia aqui. O Egídio trazia caminhões de Porciúncula com gente pra votar em Nilópolis, e se elegia vereador aqui. Tinha gente que trazia de favela do Rio de Janeiro 200, 300 pessoas, pra votar aqui na época. [...] Havia realmente muita corrupção em campanha.¹⁴

Contando com a eleição para a segunda legislatura municipal (1951/54), Jerônimo Moreira da Rocha exerceu o mandato de vereador por três vezes consecutivas¹⁵. A prática em larga escala do transporte de eleitores, para além de ser indicativa do alto grau de corrupção existente na época, aponta também para a ideia dos deputados influentes em Nilópolis até 1960 não tirem sua votação exatamente concentrada no município.

Havendo, portanto, lideranças articuladas de tal forma para o controle do eleitorado, supõe-se que a ascensão de políticos concorrentes fosse algo bastante difícil. No entanto, em 1962, um membro da família Sessim, o doutor Jorge David, conseguiu se eleger deputado estadual no antigo estado do Rio pela UDN, partido sem grande representação em Nilópolis¹⁶. A profissão de médico teria favorecido seu ingresso na carreira política, na medida em que conquistou popularidade trabalhando numa região que apresentava enorme precariedade nos serviços de saúde, e isto em associação com um estilo de fazer política baseado no intercâmbio de favores – “atendendo as pessoas sem cobrar”.

Contudo, até os primeiros desdobramentos do golpe de 64 no poder local não se tinha uma concepção acerca das famílias Sessim e Abraão enquanto um grupo político - o que se

¹⁴ Entrevista concedida ao autor a 17 de jan. de 2009.

¹⁵ Araújo, op. cit., p. 11 e 12.

¹⁶ O breve perfil que Raimundo Araújo traça em seu livro para cada uma das “figuras” políticas que atuaram em Nilópolis entre a emancipação e o golpe de 64 leva a crer que havia uma representatividade menor na localidade de políticos ligados a UDN frente a políticos de outros partidos, como o PTB, o PSD e mesmo o PTN do deputado Lucas de Andrade Figueira.

passou a perceber com facilidade dos anos 70 para cá. A identificação dos Sessim com as forças que apoiaram a ditadura é o que constitui a base para a construção de uma certa memória que atribui à “família” a força de um grupo político que estava emergindo.

O marco inicial da intervenção militar em Nilópolis se dá com a cassação, ainda em 64, do prefeito Eracydes Lima de Carvalho, que embora não tivesse tendência política esquerdista, como recorda um dos colaboradores desta pesquisa, viu-se obrigado a deixar o cargo. Com isso, ocupou a vaga o então Procurador Geral de Nilópolis, João Batista da Silva, que ficou à frente da prefeitura entre 1964 e 1966. Até o fim do mandato em 1967, assumiram o vice Zélio Sabino Barbosa, e ainda em 66 o interventor Francisco Gonçalves Filgueiras. Não dispomos de mais informações institucionais acerca dessas mudanças no principal cargo do executivo municipal, portanto, não há como tirar conclusões a partir daí sobre possíveis interferências dos políticos identificados com as forças do golpe.¹⁷

Contudo, através das entrevistas com antigos moradores do município tivemos relatos de situações a partir das quais constroem uma argumentação no sentido de relacionar a ascensão política das lideranças da família Sessim – antes mesmo dos representantes do ramo dos Abraão – com os desdobramentos da interferência militar.

Retomando a entrevista de Miranda, num dado momento após falar da influência das antigas lideranças políticas da localidade, ele comenta:

A família deles só começou a ter ascensão política depois que os políticos de antes foram cassados. Quando veio a revolução, cassaram o Lucas Figueira, o Jarbas Lopes, que na época acho que era presidente das Barcas; ele foi nomeado, era do PSD. E o Egídio Mendonça Thurler era do PTB de João Goulart, chegou a ser o primeiro secretário de governo que teve o estado do Rio sendo de Nilópolis; depois, o segundo secretário de governo do Rio sendo de Nilópolis, foi Gouveia Filho, secretário do Brizola. Mas o primeiro que teve, de Nilópolis, foi Egídio Mendonça Thurler, que era do PTB, Secretário de Obras no governo do irmão do Roberto Silveira, Badger Silveira. Então, depois que esse pessoal foi cassado é que houve a ascensão política deles.

Observa-se aqui o quanto que a “operação limpeza” através de cassações teve impacto sobre Nilópolis ao afastar do cenário político os representantes do legislativo estadual que tinham na localidade importante reduto eleitoral. Lembrando-se que a capital do antigo estado do Rio era Niterói, compreende-se a projeção que esses políticos haviam alcançado em vista dos cargos que ocuparam em setores estratégicos de governo. Portanto, ficava consideravelmente reduzida a concorrência contra os situacionistas.

¹⁷ Oliveira, Cláudio. “Nilópolis”. In: Torres, Gênesis (Org.). Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política. São João de Meriti, RJ: IPAHP Ed., 2004. p. 170. Cf. na seção dos anexos da dissertação a reprodução da listagem dos prefeitos de Nilópolis entre 1947 e 2004.

Outras duas visões que serão apresentadas aqui sobre a ascensão política das famílias Sessim e Abraão têm a ver com a atuação de seus principais representantes como colaboradores dos militares na perseguição aos inimigos políticos do regime.

Na entrevista que me foi concedida por Machado, professor aposentado que trabalhou na rede pública de ensino na Baixada Fluminense durante os anos 60 e 70, ele atribui o papel de delatores a figuras como o então deputado estadual Jorge David, o professor Simão Sessim, irmão do deputado, e o professor Ruy Queiroz, filho da proprietária do Colégio Anacleto de Queiroz, que funcionou em Nilópolis de meados da década de 40 até os anos 80. Machado inicia a fala remontando o quadro político da época:

Veja bem, essa minha visão é “uma” visão, e sendo particular, pessoal, deve ser unilateral, sei lá... Mas vamos ver o que acontece em 64. Nilópolis sempre foi um município de situação na Baixada Fluminense, vamos chamar assim. Vou rotular, tudo bem? Nunca foi de oposição. Nilópolis sempre esteve com o poder, sobretudo com o poder militar, com o poder daqueles anos de chumbo que nós vivemos de 64 pra cá. De Nilópolis saíram vários interventores, que até nem eram pessoas muito bem preparadas pra isso, estavam muito longe disso. Na realidade, foram oportunistas que serviram naquele momento aos interesses, inclusive, ao poder que se instituiu, que se impôs à população de uma maneira geral. Então, você tem em Nilópolis aquele núcleo que girava em torno do Simão Sessim, do Anísio. E o Anísio nem muito, porque ele sempre foi envolvido com banca de bicho, esse tipo de coisa. Então, ele era uma figura que quase não saía, só saía de noite. Contraventor era uma figura que só saía de noite, se não a polícia pegava e achacava. Hoje, não. Eles namoram modelos, tomam chá com o presidente, aparecem em carros alegóricos. Inclusive, eles usaram a escola de samba até pra pode sair daquela forma de clandestinidade em que eles viviam. Mas o Simão Sessim, o Jorge David, o Ruy Queiroz... A família do Ruy Queiroz sempre foi envolvida com isso, tanto que ele foi interventor em Nova Iguaçu. Eles eram muito ligados ao pessoal dos órgãos de repressão, ao DOPS, ao Serviço Nacional de Informação do Exército ali da Vila Militar. Essa gente toda era ligada. [...] Eles eram dedos-duros. A gente chama de dedos-duros, eles eram pessoas que começavam a apontar e fazer cartório de quem era comunista e quem não era...¹⁸

Pelo retrospecto que foi feito neste trabalho, partindo do momento anterior mais próximo do golpe de 64, é possível assegurar que as principais lideranças locais estavam vinculadas ao então governador do antigo estado do Rio, o trabalhista Badger Silveira. Com a mudança política, a tendência foi para a projeção de políticos que se identificavam com as forças do golpe ou então procuraram se alinhar de forma “oportunista” a elas. Tanto que, para os entrevistados Machado e Miranda, a partir daí é que surgem os sinais da formação de um núcleo de poder em Nilópolis sendo articulado pelos membros da família Sessim, enquanto colaboradores do regime. E cabe observar a partir do próprio relato de Machado, quando ele faz menção ao envolvimento de Anísio com o núcleo, que a própria condição clandestina da

¹⁸ Alves, op. cit., p. 104.

organização do jogo do bicho que estava se formando assim como a fragilidade do ponto de vista financeiro em que se encontrava no momento logo posterior ao golpe deixavam o contraventor sob grande dependência da influência que havia sido conquistada pelos Sessim através de sua projeção profissional e política.

E ao que tudo indica, a adesão dos Sessim ao situacionismo se deu sem a necessidade de qualquer imposição, posto que foram partidários de primeira hora do regime militar. No trabalho de Alves, o autor assinala a proximidade do deputado Jorge David com a autoridade militar responsável pelas articulações que levaram às principais ações nos municípios da Baixada durante a interferência militar, o comandante da 1ª Companhia de Polícia do Exército, o capitão José Ribamar Zamith, da Vila Militar, em Deodoro¹⁹.

No que se refere à atuação do então deputado Jorge David como colaborador dos militares nos assuntos políticos relativos ao município, Pedro, outro morador entrevistado por mim, relata uma situação que vivenciou na condição de militante estudantil:

Bom, quando fazíamos aqui o científico, foi fundada a Associação Municipal dos Estudantes Secundários de Nilópolis. E a associação tinha uma atuação bastante razoável porque ela discutia política. Havia uma articulação com a UNE, então, os estudantes aqui ficavam sempre atualizados com a questão política... Nós podemos dizer que foi um período em que se lia muito, e se procurava se atualizar em relação à questão política, a questão social. [...] Então, a associação atuou nesse sentido, quer dizer, havia eleições, tudo direitinho, era um processo democrático interessante... Mas quando houve o golpe militar, a associação foi perseguida. Foi fechada! No princípio, se não me engano, houve uma intervenção; e o estudante que entrou como interventor, a primeira declaração dele que saiu no jornal local, “A voz dos municípios fluminenses”, dizia que a associação, dali pra adiante, teria um caráter recreativo e cultural, no sentido de esportes, essa coisa... Mas que associação de estudante não era pra ficar discutindo política! [...] Quando houve intervenção aqui, à frente disso estava o doutor Jorge David. E ele [o estudante], me parece que era ligado ao doutor Jorge David ou ficou ligado, né. Ele, então, tinha um pensamento mais à direita também. Então, as coisas se fundiram. A primeira declaração dele foi aquela, e realmente ali a associação se acabou. [...] O doutor Jorge David já era deputado estadual. Naquela época, o estado do Rio era um estado, e a Guanabara era outro. Então ele era de Niterói, deputado, e ficava lá na Assembléia de Niterói. Com a intervenção na associação, o então presidente que tentou resistir, embora o presidente fosse uma pessoa muito querida entre os estudantes, ele não era propriamente, digamos assim: estudante de esquerda. Havia na associação, realmente, outros grupos que se reuniam à parte. Havia cursos de formação, havia todo um aprendizado no marxismo. Alguns grupos, mas não o presidente. O presidente não participava desse tipo de discussão. A questão política era discutida, mas ele não chegava a ponto de um alinhamento ideológico, vamos dizer: marxista. Enquanto que outros estudantes, no grupo que eu estava, fizeram toda uma formação nessa área. E ele, quando houve a intervenção, foi preso, apanhou, foi pra delegacia aqui, depois ia ser remetido lá para o Exército... E ele recebeu lá muita pancada na delegacia, né. Ele apanhou muito! E a gente não tinha muito o que fazer. Então a gente recorreu a um advogado da época que era alinhado com o nosso grupo, que era o doutor J.C., que procurou aliviar, e tal... E

¹⁹ Entrevista concedida ao autor a 20 de set. de 2009.

ele acabou sendo solto, porque não representava assim um perigo... Ele era um estudante, né? Que presidia a associação dos estudantes, mas não tinha nenhuma conotação maior que representasse um perigo aí para os golpistas. Como eles estavam prendendo todo mundo, então que dizer, ele foi.²⁰

Primeiramente, entende-se que havia uma iniciativa para organização dos estudantes no município antes do golpe, e embora estivessem distantes do Centro do Rio e de Niterói, eles dispunham de um canal de contato com a União Nacional dos Estudantes que, juntamente com o investimento em formação por parte de alguns membros da associação criada em Nilópolis, fazia com que ficassem atualizados em relação ao debate das questões estudantis e de caráter político mais amplo. Assim, a visão de uma localidade isolada, sem movimentação política dos jovens, deve ser compreendida como uma construção decorrente das relações de poder que passaram a prevalecer após o golpe.

A perseguição sobre a associação com a mudança política se desenvolveu em etapas para promover um esvaziamento político da mesma. O então deputado Jorge David aparece como o principal articulador da pressão contra a organização estudantil, e teria sido hábil ao adotar primeiramente uma estratégia de cooptação de uma liderança dos estudantes afinada como seu perfil político. A proposta para que a associação assumisse um caráter esportivo e cultural mostrava, para o entrevistado, a intenção de enquadrar a militância dos estudantes. E esse novo papel atribuído à associação era bem condizente com as atividades a que o deputado estava ligado, pois teve todo um envolvimento com associações esportivas na sua juventude, tanto que chegou a ter um programa transmitido por alto-falante chamado “Nilópolis Esportivo” entre os anos 1942 e 1952, foi fundador do time de futebol de várzea Central de Nilópolis, médico do Esporte Clube de Nova Cidade e da Seleção de Nilópolis, chegando mesmo a ser médico do time de coração do falecido contraventor Castor de Andrade, o Bangu Atlético Clube, que foi campeão carioca de 1966²¹.

O relato ressalta diferenças de posicionamento entre os membros da associação, e isto teria sido explorado na intervenção articulada pelo deputado, certamente na tentativa de dar algum tipo de legitimidade a sua ação. Contudo, diante da resistência dos estudantes contrários à intervenção, partiu-se para a pressão violenta que resultou no fechamento da associação. E mesmo que o antigo presidente tenha sido liberado após ter sido preso e vítima de agressões físicas, sua punição certamente passou a ser concebida como exemplo do que

²⁰ Entrevista concedida ao autor a 16 de set. 2009.

²¹ Informações sobre Jorge David foram obtidas em Freitas, Valter. *Famílias ilustres nilopolitanas*. s.d. 2000.

poderia acontecer com outros tipos de insubordinação aos colaboradores do regime militar na localidade.

O fato de Nilópolis ter sido sempre um município de menor expressão em relação ao de Nova Iguaçu fez com que muitos professores da região atuantes no hoje chamado ensino médio procurassem trilhar suas carreiras em escolas iguaçuanas. Segundo informações que me foram passadas por Machado, depois que realizamos sua entrevista, houve um grupo de professores de Nilópolis que tinha muitas afinidades profissionais e políticas entre si e deste grupo fizeram parte Simão Sessim, que foi diretor do Colégio Estadual Aydano de Almeida, em Nilópolis, Armando Arosa, um dos antigos proprietários do Colégio Olindense, localizado no bairro de Olinda, também em Nilópolis, e o professor Ruy Queiroz, cuja família era dona do Colégio Anacleto de Queiroz, como foi dito anteriormente. Machado conta que Rui Queiroz foi o primeiro do grupo a ingressar como professor no Instituto Rangel Pestana, em Nova Iguaçu, importante centro de formação de professores que hoje funciona ao lado da sede da Coordenadoria da Secretaria de Educação do Estado responsável pela maior parte dos municípios da Baixada.

Filiado à UDN entre 1962 e 1965, logo que passou a vigorar o bipartidarismo Simão Sessim se tornou membro do partido da situação.²² Fazendo uma suposição sobre sua projeção profissional, é bastante provável que o fato de seu irmão Jorge David ter sido já naquela época deputado pelo antigo estado do Rio tenha influenciado para que assumisse entre 1964 e 1969 a direção do Instituto de Educação Rangel Pestana. Sabemos que para se assumir a direção de escolas estaduais geralmente se faz necessário algum tipo de mediação política, e naquele momento ainda não havia acontecido a fusão dos dois estados, o que deixava o deputado Jorge David com um poder de interferência ainda maior nos assuntos da Baixada.

Em 1969, Simão assumiu a Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu onde ficou até 1970, deixando o cargo para subir à posição de Chefe do Gabinete Municipal de Nova Iguaçu. Foi justamente nesse período que esteve à frente do governo municipal, como interventor, o professor Rui Queiroz, com quem Simão tinha amizade além de afinidades profissionais e políticas. Desse modo, podemos compreender a fala de Machado quando diz que “saíram vários interventores de Nilópolis”. Além dos dois que tiveram passagem pelo

²² PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Simão Sessim – PP / RJ*. (biografia, mandatos eletivos, filiações partidárias, atividades partidárias, atividades profissionais e cargos públicos, estudos e graus universitários, atividades parlamentares, condecorações, obras publicadas, missões oficiais. Documento produzido em 17/11/2009. Disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso em: 15 de junho de 2010.

governo deste município²³, o nilopolitano Ruy Queiroz, afinado com autoridades militares, teve grande projeção política em Nova Iguaçu.

E como veremos no terceiro capítulo, em considerações específicas sobre a atividade de Simão Sessim como parlamentar, por conta de todo esse passado profissional ele criou uma forte ligação com questões ligadas à área de educação. Professores da rede estadual em Nilópolis comentam que, há um certo tempo, era comum que profissionais de educação buscassem apoio do deputado para agilizar transferências de unidades escolares e obtenção de licenças, ou então apoio na indicação para cargos de direção nas escolas.

Um episódio da política nilopolitana em 1970 pode ser tomado como marco da conjunção de interesses entre o ramo dos Sessim e o ramo dos Abraão. Trata-se do processo de *impeachment* do prefeito João Cardoso, político muito influente na localidade e que havia sido eleito para o cargo pela terceira vez em 1967. Naquele momento, dois representantes das famílias exerciam mandatos políticos pela Arena: Jorge David, no legislativo estadual; e Miguel Abraão, o irmão mais velho de Anísio Abraão, no legislativo municipal. Uma das fontes indicadas no trabalho de Alves²⁴, o jornal *Correio da manhã* de abril de 1970, traz uma reportagem sobre o afastamento de João Cardoso. O fato se deu mediante votação da Câmara Municipal de Nilópolis, sustentado pela acusação de que o prefeito estaria praticando “atos lesivos ao erário da municipalidade”. O trecho da reportagem diz:

Por 14 votos contra três, a Câmara de Vereadores de Nilópolis decidiu, na madrugada de ontem, pelo impeachment do prefeito João Cardoso, acusado pelo promotor da Comarca, Sr. Hugo Gonçalves Roma, de praticar atos lesivos ao erário da municipalidade. (...) A denúncia está fundamentada no excesso de funcionários que recebiam sem trabalhar e aponta o filho do prefeito, Roberto de Moraes Cardoso, como um funcionário que acumulava cargos na secretaria de finanças no gabinete do próprio prefeito e na superintendência de serviços externos da prefeitura. Do documento consta ainda que ele, usando material da municipalidade e mão-de-obra de servidores, construiu um prédio na Rua Lúcio Tavares. O ex-funcionário Anísio David Abraão, irmão do 1º Secretário da Câmara, Miguel Abraão, e primo do deputado Jorge David, presidente do Diretório da Arena local, declarou, no depoimento, que sempre recebeu da prefeitura sem trabalhar, fato que também ocorria com cem outros servidores. Já o vereador Antonio Porto, compadre do prefeito renunciou à comissão especial para a qual foi indicado, alegando que “muita gente recebeu dois pagamentos” inclusive o chefe da divisão administrativa, arrolado como testemunha no processo, “também deveria ser punido”.²⁵

²³ Cf. Anexo 4 (pág. 241).

²⁴ Op. cit., p. 104.

²⁵ NILÓPOLIS afasta prefeito Cardoso. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 fev. 1970. p. 10.

A informação de que a votação pelo afastamento do prefeito tenha acontecido na madrugada nos leva a crer na existência de uma ação conspiratória. Mas é pela indicação de que a denúncia foi encaminhada através de um agente da Justiça envolvendo testemunhas e o apoio de políticos que assegura a existência de uma ação bem articulada. Não cabe aqui nos preocuparmos com a comprovação das denúncias, mas apenas assinalarmos que os indícios de desvio de dinheiro público, emprego de parentes como funcionários “fantasmas” e o uso de bens públicos em função de interesses particulares eram práticas que só aconteciam mediante o controle das principais fontes de recursos na esfera municipal. Daí o empenho dos Sessim em conjunto com os Abraão para afastarem do cenário político concorrentes que não haviam sido retirados pela interferência militar.

E pode parecer estranha a menção à declaração de Anísio sobre o fato de ele mesmo ter admitido receber salários sem trabalhar quando estava empregado na Prefeitura. No entanto, sua motivação em depor contra o prefeito assumindo participação no esquema pode ser pensada a partir de um simples descontentamento em razão de uma possível demissão, ou então, das garantias oferecidas pelos políticos da família em vista dos riscos que correria ao confirmar uma das acusações contra João Cardoso. Acredito que esta segunda opinião, sem descarte da primeira, tenha sido o verdadeiro motor em virtude da conjunção de interesses entre os Sessim e os Abraão. A fala atribuída a um dos aliados do prefeito aponta para o envolvimento de uma outra testemunha que teria sido beneficiária do esquema. Certamente, esta talvez estivesse ao lado do grupo emergente, que, logo depois do fato, passaria a contar com aliados à frente do principal cargo do executivo, como foi o caso do emedebista Gilberto Rodrigues – suas relações pessoais com o poder familiar se sobrepuseram à questão partidária – e o interventor estadual Reinaldo Doyle Maia. Tanto foi assim que o professor e advogado Simão Sessim veio a ser Procurador-Geral de Nilópolis exatamente nesse momento, entre 1971 e 1972, como informa seu perfil no Portal da Câmara dos Deputados.²⁶ Ele se afastou do cargo provavelmente para lançar sua candidatura a Prefeito nas eleições de 1972.

Até aqui, destacou-se basicamente a projeção de um dos ramos do poder familiar em Nilópolis, e asseguramos que isto aconteceu sem envolvimento direto dos Sessim com a exploração de atividades relacionadas ao jogo do bicho. Foram membros dos Abraão que despontaram nesse ramo de negócios ilícitos. Notamos referências a Anísio nas fontes citadas que o colocam inicialmente num plano secundário em relação às decisões do círculo do poder familiar. Convém, portanto, discutirmos sua ascensão nos negócios do jogo do bicho,

²⁶ Op. cit.

destacando a relação disso com os desdobramentos da interferência militar, e sua projeção no seio do próprio poder familiar.

2. Os negócios do jogo do bicho em Nilópolis antes e depois do golpe de 1964

A exploração de jogos como negócio tem um longo histórico no Rio de Janeiro e, certamente, o jogo do bicho foi uma das modalidades que teve maior destaque ao longo do século XX. A proibição das operações das atividades desse jogo data de 1946, e a partir disso tem início o processo de organização do jogo na ilegalidade.²⁷

Existem autores que defendem a associação da difusão do jogo pelo subúrbio e pela Baixada Fluminense com a expansão urbana dessas regiões²⁸. Nosso estudo não propõe uma investigação histórica acerca da operação do jogo do bicho em toda Baixada, e desse modo, a busca de informações se restringiu à situação do jogo em Nilópolis.

As informações relativas a esse tema específico que foram obtidas no âmbito da pesquisa provêm em boa parte de circuitos que preservam uma “memória subterrânea” acerca do envolvimento de membros da família Abraão David com o jogo do bicho. Alguns dados foram revelados publicamente em decorrência de situações de instabilidade no seio do poder familiar, como o famoso caso “Misaque-Jatobá”, em 1981, e o assassinato da ex-esposa de Anísio Abraão, Eliane Müller, ocorrido em 1991.

Nas considerações de Michael Pollak, a noção de “memória subterrânea” aparece investida de um caráter não oficial, como algo que se mantém ao longo do tempo preservando-se em estruturas informais, podendo aflorar em circunstâncias especiais, como momentos de instabilidade interna no grupo, e especialmente se a partir disso ocorre reestruturação das relações de poder acarretando uma reconstrução da memória dominante.²⁹

A maior parte da documentação utilizada na pesquisa foi produzida através de entrevistas realizadas segundo a metodologia da história oral, porém, especificamente sobre o funcionamento da organização do jogo do bicho chefiada por Anísio Abraão, os portadores de tal memória subterrânea só passaram a fornecer algumas das informações que dispunham na

²⁷ Entre os estudos específicos existentes sobre o jogo do bicho, foram consultados para a realização deste trabalho: **Da Matta**, Roberto e **Soárez**, Helena. Águias, burros e borboletas – um estudo antropológico sobre o jogo do bicho. Rio de Janeiro: Rocco, 2006 e **Magalhães**, Felipe Santos. *Ganhou leva... Do vale o impresso ao vale o escrito. Uma história social do jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890 – 1960)*. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

²⁸ Queiroz, Maria I. Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 97.

²⁹ Op. cit. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989: 3-15. p. 8.

medida em que se sentiram em condições de depositar um certo grau de confiança no pesquisador, e mesmo assim, muitos dos relatos sobre o domínio da contravenção aconteceram fundamentalmente por meio de conversas informais.

Portanto, o que consegui obter através de entrevistas e conversas informais com antigos moradores do município aponta para uma pulverização do capital do jogo do bicho até fins dos anos 60. Esses moradores ainda recordam os nomes de agentes de pequeno porte que administravam seus próprios negócios e, por essa razão, eram considerados “banqueiros”. Especula-se que o mais bem sucedido fosse o contraventor Faraco, que também atuava no ramo das loterias regulamentadas e nas corridas de cavalo. Além dele, despontava um banqueiro de origem italiana, chamado “seu” Ângelo, cujo empreendimento teria sido a porta de entrada para Anísio no jogo do bicho. Haveria outras figuras, sobre as quais não obtive maiores informações além das alcunhas: Sapurito, Chico Manteiga e Walter Gordo. Todos administravam seus próprios negócios, e segundo contam, não eram vistos com frequência andando pelas ruas do município, até residiriam fora.

Em geral, a exploração do jogo do bicho era conjugada com atividades legais, como era o caso de Faraco, dono de uma loja de loteria. Ângelo era dono de alguns imóveis. Havia os donos de uma barbearia do lado da cidade para a praça Paulo de Frontin que também lidavam com banca de jogo do bicho. Os contraventores possuíam pontos de apostas no município sem que tivessem áreas rigorosamente definidas, e atuavam dentro de um relativo clima de estabilidade, embora mantivessem firme a concorrência entre si. Existiria uma preocupação entre esses banqueiros quanto a novatos que tentavam fazer a abertura de pontos de apostas. Nesse quadro de concorrência, através do pagamento de suborno a própria polícia seria um recurso no combate a competidores, como recorda o morador Pedro:

Era comum em algumas ocasiões a polícia fechar um ponto de bicho que pertencia a um banqueiro determinado, e não agia nos outros pontos. Quer dizer, só pegava aquele ponto. Então se supõem que um outro estivesse bancando a polícia pra ir contra o adversário, né? No concorrente, digamos assim. Não havia uma irmandade: “Ah! Nós todos bancamos e tal”. Não era uma situação de equilíbrio. E havia também novas pessoas querendo bancar, querendo montar ponto. Isso era comum. Normalmente, a polícia agia em cima deles, prendia, batia... Isso tudo mesmo antes de 64.

A divisão das “bancas” se refletia na operação do jogo do bicho. Assim como acontecia na cidade do Rio, as apostas podiam ser feitas sob cotações diferentes de acordo

com o valor pago pelo banqueiro dono do ponto. Também era comum a prática da “descarga”, que colocava pequenos banqueiros na dependência de outros mais poderosos.³⁰

A projeção de Anísio Abraão marca um novo período na organização do jogo do bicho não só em Nilópolis, mas em toda Baixada Fluminense. Anísio, como ficou popularmente conhecido antes de sua entrada na contravenção, era filho de comerciantes libaneses estabelecidos no ramo de armarinhos e aviamentos e tinha forte ligação com moradores da localidade onde se criou. Uma pessoa familiarizada com sua história conta que o pai de Anísio teria dúvidas em relação ao futuro do filho – o morador quis insinuar que Anísio manifestasse em sua juventude tendência para envolvimento com atividades ilegais. Em relação à formação escolar, sabe-se que Anísio não tem nível superior. Um de seus primeiros trabalhos foi como cobrador de aluguéis de um proprietário de Nilópolis.

O início da carreira de Anísio no jogo do bicho é lembrado em certas versões acerca de sua história de vida com referências a uma passagem prévia pelo tráfico de drogas. A título de exemplo, podemos recuperar um trecho da carta-denúncia que foi publicada logo depois do assassinato de sua ex-esposa, em 1991, em que ela faz afirmações nesse sentido:

1963. Eu tinha 16 anos. Cheguei à cidade de Nilópolis começando uma vida conjugal com Aniz Abrahão David. Éramos humildes. Anízio, como é chamado por todos, não vivia uma vida muito tranquila nem tampouco tão honrosa como ele próprio diz: “Vendi muita bala no trem. Passei muita fome! Nunca fui um traficante! Nunca usei qualquer tipo de tóxico! Nunca matei ninguém!”

Com 16 anos, endolei muita maconha para que ele e eu tivéssemos uma sobrevivência e vendíamos. Todos na Rua Odete Braga, em Nilópolis, sabem do nosso passado. O falecido João Coelho, grande matador da cidade, sempre quis e fazia de tudo para por um fim a Anízio. Naquela época e como sempre, a política imperava e comandava, e Anízio tinha grandes garantias, como eu também. Dois anos, ficamos nesta vida. Foi aí que tivemos que sair de Nilópolis, indo para Piedade, morando em casa de um motorista chamado Gaguinho.

Ficamos lá morando na Rua Ana Quintão. Logo em seguida, Anízio ficou trabalhando como guarda-costas da banca de bicho de Sapurito, Outro [?] e Seu Ângelo, que mais tarde veio a casar com uma irmã de criação de Anízio (Diná). Seu Ângelo era um dos capitalistas da banca. Foi então que um dia Anízio tomou no peito a frente do jogo do bicho. Trabalhei muito, todo tempo ao lado dele. Nunca abri minha boca para falar o que sabia, pois as verdades dele não passavam de mentiras. Apesar das mentiras me beneficiarem também, nunca aprovei certos tipos de coisas que faziam e minha vida foi melhorando. [...]”³¹

³⁰ A prática da “descarga” era uma espécie de seguro oferecido por banqueiros mais ricos para que os menores tivessem como honrar o pagamento de uma premiação extraordinária. Para tanto, havia algum acordo financeiro entre os contraventores estabelecendo que o menos poderoso transferisse um determinado percentual de seu faturamento. Para considerações mais completas sobre o mecanismo da “descarga” nas organizações do jogo do bicho, cf. Magalhães, op. cit., p. 166.

³¹ CASO MISAQUE-JATOBÁ será reaberto. *O Dia*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1991. As linhas de investigação sobre o crime foram em várias direções na época: intrigas de Eliane com os dois lados de sua família, envolvimento com o jogo do bicho e o tráfico de drogas e até divergências políticas locais. Tanto Anísio Abraão quanto o pai de Eliane, o senhor Dauro Müller, um dos chefes da apuração do contraventor, segundo o jornal da época, não tiveram qualquer relação comprovada com as mortes. O comentário que ainda existe em Nilópolis é

O tom de acusação se fundamenta no fato do tráfico de drogas não ser uma atividade ilegal respeitável como o jogo do bicho. À época da reportagem, houve a confirmação da autoria da carta, que passou inclusive por perícia grafotécnica. Em conversas informais com moradores de Nilópolis familiarizados com a história, pude confirmar tais informações, e assim compreender que a participação de Anísio em tal ramo de atividades ilegais foi importante para sua aproximação com operações do jogo do bicho.

Certamente, a atuação na organização de um dos antigos banqueiros de Nilópolis fez com que Anísio tivesse a clara percepção do potencial do jogo do bicho como negócio, e isto sem falar na experiência quanto ao modo de operação específica de tal atividade: na gestão de recursos financeiros, na obtenção da proteção policial e coordenação de pessoal.

Contudo, Anísio era apenas mais um “funcionário” da banca. Um conhecido meu recorda que o viu muitas vezes transitando por ruas da cidade, ainda no barro, com uma bicicleta que utilizava para recolher dinheiro de apostas nos pontos. Isto deve ter sido provavelmente na fase em que trabalhava como “empregado” do antigo banqueiro italiano.

Não dispomos de informações exatas acerca do que teria sinalizado para o bicheiro que ele poderia “tomando no peito”, ou seja, usando da violência, se apossar do negócio do “patrão”. Pelo que foi colocado anteriormente, seria muito difícil um agente trilhar uma carreira de sucesso começando por baixo, e abrindo pontos a seu bel prazer. Tanto era assim que, segundo um morador de Nilópolis, o feito de Anísio teria causado surpresa nas pessoas familiarizadas com as operações do jogo do bicho. Numa conversa informal que tivemos em Nilópolis no ano de 2005, esse morador me falou:

Na família do Anísio, a primeira pessoa que despontou com sucesso financeiro foi seu irmão Jacob “Gorila”, e sem nenhuma ligação com a contravenção, pois a carreira como policial federal lhe proporcionou tal enriquecimento... Na verdade, Anísio era um “zé-ninguém”, não tinha recursos suficientes para financiar negócio de bicho. O controle do jogo aqui na região era dividido entre banqueiros que possuíam uma lógica de compra para passagem de pontos. Eu fiquei sabendo que o Anísio tinha virado banqueiro através de um apontador do centro do Rio. Isso tudo para minha enorme surpresa, porque mesmo morando fora de Nilópolis naquele momento, sabia que Anísio não tinha posses suficientes para “comprar” uma parte do jogo.

que Eliane Müller, após sua separação com Anísio, passou a falar “mais do que devia”, tanto que, já preocupada com seu possível assassinato, empenhou-se em redigir de próprio punho uma carta-denúncia em que cita inúmeras pessoas, mas em especial seu ex-marido, seu pai e seu irmão. O texto transcrito da carta foi publicado em vários jornais, tornando-se uma fonte importante para esta pesquisa principalmente porque foi tomada como elemento para a reabertura, dez anos depois, do famoso caso Misaque-Jatobá, do qual vamos falar mais a frente.

A fala sugere, na verdade, que a implementação de um projeto pessoal de ascensão no ramo do jogo do bicho exigia muito do recurso à violência. No entanto, em se tratando de um negócio, não se deve perder de vista a exigência de capacidade de negociação baseada em códigos específicos de tal atividade, além de senso de oportunidade. Na entrevista de Pedro, ele conta as experiências de dois senhores que eram irmãos, com quem tinha uma relação próxima, e que foram agentes da contravenção no município:

Esses irmãos trabalharam no bicho aqui, um deles era dono do ponto e bancava o próprio jogo descarregando para o Anísio, desde que ele passou a ter as bancas todas. Mas o outro irmão, que era mais novo, trabalhou por um bom tempo com banqueiros lá de baixo [cidade do Rio], sempre como gerente de pontos, e depois veio a ser gerente aqui na banca do Anísio, talvez num dos principais pontos de Nilópolis, que era um ponto em que havia um volume de apostas muito grande, empregava vários “apontadores” de bicho, e então ele gerenciava aquilo. Esse mais novo trabalhou muito com o Nelsinho, irmão do Anísio, e Nelsinho gostava muito dele, foi quem o colocou como gerente naquele ponto ali... Agora, quanto ao mais velho, eu não posso precisar, mas ele assumiu o ponto de jogo já no final de 63 para o início de 64. Então, quer dizer, quando acontece o golpe, ele continua com aquele ponto dele. Ele chegou a emprestar dinheiro ao Anísio na época. O Anísio foi pedir a ele uma certa quantia, um volume grande, e digamos assim, ele emprestou prontamente. Daí que o Anísio, a partir do momento que tomou as bancas, embora não querendo que ninguém mais bancasse jogo no município, tinha uma certa tolerância com esse senhor, de saber que ele bancava o próprio ponto, e não interferia. Interessante é que um dos irmãos do Anísio, o Jacob “Gorila”, manifestava várias vezes intenção de tomar o ponto do cara, só que isso não se concretizava por duas razões: primeiro, porque o Anísio não demonstrava interesse nisso, né? E segundo, o irmão mais novo que também atuava no jogo se dava muito com o Nelsinho, e sempre que pintava o clima de ameaçava, esse mais novo intercedia: “Não deixa! É meu irmão, e tal”. Então, o mais velho bancou o jogo dele até o final. O que ele não conseguia - e aí sim vamos dizer que o Anísio seria contra, e talvez tenha influenciado muito -, e tentou algumas vezes, foi colocar novos pontos. Tinha uma pessoa trabalhando para ele quando tentou colocar três pontos num bairro de Nilópolis, coisa e tal, mas a polícia jogou pesado! Essa pressão era sempre a polícia que fazia.

A organização do jogo do bicho em bases familiares foi um fator central para o fortalecimento dos negócios chefiados por Anísio. A partir das considerações de Marcos Alvito sobre o modo de operação das quadrilhas de traficantes cariocas, temos uma boa referência para pensar a organização do jogo do bicho na ilegalidade levando em conta a necessidade dos contraventores lançarem mão de estratégias específicas para o cumprimento de suas funções organizacionais básicas, como a comunicação, a tomada de decisões, o reconhecimento de autoridade e a escolha de lideranças. A impossibilidade de vincular os membros da organização por meio de relações contratuais formais, assim como estabelecer a hierarquia em estatutos legais, torna o parentesco direto uma via importantíssima para a transmissão de poder, sendo complementado pelo parentesco indireto, por sua vez, baseado

em relações de afinidade que também passam a fundamentar uma série de laços para a expansão de negócios ilícitos.³²

Alguns dos entrevistados chegam a mencionar que os irmãos mais velhos, Jacob e Miguel, recebiam rendimentos de uma certa quantidade de pontos. Entretanto, só dispomos de indícios acerca do envolvimento indireto do primeiro com o jogo do bicho. E através da imprensa, temos informações consistentes sobre a participação de parentes diretos tanto da ex-esposa de Anísio quanto da atual nos negócios ilícitos do contraventor³³. No entanto, o “braço direito” de Anísio foi realmente seu irmão Néelson Abraão, pois com ele estabeleceu uma espécie de sociedade para exploração dos negócios do jogo do bicho em Nilópolis, e a parceria que resultou no controle da diretoria da Escola de Samba Beija-Flor.

São obscuras as informações sobre o tráfico de drogas em Nilópolis a partir do momento em que os Abraão tomaram o controle do jogo do bicho em Nilópolis. Sem dúvida, este ramo teve crescimento ao longo dos anos, e por mais que se supunha algum tipo de autorização por parte do chefe do jogo do bicho para a realização do comércio das drogas em seu território, as informações disponíveis indicam que os contraventores procuraram se manter afastados da exploração de tal atividade, considerada não respeitável.

Existe um ponto em comum na visão dos entrevistados a respeito do que teria sido o fator primordial para a ascensão de Anísio como grande banqueiro na Baixada Fluminense. Trata-se da idéia de que a concentração dos pontos em suas mãos e a verticalização da organização que passou a chefiar teve relação direta com os desdobramentos da interferência militar que se acentuou na região entre 1968 e 1972. Miranda, sendo um morador familiarizado com a carreira do contraventor, coloca o seguinte:

Quando começaram a prender os bicheiros, muitos foram abandonando, e aí o Anísio foi segurando tudo. Segurou o jogo todo e foi expandindo as bancas. O governo militar prendeu os bicheiros todos na Ilha Grande, e esses daqui ficaram com medo, se afastaram e deixaram de criar o jogo. Aí ele veio e meteu! Tomou conta de tudo. [...] Houve uma cobertura política, o negócio cresceu por causa disso. E ele é muito inteligente, o Anísio, uma pessoa muito inteligente. E que também tem peito pra encarar as coisas, porque para entrar num troço desse, “duro” como ele era na época... Pra segurar uma banca de bicho “duro”, o cara tem que ter peito! E credibilidade de apanhar um empréstimo aqui outro ali... Foi mais ou menos entre 68 e 70 que as bancas foram tomadas, mais ou menos por aí. E com a ascensão política do Simão e do Jorge David, que eram lá do partido do governo, aumentou a credibilidade desses caras junto aos órgãos de governo.

³² **Alvito**, Marcos. *As cores de Acari – Uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. p. 181.

³³ Para o caso dos parentes de Eliane Müller, faço novamente referência a CASO MISAQUE-JATOBÁ será reaberto. *O Dia*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1991. Em relação à participação do irmão de Fabíola David, atual esposa de Anísio Abraão, na máfia dos caça-níqueis, isto foi noticiado em OTÁVIO, Chico. ENREDO de jogo e política. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 abr. 2010, O país, p.3.

O dado acerca da prisão dos bicheiros, em dezembro de 1968, está confirmado em Gáspari como ação decorrente da decretação do AI-5.³⁴ E essa medida específica talvez possa ser explicada em função de uma certa postura moralizante defendida pelas lideranças da corrente militar que se tornava hegemônica a partir de então no comando do regime.

Há controvérsias quanto à prisão de Anísio junto com os demais banqueiros do Rio de Janeiro no presídio da Ilha Grande no final daquele ano. Alguns dos antigos moradores que acompanharam a evolução do jogo do bicho em Nilópolis não confirmam o fato, como se verifica no relato transcrito acima. No entanto, existe a versão daqueles que dizem ter sido o contraventor um dos detidos da época, mas que teria sido liberado pouco tempo depois através de contatos da família com autoridades militares.³⁵

Contudo, parece seguro afirmar que o “medo” que se abateu sobre os antigos banqueiros de bicho atuantes em Nilópolis depois da ação repressiva de 68 tenha consistido numa preocupação efetiva, a partir dali, quanto à necessidade de recomposição de conexões com políticos e autoridades policiais que assegurassem a proteção policial de seus agentes.

Pedro, um dos colaboradores da pesquisa, apresentou uma reflexão bastante interessante nesse sentido falando das prováveis expectativas entre os agentes da contravenção quanto à continuação de seus negócios logo assim que houve o golpe de 64. Ele colocava que alguns dos antigos banqueiros de bicho provavelmente tivessem o mesmo pensamento de parte significativa da sociedade brasileira que acreditava numa passagem rápida dos militares pelo poder, e assim, teriam descuidado em estabelecer conexões com políticos e autoridades policiais que estavam se projetando pela adesão ao novo regime.

A ascensão de Anísio no jogo do bicho, por um lado, está associada a uma iniciativa pessoal em que se destacam sua agressividade e habilidade do contraventor para superação da escassez de capital em suas mãos e tocar o negócio. E por outro lado, a manifestação de um extraordinário senso de oportunidade associado ao novo contexto político que havia se afirmado. Anísio teria percebido o temor dos antigos banqueiros da região diante da possibilidade de serem presos como a chance para promover a expansão de seus negócios, já que podia contar com a cobertura de políticos situacionistas com os quais tinha vínculos de parentesco.

³⁴ Gáspari, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 264.

³⁵ Neste caso, os entrevistados não indicam exatamente quais “parentes” de Anísio teriam intercedido por ele junto às autoridades, e nem os detalhes de como isto teria acontecido. Contudo, sabemos que, em 1968, Jorge David era deputado estadual arenista pelo antigo estado do Rio. E Simão Sessim, irmão do deputado, era filiado à Arena e tinha muitas afinidades com profissionais da área de educação simpatizantes do regime.

Dessa forma, após a perseguição aos bicheiros desencadeada no final de 1968, Anísio seria o contraventor de Nilópolis em condições mais favoráveis para continuar no ramo jogo do bicho e promover uma concentração de capital na medida em que, progressivamente, se impunha como banqueiro no território da Baixada.

O fator da “cobertura política” se torna central na organização do jogo do bicho pela necessidade de articulação de um sistema de proteção policial para que os agentes subordinados ao banqueiro possam operar as atividades do jogo num clima de estabilidade³⁶. Essa articulação é justamente uma das principais atribuições do chefe da organização, e se baseia, sobretudo, no pagamento de subornos como prática corrente entre os banqueiros de bicho do Rio de Janeiro, o que foi descrito por Chinelli e Silva como uma das estratégias complementares do processo de organização do jogo do bicho na ilegalidade. Segundo os autores, a estratégia “para cima e para fora” adotada pelos banqueiros seria:

... relativa a suas relações com o poder público ou, mais especificamente, com o aparelho repressivo. Aqui, trata-se de “politizar a repressão” através de acordos e propinas que minimizassem seus efeitos e garantissem a convivência, e através de uma influência política mais ampla, capaz de influir na ‘filosofia’ ou orientação geral da ação policial. [...]³⁷

A neutralização da ação policial poderia ser bem sucedida em situações pontuais, nas quais até os próprios agentes da organização podiam subornar policiais.

Tanto Miranda quanto outros entrevistados, em conversas informais, comentaram comigo que a organização chefiada por Anísio utilizou inicialmente, e com bastante eficácia, a prática dos antigos banqueiros de bicho de Nilópolis para o combate de competidores na exploração. Através de acordos com os próprios policiais, aqueles que tentassem bancar seus próprios pontos eram perseguidos pelos agentes da lei a mando da organização mais poderosa, e isto evitava com que houvesse a necessidade do recurso explícito à violência.

José Cláudio Alves menciona que as relações com o aparato policial estabelecidas pela organização do jogo do bicho chefiada por Anísio foram, em boa parte, articuladas por meio de acordos diretos com o banqueiro.³⁸ No entanto, as ações de repressão ao jogo do bicho em vários momentos foram determinadas em instâncias superiores, sendo fruto de decisões

³⁶ A ideia de um “sistema de proteção de proteção policial” a serviço de agentes envolvidos com a exploração de atividades ilícitas é muito bem desenvolvida por Foote Whyte em sua pesquisa sobre os gângsteres ítalo-americanos que atuavam numa área periférica de Boston, EUA, durante os anos 30. Não aventurei realizar um estudo de campo mais detalhado sobre esse aspecto da organização chefiada por Anísio, entretanto, para o contexto dos anos 60, 70 e 80 existem informações que nos permitem refletir até mesmo sobre a montagem de um “braço armado” a serviço da organização, como sugerem Chinelli e Silva.

³⁷ Chinelli, Filipina. & Silva, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (1), 1993: 42-52.p. 48.

³⁸ Alves, op. cit., p. 106.

políticas ou então dos comandos mais destacados da própria polícia. Nesse sentido, considerações do mesmo autor nos levam a crer que o quadro político formado após a interferência militar na região criava condições favoráveis para um banqueiro que contasse com garantias políticas, como era o caso de Anísio por meio da influência de seus parentes sobre agências de governo encarregadas de fazer o cumprimento da lei. Alves faz a seguinte observação:

Se no passado as máquinas clientelísticas partidárias estabeleciam um controle direto sobre a Secretaria de Segurança na nomeação dos delegados e, conseqüentemente, no controle das atividades ilegais (contravenção, lenocínio, jogatina, violência), agora a ditadura assumiria para si esse controle. Contudo, a interferência direta na cassação de opositoristas vai cedendo lugar à mediação construída pela concessão da ilegalidade e dos mecanismos de repressão aos grupos vinculados ao situacionismo.³⁹

Examinando um relatório produzido através de investigação do órgão estadual que substituiu o DOPS após a fusão do estado Rio com o estado da Guanabara, constatei indícios que apontam a transferência de policiais como mais uma das estratégias adotadas pela organização chefiada por Anísio para a manutenção da operação dos negócios ilícitos.⁴⁰ O documento traz afirmação de que, caso delegados contrariassem os interesses de Aniz Abraão David, políticos de sua família se encarregariam de removê-los para outro lugar do estado. Outras informações do mesmo relatório do DGIE indicam a existência de sete processos respondidos por Anísio no período de 1966 a 1971, todos eles por infringência da Lei das Contravenções Penais, e que teriam sido remetidos a juízo após serem concluídos.

Ainda sobre a composição do sistema de proteção policial da organização chefiada por Anísio, existem indícios que evidenciam um importante aspecto do desenvolvimento organizacional do jogo do bicho, destacado por Chinelli e Silva como sendo a formação de um “braço armado” diretamente subordinado à figura do banqueiro. Tomando como ponto de partida o contexto dos anos 60, os autores lançam a seguinte reflexão:

³⁹ idem, p.106.

⁴⁰ As informações foram obtidas em consulta à pasta temática “Jogo do bicho e tráfico de tóxicos em Nilópolis (1976)”, disponível no acervo do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, localizada no fundo *Polícias Políticas*; Setor: Secreto; pasta 156; folhas 437 a 458. Informações diretas sobre os mecanismos que mantêm as articulações entre políticos, organizações do jogo do bicho e polícia são de difícil acesso. Para o caso de Nilópolis, porém, existem documentos oficiais que asseguram a interferência do poder familiar na polícia local, a partir ditadura militar, como fator da expansão dos negócios do contraventor Anísio Abraão. O levantamento de informações realizado pelo extinto DGIE, órgão que substituiu o DOPS logo após a fusão dos estados do Rio e da Guanabara, apontava uma série de indícios nesse sentido. A motivação do trabalho dos investigadores era averiguar o nível de relacionamento do então prefeito Simão Sessim com Anísio Abraão. O DGIE atuou de maneira sistemática no monitoramento de atividades variadas na Baixada Fluminense entre os anos de 1975 e 1982. Eram investigados: atividades consideradas subversivas, ilícitos nas administrações municipais, atividades político-partidárias legais, manifestações da imprensa local e atividades do clero, e também a contravenção.

A insuficiência e a precariedade da “politização da repressão”, associada à ausência de um quadro normativo que permitisse definir as fronteiras entre as diferentes organizações sem recurso à força, fizeram com que, durante muito tempo, explodissem violentos conflitos que puseram em relevo a dimensão paramilitar envolvida no processo de institucionalização do jogo do bicho. Sua consolidação institucional – mesmo com permanência na “transgressão” – progressivamente reduziu a frequência e a relevância do recurso à força, até atingir o momento atual, que se caracteriza por uma pacificação aparentemente total obtida através de um acordo de cúpula que parece bastante estável e que conta com o aval implícito do poder público. [...] O braço armado perde seu antigo sentido estratégico, sendo substituído pela força econômica e política, mas preserva-se o “estilo” que contribuiu para moldar.⁴¹

Nos relatos de entrevistas que mencionamos no decorrer desta análise foi possível verificar referências ao recurso à força como meio utilizado pela organização chefiada por Anísio para promover a concentração de pontos de apostas na Baixada Fluminense – fala-se que Anísio “tomou no peito” os negócios que pertenciam a outros banqueiros. Todavia, não dispomos de informações consistentes sobre a dimensão paramilitar dos conflitos no ramo do jogo, e que só foram apaziguados pelo suposto acordo dos anos 70.

Em bases seguras, o que se pode pensar sobre o caso em estudo são consequências da formação do “braço armado” a serviço do chefe da organização, e que se manifestam mesmo após a perda do sentido estratégico compreendido pelos referidos autores.

Uma notícia de jornal em tom de denúncia pode ser passível de questionamento quando afirma a ação de tal força sob controle do contraventor, entretanto, a simples suposição disso, se levamos em conta o que se tem como horizonte de possibilidades a respeito das práticas associadas às organizações do jogo do bicho no Rio de Janeiro, constitui uma esfera subjetiva que envolve respeitabilidade e temor nas atitudes das pessoas diante do poder exercido por Anísio em conjunto com seus parentes e “amigos”.

A título de exemplo, vejamos o trecho de um artigo da revista *Manchete* que foi publicado após o incidente surgido em 1981, supostamente, em função do assalto à casa de veraneio de Anísio em Piratininga, na região oceânica do município de Niterói:

Anísio se revelou, depois dos incidentes de Piratininga, o todo-poderoso chefe de uma milícia particular, composta por policiais e ex-policiais, judocas e caratecas. General amado e respeitado, a tal ponto que basta ter o ultraje de ter sua casa de praia assaltada para que essa milícia saia em campo com violência e ação de verdadeiros comandos, sequestre, mate e desapareça com cadáveres. [...] Não chega a ser grave haver bicheiros. Tirar o jogo do bicho da população, já tão sofrida e maltratada pela conjuntura, é até uma maldade. Grave, porém, é disporem

⁴¹ Chinelli e Silva, op. cit., p. 49.

esses bicheiros de uma milícia armada que age ao mesmo tempo a favor da contravenção e em nome da lei.

Ninguém, na verdade, pode acusar – até agora, pelos menos – o cidadão Aniz Abraão David ou o bicheiro *Anísio de Nilópolis* de ter mandado matar ou sequestrar quem quer que seja. Pode até ser que ele não tenha nada a ver com isso. Por excesso de zelo e fidelidade, para limpar a honra ofendida (como assaltar a casa de um contraventor amigo da polícia; ora, já se viu; isso não se faz) os policiais sumiram com Misaque e Jatobá e com *Chapiscão*, pobre-diabo que nem nome tem e cujo desaparecimento custou a ser conhecido. Como diz, cinicamente aliás, Néelson Abraão, “nem cadáver há, como pode haver crime?”

Anísio não contrata matadores. Ele apenas dispõe de cães de guarda. Quando se tem cães de guarda, se os tem para guardar a casa. A forma como eles guardam, porém, é problema deles. Podem latir, dar uma mordidinha ou deixar o invasor em frangalhos, sem que o dono tenha qualquer participação. [...]⁴²

O famoso caso “Misaque-Jatobá” ganhou as páginas dos jornais tomando na época o vulto de um evento espetacular que, embora não tenha trazido danos consideráveis à operação dos negócios de Anísio no jogo do bicho, causou um grande desgaste a sua imagem pública, especialmente porque envolvia supostas questões ligadas ao tráfico de drogas na região de Niterói. Para se ter uma ideia, no carnaval de 1981, espectadores chegaram a gritar os nomes das vítimas do sequestro na entrada do desfile da Beija-Flor.

Do ponto de vista simbólico, a questão que ocupa o lugar central no episódio tem a ver com a honra do chefe que foi atingida – numa leitura de acordo com os códigos da organização do jogo do bicho – pelo atentado contra sua autoridade ao ter a casa assaltada, e também pela associação de seu nome com o ramo não respeitável das drogas. Vamos discutir com maior profundidade a concepção dos princípios vinculados à figura do banqueiro do jogo do bicho no próximo capítulo, pois aqui convém apenas abordar a questão do relacionamento do contraventor com agentes do aparato policial.

À época do incidente, Anísio assumia publicamente que tinha “amigos” na polícia, e que alguns deles prontamente se colocaram a sua disposição para elucidar o caso, mas sem qualquer solicitação de sua parte ou oferta de recompensa.

No curso desta pesquisa, cheguei a ouvir de pessoas familiarizadas com a carreira do contraventor que, fora toda associação política de sua família com o regime militar, existiriam ligações mais subterrâneas, via organização do jogo do bicho, entre ele e ex-agentes do aparato repressivo da ditadura, os quais passaram a compor o serviço de segurança particular de Anísio conferindo-lhe ainda mais poder. Embora seja um tema delicado e cujas informações se apresentam muito inconsistentes, existem indícios que apontam em tal direção, como podemos observar numa passagem da entrevista concedida pelo contraventor ao jornal *O Globo* em decorrência do caso “Misaque-Jatobá”:

⁴² *Manchete*, fev. 1981.

O Globo: Você é amigo, ou tem relações comerciais com o ex-cabo P., o sargento T. e o capitão G.?

- *Aniz*: O T. é meu amigo, é diretor da Beija-Flor. O P. eu não vejo há cinco ou seis anos. E o capitão G. há dois ou três.

O Globo: Mas o capitão G. não é seu sócio, ou trabalha para você, controlando o jogo do bicho em Niterói e São Gonçalo?

- *Aniz*: Nunca foi. Disseram que o capitão G. me deve Cr\$ 1,5 milhão e que eu sou sócio dele. Desconheço a vida do capitão G.. Só sei que ele é capitão do Exército. Conheci o capitão G. e o P. porque eles trabalhavam na Vila Militar. Na época da Revolução, a blitz da Vila Militar era em Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti. E eles comandavam. Depois que eles saíram da Vila Militar nunca mais vi ninguém.⁴³

As perguntas dos jornalistas foram motivadas pela suposta participação dos referidos indivíduos no sequestro e no jogo do bicho. É natural que o chefe da organização que comandava o jogo na Baixada Fluminense nos anos 70 tivesse conhecimento da dinâmica das operações de repressão realizadas na região durante a ditadura, já que isto poderia ter implicações sobre seus negócios. Provavelmente, as informações a esse respeito lhe eram transmitidas através das conexões políticas e, sobretudo, através de contatos pessoais estabelecidos diretamente com agentes militares. É certo que Anísio tinha algum tipo de contato com os personagens mencionados, embora não se saiba qual o nível desse relacionamento, ou se conhecia outros além deles.

Essa suposição pode ser reforçada através de observações do investigador do DGIE que fez o levantamento de informações em Nilópolis para a elaboração do relatório a que nos referimos anteriormente. Ele coloca que teve notícias, por meio de pessoas da localidade, a respeito do fato de Anísio se vangloriar das circunstâncias de uma detenção a que fora submetido por ordem da Polícia do Exército. O contraventor fazia comentários dizendo ter sido “hóspede do Exército”, em razão das regalias que lhe foram concedidas durante o período em que esteve na prisão, inclusive, uma televisão na sela.⁴⁴

As ações de repressão realizadas na Baixada Fluminense eram realmente dirigidas a partir do comando da Vila, sediada em Deodoro, bairro do Rio que concentra a maior parte dos quartéis do Exército no Rio de Janeiro, sendo também relativamente próximo de Bangu e de outros bairros da cidade, como Ricardo de Albuquerque, Mariópolis e Anchieta. Os dois últimos constituem os limites da cidade do Rio com Nilópolis.

⁴³ ANÍSIO confirma: houve o almoço com policiais antes do sequestro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1981. Grande Rio, p. 4. Os personagens citados, segundo informação dos jornalistas que realizaram a entrevista, foram acusados de envolvimento no sequestro e no jogo do bicho.

⁴⁴ Op. cit.

Sobre os personagens citados, é de conhecimento público que o capitão G. controla um dos principais domínios do jogo do bicho, explorando pontos de apostas em boa parte dos municípios de São Gonçalo e de Niterói, onde Anísio mantém sua casa de veraneio até hoje. Podemos supor que o grande banqueiro da Baixada dificilmente teria tal propriedade localizada no território de um outro com o qual não tivesse alguma afinidade.

Elio Gáspari fornece informações importantes acerca da participação do capitão G. e do ex-cabo P. no mundo do crime. Ambos teriam feito parte de uma quadrilha voltada para a extorsão de contrabandistas montada no próprio regimento de Polícia do Exército onde serviam. O jornalista se baseia em informações provenientes do processo da Justiça Militar realizado contra G. e P. quando ainda estavam na ativa no Exército.⁴⁵

Quanto ao ex-sargento T., o único com quem o contraventor admitia realmente ter vínculos de “amizade”, a sua inserção na diretoria da Beija-Flor foi descrita da seguinte forma por Clemente, uma pessoa que trabalhou no barracão da escola:

[...] Ele foi chefe de barracão, era militar, sargento da PE. Era amigo de infância do Anísio, tanto que quando queriam prendê-lo, ficava escondido no quartel da PE. [...] Sempre que a Eliane [ex-esposa de Anísio Abraão, assassinada em Nilópolis no ano de 1991] ia lá no barracão, o carro dela chegava escoltado por carros da polícia. [...] Uma vez, quando eu estava trabalhando num carro [alegoria carnavalesca], estavam eles lá conversando, o V. [ex-policia, foi segurança de Anísio e encarregado do barracão até a saída de Joãosinho Trinta da Beija-Flor em 1993] e o T., este contando como tinha torturado uma estudante grávida na PE... Eu estava trabalhando, e ouvindo de longe. Eles riam tanto, você tinha que ver. Então, o que a gente via, Polícia Civil, Polícia Militar e Exército, todos juntos...⁴⁶

Assim como T., outros militares que ocupavam posições de comando na agremiação carnavalesca devido a ligações pessoais com Anísio foram mencionados pelo entrevistado. Isto constitui ponto de partida para pensarmos num dos mecanismos da rede social articulada a partir da escola de samba, mas que será analisado no terceiro capítulo, quando estivermos tratando da dinâmica de funcionamento da organização carnavalesca. Por hora, cabe apenas adiantarmos que a possibilidade de introdução de elementos do braço armado da contravenção em postos de comando da Beija-Flor veio a se constituir num importante recurso para o fortalecimento do sistema de proteção policial do jogo do bicho.

A transcrição do relato não foi feita aqui apenas para efeito de uma confrontação que confirme a ligação de Anísio com ex-agentes do aparato repressivo da ditadura, a intenção é explorar aquilo que Alessandro Portelli considera como sendo a maior riqueza das fontes

⁴⁵ Gáspari, op. cit., p. 361.

⁴⁶ Entrevista concedida ao autor a 10 de set. de 2006.

orais, a *subjetividade*. Nas palavras do autor: “o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem significado à própria experiência e à própria identidade, [a subjetividade] constitui o argumento, o fim mesmo do discurso”.⁴⁷

A narrativa configura o que Portelli consideraria uma “história de construção da subjetividade pessoal através da interpretação da subjetividade dos demais e da dimensão subjetiva das realidades históricas”, neste caso definida pela corrupção e pela violência associada aos agentes da lei na sociedade brasileira. Num universo marcado pela ilegalidade, o que determina a posição de poder e a eficiência dos agentes a serviço do contraventor é justamente a fama de crueldade que ostentam contando para um e outro os casos de violência que praticaram, e assim tais histórias vão se espalhando a ponto de constituírem a atmosfera de medo que envolve o mundo subterrâneo do jogo do bicho.

Portanto, a questão não se resume a sabermos se policiais ligados a Anísio fizeram de fato parte dos órgãos de repressão da ditadura, mas sim, compreender como que práticas de violência atribuídas a esses indivíduos ficaram conhecidas num determinado universo e levam as pessoas nele inseridas a pensarem que eles realmente aturam naqueles órgãos.

Tudo isso expressa a ideia de Portelli a respeito da representatividade das fontes orais e das memórias que, no plano dos conteúdos, segundo o autor, “mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que *possa* suceder”.⁴⁸

Nesse sentido, o que a narrativa sugere é que, sendo verdadeiras ou não, as histórias alimentam um certo imaginário do que pode vir a acontecer com quem decide afrontar o poder pessoal de um personagem que conta com “amigos” capazes das piores atrocidades, como o caso da tortura praticada contra uma estudante grávida bem exemplifica.

Anísio foi absolvido de todas as acusações quanto ao envolvimento dele no sequestro dos supostos assaltantes de sua casa. No entanto, dez anos depois, em 1991, quando o assassinato de sua ex-esposa criou um novo quadro de desgaste para sua imagem pública, acusações relativas ao caso “Misaque-Jatobá” presentes na carta-denúncia que teria sido deixada por Eliane Müller serviram como justificativa para uma reabertura do caso. Não nos interessa aqui aprofundar a problemática criminal, porém, o trecho da carta em que fala do famoso caso contém elementos que reforçam nossa argumentação no sentido da manutenção

⁴⁷ Portelli, Alessandro. “A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais” In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 2, dez. 1996:59-72. p. 60.

⁴⁸ *idem*, p.70.

do estilo agressivo da organização do jogo do bicho mesmo após sua institucionalização na ilegalidade, assim como pensam Chinelli e Silva. Vejamos o texto:

[...] Misaque e Jatobá, como eram pessoas ligadas ao cabo J. por problemas de tóxicos, e como não tinham vidas limpas, foram responsabilizados (apontados) por tudo que houve em minha casa.

P. C., MR e MN, de Teresópolis, e X. de Ramos, amigo particular de L. D., pegaram Misaque e Jatobá na praia, levando-os em seguida para minha casa, num carro preto que pertencia a P. C.. Eu vi os dois na mala do carro e mais o moreno, Misaque, como depois eu soube, pediu-me um copo de água. Eles disseram que não mereciam água: “Não precisa dar nada a eles, são ladrões e pilantras”, P. C. falou. Não falei nada para ninguém sobre o que vi e só estou falando agora para mostrar que Anízio sabia de tudo o que aconteceu, embora tenha dito o contrário. Foram seis meses de sofrimento. A tudo me calei, mesmo não aprovando o que tinha feito. MA, I., ME e seu irmão, vendedores de milho cozido na praia, assistiram a tudo e foram as principais testemunhas contra Anízio e os sequestradores. Foram procurados na época por advogados de Anízio, que ofereceram dinheiro aos quatro para que não houvesse reconhecimento. Os policiais que foram reconhecidos O. C., B., MS e V. M., nada tiveram com o crime. Foram reconhecidos erradamente. Até hoje, o crime ficou abafado. O dinheiro venceu.⁴⁹

De acordo com o que se comenta em Nilópolis, P. C. foi um investigador da Polícia Civil que atuou junto aos órgãos de repressão da ditadura e teve relações com Anísio na organização do jogo do bicho. P. C. vivia em Nilópolis, falam que frequentava bares dos arredores da praça Paulo de Frontin, importante espaço de sociabilidade do lado mais antigo da cidade, e provavelmente daí surgiram as primeiras ligações com Anísio.

Se não temos certeza dos fatos, estamos, no entanto, diante de textos que tiveram uma grande circulação através de meios de comunicação de massa e que repercutiram especialmente pela dramatização constituída nas páginas policiais com base na figura da ex-mulher do banqueiro de bicho que se sentiu traída e decidiu tornar públicos fatos da vida particular do ex-marido associado à criminalidade. E o principal é a relevância dada a esses fatos, que ficaram submersos por muito tempo, porém, acabaram vindo ao conhecimento de todos num momento de crise extremamente desgastante para o contraventor. São expostos os métodos violentos de seus “amigos” policiais quando saem na defesa do chefe, e nesse sentido, os atos de crueldade – simbolizados na imagem que recupera até a tradição bíblica reconhecida no algóz que nega água à vítima que se encontra numa situação limite – atingem em cheio uma opinião pública que, já na década de 90, podia manifestar sua indignação contra os atos de indivíduos que se supunha terem colaborado de alguma forma para o desaparecimento de presos políticos.

⁴⁹ Op. cit.

Por mais que as pessoas inseridas no universo social da família Abraão possam interpretar o episódio como uma espécie de limpeza da honra do banqueiro do bicho – até porque existe uma atitude muito comum de que vítimas de crimes ligados ao jogo do bicho e, especialmente, ao tráfico de drogas, teriam consciência dos riscos envolvidos nisso, ou então que estariam pagando por algum mal que fizeram –, o que importa é observar o quanto que se firmou a partir daí as ideias de que “com banqueiro de bicho não se brinca” e de que não se deve afrontar a família Abraão.

3. A Escola de Samba Beija-Flor e a ditadura militar

O fortalecimento da organização do jogo do bicho chefiada por Anísio permitiu que ele investisse em diversas atividades para ampliação de sua influência social⁵⁰. No entanto, vimos que as articulações entre políticos e agentes da contravenção em Nilópolis começaram a se desenvolver antes mesmo que houvesse um relacionamento organizacional entre jogo do bicho e escola de samba, o que está de acordo com a ideia de que o primeiro seria por si só um reduto eleitoral considerável⁵¹.

Destacamos anteriormente que a influência conquistada pelos Sessim por seu apoio ao regime militar passou a ser um recurso negociado com o banqueiro do bicho Anísio Abraão para conferir uma relativa imunidade de suas atividades ilícitas frente à repressão. E o episódio do *impeachment* do prefeito João Cardoso em 1970 seria justamente a confirmação daquilo que Alves considera uma conjunção entre poder familiar, poder militar e contravenção⁵². Existem fortes indícios de que a candidatura de Simão Sessim à Prefeitura de Nilópolis em 1972 contou com suporte financeiro do jogo do bicho, o que constatamos em conversas informais com antigos moradores de Nilópolis e nas informações levantadas na investigação realizada pelo DGIE em 1976⁵³. Em relação à eleição de Miguel Abraão para vereador em 68, não dispomos de nenhum dado que confirme a relação, embora se possa supor.

Além da transferência direta de recursos financeiros para a campanha política de parentes, o fortalecimento da organização chefiada por Anísio deu suporte para que o

⁵⁰ Essa ideia, que também está desenvolvida no estudo de Whyte sobre os gângsteres, parece bem mais consistente do que a percepção – que já se tornou até senso comum – de que os banqueiros do jogo do bicho se envolveram com agremiações carnavalescas para “limpar sua imagem”. É claro que existe sentido nesta afirmação, mas que só fica bem compreendido se tentamos recompor a rede social constituída pelo banqueiro de bicho através desses universos. É o que tentaremos fazer no terceiro capítulo desta dissertação.

⁵¹ Chinelli e Silva, op. cit., p. 43.

⁵² Alves, op. cit., p. 104.

⁵³ Op. cit.

banqueiro do bicho criasse uma fama de benfeitor que foi gradativamente crescendo e se revertendo em apoio político para seus parentes e aliados. Novamente fazendo referência à entrevista de Miranda, ele destaca o grande êxito de Anísio nesse sentido:

Essa coisa de favores, sempre foi mais político que fez. A figura do bicheiro bom, de fazer favores, apareceu com o Natal. Ele tinha costume de construir barraco quando o pessoal precisava, comprar material pro cara construir, ajudar orfanato... O Natal criou esse paternalismo, ele tinha isso, e você não ouvia falar de ninguém mais! Depois é que se ouviu falar: “Turcão faz isso”, “fulano de tal faz aquilo”. E aqui, o Anísio criou esse modelo de paternalismo, e ajudou muito a família a evoluir politicamente. O Anísio, eu digo pra você que é um dos grandes responsáveis pela ascensão política da própria família.

É certo que as operações do jogo do bicho em Nilópolis rendiam bons lucros aos pequenos banqueiros envolvidos no negócio antes da ascensão de Anísio Abraão David. Todavia, não há indicações a respeito de nenhum deles ter cultivado fama de benfeitor da população pobre da localidade, o que também não quer dizer que isto não fizesse parte de seus horizontes. A capacidade dos contraventores em oferecer ajuda pessoal no âmbito de sua área de atuação, assim como patrocínio para atividades comunitárias, foi estratégica na organização das atividades do jogo do bicho na ilegalidade.⁵⁴

É importante compreender que não foi de uma forma tão simples que o situacionismo pode assegurar o bom funcionamento do esquema político de base local que se consolidava apoiado na contravenção. Mesmo tendo conquistado certa estabilidade nos seus empreendimentos, a organização de Anísio nunca foi inabalável, ele esteve preso em 1972 por militares da Aeronáutica⁵⁵. Além disso, a própria investigação do DGIE de 1976 mostra que o envolvimento dos políticos do ramo dos Sessim com um parente contraventor era preocupante, mesmo que os primeiros fossem aliados de primeira hora dos militares.

Os mecanismos que dão sustentação à rede que articula até hoje as relações entre políticos e contraventores se consolidaram a partir do envolvimento dos banqueiros do jogo do bicho ligados ao ramo dos Abraão David com a Escola de Samba Beija-Flor. Isto fez com que a agremiação passasse a operar como “espaço de mediação entre o jogo do bicho e a ordem político-institucional”, logo assim que Néelson Abraão assumiu a diretoria ocupando o cargo de Presidente Administrativo.⁵⁶

⁵⁴ Chinelli e Silva, op. cit., p. 49.

⁵⁵ Queiroz, op. cit., p. 101.

⁵⁶ idem, p. 43. Em relação aos irmãos Anísio e Néelson Abraão, convém esclarecer que sua aproximação com o universo do samba se deve, a princípio, ao fato de terem sido jovens que tomavam parte das opções de lazer de caráter popular existentes no município, antes mesmo de se envolverem com os negócios do jogo do bicho. Anísio, por sua vez, logo que deu os primeiros passos no mundo da contravenção teve uma rápida passagem pela

Embora fosse uma escola de samba desconhecida da Baixada Fluminense, e que desfilava no segundo grupo, a Beija-Flor provavelmente era o único canal para a conquista de uma face pública para os banqueiros do jogo do bicho e, logicamente, para a aceitação do seu relacionamento com políticos.

Quando Néelson Abrão David assume a direção da Beija-Flor através de um processo eleitoral interno realizado em 1972, a preparação para o carnaval do ano seguinte passa a ser orientada pela definição de um tema de enredo vinculado à propaganda oficial das realizações do governo militar⁵⁷. Não dispomos de dados para esclarecer exatamente se a proposta partiu da própria diretoria da agremiação carnavalesca controlada pelos agentes da contravenção ou então se teria resultado de uma orientação dos políticos da família Sessim que, naquele momento, comandavam o diretório local da Arena.

Em artigo que analisa a associação da Beija-Flor com a ditadura militar surgida através da série de três enredos considerados ufanistas ou de exaltação do regime, Adriano de Freixo e Edmundo Tavares entendem o processo como um desdobramento lógico da presença na diretoria da escola dos agentes da contravenção originários do ramo dos Abraão que compunham o poder familiar em Nilópolis junto com o ramo dos Sessim.⁵⁸

Nos anos do “milagre” houve um investimento maciço por parte da ditadura em propaganda de tom ufanista, e nesse sentido a transformação de associações como escolas de samba em canais de divulgação para o projeto político-ideológico do regime cumpria um papel importante na estratégia de ampliação de sua influência junto aos setores populares.⁵⁹

Como explicam Mendonça e Fontes, entre 1968 e 1974 os múltiplos instrumentos de legitimação do regime militar estiveram calcados no binômio “segurança nacional – desenvolvimento” e, portanto, houve uma tendência para o condicionamento da legitimidade do governo ao seu grau de eficiência econômica e financeira.⁶⁰

Analisando a letra do samba-enredo da Beija-Flor para o carnaval de 1973, facilmente identificamos termos-chave cujo sentido oficial correspondia ao discurso que expressava a

presidência da Escola de Samba Beija-Flor, isto foi de 1965 para 1966. Nas condições em que a escola se encontrava naquele momento, para um banqueiro de bicho assumir o status de patrono da mesma não era necessário que fosse tão poderoso, assim, o auxílio financeiro prestado à escola não destoava tanto de outros favores. É bastante provável que o afastamento de Anísio tenha sido motivado pela fragilidade de seu incipiente negócio, o que exigia de sua pessoa uma dedicação maior.

⁵⁷ Cf. Anexo 1 (pág. 234).

⁵⁸ Freixo, Adriano de e Munteal Filho, Oswaldo (org.). *A ditadura em debate: estado e sociedade nos anos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. p. 135.

⁵⁹ Merece observação o fato de que a relação entre políticos e escolas de samba nesse sentido é anterior ao caso da Beija-Flor, conforme asseguram Chinelli e Silva, op. cit., p.46.

⁶⁰ Mendonça, Sônia Regina R. & Fontes, Virgínia M. *História do Brasil recente*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1994. p. 52.

ideologia do período do “milagre”, isto a começar pelo título do enredo que também deu nome à composição musical do samba: “Educação para o desenvolvimento”.

A menção aos principais projetos do governo militar na área da educação, como a Reforma do Ensino e a criação da Cidade Universitária, aparecia com destaque para uma iniciativa voltada especificamente aos setores populares, por isso, o refrão do samba trazia versos que faziam referência ao Movimento Brasileiro da Alfabetização criado em 1967:

*“Uni-duni-tê / Olha o A-B-C / Graças ao MOBRAL / Todos aprendem a ler”*⁶¹

Como as ações governamentais no campo educacional não estavam dissociadas do caráter autoritário do regime, a contestação de organizações estudantis e de profissionais de educação quanto às políticas que estavam sendo implementadas foi duramente reprimida, até mesmo porque tais setores eram identificados com a oposição mais ampla à ditadura.

Essa foi uma das razões básicas para que certos jornalistas e intelectuais contrários ao regime militar manifestassem insatisfação em relação ao tema de enredo apresentado no desfile da então desconhecida Beija-Flor. Contudo, a escola conquistou um vice-campeonato no segundo grupo que lhe deu a chance de desfilar entre as grandes escolas do carnaval carioca no ano seguinte. Em 1974, portanto, a Beija-Flor seguiria na mesma linha para a definição de seu tema de enredo, só que dessa vez voltando-se para a divulgação de projetos de impacto do governo em infra-estrutura: transporte, energia e comunicação. Os versos do samba “Brasil no ano 2000” expressavam bem a perspectiva otimista associada à ideia de que o país estaria se preparando para ser uma grande potência:

*“No Brasil do ano dois mil / Quem viver verá / Nossa terra diferente / A ordem do progresso / Empurram o Brasil pra frente”*⁶²

Para frustração daqueles que confiaram nessa previsão, os primeiros sinais de esgotamento do “milagre” começaram a aparecer por volta de 1973. De acordo com Mendonça e Fontes, isto se deu em razão das próprias “contradições internas que o modelo econômico exacerbava e que estavam presentes na sua própria construção”, e também pela inversão da conjuntura internacional marcada pela chamada “crise do petróleo”. Nesse sentido, as autoras argumentam que a redução das elevadas taxas de crescimento econômico

⁶¹ A letra completa do samba composto por César das Neves e Darven Valentin está no Anexo 3 (pág. 239).

⁶² A letra completa do samba composto por Walter de Oliveira e João Rosa também no Anexo 3.

que vinham sendo apresentadas desde 1968 tenha sido responsável por retirar a precária base de legitimidade popular que o regime buscara mobilizar.⁶³

A partir daí as tentativas do regime para granjear apoio popular foram se tornando cada vez mais inviáveis. A inesperada vitória do MDB nas eleições legislativas de 1974, a despeito do investimento maciço em propaganda que havia sido realizado através do partido da situação, veio confirmar a insatisfação crescente na sociedade frente ao regime.⁶⁴

Freixo e Tavares colocam em discussão a existência de uma estratégia realmente planejada por parte da diretoria da Beija-Flor com a intenção de obter vantagens no julgamento dos desfiles pelo simples fato dos enredos apresentados pela escola fazerem a exaltação das “realizações” do regime militar.⁶⁵ Um livreto de título bastante sugestivo – *“Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil – O Grande Decênio”* – elaborado para a promoção do carnaval de 1975 contém informações na introdução ao texto da sinopse do enredo que sugerem a referida estratégia:

A escolha do tema-enredo, é, quase sempre, nas escolas de samba, motivo para debates acirrados, em alguns casos, até para desentendimentos internos. Isto, entretanto, não ocorre no G.R.E.S. BEIJA-FLOR que, há dois anos consecutivos, entregando o assunto aos cuidados do jornalista e professor Manoel Antônio Barroso apresentou enredos inéditos que, além de muito aplaudidos não apenas pelos “experts” em samba, mas também pelas autoridades e pelo povo em geral, possibilitaram à escola diferentes colocações nos carnavais de 1973 (vice-campeonato no Grupo II) de 1974 (sétimo colocação no superdesfile), vencendo, inclusive, co-irmãs mais experimentadas naquela competição. Para o carnaval de 1975, ainda sob orientação da mesma diretoria, o G.R.E.S. BEIJA-FLOR escolhe, pacificamente, como nos anos anteriores, outro enredo inédito. Ao contrário do que aconteceu no ano passado, quando apresentou um tema sobre o futuro (Brasil Anos Dois Mil), mostrará ao povo, no carnaval de 1975, um enredo falando do presente, isto é, como base no que ocorre atualmente no Brasil. **O GRANDE DECÊNIO** é o seu título.⁶⁶

Em primeiro lugar, e com base nas poucas referências verificadas nos relatos de antigos componentes da agremiação entrevistados no âmbito desta pesquisa, podemos afirmar que a escolha dos “temas-enredo” havia ficado totalmente a cargo da diretoria a partir do momento em que Néelson Abraão assumiu a presidência da Beija-Flor. E isto teria aprovação dos componentes, conforme relata um compositor, levando em conta a posição delicada dos contraventores que estavam no comando da escola:

⁶³ Mendonça e Fontes, op. cit., p.52

⁶⁴ idem., p.73.

⁶⁵ Freixo e Tavares, op. cit. p.137 (ver também 133).

⁶⁶ Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Luna, 1975. p. 8.

Era uma época de perseguição em todos os sentidos, principalmente intelectual. E para quem trabalhava coisas criativas era perigoso, a qualquer momento a gente podia ser prejudicado e até no desenvolvimento da escola, que estava crescendo. Então, era bom que fizessem enredos que não complicassem o progresso da escola. Eles [banqueiros do bicho] tinham de ter cuidado com isso por conta lá da vida pessoal deles, que podia ser abalada... Eu não mexia com a vida pessoal das pessoas que estavam ajudando a escola crescer! Havia o patrono, você podia trazer problema pra quem estava ajudando. Então, eu acho que a escola queria se desenvolver, não queria discutir política governamental com ninguém! Nosso negócio era cultura popular, não era política governamental, ela estava fazendo cultura popular, estava focada nessa manifestação popular.

Os autores a que nos referimos anteriormente observam justamente essa postura pragmática por parte dos componentes quanto à escolha de tais temas de enredo. E sobre o sucesso da estratégia planejada pela cúpula da Beija-Flor, Freixo e Tavares consideram que teria sido muito limitado em vista dos modestos sétimos lugares conquistados no desfile de primeiro grupo nos carnavais de 1974 e de 1975. Além disso, os enredos de exaltação teriam servido para atribuir à Beija-Flor o rótulo de “escola oficial do regime” e, conseqüentemente, a antipatia de setores da intelectualidade e da própria mídia num momento de crescente contestação ao poder dos militares.⁶⁷ Por essa razão disso, o carnavalesco Joãozinho Trinta se tornaria alvo de duras críticas que reduziam seu trabalho artístico aos interesses envolvidos no projeto político das famílias governistas que estava articulado através da escola de samba.⁶⁸

Portanto, a apresentação do enredo comemorativo dos dez anos do regime consolidou a imagem de “apologista da ditadura” para a Beija-Flor. Como não dispomos de materiais para tratar da performance dos desfiles em questão, a transcrição de alguns trechos da sinopse de 1975 nos serve para uma melhor compreensão da proposta do enredo, que teve uma organização lógica em seis quadros para a divulgação das “realizações” do governo: a) Transportes (Marinha Mercante, Rodovias e Ferrovias); b) Indústria e Comércio; C) Economia e Finanças; d) Trabalho; e) Educação e Cultura; f) Ciência e Tecnologia. Vejamos as passagens que se referem aos projetos de impacto mencionados na letra do samba-enredo:

QUADRO “D”. TRABALHO. O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM E POSSIBILITA, SOBREMANEIRA, O DESENVOLVIMENTO DE UMA NAÇÃO. Na área do trabalho, nosso desenvolvimento não é menos admirável. Graças a uma sadia orientação implantada entre nós, o problema do desemprego foi desaparecendo, aos poucos, e hoje já não mais existe. As mesmo tempo o trabalhador se tornou mais valorizado e teve amparo mais eficiente, através de leis mais humanas. Tudo isso porque só com o trabalho eficaz, teremos produção para o mercado interno e para as exportações. Dentro dessa filosofia, foi criado o

⁶⁷ Freixo e Tavares, op. cit., p. 137.

⁶⁸ Vamos debater no segundo capítulo a mudança promovida pelo carnavalesco na concepção dos carnavais da Beija-Flor.

FUNRURAL, para amparar o homem do campo, que hoje conta com todos os tipos de assistência, inclusive aposentadoria. O mesmo se dá com os demais trabalhadores que, além de melhor atendimento no INPS – agora realmente capacitado para suas verdadeiras finalidades – foram beneficiados com a criação do BNH que lhes facilita a aquisição de casa própria e com o surgimento do PIS – Plano de Integração Social, que permite ao empregado participar do lucro das empresas. Os funcionários públicos ganharam um órgão similar, que é o PASEP. [...]

QUADRO “E”. EDUCAÇÃO E CULTURA. UMA NAÇÃO SÓ PODE SE DESENVOLVER SE SEU POVO POSSUIR BOM ÍNDICE DE CULTURA. Embora há muito preconizada, a reforma do ensino no Brasil só foi possível depois de 1964. Até então, o ensino universitário era privilégio dos filhos das famílias abastadas. Jovens cujas famílias eram da classe média, dificilmente iam além do ensino médio. Não chegavam aos bancos das universidades que, por sinal, existiam em quantidade bem reduzida. Compreendendo que seu desenvolvimento depende muito da cultura de seu povo, o país deu maior atenção ao problema educacional. Paralelamente com o início da erradicação do analfabetismo e com a criação do MOBRAL e do Projeto Minerva, ampliou-se, enormemente o número de escolas primárias. Surgiram, também, inúmeras escolas de nível médio, bem como numerosas faculdades particulares, oferecendo mais chances para todos [...] O mesmo aconteceu com o ensino profissional, com melhoramentos introduzidos nas escolas do SENAI e do SENAC, e, ainda, em outras instituições de ensino técnico-especializado. [...].⁶⁹

Apenas a permanência da Beija-Flor no desfile de primeiro grupo pode ser considerada uma importante conquista, já que a escola vinha há um bom tempo com dificuldades para se organizar com esse objetivo. Portanto, gira em torno disso a polêmica acerca de um favorecimento como retribuição às homenagens prestadas ao regime militar.

A entrevista de Machado, sendo ele artista identificado com setores do samba que se colocam críticos em relação à projeção da Beija-Flor ao desfile de primeiro grupo, expressa muito bem a tese do favorecimento em função da questão política:

[...] Eu sempre achei que a projeção da Escola de Samba Beija-Flor para o desfile de primeiro grupo esteve muito ligada a essa influência política, de maneira direta ou indireta. Naquela época, num momento logo posterior à situação do golpe, você vai ter a criação de dois partidos apenas: Arena e MDB. Arena representando a situação e MDB como uma força de oposição. E aí, em Nilópolis, a ARENA sempre venceu, e não tinha oposição porque não se criava em Nilópolis. Eles [os representantes do poder familiar] sempre estiveram muito de perto em relação a isso. E a Beija-Flor ascendeu ao grupo especial graças a essa situação. Porque, quando houve a fusão do estado do Rio com o da Guanabara, a Beija-Flor não tinha expressão, nunca teve, e naquela época menos ainda... Não tinha expressão para ser a escola de samba do grupo especial, porque era uma escola desconhecida da Baixada Fluminense, de um município desconhecido chamado Nilópolis... Sob a fusão do antigo estado do Rio – que tinha como capital Niterói – e do estado da Guanabara, quem deveria representar o antigo estado do Rio era uma escola de Niterói, até muito mais antiga que a Beija-Flor, que era a Viradouro. Ou a Cubango poderia ser também, é bem mais antiga que a Beija-Flor. No entanto, inexplicavelmente, pegaram uma escola da Baixada, e não pegaram de Nova Iguaçu, que tinha o Leão, mais conhecido que a Beija-Flor. Então, pegaram a

⁶⁹ Op. cit., p. 12,13.

escola de Nilópolis e colocaram no desfile de primeiro grupo. [...] Agora, seria o caso, por exemplo, de você me perguntar – o que deve estar passando na sua cabeça: e se o Anísio e a família não estivessem na escola, a Beija-Flor seria a mesma? Eu creio que a Beija-Flor seja o que seja não porque o Anísio e a família estavam na escola, mas eu quero crer que a Beija-Flor seja o que seja porque serviu aos desígnios do projeto do governo militar de 1964. Qualquer pessoa que estivesse à frente, servindo também, estaria no mesmo patamar. Por quê? Para você ter uma ideia, depois [após 75] se tornou muito comum, por exemplo, as quadras serem frequentadas pelo filho do Figueiredo. O Paulo Figueiredo até hoje frequenta a Beija-Flor, ele tem uma ala e vive dessa ala! Acho que a filha do Geisel vinha aí. Os generais vinham, volta e meia estavam aí na quadra. Não que eles não conheçam as outras escolas, mas não iam. Não me lembro deles em nenhuma outra quadra de escola de escola. Agora, eles vinham muito aqui. Pode ser que isso você só em nível de amizade, mas havia gente deles por aqui.

Machado é uma pessoa profundamente envolvida com o mundo do samba, e teve vivência tanto em escolas sediadas na Baixada Fluminense quanto no subúrbio do Rio, daí a necessidade de atentarmos para a relevância da perspectiva comparativa na qual se baseia para construir sua argumentação. De acordo com a reflexão apresentada, o impacto da fusão dos dois estados no contexto carnavalesco seria a projeção mais lógica para o desfile de primeiro grupo de uma escola de samba do antigo estado do Rio que fosse originária de um dos municípios mais representativos, e nesse sentido o entrevistado indica primeiramente nomes de escolas da capital do antigo estado do Rio, Niterói, e em segundo lugar uma agremiação de Nova Iguaçu que se julgava na época mais expressiva que a Beija-Flor. Para Machado, a influência política proporcionada pelas lideranças de Beija-Flor teria compensado sua falta de “expressão” por ser uma escola “desconhecida”. Daí o tom irônico de sua fala ao dizer que a escola teria sido alçada ao desfile de primeiro grupo de forma “inexplicável”.

Convém esclarecer que, após a junção dos dois colégios eleitorais, a corrente do MDB que havia se tornado a principal força política em Niterói sob a liderança do senador Amaral Peixoto e de grupos oriundos do extinto PTB foi derrotadas na disputa interna do partido de oposição travada com a poderosa corrente chaguista.⁷⁰

A liderança de Chagas Freitas no MDB não representou efetivamente oposição ao regime, muito pelo contrário, já que sua indicação para o governo do estado da Guanabara em 1970 conferiu ao partido o caráter situacionista a nível estadual.⁷¹ Isso chegou a tal ponto que, em meio aos embates entre as referidas facções do MDB pelo controle do partido após a fusão em 1975, colocou-se a possibilidade da transferência de Chagas para a Arena, o que mostrava

⁷⁰ idem, p. 72.

⁷¹ idem, p. 85.

como que seu modo de atuação política não era incompatível com as práticas dos políticos arenistas.⁷²

Essa reflexão serve de base para compreendermos porque o esquema político das famílias Abraão e Sessim se adaptou à penetração da máquina chaguista no eleitorado dos municípios do antigo estado do Rio após a fusão.

A partir dos últimos relato entendemos que havia tanto o interesse dos representantes do poder familiar no sentido do estreitamento dos laços com os militares e seus colaboradores quanto um projeto por parte das autoridades do regime para aumentar sua influência nos setores populares através de lideranças governistas locais. Tendo em vista essa combinação de interesses, é preciso tomar cuidado para não desconsiderarmos o papel de certos atores sociais na medida em que damos ênfase a outros, ou seja, não podemos reduzir a ascensão da Beija-Flor no carnaval carioca ao fato da agremiação ter “servido aos desígnios do projeto do governo militar de 64” e, desse modo, descartar uma série de outros processos.

A apresentação dos enredos de exaltação do regime militar, independente dos ganhos ou perdas que tenham trazido para a Beija-Flor, confirmou o potencial da escola de samba enquanto agente político e, portanto, fez crescer seu papel como espaço de mediação entre o jogo do bicho e a ordem político-institucional.

É interessante também observarmos que, para o primeiro carnaval após o advento da fusão, a diretoria da Beija-Flor investe numa profunda transformação no modo de concepção e produção do desfile da escola de samba. A partir desse momento é que o apoio financeiro do jogo do bicho assume grandes proporções, dando suporte ao trabalho da equipe de artistas liderada pelo carnavalesco Joãosinho Trinta, contratado para coordenar a produção do carnaval de 1976. Deixaremos para discutir a fundo os aspectos de todo esse processo nos próximos capítulos, e por hora vamos apenas destacar que a mudança relacionada à série de vitórias que proporcionaram a ascensão da Beija-Flor em meio às grandes escolas do Rio de Janeiro trouxe uma ampliação extraordinária de sua base social.

Estando os banqueiros do jogo do bicho à frente da diretoria da Beija-Flor, isto obrigava partidos e máquinas políticas interessados em explorar o reduto eleitoral da escola a se relacionarem com eles. E o caso da Beija-Flor tem sua particularidade pelo fato da agremiação ter se tornado um instrumento político a serviço dos representantes diretos do poder familiar. Esse controle exclusivo é reconhecido pelos componentes da escola, como se pode compreender pelo comentário de um compositor:

⁷² idem. p. 93.

Antes dos políticos da família Abraão havia outros candidatos que na época não eram tão próximos assim, não eram tão chegados, não frequentavam a escola, mas o seu Heitor [último presidente administrativo da Beija-Flor antes de Néson Abraão] tinha acesso ao deputado Lucas de Andrade Figueira. Sempre houve ligação política, participação dos políticos procurando esses votos. Não era sempre, mas na época de campanha eles se manifestavam. [...] Os políticos que fizeram da Beija-Flor uma plataforma de votos foram aqueles ligados à família Abraão: o Jorge David e o Simão Sessim. Eles entravam para apanhar esses votos da escola. [...] Se você, sendo componente, dissesse que ia pedir voto pro seu tio que era candidato a deputado, o que fosse... Ali, não! “Ah, mas eu sou componente!” “É componente, mas aqui não é lugar der fazer campanha política, aqui é lugar de samba”. “Ah, mas seu fulano veio aí!” “Seu fulano veio aí, mas com autorização da diretoria, e acabou!” Não tinha muita conversa. Você sabe que é uma coisa arriscada ficar discutindo sobre o que não é da sua função. O componente não tinha essa politização toda pra ficar discutindo boato de quem ia ser candidato a vereador... Não tinha essa força toda, e ninguém tinha esse interesse de estar discutindo com a diretoria o apoio político pra quem quer que fosse. E também, a diretoria pedia pra votar naquele candidato, e você votava se quisesse. Muitas vezes, você dizia que votava naqueles que eles pediam, e na hora do voto, votava em outro. Entendeu? Você não era obrigado a votar em quem eles queriam, podia até dizer que ia votar, mas no dia do voto, votava em quem você queria. Não existia esse cabresto todo que pensam que existia. Podem até pensar que existia, mas não existia. Esse voto de cabresto de todo mundo, maciçamente, votar em alguém que foi mandado. O camarada ter um candidato e você ter outro: “Não, eu vou votar ali, porque seu ciclano da escola mandou”. Isso aí acontecia na cabeça de alguns, como até hoje acontece, mas não na cabeça de todos. Muitos obedecem, muitos se deixam encabrestar, mas nem todos.⁷³

A partir da diretoria dos Abraão David, a Beija-Flor passa a ser reconhecida como um instrumento político – “uma plataforma de votos” – a serviço de um grupo definido, as relações com a escola deixam de ser esporádicas e se institucionalizam. Interessante notar quando o entrevistado se refere aos políticos da família Abraão, ele manifesta a percepção de que estes e os Sessim não são exatamente do mesmo grupo de parentesco.

Chinelli e Silva assinalam o fato de que as escolas de samba tradicionalmente se apresentam publicamente como associações de natureza a-política⁷⁴, e isto é o que notamos a partir do que seria a diretriz apontada a partir da diretoria dos Abraão. Todavia, o que se afirma na prática é o controle da agremiação enquanto espaço político.

O ponto mais importante do relato diz respeito ao fato da agremiação carnavalesca ter se tornado um reduto eleitoral, sim, mas que isso não se constituiu pela simples manipulação do pensamento político dos componentes, até porque não haveria um controle absoluto na tentativa de mobilização dos seus votos. E nesse sentido, podemos considerar que, enquanto componente da escola, o entrevistado estaria querendo afirmar sua identidade diante daqueles que supostamente imaginam a figura do sambista como alguém “alienado” politicamente, ou

⁷³ Entrevista concedida ao autor entre os dias 10, 12 e 17 de ago. de 2005.

⁷⁴ Chinelli e Silva, op. cit., p. 43.

seja, despreocupado com os assuntos sérios da vida em sociedade – ele ressalta que “não existia esse cabresto todo que pensam que existia”. Contudo, sabendo que a contagem de votos por sessões eleitorais costuma ser um recurso utilizado como medida parcial de controle por aqueles que efetuam ilegalmente a “compra de votos”, podemos supor que os componentes que obtivessem algum benefício na escola de samba ou então recorressem ao presidente em busca da prestação de favores pessoais ficava pressionado a cumprir o acordo.

Convém observar que, atualmente, as pessoas que se comprometem com os ensaios e a frequentar as reuniões de ala em troca de uma fantasia “de graça” para o desfile são também obrigadas a preencher um cadastro fornecendo uma série de informações pessoais (RG e CPF), inclusive, os dados do título de eleitor. Não é por acaso que a Beija-Flor abre as portas para uma grande parte de desfilantes que votam e moram na cidade, assim, no mínimo para o envio de cartas e mensagens por telefone asseguramos tais dados sejam utilizados.

Entendendo que no contexto das eleições legislativas de 78 esse mecanismo articulado em torno da Beija-Flor já estava operando em sua plenitude, temos um elemento que explica porque o poder familiar em Nilópolis se adaptou à penetração da máquina chaguista.

De acordo com a explicação de Diniz sobre a tática do grupo chaguista voltada para os municípios do antigo estado do Rio, compreende-se que, em termos de alianças e composições, houve o privilégio daqueles de maior expressão eleitoral. Assim, Nilópolis não teria se tornado exatamente um alvo da expansão chaguista por sua pequena expressão em relação aos demais municípios da região. E como a tática eleitoral chaguista se baseava no estabelecimento de alianças prioritariamente com políticos “enraizados” nos município focados⁷⁵, seria muito difícil que, depois da interferência militar, existissem candidatos mais enraizados em Nilópolis que representantes diretos e aliados dos Abraão e dos Sessim.

No entanto, o investimento do banqueiro do bicho Anísio Abraão para as eleições de 1978 foi feito tanto na candidatura de políticos do partido situacionista – foi o caso dos representantes diretos do poder familiar em Nilópolis que se sagraram vitoriosos, Simão Sessim como deputado federal e Jorge David como deputado estadual – quanto de políticos do partido de oposição, porém, vinculados à corrente chaguista do MDB, foram eles o delegado Péricles Gonçalves e o advogado nilopolitano Gilberto Rodrigues.

Em sua análise sobre a ampliação das bases de sustentação da máquina chaguista após a fusão do antigo estado do Rio com o estado da Guanabara, Eli Diniz percebia nas articulações entre políticos, escolas de samba e jogo do bicho um traço típico tanto da política

⁷⁵ Diniz, op. cit. p. 73.

carioca quanto fluminense. Expondo a ligação de alguns parlamentares vinculados a essa corrente política com agremiações carnavalescas, a autora faz referência ao apoio concedido pelos dirigentes da Beija-Flor de Nilópolis à candidatura do então delegado emedebista Péricles Gonçalves para a Câmara Federal. Convém esclarecer que o reduto eleitoral de Péricles Gonçalves ficava mais circunscrito ao município de Nova Iguaçu, e sendo assim, o apoio concedido a sua candidatura pelo contraventor Anísio Abraão deve ser considerada muito mais em termos de recursos financeiros e de prestígio pela associação com a imagem da então tricampeã do carnaval carioca. Péricles se tornou um defensor confesso dos interesses da contravenção na Câmara Federal.

No caso de Gilberto Rodrigues, tratava-se de um aliado do poder familiar que já era deputado estadual, sendo que em Nilópolis, nessa época, já era comum acontecer a eleição de dois representantes da localidade para o legislativo estadual.⁷⁶

Desse modo, o investimento político do contraventor podia se realizar pelos dois lados sem gerar divisões na base eleitoral dos candidatos que estava apoiando eleições de 1978. Isto confirma que o esquema de base local montado pelas famílias não foi atingido em sua formação pela penetração da máquina chaguista na Baixada a partir da fusão, e ao que parece, também não se integrou efetivamente à rede de clientelas de tal estrutura.

4. Abertura política e aumento da concorrência no espaço político-partidário

No contexto da abertura política, mais precisamente no começo da década de 80, o *ressurgimento* dos movimentos sociais se manifestou na Baixada Fluminense especialmente através da atuação popular junto aos setores progressistas da Igreja na organização das Comunidades Eclesiais de Base, movimento este que teve relação com a fundação de núcleos do Partido dos Trabalhadores na região. Em Nilópolis, porém, a criação do diretório do PT em 1983, segundo certos fundadores, não teve uma influência tão grande de membros da CEBs como aconteceu no município de Nova Iguaçu, sede da Diocese que contou com a presença marcante de Dom Adriano Hipólito, uma das mais representativas lideranças da chamada “ala progressista” da Igreja Católica.

Contudo, foi o impacto do “fenômeno” Brizola na disputa eleitoral de 1982 que representou a maior ameaça sentida pelo poder familiar em Nilópolis⁷⁷. Na visão de Pedro,

⁷⁶ NÚCLEO DE MEMÓRIA POLÍTICA CARIOCA E FLUMINENSE. *Gilberto Rodrigues*. Disponível em: http://www.alerj.rj.gov.br/memoria/historia/prealerj/gilberto_rodrigues.html Acesso em 15 de junho de 2010.

⁷⁷ Alves, op. cit., p.108.

antigo militante de esquerda atuante na localidade, a força do brizolismo residia primeiramente nos muitos remanescentes que acompanharam a trajetória do político desde o início e, por isso, teriam feito uma adesão imediata a sua liderança logo após a volta do exílio. Em função disto, haveria também a identificação dos mais jovens que passaram a simpatizar com Leonel Brizola pela própria influência dos pais, reforçada pelo arrebatamento causado pelos discursos do “carismático” líder do PDT. Pedro fala que, ele mesmo, assistiu a gravações dos discursos de Brizola transmitidas em um telão que era instalado no centro de Nilópolis, na Praça dos Estudantes, e assim percebia o quanto que a fala do político gerava expectativas e até causava comoção no público mais jovem.

São muitas as informações a respeito da forma como o grupo dominante passou a agir na contenção da concorrência política que se acentuava a partir dos anos 80. Nas recordações de antigos moradores sobressaem relatos das práticas de fraudes eleitorais, e alguns serão apresentados aqui não para imprimir uma atitude de denúncia a nossa análise, mas na tentativa de reconstituição de situações possíveis no âmbito da disputa eleitoral no município no momento mais forte da onda brizolista, e quando houve a projeção de uma candidatura que se colocava como alternativa ao grupo dominante local.

O pedetista Manuel Malaquias era um imigrante nordestino que morava há muitos anos em Nilópolis. Havia se tornado uma pessoa conhecida e respeitada na localidade, e isto lhe conferiu certa popularidade para que se lançasse na carreira política. Ele trabalhou como secretário do Colégio Olindense, localizado no bairro que dá nome à escola, e quando ingressou no partido de Brizola, manifestando a pretensão de concorrer ao cargo de prefeito, teve logo em seguida sua demissão decretada pelo proprietário do Olindense, o professor Armando Arosa, amigo pessoal de Simão Sessim e aliado político da família.

As chances de Malaquias se tornaram potenciais pela capacidade de articulação que ele tinha, mas, sobretudo, pelo fator do voto vinculado, o que beneficiou de um modo geral as candidaturas do PDT, fortalecidas pela “onda brizolista”. Moradores de Nilópolis chegaram a falar que talvez qualquer candidato a prefeito pelo PDT no município, em 82, teria uma larga vantagem diante dos concorrentes. E ainda, há quem defenda que Malaquias só não se saiu vitorioso por conta das fraudes praticadas pelo grupo dominante.

Pedro contou um caso interessante que presenciou relativo à manipulação de resultados num importante posto de apuração das urnas:

Eu estava como delegado do PT numa das eleições que ainda era na base do papel, não era voto eletrônico, e a apuração era feita no clube Ideal de Olinda. E como éramos delegados, nós paramos várias mesas, não só eu como mais outros

membros do PT, os fiscais também. E o quê se dava muito? Muitas vezes tinha pessoal da apuração do jogo do bicho na apuração dos votos, contando os votos. Provavelmente eram filiados ao partido da família. E como que era feita a manipulação? Na contagem dos votos. Então, havia mistura [de cédulas] principalmente para candidatos a prefeito. Então, por exemplo, você passava rápido na contagem e misturava os votos. Vamos dizer assim, do candidato do PDT com candidato do PSD. Então, na hora de totalizar, dava um volume muito grande para o candidato do grupo dominante. Só que ali tinha cédulas do outro, mas como quem estava fazendo aquilo era gente da apuração do jogo do bicho, então, tinha uma velocidade muito grande nas mãos, conseguia misturar as cédulas. Por isso, nós paramos algumas mesas. Comigo, pessoalmente, houve um fato de uma agressividade muito grande, porque eu tinha parado três mesas! E na terceira mesa, quem estava a comando da PM veio na mesa que tinha sido parada – nós estávamos aguardando o juiz determinar a recontagem de votos naquela mesa – e o oficial que estava ali falou a seguinte frase na minha frente: “Olha! – falando para os subordinados dele, mas para que eu ouvisse – se houver uma paralisação de atraso de mesa para recontagem de voto, e na recontagem não aparecer voto de quem pediu a recontagem, não aparecer voto misturado, alguma e baixa a porrada!” Ora, o que significou essa ordem? Do meu partido, não estava havendo roubo de voto de ninguém, o voto era contado perfeitamente. Nós não tínhamos chance de ganhar. Quem tinha chance de ganhar era o candidato do PDT, Manuel Malaquias, que depois morreu estranhamente e até hoje ninguém sabe como ele morreu... Ele ficou doente, e morreu quase que instantaneamente! Alguns dizem que misturam urina de rato na bebida que ele estava tomando, alguma coisa desse tipo, e ele morreu. Bom, então o Manuel Malaquias tinha uma chance muito grande porque a população, aqui, votou majoritariamente no Brizola, e Malaquias era candidato a prefeito, estava sendo muito votado. Então, eu percebia sempre essa misturada nos votos dele que estavam sendo tomados como voto do outro. E aí o camarada lá, o oficial da PM, falou aquilo. Eu não tive problema nessa noite porque a apuração terminava muito tarde, e porque um tio desse oficial me conhecia, conhecia a minha família, ele tinha acesso ao reduto lá onde estava à PM, onde ficava o sobrinho dele, ouvia o que eles diziam. Então, esse tio do oficial chegou pra mim e falou: “Olha, na hora da saída, você sai comigo, porque estão preparando uma coisa muito ruim para você. Vamos sair juntos, porque a mim o meu sobrinho não vai fazer nada!” E aí, quando terminou a apuração, eu saí com ele. [...] Era notório o vínculo do policial. Falava-se que ele, inclusive, tomava conta do jogo do Anísio... Então, várias vezes, ele foi visto lá no casarão do Anísio na rua Mena Barreto, as pessoas o viam indo pra lá e tal.

Fica claro como que o poder familiar estava estruturado na localidade, pois o relato nos traz indícios das articulações entre políticos, jogo do bicho e polícia interferindo de maneira fraudulenta na campanha municipal. Isto sem falar no provável exercício da compra de votos, algo que se constata com muita frequência nos dias atuais em benefício dos candidatos apoiados pelo contraventor Anísio Abraão.

Um episódio que me foi contado com ironia por Aluísio, outro antigo morador extremamente crítico ao poder familiar em Nilópolis, e que não se trata de “folclore”, reforça ainda mais a ideia do clima de corrupção nas eleições municipais em 1982. Ele fala que seria tão forte o temor do grupo que sustentava a candidatura de Miguel Abraão, irmão de Anísio, diante da vantagem eleitoral de Malaquias, que, não bastassem as usuais ações fraudulentas aplicadas, teria sido provocado um acidente com um caminhão que transportava urnas eleitorais. Atravessando o viaduto de Nilópolis, o motorista do caminhão teria “perdido o

controle” e tombado com o veículo para a avenida Getúlio de Moura, uma paralela à linha férrea, e assim colocado a perder centenas de cédulas.

Em relação ao surgimento de potenciais candidatos contrários ao poder familiar em Nilópolis, depois das eleições de 82, as percepções dos colaboradores desta pesquisa indicam a existência de uma estratégia básica implementada pelo chefe do esquema, o banqueiro do jogo do bicho Anísio Abraão. Consistiria na tentativa de cooptação de potenciais candidatos envolvendo, entretanto, a pressão agressiva contra aqueles que não quisessem ceder aos seus interesses e, sobretudo, contra os que de alguma forma tenham precisado do grupo dominante ou mantido algum tipo de relação com este grupo. Como morador de Nilópolis, ouço vários comentários na cidade a respeito de vereadores cotados para se lançarem na disputa pela Prefeitura no contexto atual, mas que desistem após serem chamados a fazer algum tipo de acordo financeiro com Anísio Abraão.

Em relação aos movimentos sociais organizados no município, podemos notar a força da atmosfera de medo que envolve militantes decididos a assumirem uma postura crítica e contestatória frente ao domínio das famílias Abraão e Sessim.

A fundação do núcleo do Partido dos Trabalhadores na cidade reuniu um pequeno grupo de militantes com propostas voltadas para transformação das práticas políticas locais. Pedro relata uma série contribuições do partido, mesmo sem ter chegado ao poder de fato. Todavia, avalia como sendo uma séria falha da organização a falta de investimento consistente na formação ideológica dos quadros partidários. As pessoas que faziam parte do PT local teriam um sentimento de que era preciso promover transformações diante da situação vigente. E o fato de o PT estar em evidência entre os setores da esquerda, assim como a ideia de que fazer parte do mesmo significava estar empenhado nas questões centrais do país, mobilizava a participação das pessoas, porém, não seria suficiente para a verdadeira estruturação do partido. Não será nosso objetivo aprofundar as questões internas na organização do PT em Nilópolis, mas consideramos importante apresentar aqui um episódio narrado pelo fundador mencionado, pois nos revela como os representantes do poder familiar atuam de forma a intimidar seus críticos:

[...] O que mais se discutia entre os membros do partido, mais do que a questão nacional, era justamente a atuação do grupo dominante local. [...] E nós participávamos das lutas generalizadas, as greves e essas coisas todas, mas, fundamentalmente, debatíamos a questão local. Distribuíamos panfletos falando sobre a maneira de agir do grupo dominante. E na época de eleição – desde a primeira eleição o PT concorreu – nós fazíamos aparições públicas com microfone e falávamos sobre a política local. [...] Na época de eleição se fazia uma cobrança clara: que os diversos candidatos a prefeito apresentassem os seus

programas; porque nós tínhamos programa. Então, nós desafiávamos que apresentassem programa de governo para o município. Isso levou a um incidente na ponta do calçadão, próximo à ponte da estação ferroviária, porque um candidato nosso estava exatamente fazendo esse desafio para que os outros candidatos apresentassem um programa. E eu ia passando. Nesse instante que ele estava falando isso um representante da família dominante aqui de Nilópolis tomou da mão dele o microfone e começou a falar que não podia falar aquilo; e em tom agressivo! Aí, tinha uma roda formada, as pessoas estavam um pouco temerosas, porque quando viram que tinha ali alguém do grupo dominante... [...] Então, como vinha passando eu me dirigi a ele, porque o meu companheiro do PT ficou um pouco assim na dúvida, porque era talvez um pouco temeroso, porque não o conhecia, não sabia nem quem ele era, né? Aí eu fui, também peguei o microfone da mão dele e falei: oh senhor, por favor, o senhor me dê o microfone que ele pertence a nós aqui. Vocês têm todas as condições de colocar um trio elétrico lá na outra ponta, num volume muito maior do que esse nosso aqui, e falar tudo que quiserem falar. Aí, falei no microfone! Falei que estava vendo ali a maneira de agir do grupo dominante local, né? Acintosamente, tomar o microfone, não deixar que o pensamento contrário fosse expresso pra população! Encheu a ponte da estação, a ponte ficou cheia. O pessoal parando ali na escadaria pra ver, né? Então, nós tivemos na origem do PT, aqui em Nilópolis, discussão em que predominava exatamente a questão local, né? [...] O PT aqui, na sua origem, teve um papel bastante importante porque fez com que pessoas, que eram de outro partido, comessem a perder o medo de fazer crítica aberta ao grupo dominante local. Então, foi um momento importante do partido aqui. [...]

Quanto ao movimento social vinculado à Igreja Católica, posso colocar aqui uma constatação que pude fazer pessoalmente no tempo em que participei de atividades nas comunidades católicas de Nilópolis durante os anos 90. As principais paróquias do município não se tornaram redutos eleitorais dos políticos das famílias Abraão e Sessim, o que se deve especialmente à atuação pastoral de Dom Adriano à frente da Diocese de Nova Iguaçu, à qual as paróquias de Nilópolis são subordinadas. O líder religioso foi uma referência especialmente na luta contra a ditadura. Conta-se que as celebrações públicas com a participação do bispo, muitas vezes com caminhadas pelas ruas da cidade trazendo faixas e cartazes com palavras pela transformação social, ganhavam um forte tom político. Dom Adriano chegou a ser seqüestrado por um grupo paramilitar no começo da década de 1980 e levado para a Vila Militar, onde foi vítima de torturas⁷⁸.

Existem aqueles que consideram que o movimento das “comunidades de base” em Nilópolis não se fortaleceu justamente pela intimidação do poder familiar. Uma reportagem do *Jornal do Brasil* publicada logo após os desfiles carnavalescos de 1989, ano em que a Beija-Flor apresentou o famoso enredo de Joãozinho Trinta “*Ratos e urubus: larguem minha fantasia*”, trazia um debate sobre o problema da deficiente coleta de lixo em Nilópolis – numa clara ironia ao desfile da escola que teve enorme aclamação popular – e apontava a falta de iniciativas das gestões de prefeitos das duas famílias dominantes. Na reportagem, além de um

⁷⁸ Alves, op. cit., p. 106.

histórico sobre o envolvimento das famílias com a política e com o jogo do bicho, havia uma parte dedicada à atuação das CEBs no município, da qual merece ser transcrito aqui um trecho significativo:

O lixo e o medo rondam a cidade de Nilópolis. São poucos os que falam mal do clã dos Abraão David, cujo maior símbolo é o banqueiro de bicho e presidente de honra da Beija-Flor – sagrada ontem vice-campeã do carnaval – Aniz Abraão David. “Quem fala muito em Nilópolis, acaba com a boca cheia de formiga”, avisa um frade, integrante de uma das quatro paróquias da cidade, que seguem todas a linha progressista do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito. Como este frade – que trabalha junto às comunidades eclesiais de base –, muitos outros integrantes dos movimentos populares se recusam a dar nomes. “Eles – os homens comandados pelo clã dos Abraão David – sabem todos os passos que nós, do movimento popular, damos. É muito difícil fazer trabalho de base aqui. Às vezes, a gente faz reunião com vinte pessoas, mas na hora de cobrar delas atitudes – como falar com o prefeito, por exemplo – elas se afastam. Têm medo”, conta o religioso. [...] ⁷⁹

Quando analisamos a formação do “braço armado” da organização do jogo do bicho chefiada por Anísio tecemos considerações acerca do poder de intimidação que isto representa para os políticos que fazem parte do grupo familiar.

Sobre o problema da coleta de lixo em Nilópolis no final dos anos 80, tratou-se de um dos principais motivos da grande desaprovação que teve a gestão do prefeito Jorge David. Contudo, nas eleições de 1991 o grupo da situação não acreditava que poderia ser derrotado por um candidato que, há pouco tempo, tinha feito parte do poder familiar. Muitas das pessoas que votaram no então pedetista Manoel Rosa, o Neca, recordam que tinham certa “desconfiança” em relação ao candidato por conta de sua origem política no seio da família Abraão.

Além de nutrir esperanças num eleitorado ainda significativo de brizolistas existente em Nilópolis, Neca conseguiu articular bem sua candidatura se aproveitando da forte rejeição que havia contra o candidato Miguel Abraão por representar a continuidade do domínio político familiar e, por outro lado, conquistou o apoio do PT local para a composição de sua candidatura convencendo os petistas mais flexíveis diante das suas propostas.

Pedro, como membro fundador do PT em Nilópolis, era um dos que não concordava com o apoio do partido à candidatura de Manoel Rosa, e explica que foi voto vencido após decisão em assembleia. Contudo, ele recorda que, em troca do apoio, o partido conseguiu acertar com Manoel Rosa o compromisso com o cumprimento de treze pontos de campanha. Nem todos foram cumpridos, conta Pedro, mas ele destaca alguns que foram realizados com a

⁷⁹ MEDO é a marca e estilo de fazer política. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1989. Brasil.

implementação de projetos importantes, em sua avaliação, como por exemplo: o curso de alfabetização de adultos desenvolvido em parceria com instituições religiosas que cediam espaço em troca da indicação de professores a serem remunerados pela Prefeitura; a concessão de terrenos para construção de moradias populares; o congelamento das tarifas dos ônibus municipais, já que duas empresas que sempre monopolizaram o serviço de transporte tinham grande liberdade para reajustes nas gestões anteriores; o projeto “Som na Praça”, que, em termos culturais, teria marcado uma inovação e uma ruptura, pois eventos de música em Nilópolis eram, até então, realizados exclusivamente na quadra da Escola de Samba Beija-Flor, onde havia cobrança de ingressos; e ainda no campo da cultura, houve a criação de um centro cultural com um pequeno teatro, além da própria Secretaria da área.

Os eleitores de Neca costumam ressaltar o quanto que a atitude do Prefeito em relação a pessoas que lhe faziam críticas e reivindicações era bastante diferente daquela tomada pelos políticos que até então haviam ocupado o cargo. A figura de Neca não transmitia agressividade por estar associada ao poder, seria mais “acessível”.

A avaliação mais comum acerca do declínio da trajetória política de Neca no município se baseia na ideia do equívoco que cometeu ao escolher como seu sucessor José Carlos Cunha. Este teve uma gestão tão desastrosa que acabou facilitando a volta de um representante do poder familiar à Prefeitura. Sem falar que, após um significativo período de oito anos afastado do poder, o grupo reuniu todos os esforços e recursos disponíveis para lançar a candidatura do deputado Farid Abraão David, irmão mais novo de Anísio, que se saiu vitorioso após uma disputa apertada com o próprio Neca nas eleições de 1999.

As famílias Abraão e Sessim consolidaram o que se pode considerar uma tradição de atuação política baseada no lugar. Para analisar a particularidade do esquema montado em Nilópolis, temos uma boa indicação a partir daquilo que Diniz entendia como sendo o “forte componente municipalista” da política fluminense dos anos 70:

A importância das negociações e alianças com autoridades e com candidatos de base local torna-se mais evidente, se considerarmos que a política no antigo estado do Rio apresenta um forte componente municipalista. A votação [para deputados] tende a se concentrar nos candidatos com tradição de atuação política no próprio local. [...]⁸⁰

Explorar com profundidade como que as lideranças das duas famílias conseguiram montar seu esquema de base local é o verdadeiro propósito deste trabalho. No próximo capítulo vamos tentar reconstituir o universo de valores que norteiam o estilo de ação política

⁸⁰ Diniz, op. cit, p. 73.

do grupo, e num outro movimento, recompor as articulações que sustentam a ampla rede social responsável pela manutenção da estrutura de poder.

Capítulo II

1. Uma tradição familiar de ajuda ao semelhante

Nilópolis. Década de 20.

Aqui se inicia uma história de amor.

Recém chegados do Líbano, o mascate Abrão e sua jovem companheira Júlia, adotam a cidade para ser o lugar onde irão vivenciar o amor ao semelhante, transformando as vidas de pessoas a sua volta.

Nilópolis. Século 21. Da chegada do casal de imigrantes libaneses para cá, muito tempo se passou, mas as lições que Dona Júlia deixou ficaram impressas na lembrança de seus filhos, que agora, honram a memória da família dando continuidade a essa história de amor.

Um amor que se faz presente a cada momento: no gabinete de trabalho, na construção de uma sala de aula, no convívio cotidiano com as pessoas, nas festas de Natal, e Cosme e Damião, nos projetos e benfeitorias de interesse público... na quadra da escola... e na passarela, quando a Beija-Flor de Nilópolis desfila com garbo, diante do seu povo.

É essa história de amor que prossegue no olhar e no sorriso de uma criança da Creche e do Educandário, que agora já tem onde estudar... Da empolgação dos jovens que graças às atividades do CAC encontram o rumo de suas vidas...

Por tudo que vivi nesses anos, tenho muito a agradecer a Deus e, por isso, peço a Ele que continue iluminando nossos caminhos, para que essa história de amor, que começou como Júlia e Abrão, nunca acabe.⁸¹

O texto da citação nos traz uma narrativa que contém elementos fundamentais da versão acerca das raízes da família Abraão David em Nilópolis e que costuma ser apresentada publicamente por seus membros e também por seus simpatizantes.

Há anos controlando os principais recursos de poder na cidade, tanto lideranças da família Abraão quanto da família Sessim têm lugar garantido em diversos eventos públicos, oficiais e não oficiais, que representam na localidade espaços privilegiados em que os integrantes do grupo dominante podem contar suas origens e discursar em defesa do seu modo de fazer política. Além disso, eles dispõem de todo um aparato de comunicação composto pelos materiais de imprensa vinculados à Escola de Samba Beija-Flor, os quais são utilizados para a manutenção de uma certa imagem oficial das duas famílias que veio sendo construída ao longo dos anos.

⁸¹ FARID. *Revista Beija-Flor – uma escola de vida*. Ed. Fevereiro de 2004. p. 9.

As palavras atribuídas a um dos filhos do casal Abrão e Júlia, Farid Abraão David⁸², contam a chegada dos imigrantes libaneses a Nilópolis como se isso tivesse resultado de uma escolha baseada na disposição quanto a se integrarem à sociedade local manifestada desde os primeiros momentos no Brasil. E nesse sentido, o que marca na narrativa a condição de possibilidade da aproximação entre estrangeiros e nacionais é a crença comum em valores cristãos sintetizados no princípio do “amor ao semelhante”, fundamento que o casal de imigrantes libaneses teria tomado como referência para estabelecer uma convivência harmoniosa com as pessoas do lugar escolhido para continuarem suas vidas fora do Líbano.⁸³

Haveria, portanto, uma tradição familiar voltada para prática de ações – no sentido do “amor ao próximo” – dedicadas às pessoas de Nilópolis e que foi cultivada pela figura da mãe, pois “dona” Júlia se encarregou de transmitir tal costume aos filhos deixando suas “lições” nos termos de um compromisso – honrar a memória da família dando continuidade à “história de amor” iniciada pelos pais. Desse modo, as diversas ações atribuídas aos descendentes da família Abraão, seja no campo da política ou na promoção de atividades culturais comunitárias e projetos assistenciais, seriam norteadas pelos princípios da referida tradição familiar dotada de um caráter espontâneo e voluntário, cujo reconhecimento estaria nos gestos de crianças e jovens que manifestam com o “sorriso” e a “empolgação” sua gratidão pelas “realizações” da família Abraão. Seria o “compromisso com a memória dos pais” e não a adesão a uma determinada doutrina política que determinaria o conjunto de ações dos membros da família Abraão em relação à população de Nilópolis. E nesse sentido, a preservação da capacidade de “transformar a vida das pessoas” justificaria a posição de poder que ocupam.

Diante desse conjunto de valores, pretendemos analisar como que sua constituição tem relação com a experiência de vida concreta desses imigrantes libaneses. Para tanto, recorreremos ao artigo do pesquisador André Gattaz sobre a construção das múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil, e aprendemos em primeiro lugar que essa

⁸² O entrecruzamento de política e samba que confere a particularidade do domínio familiar em Nilópolis potencializa a visibilidade das lideranças do grupo político através de contatos e espaços propiciados pela rede social constituída através da escola da Beija-Flor, o que vamos analisar em profundidade no terceiro capítulo. Em 2004, Farid Abraão David era, ao mesmo tempo, Prefeito de Nilópolis e Presidente Administrativo do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. Considerando a importância da agremiação no atual contexto do carnaval carioca, compreende-se que nenhum outro prefeito de municípios da Baixada Fluminense conta com tão poderoso instrumento político a sua disposição, seja para transmitir os princípios do grupo político a que pertence ou mesmo para divulgar as realizações de sua gestão.

⁸³ Parece comum entre descendentes libaneses cristãos a idéia de que as famílias muçulmanas, que também são inúmeras no Brasil, tenham uma dificuldade maior de integração à sociedade local. Este é um ponto bastante discutível que requer uma análise específica. No entanto, cabe aqui apenas esclarecer que a maioria das famílias libanesas de Nilópolis eram originariamente cristãs seguidoras da doutrina ortodoxa.

imigração é anterior ao século XX, e marcada por diferentes momentos em que grupos de diversas regiões e doutrinas religiosas chegaram ao país. Informações apresentadas pelo autor asseguram que houve uma distribuição bastante razoável desses imigrantes pelas principais regiões brasileiras assumindo prioritariamente ocupações urbanas.⁸⁴

Do final da década de 20 para o início dos anos 30, quando Nilópolis era apenas mais um dos distritos do município de Nova Iguaçu, foi que chegaram os primeiros representantes do grupo de aproximadamente dez famílias libanesas que foram se estabelecendo na localidade ao longo do século passado, e entre os pioneiros estiveram os Sessim David e os Abraão David. Ambos teriam vindo de Ricardo de Albuquerque, bairro da cidade do Rio de Janeiro bem próximo a Nilópolis onde foram residir logo assim que chegaram ao Brasil. É provável que a decisão quanto a se transferir para Nilópolis tenha resultado da própria experiência no ofício de mascates, pois como suas andanças pela referida localidade e adjacências devem ter mostrado que o êxito nos negócios dependia das boas relações que conseguissem estabelecer nos lugares por onde passavam, podemos supor que a criação de laços com os moradores de Nilópolis e o conhecimento da localidade tenham sido centrais para a instalação das famílias. E também, havia a estação de trens que facilitava a compra de mercadorias no bairro carioca de Madureira e no Centro da cidade.

Contudo, não foi de imediato que passaram a se dedicar exclusivamente ao comércio varejista com a abertura de lojas em Nilópolis, continuaram na mascateação ainda durante um certo tempo. Isto é o que nos conta um descendente dos primeiros libaneses da localidade, o qual não vivenciou as experiências que relata, mas a partir da memória transmitida pelo pai tenta recuperar o que teria sido a trajetória típica do mascate:

[...] Meu pai veio novo, casando com a primeira esposa dele, aos 16, 17 anos. Ele veio de navio, e naquele tempo gastava uns dois meses pra vir. Chegou aqui, já encontrou conterrâneos, patrícios. Naquele tempo, eles trabalhavam como mascate, carregando mercadoria nas costas, e vendendo iam até Ricardo, Anchieta... Aí, um foi ajudando o outro... . [...] O trabalho era duro, porque ia de manhã até de noite, comendo pão, água e banana, e trabalhando muito mesmo... [...] O maior ensinamento que meu pai deixou para mim foi que ele era um cara sem medo, trabalhador. Não tinha estudo, mas construiu um império, conseguiu comprar bastante coisa, sendo analfabeto, o que muitas vezes pessoas formadas levam anos e não conseguem comprar.⁸⁵

⁸⁴ A maior parte das informações gerais que serão apresentadas nesta dissertação sobre a história da imigração sírio-libanesa para o Brasil provém do artigo de **Gattaz**, André Castanheira. “Líbano uno e diverso: as múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil”. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral, vol 10, n.1, Rio de Janeiro, jan-dez, 2006: 43-61. p. 45.

⁸⁵ Entrevista concedida ao autor a 27 de abr. de 2009.

A vinda do pai de Emad não resultou de uma simples escolha, já que teria se sentido pressionado a migrar em razão das difíceis condições de vida no Líbano, conforme me esclareceu num dado momento da entrevista. Os contatos com conterrâneos já estabelecidos no país viabilizando a transferência foi uma prática comum da colônia libanesa no Brasil, assim como a colaboração na gestão dos negócios no ramo do comércio, fosse através da indicação de fornecedores de mercadorias ou até mesmo com o empréstimo de capital para ingressar na mascateação⁸⁶. Portanto, o ofício de mascate deve ser visto como uma atividade com a qual se tinha contato a partir da chegada ao Brasil. Emad me explicou que a região do Líbano de onde vieram as primeiras famílias imigrantes seria uma região rural pobre, onde as pessoas, há pouco tempo, continuavam se dedicando ao cultivo de uvas e azeitonas.

De acordo com Gattaz, até a década de 1950 o passo inicial dado pelos imigrantes sírio-libaneses chegados ao Brasil em busca de sua sustentação foi realmente o ofício de mascate, que serviu como trampolim para a conquista de prosperidade. Segundo o autor:

“A mascateação tinha as vantagens imediatas de dispensar qualquer habilidade ou soma significativa de recursos, não exigir mais do que o conhecimento rudimentar da língua portuguesa, e possibilitar acumulação de capital em função exclusiva do esforço individual”.⁸⁷

O acúmulo de capital através da mascateação viabilizou para a maioria dos imigrantes libaneses de Nilópolis o estabelecimento no comércio com a abertura de lojas, e a partir disso foram crescendo e conseguindo reinvestir seu capital na compra de imóveis para locação. Até hoje seus descendentes são proprietários de imóveis na avenida Mirandela, onde se concentra o comércio da cidade.

Com base no estudo que realizou, Gattaz sustenta a importância do mascate para a definição da imagem que brasileiros fazem dos sírio-libaneses. Para o autor, esse ofício teria se firmado no imaginário popular como o estereótipo do imigrante desse grupo, e assim, a imagem do “turco” apareceria ao mesmo tempo vinculada a atributos positivos e negativos.

No relato de Emad, notamos apenas afirmação de atributos positivos associados à identidade social do mascate, como por exemplo, a *coragem* para enfrentar as dificuldades, a valorização do *trabalho* pela dedicação a uma atividade digna mesmo não sendo prestigiada, pelo fato de não exigir formação educacional considerável.

⁸⁶ Gattaz, op. cit., p. 45.

⁸⁷ idem, p. 44.

Quanto à apreciação negativa, tive referência indireta a partir da fala da esposa de Emad, a “brasileira” Marisa, que também tomou parte na entrevista. Ela se manifestava sobre a questão contestando uma certa imagem do “turco” que se difundiu na sociedade brasileira:

Olha, vou te falar uma coisa: essa força que eles têm! São pessoas muito fortes que, quando você conhece, não tem como não lembrar para a vida toda. [...] É um povo que faz por merecer; eu aprendi isso. E outra coisa que vale ser dita é que muita gente diz que turco é trapaceiro, e isso aí não procede, não. Os turcos de verdade mesmo, os que eu conheci, são exemplos, são pessoas corretíssimas; essa coisa de ser trapaceiro não procede mesmo.

Até hoje é comum entre os nilopolitanos a confusão semântica acerca da origem dessas famílias, cujos membros são, de maneira equivocada, denominados “turcos”. Gattaz observa que essa confusão se encontra disseminada no conjunto da sociedade brasileira, em virtude do desconhecimento quase que geral quanto à história do Oriente Próximo e à cultura árabe⁸⁸. O mal entendido teria relação com o fato do desmembramento do Império Turco-Otomano após a Primeira Guerra Mundial – o que possibilitou a independência do Líbano depois de séculos sob domínio turco – não ter sido assimilado pelos nilopolitanos, posto que havia sido cristalizada a ideia da origem “turca” dos imigrantes.

E considerando que a apreciação nacional do imigrante árabe até os anos 1930 teria sido em geral mais negativa do que positiva, o referido autor apresenta o raciocínio:

Em resposta a essa idéia que se formava na sociedade brasileira sobre os *turcos*, a colônia sírio-libanesa desenvolveu uma estratégia que envolvia não a anulação, mas a *aceitação da identidade que lhe era atribuída pelos nacionais*, agora transformada e recoberta com vernizes positivos...⁸⁹

No caso do conjunto de famílias libanesas de Nilópolis, acreditamos que foi a experiência como mascates o elemento central para construção de sua identidade. A memória dessa experiência foi incorporada pelos descendentes que nem vivenciaram tal passado e estes a compartilharam com aqueles que passaram a fazer parte de seu convívio através da união matrimonial ou da amizade. No caso da esposa do descendente colaborador desta pesquisa, fica claro como ela aderiu ao universo de valores das famílias libanesas, até por uma questão de aceitação, já que não pertencia ao mesmo grupo étnico. A primeira intervenção da senhora na conversa que, a princípio, estava acontecendo com o marido, foi na verdade com a longa

⁸⁸ idem, p. 43.

⁸⁹ idem, p. 49.

fala que veremos a seguir, na qual ela diz que teria aprendido a respeito da trajetória dos primeiros libaneses em Nilópolis:

Na verdade, era uma irmandade, eles eram como se fossem irmãos. O vínculo de amizade é muito, muito forte! A impressão que nós temos é que, entre patrícios, entre os libaneses, o vínculo de amizade que os une é muito maior do que os nossos aqui, de sangue. A gente convivendo tem a nítida impressão, você vive aquilo, uma amizade muito forte! Todo laço que nasce na dor... Eles vieram juntos, com o propósito de vir pra cá, pra Nilópolis. Chegando aqui, não encontraram nada, mas desse vazio nasceu Nilópolis! Basicamente, da força dessas mãos, eu posso te dizer. Essa força é que fez eles virem para cá, é uma coisa que se nós tivéssemos, ou se existissem mais pessoas com esse espírito, nós faríamos muitas coisas acontecerem. O meu sogro sempre contava que, quando ele chegou aqui em Nilópolis, não tinha nada. Ele colocava nas costas um monte de pano para vender, porque ele era mascate. [...] Eles não eram muito abertos a amizades, era um círculo meio fechado. Eles vivem muito entre si, aí os que vão nascendo vão ficando entre si, não é uma sociedade muito aberta. Até porque eles têm uma maneira toda sua de vida que nós, brasileiros, não temos. Uma educação diferente da nossa, voltada pra alimentação, pro estilo de vida, é muito diferente da nossa. É diferente de nós nos adaptarmos, entendeu? E por isso, creio eu, essa sociedade não seja aberta, seja uma coisa mais fechada entre eles. Porque você me perguntou: “Por que você acha que eles são assim tão fechados entre si?” Os ritos, tudo é muito entre eles. Porque se fosse abrir, veja bem, nós estamos conversando aqui, nós três, algo que nós três conhecemos; se uma quarta pessoa chegar, que não conheça muito do que nós estamos falando, fica complicado começarmos tudo de novo. A pessoa pega no meio do caminho, entendeu? É adaptação, você entendeu? Creio eu que por isso eles eram tão fechados entre si.

A constituição de um pequeno núcleo de indivíduos originários da mesma região do Líbano e seguidores da doutrina cristã ortodoxa contribuiu para que a “família” se tornasse, na verdade, o principal espaço de socialização onde os imigrantes conseguiam compartilhar suas tradições e transmiti-las em certa medida aos filhos. Nesse sentido, eram importantes as celebrações de aniversários, festas de casamento, e o convívio cotidiano, especialmente a partir do momento que se estabeleceram com suas lojas localizadas praticamente uma ao lado da outra, na altura da avenida Mirandela, próximo da estação de trens. O pai de Emad contava a ele que um dos costumes dos “patrícios” era fazer as refeições um na casa do outro, numa lógica recíproca de confraternização.

A partir do relato de Marisa, verificamos aquilo que Gattaz assinala como sendo um dos fatores da ascensão social da colônia libanesa no Brasil, “a manutenção da célula familiar como modo de compreender e organizar a vida”⁹⁰. Entretanto, a noção de “família” que aparece associada ao universo dos imigrantes libaneses de Nilópolis seria uma construção resultante da experiência de vida comum dos patriarcas – laços nascidos na dor, como fala Marisa – e não necessariamente da existência de laços de sangue entre eles.

⁹⁰ idem, p. 45.

Pierre Bourdieu tem uma reflexão primorosa acerca do fato da *família* aparecer como a mais natural das categorias sociais:

[...] se ela é destinada por este fato a fornecer o **modelo de todos os corpos sociais**, é que a categoria do familiar funciona, nos *habitus*, como esquema classificatório e princípio do mundo social e da família com o corpo social particular, que se adquire no seio mesmo da família como ficção social realizada. A família é, com efeito, o produto de um verdadeiro *trabalho de instituição*, ao mesmo tempo ritual e técnico, visando instituir de forma durável em cada um dos membros de uma unidade instituída sentimentos próprios a assegurar a *integração* que é a condição da existência e da persistência desta unidade. Os ritos de instituição (palavra que vem de *stare*, manter-se, ser estável) visam constituir a família em uma entidade unida, integrada, unitária, portanto estável, constante, indiferente às flutuações dos sentimentos individuais. E estes atos inaugurais de criação (imposição do ‘nome de família’, casamento, etc.) encontram seu prolongamento lógico nos inumeráveis atos de reafirmação e de reforço visando produzir, por um tipo de criação continuada, as *afeições obrigadas* e as *obrigações afetivas do sentimento familiar* (amor conjugal, amor paternal e maternal, amor filial, amor fraternal, etc.)⁹¹

A memória da unidade das famílias libanesas de Nilópolis contém elementos que lhe conferem a força e a distinção de uma criação mítica⁹², algo que foi construído e transmitido entre os descendentes através de um *trabalho de instituição*, como sustenta Bourdieu. Destacamos alguns desses elementos da fala de Marisa, quando ela diz: “Eles vieram juntos, com o propósito de vir pra cá, pra Nilópolis. Chegando aqui, não encontraram nada, mas desse vazio nasceu Nilópolis! Basicamente, da força dessas mãos [...]”.

Com base em Gattaz, podemos dizer que essa construção mítica corresponderia a um processo mais amplo que envolveu tanto a criação do chamado *mito do mascate* quanto o esforço para manutenção das identidades regionais e religiosas dos diferentes grupos que chegaram ao Brasil⁹³. Todavia, algumas razões quanto à dificuldade das famílias vindas para Nilópolis em manter firmes suas tradições culturais ajudam a esclarecer a centralidade do referido mito e da ideia de família na definição da imagem do grupo na localidade.

Os primeiros a chegar frequentavam uma igreja ortodoxa do Centro do Rio, já que em Nilópolis não havia um templo religioso dessa natureza. E também nunca houve um clube, ou associação, exclusivo da comunidade libanesa onde os jovens pudessem interagir, tanto que a

⁹¹ Bourdieu, P. *Raisons pratiques – sur la théorie de l’action*. Trad. Marcos Alvito. Paris: Seuil, 1994. p. 139

⁹² Tomamos aqui a noção de *mito* a partir da definição proposta por Alessandro Portelli ao analisar os episódios relativos ao massacre nazista ocorrido na cidade de Civitella Val Di Chiana: “[...] um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura”. Portelli, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum”. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998 p.121,122

⁹³ Gattaz, op. cit., p. 44

primeira geração de descendentes nascidos no Brasil acabou buscando espaços de integração à sociedade através da atividade religiosa na igreja católica, e isto mais no caso das mulheres, enquanto que os homens se envolveram com associações esportivas e carnavalescas.

Num primeiro momento, os patriarcas procuraram manter elementos de uma identidade libanesa, entretanto, na geração de filhos nascidos no Brasil surgiram conflitos relativos à decisão sobre manter valores tradicionais diante da necessidade de integração à sociedade local para concretizarem sua ascensão sócio-econômica.

O *mito do mascate* ganha consistência por ser um discurso que supervaloriza certos aspectos positivos associados à mobilidade social dos imigrantes libaneses, podendo comportar contradições. A força do mito reside em sua capacidade de despertar sentimentos nas pessoas, em fazê-las até repensar as suas próprias trajetórias, e o mais importante é que o fato de uma pessoa ter afinidade com algumas das famílias não significa que seu relato seja simples confirmação de um certo discurso dominante. As falas revelam contradições que nos mostram que a partir da subjetividade dos entrevistados podemos compreender como que os atores constituem arranjos específicos para lidar com a existência de diferentes pontos de vista acerca da inserção das famílias na localidade.

Apresenta-se com força a ideia de que os “turcos” têm o domínio sobre tudo na cidade no que diz respeito a negócios e atividades no campo da política. Como vimos pelas considerações do capítulo anterior, essa visão tem sua razão de ser, e ainda ganha expressão nos termos de uma apreciação que recupera valores negativos associados ao estereótipo do imigrante sírio-libanês constituídos no conjunto mais amplo da sociedade brasileira. Assim, o “turco” seria o estrangeiro ganancioso, disposto a conquistar sua prosperidade por meio da trapaça nas transações econômicas.

Contudo, o chamado *mito do mascate* foi de tal forma abraçado no universo das famílias Sessim e Abraão que, especialmente entre pessoas que conviveram com as famílias libanesas nos primeiros anos de suas vidas em Nilópolis, existem aqueles que saem em defesa da versão da história familiar apresentada publicamente pelos principais membros do grupo. Laura, uma antiga componente da Escola de Samba Beija-Flor que tem até hoje vínculos muito estreitos com as famílias, sustenta que a ascensão tanto dos Abraão quanto dos Sessim estaria associada a um passado de superação de dificuldades:

[...] O povo tem a mania de dizer: “Os turcos... Os turcos...” Mas eles não são turcos, eles são libaneses e os filhos brasileiros. Tanto seu Abrão como dona Júlia, que são os pais do Anísio, eles eram comerciantes. Como até o Farid mesmo não deixou de falar, quando tomou posse da Prefeitura, que o pai dele era um vendedor de maletinha. Porque quando eles vieram para o Brasil, eles não

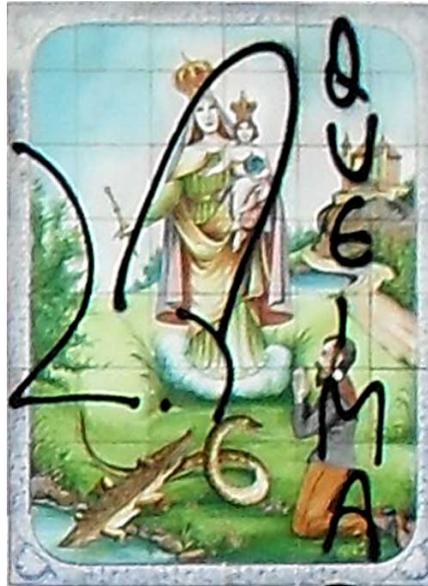
montaram logo a loja. Eles vieram batendo de porta em porta. E à medida que foi passando, foi crescendo. Porque todo imigrante quando vem pro Brasil ele vai procurar também a estabilidade dele! E assim foi. Eles foram possuindo as coisas. Anísio, Farid, todos eles. A família Abraão, a família Abdala, a família David, que é do doutor Jorge David e do Simão, todos eles tiveram uma vida sacrificada, não nasceram no luxo. Os pais ensinaram a eles a pobreza, a riqueza, e cada um foi se criando. Hoje eles têm o que têm, mas eles já passaram por necessidades apertadas também. Não nasceram na riqueza. Jorge David, Simão, Jacozinho, todos fizeram faculdade, fizeram tudo! Mas foi uma luta pro pai deles, não era mole! Inclusive, aquela área no limite lá na esquina da Mirandela com a Getúlio de Moura, ali era o bar que o pai do Jorge David tinha. Dali eles foram crescendo, crescendo; foram criando, adquirindo os bens deles. O que eles têm hoje foi na base do sacrifício. É porque todo mundo reclama... Aquela coisa: não há o bom nem o ruim sem defeito, porque todos têm defeitos.⁹⁴

A forma como a comunidade local se refere ao conjunto das famílias de origem libanesa que se estabeleceram em Nilópolis resulta realmente da grande confusão semântica que explicamos anteriormente. No entanto, o que a fala de Laura está indicando é o fato dessa classificação se basear num estereótipo que envolve tanto elementos positivos quanto negativos e que, assim, pode induzir as pessoas a retirarem o mérito que os indivíduos do grupo estrangeiro tiveram para a conquista de sua ascensão social.

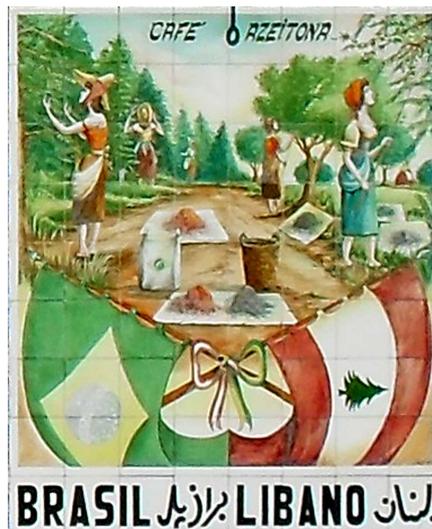


Antiga residência da família Sessim na esquina da avenida Mirandela com Getúlio de Moura, de frente para a escadaria da estação de trens de Nilópolis.

⁹⁴ Entrevista concedida ao autor a 19 de set. de 2005.



Nossa Senhora do Líbano



União Brasil e Líbano

A cerimônia de posse do Prefeito Farid Abraão como ocasião para que ele lembrasse em seu discurso o passado dos pais como mascates mostra que essa memória se consolidou no universo das famílias Abraão e Sessim. Em se tratando de “discurso político”, de imediato supomos a invenção de uma história trabalhada cuidadosamente para fazer a apresentação pública somente daqueles elementos que interessam ao grupo político dominante no sentido de conferir legitimidade ao poder que seus líderes exercem, tudo isso através de uma estratégia de manipulação que visa esconder o envolvimento de membros da família com atividades ilícitas e, assim, apagar a imagem negativa que recai sobre o grupo por sua atuação política desprestigiada diante do olhar de setores da sociedade local.

No entanto, se faz necessário analisar porque os elementos do *mito do mascate* têm significado para certas pessoas no âmbito dessa sociedade. Quando Laura se reporta ao discurso de posse proferido pelo Prefeito em 2005, ela está querendo dizer que as famílias libanesas enfrentaram um começo de vida marcado por dificuldades socioeconômicas – “não nasceram no luxo” – assim como teria sido para maioria das famílias nilopolitanas na época, mas que conseguiram superá-lo numa ascensão conquistada passo a passo, orientada pela persistência do mascate na dedicação ao trabalho e também no esforço para oferecer educação aos filhos, e tendo a organização familiar como base de tudo isso.

A ligação das famílias libanesas com o comércio é de fato a principal referência para os antigos moradores de Nilópolis que têm recordações sobre elas. Como contava o filho de um farmacêutico da época cuja loja era vizinha a de libaneses:

Meu pai foi farmacêutico aqui dentro de Nilópolis. Não tinha médico na época, meu pai era o médico de Nilópolis! Era o “seu” Francisco da farmácia. Todo mundo o conhecia. A farmácia ficava entre o armarinho do pai do Anísio e o armarinho do Zezinho, que era outro turco cria de Nilópolis. Éramos um colado no outro. Minha mãe se dava muito com eles. Antigamente o tempo era bom, um ajudava o outro e o acesso era livre. A casa ficava aberta! Um entrava na casa do outro e comia na cozinha. Você sabe, o tempo era bom, era fácil de viver. [...] Com isso, meu pai conheceu toda a turcalhada. Todo mundo era conhecido! Qualquer dúvida, qualquer doença, procuravam meu pai, ficou assim até eles começarem a se formar. O Jorge David, antes de se formar como médico, deu consulta na farmácia do meu pai e dali partiu. [...] E a gente corria de um lado pra outro. Um tomando conta da filharada dos outros. [...] E assim se levava a vida, o que um comia o outro comia. Nunca ninguém ficou sem comer nada, porque um dava pro outro. [...] Foram criados comigo, todos eles! Éramos vizinhos de porta.⁹⁵

A vida de comerciantes marcou a trajetória da primeira geração de descendentes libaneses nascidos no Brasil. Seu espaço de moradia coincidia com o espaço de trabalho, era comum que os comerciantes residissem no sobrado ou nos fundos de seus estabelecimentos, o que propiciava forte integração entre trabalho e vida doméstica. E o fato de cada loja estar localizada ao lado da loja do patrício propiciava a convivência no sentido da socialização e manutenção de tradições regionais libanesas, envolvendo a própria família e a parentela.

O relato de Cícero, o filho de “seu” Francisco, constrói uma visão acerca do passado das famílias libanesas que nos leva a pensar que a ascensão das mesmas não está exclusivamente relacionada ao esforço individual de seus membros, mas se deve também à integração que precisaram cultivar na sociedade local. Independente do ramo de comércio em que atuavam os vizinhos, e até mesmo de sua nacionalidade, era fundamental que essa proximidade fosse revertida em colaboração mútua sob vários aspectos: no zelo pela

⁹⁵ Entrevista concedida ao autor a 14 set. de 2005.

segurança dos estabelecimentos, no cuidado de uns com as crianças dos outros, no apoio ao filho do vizinho que estava dando os primeiros passos na carreira profissional.

Como filho mais velho da primeira geração dos Sessim, Jorge David foi o primeiro dos irmãos a cursar o ensino superior, e outros deles seguiram a mesma carreira profissional, sendo Simão Sessim o único a se tornar professor e advogado. As filhas, todavia, não tiveram o mesmo incentivo para os estudos conforme foi oferecido para os homens.

Gattaz considera que o investimento em educação e a conseqüente penetração no mercado de profissões liberais constituíram um segundo passo da colônia libanesa no Brasil na busca de sua ascensão social⁹⁶. Na verdade, entre as primeiras famílias libanesas de Nilópolis, esse passo foi dado apenas pelos Sessim – “foi uma luta para o pai deles”, dizia Laura – e permitiu que pudessem desfrutar de uma melhor apreciação social entre a elite local já no final dos anos 50. Nessa época, o doutor Jorge David ganhou destaque ao assumir a direção do recém inaugurado Hospital Municipal⁹⁷, e poucos anos depois se tornou o primeiro membro das famílias a ingressar na carreira política.

O fato da primeira geração de descendentes das demais famílias não ter seguido o mesmo caminho dos Sessim pode ser explicado pela falta de recursos financeiros, até porque todos tinham um grande número de filhos. O próprio Anísio Abraão, em relatos atribuídos a ele e publicados nos materiais de imprensa da Beija-Flor, costuma lembrar a falta de condições que teria dificultado sua educação e a dos irmãos:

Éramos de uma família muito pobre. Minha mãe, Júlia, e meu pai, Abrão, vieram do Líbano sem nada e, além disso, eram analfabetos. E foi nessa condição que chegaram ao Brasil. Por causa dessas limitações, tiveram que lutar muito para criar seus filhos. Uma imagem que tenho do meu pai é a de um homem batalhador, lembro-me dele puxando um burro com umas malas em cima para vender suas mercadorias – um metro de fita, um metro de linha, três botões. Chegava em casa cansado e só podia dormir. Ele não teve condições de dar muito do seu tempo para nós. Mesmo assim, junto com minha mãe, foi um baluarte em nossas vidas... e na vida de Nilópolis também.⁹⁸

Contudo, havia uma pressão por parte dos pais para que os membros dessa primeira geração de descendentes seguissem no ramo comercial. Emad conta que, mesmo tendo seu pai prosperado bastante nos negócios, este não acreditava que o custo da educação dos filhos fosse algo compensador. Os irmãos mais velhos dele não tiveram incentivos para estudar e

⁹⁶ Gattaz, op. cit., p. 46.

⁹⁷ Freitas, op. cit., p. 24.

⁹⁸ 70 anos de um guerreiro. *Revista Beija-Flor – uma escola de vida*. Ed. Fevereiro de 2004. p. 77.

precisaram aceitar a vida de comerciante, como que uma imposição do pai, que aí sim lhes ofereceu contribuições para o início nos respectivos negócios.

Não só pela localização privilegiada na área central de Nilópolis, mas, sobretudo, porque ofereciam serviços básicos para a população local, os estabelecimentos comerciais das referidas famílias se constituíam como pontos de um núcleo de sociabilidade que envolvia os moradores do entorno da avenida Mirandela residentes mais ou menos próximos da estação de trens até uma certa altura para o interior da localidade através da mesma avenida.

A imagem do comerciante bem sucedido que Cícero atribuía com orgulho a seu pai – “era o médico de Nilópolis”, “todo mundo o conhecia” – se fundamenta na ideia do vendedor atencioso, capaz de aconselhar seus clientes na solução de problemas cotidianos e, com isso, estabelecer com eles uma relação personalizada que vai além do puro negócio econômico. Ser um comerciante “conhecido dentro da cidade”, “cria de Nilópolis”, significava estar bem adaptado a um padrão específico de sociabilidade, e que considero semelhante àquele definido por José Guilherme Magnani a respeito do tipo de convivência que prevalecia em determinados lugares da periferia de São Paulo: “aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”.⁹⁹

O patriarca da família Sessim era dono de um bar na esquina da avenida Mirandela com a rua que beirava a linha férrea, e na sua vizinhança ficavam os armarinhos de Abrão e de outros dois patrícios. Como se sabe, um bar é sempre um espaço de encontros para as pessoas que moram no lugar, e onde costumam passar para conversar com os amigos após o trabalho e nos fins de semana, para saber das últimas notícias da vizinhança, sobre oportunidades de serviço, e para o lazer com as conversas sobre futebol e demais assuntos cotidianos.

Em relação aos armarinhos, se pensarmos que até os anos 80 eram poucas as lojas de roupas em Nilópolis, podemos imaginar o quanto aquele ramo de comércio, juntamente com a venda de tecidos, era fundamental na localidade. E como assinalamos que o sucesso do comerciante dependia muito do modo como se relacionava com as pessoas do lugar, a prioridade na prestação de serviços de qualidade não poderia dispensar a capacidade de se adaptar a certos códigos de convivência. Por exemplo, em cidades pequenas é comum que os comerciantes sejam solicitados a colaborar com a organização de festas religiosas e com

⁹⁹ Magnani, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª. Ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003. p. 116.

demais atividades comunitárias, e isto fazia parte do cotidiano da família Abraão, como recorda Maria, uma antiga componente da Beija-Flor que foi doméstica da família na época em que possuíam o armarinho no centro de Nilópolis:

[...] A mãe do Néelson me ajudava muito, dava uma porção de paetês. Antigamente eram aqueles saquinhos e tinha que coser um por um, não tinha nada com cola, hoje em dia é tudo com cola. Antigamente era tudo na agulha! Então, a Dona Júlia ajudava muito, ela era Beija-Flor doente! Eu ajudei a criar os filhos dela: Farid, Néelson, Miguel, Anísio passaram por essas mãos. [...] Dona Júlia não era de sair [desfilar], não, era só de ajudar. Se eu dizia que não tinha pano para fazer a capa de porta-bandeira, ela me dizia: “Vá ali, e se tiver, deixe que quando Abrão sair eu tiro o pano pra você. Quantos metros?” Mas ficava sempre enrolando para me dar... Aí eu vinha pra tinturaria trabalhar; já tinha feito o serviço dela lá, que era lavar roupas, fazer as coisas lá. Trabalhava na casa dela e trabalhava na tinturaria do filho. Aí eu vinha, e quando ia embora para minha casa, ela dizia: “Toma, leva isso aqui pra você”. Às vezes o seu Abrão estava perto, e assim perguntava: “Que é isso que você está dando pra ela?”. Ela dizia: “Ah! São umas roupas velhas que eu estou dando”. Ela já estava me dando o pano! E assim a gente foi vivendo, foi vivendo, Beija-Flor cresceu. [...]¹⁰⁰

Vimos anteriormente que a figura materna se destaca na memória da família Abraão como a responsável pela transmissão do sentimento de doação que justificaria as diversas ações dos descendentes em Nilópolis. Era “dona” Júlia quem tinha mais proximidade com os filhos por conta da absorção do tempo do marido pelo trabalho, no entanto, o relato indica que ela foi atuante também no comércio através do atendimento no armarinho.

Todavia, na visão de Maria, a disposição generosa de “dona” Júlia não seria tão incondicional – totalmente espontânea. Primeiro, porque a matriarca precisava lidar com a postura mais rígida do marido Abrão nesse sentido, e se mostrava, sobretudo, adaptada ao costume dos pedidos de colaboração para a realização de atividades comunitárias. Quando a entrevistada diz que Júlia “enrolava”, isto sugere a habilidade de comerciante em “administrar” constantes pedidos de “ajuda” por parte de organizadores de festividades ou líderes de associações recreativas – basta pensar nas respostas comuns nessas situações: “Agora não posso ajudar. Passa aqui outro dia!”; “Não tenho dinheiro, mas posso contribuir doando tal coisa...”.

E um outro traço importante da figura de “dona” Júlia diria respeito a sua capacidade em estabelecer um relacionamento flexível com os empregados da família. Por mais que Maria estivesse inserida no seio da família numa condição de subordinação, ela nos leva a entender que os patrões depositavam confiança em sua pessoa, já que teriam lhe conferido um papel de responsabilidade na criação dos filhos. Isto consagra laços de parentesco simbólico,

¹⁰⁰ Entrevista concedida ao autor a 15 de out. de 2005.

algo do que as pessoas que conviveram de maneira mais próxima com os Abraão e os Sessim se sentem bastante orgulhosos.

A comparação de versões acerca da doação como traço de uma tradição da família Abraão David mostra uma série de ambiguidades. A disposição de “ajudar” não necessariamente aparece como atributo do conjunto dos descendentes libaneses e nem mesmo de todos os membros da referida família. Entre os representantes das famílias libanesas de Nilópolis se percebe a força dessa memória, mas, associada ao momento de prosperidade conquistado pelas famílias, e não como algo cultivado desde os primeiros momentos de sua chegada. Portanto, precisamos notar as nuances da tradição familiar, e como pode abrir um campo de possibilidades para pensarmos que nem todos os personagens representativos do grupo conseguiram “encarnar” esse conjunto de valores. Referindo-se à disposição generosa associada à família Abraão David, a esposa de Emad faz as seguintes considerações:

Isso, aqui em Nilópolis, nasce da própria posição de ser mesmo... Como é que vou te falar? De uma forma grotesca: donos de Nilópolis! Não... Donos, não. Isso é muito feio. Mas de ter necessidade de ajudar um povo que foi afável, que os recebeu de braços abertos. [...] A gratidão de doar, de dar, de fazer, da caridade, é mesmo de ajudar um povo que abraçou a causa deles. Eles chegaram aqui e investiram, mas o povo abraçou. E isso não existe entre todo libanês, não. Existe entre eles mesmos, com outro não! Pede dinheiro a turco emprestado, você nunca vai arrumar! Agora, entre eles, eles emprestam. Mas essa coisa de se doar a Nilópolis é mesmo por uma cidade que os recebeu.

A fala coloca duas formas possíveis de se conceber a relação de doação estabelecida pela família Abraão David com pessoas de Nilópolis. Quase que sem querer, a entrevistada menciona que a “ajuda” prestada ao “povo” seria uma obrigação por conta da posição de poder ocupada pela família e seus simpatizantes. E também sem descartar completamente uma certa obrigatoriedade, mas, segundo Marisa, havendo o prevaecimento do caráter voluntário, teríamos a atitude de “ajudar o povo” como um reconhecimento, uma ação que demonstra a gratidão pela aceitação (receptividade do povo) dos imigrantes na comunidade local, onde encontraram condições para sua sobrevivência e conquista de sua prosperidade. Contudo, segundo Marisa, nem todos os descendentes libaneses seriam reconhecedores dessa gratidão para com o “povo de Nilópolis”, quer dizer, não seriam sensíveis a sua situação de carência.

A partir desse relato verificamos como o *mito do mascate* se tornou central na construção da identidade dos imigrantes libaneses de Nilópolis, e que ainda foi reforçado com a incorporação de um elemento que lhe confere aquilo que Alessandro Portelli considera uma

função clássica do mito: a capacidade de reconciliação de opostos.¹⁰¹ No caso em questão, a disposição de “ajudar” reconcilia os estrangeiros – “turcos” – com os nacionais na medida em que os primeiros assumiram, na realidade, uma posição de domínio na localidade.

Assim, a *generosidade* associada às figuras de Anísio e Nélon seria uma herança materna ou uma disposição adquirida porque ingressaram no universo do jogo do bicho?

Em primeiro lugar, convém assinalar que são raras vezes em que um entrevistado faz em sua fala associação explícita dos referidos personagens com o jogo do bicho, embora essa relação seja sugerida, como se vê no relato de Laura:

Eles procuram fazer tudo o que podem. Como o Nélon, irmão do Anísio, fez muitas coisas pra muita gente. É uma pessoa que o povo nilopolitano não esquece, aquele que está muito na memória! É a mesma coisa, no dia que o Anísio tiver que fazer a passagem dele também vai ser uma pessoa que ninguém vai esquecer. Tem os defeitos deles? Têm. Que não tem ninguém que não tenha defeitos. Mas eles são bondosos, porque o que fazem por muita gente nilopolitana e não nilopolitana! Têm a parte de creche, aluguéis, cesta básica. [...] Então, tem as pessoas que gostam e as pessoas que não gostam.¹⁰²

Que todas as pessoas têm defeitos, sobre isto realmente não há dúvida. Agora, qual a razão de se exaltar a principal qualidade atribuída aos personagens – “são bondosos, fazem muito pelas pessoas” – afirmando que suas atitudes são dignas de ficar na memória do povo nilopolitano, e não se fazer qualquer questionamento acerca das possíveis motivações que o levam a agir dessa forma, já que existiriam pessoas que desaprovam o tipo de relação que estabelecem com aqueles a quem concedem seus dons?

Da forma como certos atores sociais inseridos no universo das famílias Abraão e Sessim relatam a experiência do dom, podemos atestar aquilo que Pierre Bourdieu assinala como sendo o caráter primordial de tal experiência, sua ambiguidade. Para este autor:

[...] de um lado, essa experiência é (ou pretende ser) vivida como rejeição do interesse, do cálculo egoísta, como exaltação da generosidade, do dom gratuito e sem retribuição; de outro, nunca exclui completamente a consciência da lógica da troca, nem mesmo a confissão de pulsões recalçadas ou, por *éclairs*, a denúncia de uma outra verdade, denegada, da troca generosa, seu caráter custoso (“o presente é uma infelicidade”).¹⁰³

Nesse sentido, outro aspecto importante relativo ao dom constatado no universo das famílias Abraão e Sessim configura aquilo que Bourdieu define como sendo uma *self deception* (uma mentira para si mesmo) individual e coletiva, o que segundo o autor assegura

¹⁰¹ Portelli, op. cit., p. 121.

¹⁰² Entrevista concedida ao autor a 19 set. de 2005.

¹⁰³ Bourdieu, Pierre. “Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom”. In: *Mana* 2(2): 7-20, 1996. p. 7.

a “coexistência do conhecimento e do desconhecimento da lógica da troca”. E para que fique clara a problemática com a qual estamos lidando, vamos lançar aqui algumas indagações. Será que as pessoas desconhecem completamente o envolvimento de Anísio Abraão com a contravenção ou entendem que uma suposta ligação da parte dele com negócios dessa natureza não daria qualquer razão para suas ações generosas? Além disso, será que o trabalho institucional voltado para a exaltação das obras assistenciais promovidas pelo patrono da Escola de Samba Beija-Flor faz realmente com que as pessoas esqueçam qualquer envolvimento do mesmo com negócios ilícitos?

Toda essa problemática pode ser explicada a partir das considerações feitas pelo próprio Bourdieu através da afirmação de que a *self deception* individual só é possível pelo fato de estar sustentada pela *self deception* coletiva:

... o dom é um desses atos sociais cuja lógica não pode se tornar *common knowledge*, como dizem os economistas (uma informação é considerada *common knowledge* se todos sabem que todos sabem... que todos a possuem); ou, mais exatamente, é um *common knowledge* que não pode ser tornado público, um segredo de polichinelo, que não pode ser tornado *public knowledge*, verdade oficial proclamada...¹⁰⁴

A situação é que a *generosidade* dos banqueiros do jogo do bicho não se explica como uma atitude completamente voluntária, assim como não se justifica pela lógica do puro interesse em fazer doações em busca de aceitação social. No caso de Néelson e Anísio, se faz necessário considerar o fato de terem sido filhos de comerciantes bem estabelecidos na localidade, jovens adaptados ao tipo de convivência do lugar em termos de colaboração entre parentes e vizinhos, no trato com as pessoas “do povo” e, além disso, capacitados para com a administração de recursos financeiros. Como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, eles dois tiveram uma integração maior aos setores populares da sociedade local do que os demais descendentes libaneses da mesma geração, e isto contribuiu para que construíssem uma posição de legitimidade na operação do jogo do bicho, ou seja, pelo fato de serem “conhecidos”, enraizados no município. Desse modo, entendemos que a disposição generosa associada às figuras de Néelson e Anísio deva ser pensada como algo que adquiriram através da vivência em universos em que tais disposições eram esperadas, reconhecidas e recompensadas, conforme explica Bourdieu:

Se os agentes sociais podem, ao mesmo tempo, aparecer como enganadores e enganados, se parecem enganar os outros e enganar a si mesmos quanto às suas

¹⁰⁴ idem, p. 8.

“intenções” (generosas), é porque seu embuste (que, em certo sentido, não engana ninguém) tem a certeza de contar com a cumplicidade tanto dos destinatários diretos de seu ato quanto dos que, como terceiros, o observam; e isso porque todos eles sempre estiveram inseridos em um universo social em que a troca de dons é *instituída* sob a forma de uma economia dos bens simbólicos. Essa economia muito especial se apóia, ao mesmo tempo, em estruturas objetivas específicas e em estruturas incorporadas, *disposições*, que essas estruturas pressupõem e produzem ao lhe oferecer suas condições de realização. Concretamente, isso significa que o dom como ato generoso só é possível para agentes sociais que adquiriram, em universos onde são esperadas, reconhecidas e recompensadas, disposições generosas adaptadas às estruturas objetivas de uma economia capaz de garantir-lhes recompensa (não apenas sob a forma de contradons) e reconhecimento, isto é, se cabe uma expressão na aparência tão redutora, um mercado. Essa economia dos bens simbólicos se apresenta, como toda economia, sob a forma de um sistema de probabilidades objetivas de lucro (positivo ou negativo) ou, para falar como Marcel Mauss, de um conjunto de “expectativas coletivas” com as quais se pode e se deve contar. Em semelhante universo, quem dá sabe que seu ato generoso tem todas as chances de ser reconhecido como tal (em vez de parecer uma ingenuidade ou um absurdo) e de obter o reconhecimento (sob forma de contradom ou de gratidão) de quem foi beneficiado, sobretudo porque todos os outros agentes que participam desse mundo e que são moldados por essa necessidade também esperam que assim seja.¹⁰⁵

A mascateação, tendo como consequência o estabelecimento no comércio local, determinou um profundo enraizamento das famílias em Nilópolis. É fundamental frisar que, sendo filhos de comerciantes bem estabelecidos na localidade, tanto os Sessim quanto os Abraão tiveram sua criação marcada pela associação dos pais com importantes pontos de referência da localidade. E mesmo que não houvesse qualquer tipo de pressão sobre os primeiros descendentes para que prosseguissem na atividade econômica dos pais, devemos pensar na incorporação de um *habitus* constituído pelo conjunto das práticas e códigos comuns no ramo do comércio, e que se manifestaram de forma mais acentuada em uns descendentes do que em outros.

2. O universo simbólico dos jogos em Nilópolis

Quando os irmãos passaram a ser reconhecidos socialmente como banqueiros do jogo do bicho, do final dos anos 60 para o início dos anos 70, o fato de serem pessoas que estavam bem inseridos no contexto social do município fazia com que sua imagem pública não fosse percebida apenas pelo aspecto da criminalidade.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que as atividades de jogo tiveram ao longo do tempo um papel muito importante na vida dos moradores de Nilópolis de todas as faixas etárias, e em especial para os indivíduos do sexo masculino. Como morador da cidade,

¹⁰⁵ idem, p. 8,9.

recordo que em minha infância nos anos 80 eram comuns que as brincadeiras masculinas de rua fossem “valendo” alguma coisa. Por exemplo, o jogo de bolas de gude só se tornava interessante se houvesse o risco de perder ou ganhar as bolinhas, assim como acontecia com as figurinhas no “bafo-bafo”. A motivação de soltar pipas – um costume muito forte no subúrbio e na Baixada até hoje – se justificava pelo prazer de “cortar” as demais que estivessem no alto. E o espírito de *rivalidade* era ainda mais acentuado nos duelos entre times formados por meninos através dos vínculos de vizinhança constituídos em suas respectivas ruas. O time perdedor geralmente ficava obrigado a pagar para os vencedores alguns refrigerantes... E também no universo do futebol, havia as disputas de futebol de botão e do popular futebol de boneco.

Entre os homens adultos, a situação era mais séria. As modalidades de jogos de apostas eram disputadas geralmente envolvendo realmente dinheiro. Até os anos 80 a sinuca era uma espécie de atração na maioria dos bares, algo que hoje em dia é bastante raro. Nesses espaços também se praticava o “carteado” e o jogo de dominós, cujas disputas podiam ganhar as praças públicas, se aí não fossem as apostas feitas em dinheiro.

Os torneios de times de várzea foram fundamentais para alimentar o gosto do nilopolitano por disputas de futebol até os anos 80, e é provável que no entorno dos muitos campinhos então existentes no município provavelmente aconteciam lances de apostas.

Em todas essas circunstâncias, o dinheiro exercia um papel secundário, pois sua função era ressaltar a afirmação de outros valores, como exemplo a *masculinidade*, a *honra*, o *prestígio*. Autores que estudaram esse tipo de fenômeno sustentam essa posição, como são os casos de Foote Whyte e Clifford Geertz, embora tenham analisado manifestações distintas e presentes em contextos sócio-culturais diferentes.¹⁰⁶

O jogo do bicho é uma modalidade diferente das anteriores pelo fato de ser uma espécie de loteria, assim, o fundamento da aposta é acertar o resultado para obtenção de um prêmio em dinheiro.¹⁰⁷ O universo simbólico da loteria zoológica não envolve a *rivalidade*, princípio central da maioria das modalidades de jogos de apostas. No entanto, isto não quer dizer que o dinheiro perca valor em termos de significado social, pois tendo uma pessoa a “felicidade de acertar no bicho” é comum que ofereça aos amigos nem que seja uma rodada

¹⁰⁶ Refiro-me à análise de Foote Whyte sobre as disputas de boliche dos rapazes de esquina e ao famoso estudo de Geertz sobre a briga de galos balinesa. Ver: **Whyte**, William Foote. *Sociedade de esquina*. Trad. De Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 e **Geertz**, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

¹⁰⁷ As informações sobre o jogo do bicho aqui apresentadas têm por base o estudo de **Da Matta**, Roberto e **Soárez**, Helena. *Águias, burros e borboletas – um estudo antropológico sobre o jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

de cerveja. E o mais interessante do sistema do jogo é a associação dos “bichos” possíveis com uma infinidade de situações cotidianas, por sua vez, ligadas de alguma forma ao universo dos sonhos. E por mais que as chances de perder sejam grandes, acontece que a pessoa lida com a motivação pelos palpites como algo que passa a fazer parte de seu cotidiano, como uma distração, um lazer. Há aqueles, como o caso de uma conhecida minha, que até dizem saber administrar sua prática de jogador, acreditam que o “banqueiro não joga para perder”, mas tomam gosto pelo jogo por ser algo que preenche seu tempo. O acesso a pontos de apostas costuma ser fácil, sendo geralmente o “apontador” alguém da localidade, “conhecido”, e que às vezes pode até “anotar o jogo” da pessoa em casa, caso esteja impossibilitada de ir ao devido local. Esse trajeto, por si só, permite a interação com os vizinhos através do comentário do resultado – já que um bom palpite, como reza a lenda do bicho, não deve ser revelado –, o que abre a oportunidade para se debater outros assuntos da vizinhança.

Existe um código a ser seguido pelos agentes que se dedicam à operação do jogo do bicho no que diz respeito ao relacionamento com os apostadores. Por ser uma atividade informal, torna-se essencial que a “banca” honre seus compromissos, que seja honesta dentro do que está estabelecido como *honestidade* nas regras do jogo, e assim o código confere ao banqueiro capital simbólico considerável. Tudo isso contribui para que a atitude comum a respeito do jogo do bicho seja pautada pela consideração de tal atividade como sendo respeitável no âmbito das atividades ilegais.

Moralmente, o jogo do bicho não está associado ao roubo e ao tráfico de drogas. Com base nisso, os banqueiros de jogo do bicho fazem questão de negar publicamente sua ligação com tais atividades. Anísio, por exemplo, fez uma declaração nesse sentido em entrevista que concedeu ao jornal *O Globo* na época do caso “Misaque-Jatobá”. Havia uma forte suspeita do caso policial estar associado à venda de drogas, um motivo a mais, na visão de Anísio, para negar qualquer envolvimento de sua parte: “[...] Desafio qualquer um da imprensa ou da polícia a provar qualquer relacionamento meu com tóxico. [...]”.¹⁰⁸

Como vimos no primeiro capítulo, os irmãos Anísio e Néelson Abraão David consolidaram seu domínio sobre o jogo do bicho nos anos 70. De meados dos anos 90 para cá, essa atividade deixou de ser a mais rentável no ramo de jogos ilegais, o que tem a ver com a entrada das máquinas de caça-níqueis.

Podemos, portanto, considerar uma atitude comum de parte significativa dos moradores de Nilópolis a aceitação do jogo do bicho e dos banqueiros, especialmente entre as

¹⁰⁸ ANÍSIO confirma: houve o almoço com policiais antes do sequestro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1981. Grande Rio, p. 4.

pessoas que tiveram uma convivência mais próxima com Anísio e Néilson nos espaços de sociabilidade que costumavam frequentar na juventude. A partir delas é que temos as recordações mais remotas sobre o envolvimento dos irmãos com o samba, lembrando que antes disso já existia a Escola de Samba Beija-Flor em Nilópolis.

3. A Beija-Flor dos anos de sacrifício

A partir das considerações sobre o contexto social em que os agentes da contravenção consolidaram sua fama de benfeitores, podemos analisar como a escola de samba constituía um universo onde estava instituída uma certa *economia do dom*.

Para tanto, contamos com uma base de informações composta, sobretudo, pela documentação oral produzida através de entrevistas com antigos componentes da Escola de Samba Beija-Flor, aos quais fui sendo apresentado através de conhecidos meus moradores de Nilópolis e também por frequentar atividades realizadas na quadra da escola.¹⁰⁹ Por exemplo: acompanhando o concurso para escolha de samba-enredo no ano de 2005 consegui me aproximar dos compositores; assistindo no mesmo ano apenas uma reunião da ala das baianas combinei a realização de entrevistas com duas delas; e a frequência a muitos ensaios no período pré-carnavalesco propiciou uma série de outros contatos.

Entre os colaboradores desta pesquisa, alguns já se encontram afastados da agremiação carnavalesca há bastante tempo, outros tiveram interrupções em suas trajetórias com períodos delimitados de afastamento. Contudo, foi possível recobrir as seis décadas de história da Beija-Flor com o conjunto de experiências desses antigos componentes.

Uma primeira observação a ser feita em relação à forma como contam suas histórias no samba tem a ver com a construção de narrativas baseadas naquela oposição que talvez seja a principal característica do fenômeno da memória. Como sustenta Michael Pollak, as preocupações do presente são elementos fundamentais na estruturação da memória, tanto na individual quanto na coletiva, e sendo assim, precisamos estar atentos para a possibilidade dos relatos sobre experiências do passado estarem sendo moldadas por situações do momento em que se encontra um determinado grupo social.¹¹⁰

A maneira como o compositor Josiel concebe uma divisão temporal na história da Beija-Flor constitui um exemplo claro dessa problemática e merece ser apresentada aqui em

¹⁰⁹ A estratégia de entrada em campo foi explicada na introdução.

¹¹⁰ Pollak, Michael. "Memória e identidade social" In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, 1992: 200-212. p. 204.

suas próprias palavras porque podemos tomá-la como representativa da visão do conjunto dos antigos componentes entrevistados no âmbito desta pesquisa:

O que interessa ao segmento moderno da escola são os anos de sucesso. Os anos do sofrimento, do sacrifício, passados até chegar na mão do desenvolvimento; nessa etapa ninguém está interessado. Ninguém está interessado nos tempos em que a Beija-Flor viveu no Segundo Grupo até chegar nos anos 70, no começo da progressão do sucesso. Isso porque é uma história de sacrifício e de pobreza, de quando se realizava os carnavais aos trancos e barrancos...¹¹¹

É fato que as conquistas obtidas pela escola de samba sob a direção dos irmãos Néelson e Anísio Abraão David nos anos 70 se tornaram referências marcantes para se pensar um “antes” e um “depois” na história da Beija-Flor. A fala de Josiel confirma isto, no entanto, manifestando uma crítica contra a construção de uma certa memória da agremiação carnavalesca em que se faz um descarte de experiências e, logicamente, do papel de personagens que teriam sido importantes num tempo de dificuldades materiais para a organização carnavalesca, especialmente no tocante à confecção dos seus desfiles.

No contexto atual, a Escola de Samba Beija-Flor vem passando por um processo de reestruturação de sua memória institucional em que se destaca o trabalho sistemático da equipe de imprensa responsável pela elaboração das publicações oficiais da agremiação carnavalesca, através das quais se faz a cobertura e a divulgação das inúmeras atividades que são desenvolvidas a partir dela, e não só daquelas diretamente relacionadas à confecção do desfile, mas também das festividades que acontecem no decorrer do ano e das realizações dos projetos assistenciais nas áreas de educação, esporte e lazer. Tudo isso expressa preocupações da atual diretoria e questões políticas de caráter mais amplo ligadas à manutenção da estrutura de poder comandada pelo presidente de honra da escola e banqueiro do jogo do bicho, Anísio Abraão David.

Conscientes de que o atual quadro dificilmente será revertido, os antigos componentes assumem como principal reivindicação a realização de iniciativas por parte da diretoria da Beija-Flor no sentido de promover o reconhecimento público de personagens e feitos importantes na trajetória da escola que hoje estão “esquecidos”. Nos termos de uma cobrança, a componente Maria costuma dizer que deveria ser feito algo semelhante ao que existe na Escola de Samba Portela, que tem na parte coberta de sua quadra de ensaios pôsteres com a imagem dos grandes sambistas que fizeram parte da escola no passado.

¹¹¹ Entrevista concedida ao autor nos dias 10, 12 e 17 de ago. de 2005.

A atual diretoria demonstra percepção do significado dessa exigência, tanto que, em 2005, quando iniciei os primeiros contatos para a realização desta pesquisa, já haviam sido lançados os primeiros projetos para produção de materiais com o objetivo de contar a história da agremiação carnavalesca, baseando-se no argumento de que era preciso resgatar e valorizar a memória dos “anônimos”. Com isso, lançou-se uma verdadeira campanha para estimular a “colaboração” dos antigos componentes com a “doação” de fotos e de outras relíquias pessoais. Por sua vez, eles fazem questão de frisar que os materiais de imprensa da Beija-Flor só cumprem o papel de exaltar os feitos da família Abraão David, e muitas vezes ainda atribuem indevidamente méritos a pessoas que nada têm a ver com o samba, o que no seu entender seria uma injustiça diante da enorme contribuição de tantos anônimos para que a Beija-Flor se sustentasse durante os tempos de dificuldade financeira.

De fato, a memória oficial promove um amplo descarte do momento que antecede o ingresso dos Abraão David na agremiação carnavalesca, só que nosso propósito ao tratarmos da primeira fase da Beija-Flor não é fazer uma espécie de resgate de personagens e acontecimentos descartados. Tomaremos a visão dos antigos componentes no que se refere a um passado difícil, porém, lembrado com orgulho em razão do tipo de convivência que se tinha, para daí argumentarmos que a marca ideológica na caracterização desse passado – a partir da valorização de princípios como a amizade, associada à confiança na honestidade das pessoas e ao respeito à palavra dada diante dos compromissos assumidos face-a-face – manifesta aquilo que Pierre Bourdieu assinala como sendo o *caráter primordial da economia do dom*, isto é, a sua ambivalência.¹¹²

A carga subjetiva expressa nas narrativas dos antigos componentes da Beija-Flor indica que até um determinado momento a experiência vivida no samba se dava com base na rejeição do interesse econômico. Quer dizer, o desprendimento característico das lideranças representativas dessa primeira fase seria a confirmação de uma entrega total à agremiação carnavalesca, atitude acima de qualquer pretensão de utilizar a escola de samba como meio para obtenção de lucro financeiro.

Desse modo, tentando compreender como era a escola de samba em seus “anos de sacrifício” a partir da visão dos próprios atores sociais envolvidos naquele universo, notei que uma certa noção de família serve como referência básica para a recordação que fazem acerca do modo como os sambistas se organizavam e do tipo de convivência que prevalecia segundo os valores compartilhados entre eles. Vejamos três relatos nesse sentido:

¹¹² Bourdieu, op. cit., p. 7.

Germano, compositor: Naquele tempo havia mais solidariedade, a coisa era mais como família, né. Era uma grande família! Hoje em dia, não. Tem um grupo ali que você não conhece, tem gente que vem até do exterior para sair em escola de samba no carnaval, aí chega, pega a fantasia, entra e vai desfilar. [...] Então, quando você tem uma escola de samba cujo contingente são trezentas pessoas, é uma coisa; uma escola de samba com um contingente de três mil pessoas, já é outra. Você vai esbarrando toda hora com pessoas que nunca viu, não pode ter o mesmo relacionamento com quem vem assim, na hora do desfile, e que às vezes até atrapalha, não sabe cantar o samba, não ensaiou nada, e mesmo assim vai lá.¹¹³

Josiel, compositor: [...] Ali era uma coisa do pobre da cidade, era o nosso clube, era a continuação da nossa casa. Era onde você encontrava seus amigos, você conhecia a todos, as baianas se conheciam, você era sobrinho de alguém, parente, filho de alguém, cunhado de alguém. Era uma convivência comunitária. [...]

Carvalho, ex-diretor: Em escola de samba a rivalidade é só no desfile, mas acabou o desfile, estamos todos juntos trocando ideias. É como se fosse uma família, entende? As pessoas de fora talvez não entendam, mas aquilo ali é uma amizade muito boa e que a gente conserva.¹¹⁴

A noção de família em questão pressupõe a existência de um grupo relativamente pequeno de pessoas estabelecendo contatos face a face, o que assegurava a possibilidade de fazerem o reconhecimento daqueles que eram de fato companheiros no mundo do samba. Eram pessoas nascidas e criadas na localidade, amigos de infância que compartilhavam experiências ao longo de anos, a ponto de instituírem códigos de pertencimento para a identificação imediata de pessoas que chegavam “de fora” para a Beija-Flor.

E por outro lado, a mesma noção confere um valor simbólico de respeitabilidade ao universo no qual aparece como categoria integradora. Como manifestações culturais representativas da identidade do negro no Brasil, as escolas de samba carregaram durante muito tempo o estigma da marginalidade, e isto era sentido pelos sambistas da Beija-Flor no contexto do município de Nilópolis nos anos 50 e 60, como relatam alguns deles:

Marcão, compositor: [...] A Beija-Flor foi uma escola de samba muito marginalizada no município. Era muita reclamação! E também tinha muita braba, muito lance... Nós não tínhamos paradeiro, porque ninguém gostava, ninguém! Era visto como negócio de vagabundo, marginalizado. O samba ainda estava um pouco marginalizado naquela época.¹¹⁵

Josiel, compositor: [...] Houve um tempo em que você ficaria mal visto se virasse na avenida Mirandela indo para a escola de samba. Ali era “lugar de neguinho”. E muitos que diziam isso depois passaram a fazer parte da diretoria da Beija-Flor e até hoje estão por aí “puxando saco” da família Abraão. Eram pessoas que tinham medo de ir ao samba antigamente. Agora, estão desfilando. Não era muito bem

¹¹³ Entrevista concedida ao autor a 20 de set. de 2005.

¹¹⁴ Entrevista concedida ao autor a 30 de jun. de 2005.

¹¹⁵ Entrevista concedida ao autor a 16 de out. de 2005.

visto ser sambista naquele tempo, mas agora é bonito, é o maior status: o camarada quer ir pra avenida, todo mundo quer!

Norma, ex-componente: A gente às vezes passava pelo comércio com o “livro de ouro” e ouvia um monte de coisas: “Eu vou dar dinheiro pra escola de samba? Aquele lugar é cheio de vagabunda!” E a gente saía morrendo de vergonha...¹¹⁶

Diante dos relatos acerca das adversidades enfrentadas pelos sambistas na sociedade local, e que até colocam numa certa contradição a visão que idealiza a escola de samba dos tempos antigos como um espaço de convivência totalmente fraterna e harmoniosa, compreende-se que a imagem de uma “grande família” sinalizava uma estratégia dos sambistas em afirmar sua identidade através de um relativo enquadramento aos padrões de convivência impostos pela sociedade mais ampla.

São inúmeras as situações da vida social em que nos deparamos com a categoria do familiar sendo utilizada na mesma lógica. Podemos mencionar os casos de outros tantos espaços de lazer, como restaurantes, casas noturnas e clubes, em que a propaganda do estabelecimento é feita no sentido de promovê-lo enquanto ambiente de tranquilidade, onde se tem a presença de frequentadores respeitáveis e com bons modos, justamente de acordo com determinados padrões vigentes na sociedade. E tal categoria acaba sendo apropriada até mesmo no mundo do trabalho, quando empresas procuram demonstrar estabilidade e confiança para efeito de garantirem a credibilidade necessária à realização dos negócios.

E por fim, é preciso observar que um dos principais pontos do argumento construído no discurso desses antigos componentes é a formulação de uma crítica ao modo como passou a ocorrer o relacionamento entre componentes e simpatizantes da Beija-Flor depois que houve a extraordinária expansão da base social da escola de samba. Isto porque esse processo teria determinado, na visão dos antigos, uma mudança no conjunto de valores que prevalecia no universo da escola nos “anos de sacrifício”.

Na entrevista com o compositor Josiel, depois que falava das qualidades artísticas como sambista de um dos fundadores da Beija-Flor, ele fez a seguinte recordação sobre o que seria importante em termos de princípios para as pessoas que faziam parte do “mundo do samba” até meados dos anos 70:

[...] Havia as coisas da época, mesmo que você não tivesse dinheiro, o prestígio era uma coisa maior. Ninguém ganhava dinheiro com o samba e nem pensava em ganhar. Ai daquele que roubasse um dinheiro da escola! Corria o risco de ir para o inferno, porque vinha um cara e metia a faca. Tinha muita gente com marca de navalhada na cara, pessoas com marca de faca no rosto, porque a arma na época

¹¹⁶ Entrevista concedida ao autor a 19 de set. de 2005.

era a navalha, então, quem tinha um revólver era o dono do mundo! Se o camarada roubasse uma escola de samba, podia aparecer lá um bandido gritando: - Ô, rapaz, foi você que roubou minha escola? E as pessoas tinham uma educação diferente, ou eram mais honestas, não sei. Bastava uma palavra e ficava tudo certo. Não tinha tanto documento, documento era a tua palavra: - Eu estou dando minha palavra, meu irmão! Bota aí, fulano está vendo. Aí, fulano, eu estou falando com ele! Então, existia mais disciplina, havia mais respeito, menos corrupção, menos desconfiança, porque ninguém tinha o que roubar, quem levava comida era você, como é que você ia roubar comida? Não tinha como roubar nada, roubar o quê? O dinheiro que era arrecadando ali, quando tinha bilheteria, era pouco, ninguém pagava entrada porque não tinha dinheiro, o samba era aberto, só sobrava pra cerveja lá dentro, pra entrar ninguém pagava. Depois que começou a cobrar.

A recuperação de elementos de um passado que seria até mais remoto na história do samba – a navalha foi um símbolo de valentia para a “malandragem” dos anos 20 – serve para sustentar a reconstrução de um código de honra que seria compartilhado também pelos antigos sambistas da Beija-Flor como adeptos da “tradição”. Isto pode ser pensado como uma tentativa de atribuir legitimidade a uma escola de samba que ganhou projeção no carnaval carioca, sobretudo, por sua capacidade de “inovação” na concepção dos desfiles.

Todos os princípios destacados por Josiel – *honestidade, respeito, disciplina, confiança, honra, prestígio* – seriam bens simbólicos, nos termos de Bourdieu, negociados num universo onde não prevaleceria a lógica do lucro econômico em sentido estrito. Não que o dinheiro não fosse importante – como lembra Josiel, “Ai de quem roubasse dinheiro da escola!” –, mas era tratado no contexto do samba por um valor simbólico específico.

Com base nesse quadro de referências, os antigos componentes constroem uma espécie de memória heróica dos feitos atribuídos a personagens que se destacaram nos “anos de sacrifício” pela atuação em setores da organização carnavalesca e que teriam dado importante contribuição para o crescimento dela, mesmo que não tenha sido financeiramente.

Germano, compositor: Quando a gente fala em Beija-Flor, tem que falar de Cabana! Ele era aquele cara que bolava o enredo e se propunha a executar ajudando o artista no barracão. E depois, na hora-H, ele fazia samba-enredo, ia para a avenida ajudar na harmonia... Então, era uma espécie de faz-tudo. Esse cara tem que ser lembrado, sempre! Foi o maior ganhador de sambas-enredo dentro da Beija-Flor, e dificilmente vão alcançá-lo. Quer dizer, esse cara tem que ser sempre lembrado, ele tem que ser cultuado!

Josiel, compositor: O seu Heitor era o presidente do nada, do caos. Ele presidia uma escola que num tinha dinheiro nenhum pro próximo ano. E como ele ia arrecadar dinheiro pro próximo ano? Era fazendo carnaval, bailes, excursões, piquenique em Paquetá, em Mangaratiba. Fazia festa e bailes, arrecadava um pouquinho daqui, arrecadava um pouquinho dali. E prestava conta do que tinha arrecadado, tinha reunião de diretoria pra essas coisas irem para o papel, e não tinha corrupção. Era um sistema muito mais sério do que administrar o Brasil hoje, não tinha essa corrupção! Se você desse um desfalque, a escola não ia ter dinheiro e faltaria para desfilar, e todos queriam desfilar! Então, o seu Heitor era o presidente dessa situação, nessa situação carente ele andava pela Mirandela

com “livro de ouro” pedindo aos comerciantes que arranjassem qualquer dinheiro para juntar e somar lá nas despesas da escola, que tinha que comprar coisas para fazer carro alegórico. [...] O seu Heitor foi o principal peregrino dessa história, foi o maior herói da Beija-Flor. Heitor Silva: o maior herói de todos os tempos! Do tempo pobre para o tempo do progresso. Ele é o responsável pelo progresso atual, porque se ele deixasse a peteca cair naquela época, não chegaria a passar para a mão de quem passou.

A ideia que me parece mais forte nesse discurso que sustenta a importância de se lembrar os antigos sambistas da Beija-Flor se baseia no pensamento de que foram pessoas dedicadas à escola de samba fundamentalmente pelo “amor” que nutriam por ela, e mesmo que ambicionassem adquirir “prestígio” não estariam em jogo interesses financeiros, como disse Josiel em uma de suas falas já citadas: “Ninguém ganhava dinheiro com o samba e nem pensava em ganhar”. A lógica do “desinteresse” nesse caso estaria associada, sobretudo, à concepção de que a submissão a “sacrifícios” se justificava por estar em questão uma causa “nobre”, conforme explica Bourdieu:

A economia do dom, ao contrário da economia do “toma lá, dá cá”, baseia-se em uma denegação do econômico (em sentido estrito), em uma recusa da lógica da maximização do lucro econômico, isto é, do espírito de cálculo e da busca exclusiva do interesse material (por oposição ao simbólico), que está inscrito na objetividade das instituições e nas disposições. Ela se organiza visando a acumulação do capital simbólico (como capital de reconhecimento, honra, nobreza etc.), que se efetua, sobretudo, através da transmutação do capital econômico realizada pela alquimia das trocas simbólicas (trocas de dons, de palavras, de desafios e réplicas, de mulheres etc.), e que só é acessível a agentes com disposições adaptadas à lógica do “desinteresse” (disposições que podem encontrar sua realização no “sacrifício supremo”, aquele que consiste em “dar a própria vida”, em preferir a morte à desonra — “é melhor morrer do que...” — ou, no contexto do Estado moderno, em “morrer pela pátria”).¹¹⁷

Portanto, a dedicação à causa do samba seria norteadora das ações dos antigos componentes da Beija-Flor, que na visão do ex-componente Ezequiel foram, na sua maioria, pessoas “abnegadas”:

Essa palavra abnegado é santa! Quando a gente fala a palavra “abnegado”, tem que ficar de pé e é até gostoso falar. Agora, detalhe: estou bem na contramão, porque normalmente o abnegado morre pobre, no ostracismo. É aquele cara que varre, aquele cara que sai até nu pela rua para a escola ganhar, ajuda a empurrar carro... Eu lembro do Cabana segurando corda no desfile, um abnegado! Você tinha que ver o que o Heitor Silva fazia... Esse pessoal fazia! Infelizmente, você vê às vezes pessoas usarem até termos pejorativos, “aquela negrada”; porque eu já ouvi isso. Só que essas pessoas esquecem que “aquela negrada” já varreu quadra, empurrou carro na avenida. E na época que os carnavais eram na base do papelão, havia muita improvisação, aquele negócio todo.¹¹⁸

¹¹⁷ Bourdieu, op. cit., p.11.

¹¹⁸ Entrevista concedida ao autor a 29 de jun. de 2005.

Partindo da visão dos antigos componentes, chegamos à compreensão de que a “grande família” que seria a escola de samba dos “anos de sacrifício” constituía um universo onde estava instituída uma *economia dos bens simbólicos*. A prática da assinatura de “livro de ouro” pelos comerciantes locais seria uma situação exemplar para percebermos a articulação de uma série de valores, primeiro pelo fato de exigir *respeitabilidade* de “quem” estava solicitando a colaboração, considerar a instituição em nome da qual era feita. Daí a exaltação da figura de Heitor Silva como modelo de liderança, pois além de ser reconhecido por suas qualidades artísticas como sambista – ele foi o primeiro mestra-sala da escola –, era alguém disposto a reunir esforços para realizar o desfile da Beija-Flor, e que tinha *coragem* de se expor publicamente, colocando sua *honra* em jogo, para tentar obter os recursos necessários à confecção do desfile. Diante de componentes e comerciantes, isto significava acionar os meios necessários para o funcionamento de um circuito de *trocas generosas*: por um lado, assegurando confiança e dedicação dos sambistas para com seu Presidente; e por outro, apoio financeiro dos comerciantes locais sob a forma de doações.

No plano do relacionamento entre o presidente e os componentes da Beija-Flor, certamente prevaleciam trocas em que os recursos econômicos não eram o principal bem empregado. A confiança depositada no líder, assim como a simpatia nutrida por ele, reafirmava-se, num plano geral, através da retribuição que vinha com a realização do desfile carnavalesco, sempre marcado por muita apreensão – “Esse ano, a escola sai ou não sai?”

Em relação aos comerciantes, no entanto, a retribuição se dava em nome da Beija-Flor, e logicamente de forma diferenciada, porque se o fato de fazerem doações também era motivado pelas expectativas em relação ao sucesso do desfile carnavalesco, por outro lado, a assinatura do Livro de Ouro conferia a eles prestígio na localidade, na medida que eram lembrados de forma personalizada, como conta o compositor Josiel:

[...] Uma família que eu via ajudar a Beija-Flor, era a família do seu Cobellas. Seu Nicolau Cobellas era um comerciante que, toda vez que passava o Livro de Ouro na casa dele, ele assinava com uma boa grana. [...] Quando passava na porta do seu Cobellas, a gente parava, fazia uma exibição e a família dele ficava lá e a gente sambando ali na frente, fazendo umas graças pra eles. Aí ele vinha, pegava a bandeira, beijava a bandeira. Era importante você parar na porta do comerciante. No segundo dia de Carnaval a gente passava nas portas dos comerciantes que assinavam e ali parava pra fazer um batuque, fazer uma graça.

O ritual consagrava a retribuição por parte dos sambistas, e ainda dava ao comerciante a possibilidade de ganhar prestígio através da honra que lhe era concedida ao levarem até sua

residência, com canto e dança, o pavilhão da escola para que o beijasse, num gesto que simbolizava o fechamento da troca de homenagens.

Interessante também é perceber o Livro de Ouro como um instrumento de registro, pois permite investigarmos melhor quem eram as pessoas que davam sua “assinatura”. O nome de Nicolau Cobellas, por exemplo, não surge por acaso, trata-se de uma pessoa de posses, que teve até uma rua do município consagrada em sua homenagem.

Contudo, pelo fato de ser um empreendedor legítimo, que certamente não tinha necessidades estruturais para fazer grandes investimentos nesse circuito de trocas para um bom funcionamento dos seus negócios, Nicolau Cobellas também não figurava como uma liderança local capaz de articular um projeto político a partir da escola de samba, mesmo porque não era uma pessoa inserida em tal universo.

O fato é que, até a entrada definitiva dos Abraão na organização carnavalesca, não havia uma pessoa em particular, ou grupo, devidamente adaptado, disposto, e em condições para acionar os meios que permitiriam transmutar recursos econômicos em bens simbólicos com o objetivo de acumular capitais dessa natureza tendo em vista a realização de um projeto político. Heitor estava longe de conseguir, e até desejar, conjugar a posição de líder na agremiação carnavalesca com o sistema de poder mais amplo, fundamentalmente pela questão da falta de recursos financeiros próprios, visto que era apenas proprietário de um botequim e arrendatário de um ponto de apostas do jogo do bicho.

4. Os Abraão David e os tempos de sucesso da Beija-Flor

Enquanto banqueiros do jogo do bicho, a relação de Néelson e Anísio com a Beija-Flor se desenvolveu a partir de sua posição de benfeitores, ou seja, agentes dispostos segundo a lógica do “desinteresse”, própria de uma *economia do dom*, a “colaborar” financeiramente com a escola de samba, que se encontra num quadro crônico de dificuldades em termos materiais.

Na visão dos antigos componentes, outros aspectos desse relacionamento que não estariam diretamente associados às questões do jogo do bicho seriam relevantes também. Por exemplo, o fato da origem étnica da família Abraão não ter se colocado como um impedimento à integração de Néelson e Anísio ao universo da escola de samba. Josiel ressalta o fato dos dois irmãos não serem pessoas “racistas”:

O que eu admiro muito neles é que não são racistas, admiro muito isso na família Abraão, a democracia racial deles. Porque às vezes, a pessoa é criada perto de preto e consegue ser racista. Não depende de ter sido vizinha de uma família negra para deixar de ser racista. Pode ter um vizinho que estudou com ela, mas mesmo assim continua sendo racista. Mas eles não são, inclusive, o Néelson era casado com uma mulher negra, o filho dele é de uma mulher negra.

O que marca de forma simbólica a aproximação de Néelson com as pessoas da escola samba é o início do namoro com Marlene, filha do primeiro presidente da Beija-Flor, o senhor José Rodrigues Sennas. Se considerarmos que a primeira geração de descendentes das famílias libanesas de Nilópolis era pressionada pela tradição da realização de casamentos entre indivíduos do mesmo grupo, como me explicaram Emad e Marisa em sua entrevista, é provável que Néelson deva ter enfrentado certa resistência no seio da família quanto à decisão de se casar com uma “brasileira” de origem negra.

Por outro lado, esse vínculo teve um forte significado para os componentes da Beija-Flor, especialmente para o apoio à candidatura de Néelson Abraão à presidência da agremiação em 1972. A união matrimonial com uma mulher cuja família era tão vinculada à escola de samba consagrava sua completa integração àquele universo, e sustentava também a ideia da espontaneidade que envolvia todo esse processo, como relembra Josiel:

O Néelson se tornou Presidente da Beija-Flor porque ele gostava daquilo. Ele tinha a mulher que era sambista da escola a vida toda, vindo de uma família que o pai tinha sido presidente, as irmãs todas eram fundadoras dos primeiros anos da Beija-Flor. Ele gostava dos bailes que aconteciam, dançava, era uma pessoa como nós e aí ganhou a nossa simpatia, todo mundo gostava dele! Era um cara que gostava da gente, já estava ficando financeiramente independente, mas não largava o nosso mundo. Ele podia ir para o clube dos bacanas, das pessoas que tinham grana que nem ele, mas frequentava era a Beija-Flor. Ele frequentava o nosso ambiente, então, era o nosso cara. Todo mundo gostava dele!

No caso da Beija-Flor, as relações entre escola de samba e jogo do bicho em termos organizacionais passaram a ser simbolizadas por uma aliança matrimonial estabelecida entre duas famílias cujos representantes constituiriam o elo entre as duas instituições. Isso fica expresso no trecho do memorial publicado no livreto da sinopse do carnaval de 1975:

O atual presidente, Néelson Abrahão David, por tudo que tem feito à frente da direção da Escola, mostrou que realmente é o herdeiro de José Rodrigues Sennas, não há dúvida. Tudo aquilo que “seu” José (já falecido) desejava para a Beija Flor, está sendo realizado por Néelson, seu genro, depois de uma fase de dificuldades. Néelson Abrahão David e seu irmão Aniz Abrahão David, conseguiram recuperar o prestígio e o devido respeito a esta escola, que tem muito a oferecer ainda. Seus irmãos dão-lhe todo apoio e seus amigos lhes prestigiam.

Toda a sociedade local, do mais humilde ao mais favorecido, fazem encontro semanal na quadra Sambista José Rodrigues Sennas. Políticos, Militares, e civis se integram perfeitamente e vivem o G.R.E.S. Beija Flor do futuro.¹¹⁹

A patronagem do jogo do bicho é hoje concebida pelos atores sociais que fazem parte do universo das escolas de samba como uma prática instituída, cujos desdobramentos são conhecidos. É preciso, entretanto, evitar que a influência de interpretações elaboradas depois de transcorrido todo um processo histórico nos impeçam de recuperar o que seria a visão dos antigos componentes em relação ao início do circuito de trocas que se formava.

Fica evidente em todas as entrevistas realizadas por mim que a grande expectativa em relação à direção da escola de samba sob o comando dos Abraão era a possível solução da escassez de recursos financeiros. A exemplo disso, recorda Josiel: “Eu acompanhei de coração aberto a entrada da família Abraão porque eles estavam trazendo o progresso e o desenvolvimento econômico que não se tinha até então pra fazer a escola ficar bonita. Todos foram recebidos de braços abertos”.

Bourdieu assinala que o ato inaugural que institui a troca simbólica contém sempre a potencialidade de um constrangimento, de uma obrigação.¹²⁰ Pelo que se compreende a partir da fala de Josiel, não parece ter surgido entre os componentes da Beija-Flor uma grande dúvida quanto à aceitação do primeiro *dom* oferecido pelos banqueiros do jogo do bicho, mesmo que isto tenha imposto uma obrigação de natureza moral. Essa situação se deve ao caráter ambíguo da experiência do *dom* – assinalado pelo referido autor –, a partir da qual os agentes exaltam a *generosidade*, porém, não excluem por completo a lógica da troca. Tal situação é descrita numa fala do compositor Germano, quando expunha suas impressões acerca da atitude de Anísio quanto à decisão de conceder “ajuda” financeira para a Beija-Flor:

[...] Existem coisas que acontecem naturalmente, fatos que se sucedem e vão acontecendo, acontecendo... Às vezes até assumem proporções ou entram por caminhos que não eram previstos, para melhor ou para pior. Esse movimento natural traz implicações... Todo financiamento, quem faz às vezes faz com interesse, às vezes faz de coração porque gosta, entende? É como aquele amigo que vê um outro assim: “Puxa! Está na pior? Ah, você está na pior, mas eu estou bem. Deixa ver, se precisar de mim, procura”. É aquele negócio de solidariedade. Então, eu acho que o Anísio, naquele momento, fez muito mais uma coisa de coração do que de qualquer interesse. Agora, se por ventura, por detrás tinham coisas assim e tal, eu acho que era uma decorrência natural. Você vê alguma coisa que está ao alcance da sua mão, se você não pega, você não está querendo aquilo; quando você quer, você pega!

¹¹⁹ Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Luna, 1975. p. 5.

¹²⁰ Bourdieu, op. cit., p. 14.

Podemos compreender que possíveis intenções no “financiamento” do banqueiro do jogo do bicho não ficavam evidentes se considerarmos que a própria retribuição dos sambistas se colocava como incerta, independente da forma que fosse realizada. Embora constituísse um fator importante para o fortalecimento da escola de samba, o patrocínio do jogo do bicho não dava total garantia de vitória para os desfiles da Beija-Flor.

De acordo com recordações de Josiel, a colaboração dos banqueiros do bicho teria se mantido por um certo tempo sem que fosse explicitada qualquer obrigatoriedade de retribuição. Os sinais de que a situação começava a mudar teriam surgido a partir do momento em que a Beija-Flor ascendeu entre as “grandes” do carnaval:

Começou depois do sucesso da Beija-Flor, a mudança acontece quando se consegue o bicampeonato, e com tricampeonato. Começou uma mão mais forte no comportamento do componente, que ficou sem autonomia nas decisões da escola, porque ela estava ganhando sem a opinião do componente. “Se vocês querem que continue ganhando, então deixem que a gente administre, e aí vocês desfrutem do campeonato”. Houve uma troca! “Eu faço ela ser grande, mas vou mandar como quero, tá legal?” Foi isso que aconteceu. Num lugar de pessoas desinformadas, que não entendiam que aquele sucesso traria divisas econômicas, porque eram primitivas. Elas faziam da escola um lazer, não pensavam em plataforma econômica, comercial, ninguém pensava nisso! As pessoas pensavam na escola ser campeã, não em ir para a França, Marrocos, não pensavam que iam fazer show no interior no Brasil... Quando isso começou a acontecer, a melhoria veio para quem administrava, não para o componente. Para nós, mudou apenas o status de estar vencendo no carnaval. E com isso perdemos liberdade, a autonomia...

A partir do momento em que houve maior contestação dos termos da “troca”, a diretoria controlada pelos contraventores teria começado a reivindicar para si, de forma mais explícita, os méritos pelas conquistas da agremiação carnavalesca, e com isso, lançar mão da ameaça de que o suporte financeiro do jogo do bicho poderia ser retirado, caso fosse a vontade do conjunto dos componentes a substituição da diretoria vigente. O mesmo Josiel comenta essa situação:

O sucesso fez com que as pessoas ficassem caladas, aquele negócio, não tem motivo para reclamar de nada se a escola está ganhando. “Só você que está reclamando, porque todo mundo está feliz, a escola acabou de ganhar o campeonato. Se quiser ganhar outro, tem que deixar administrar do jeito que eu quero, porque assim não vai ter bagunça... Tem que ser do meu jeito, senão eu largo isso aí”.

Portanto, o suporte financeiro dos contraventores ficava condicionado à condução da direção da escola de samba segundo seus princípios e objetivos. Mas a existência de posicionamentos críticos em relação ao modo como a Beija-Flor de Nilópolis passou a ser “administrada” pela diretoria controlada pelos banqueiros do jogo do bicho não significa que

esse comando tenha se mantido pela força bruta. Houve, de certa forma, uma possibilidade de escolha para os componentes: a direção ao modo dos contraventores ou a perda do suporte financeiro concedido por eles. Só que por mais que a aceitação da troca nesses termos, aí sim, colocasse uma grande incerteza na cabeça dos sambistas, o acúmulo de capital simbólico do patrono e do presidente administrativo pertencentes à família Abraão se processou de tal forma que eles passaram a ser reconhecidos de fato como grandes responsáveis pelo “sucesso” da Beija-Flor. E sendo assim, pedir pelo seu afastamento significaria, de certo modo, uma “falta de consideração”, ou até mesmo a desonra, sem falar no “amor” de muitos componentes por tais figuras. Os antigos falam do “tempo do Nélon” num tom de saudosismo, lembram do “carisma” de sua pessoa, da “dedicação” que tinha pela escola como algo independente da posição de comando que exercia. Por tudo isso, entendemos que a aceitação da permanência da diretoria nas mãos dos Abraão constituiria uma situação de dominação conforme define Pierre Bourdieu:

[...] As relações de força simbólicas são relações de força que se instauram e se perpetuam por meio do conhecimento e do reconhecimento, o que não significa que isso se dê através de atos de consciência intencionais. Para que a dominação simbólica se institua, é preciso que os dominados compartilhem com os dominantes esquemas comuns de percepção e de apreciação através dos quais são percebidos por eles e os percebem, através dos quais eles se percebem como se os percebe; e que, dito de outra forma, seu conhecimento e reconhecimento encontrem seu princípio em disposições práticas de adesão e de submissão que, por não passarem pela deliberação e pela decisão, escapam à alternativa entre o consentimento e a coerção.¹²¹

No contexto atual, parece impensável a formação de qualquer movimento por parte dos antigos componentes da Beija-Flor que seja capaz de reivindicar pela composição de uma diretoria sem a presença de pessoas ligadas ao contraventor Anísio Abraão David.

5. O luxo e a grandiosidade da Beija-Flor

A ideia do “sucesso” da Beija-Flor está necessariamente associada à imagem de uma escola de samba que ficou conhecida entre as “grandes” do carnaval carioca pelo tratamento plástico-visual que passou a prevalecer na confecção de seus desfiles.

O tema envolve muitas interpretações, e que trazem consigo uma carga ideológica tal que colocam certas posições em situação inconciliável. Primeiramente, cabe lembrar que o estigma de “apologista da ditadura” que havia recaído sobre a escola por conta dos enredos de

¹²¹ Bourdieu, op. cit. p. 13, 14.

exaltação do regime militar apresentados antes da chegada do carnavalesco Joãozinho Trinta à Beija-Flor, que foi contratado em 1975 para a produção do carnaval de 1976, acabou servindo como argumento para representantes da intelectualidade e setores da imprensa dirigirem críticas aos enredos do carnavalesco, colocava-se que eram concebidos segundo uma visão de fuga da realidade, ou seja, sem compromisso com a denúncia dos problemas sociais, estando assim dentro de uma perspectiva política conservadora. Atribuindo isso aos críticos representantes da esquerda, certa vez Joãozinho comentou numa entrevista:

[...] O que a esquerda festiva cobrava era exatamente essa realidade do carnaval, quer dizer, o carnaval mostrar a realidade brasileira. Eles não estavam entendendo, e eu quis passar para eles que o momento de sonho, o momento da beleza é também uma realidade brasileira. Como não? Querer ser rei, príncipe, uma vez, é um direito que eles [pessoas do povo] têm... Mesmo que seja uma brincadeira, que para eles é tão real como qualquer realidade. Eles são gente, naquele momento eles são príncipes, são reis mesmo. [...]¹²²

Em uma interpretação acerca da famosa frase proferida por Joãozinho quando disse “Povo gosta mesmo é de luxo, quem gosta de pobreza é intelectual”, a antropóloga Maria Lúcia Montes retira daí o que na sua visão seria uma importante lição, pelo fato do carnavalesco ter apontado para um problema corrente em certas análises da cultura popular:

Orientados por um generoso mas confuso compromisso com a causa dos oprimidos, perdemos-nos muitas vezes entre ingenuidade e ignorância, a boa fé e a má consciência, tentando redimir-nos menos com um *mea culpa* aberto que com uma espécie de fúria moralizadora, procurando separar *engajados e alienados*, como se dizia nos anos 70 ou, na versão de hoje em dia, os *politicamente corretos e os racistas, machistas, sexistas*, etc. – em suma, *nós e os outros*.¹²³

Nessa linha de raciocínio, Maria Laura Cavalcanti considera que a trajetória da Beija-Flor foi bastante condenada por aquilo que no entendimento desta autora teria sido incompreensão acerca da *primazia do visual* no desfile das escolas de samba. Em relação ao destaque que as alegorias foram assumindo nos carnavais dos anos 60 e 70, Cavalcanti observa que o lugar e o tratamento conferido a elas resultou de uma evolução histórica e sociológica característica, a ser pensada pela presença de tais elementos já nos ranchos e grandes sociedades que integraram a formação das escolas, e também pela existência de uma tensão vital para elas:

¹²² Trinta, Joãozinho. *Psicanálise Beija-Flor – Joãozinho Trinta e os Analistas do Colégio*. Rio de Janeiro, Aoutra / Taurus, 1991. p. 92.

¹²³ Montes, Maria Lúcia Aparecida. “O erudito e o popular, ou as escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa”. In: *Revista USP*, 32 (1996-1997): 6-25. p. 9.

As ideias genéricas de “visual” e “samba no pé”, ou simplesmente “samba”, sintetizam uma tensão estruturante das escolas de samba enquanto tais. A noção de “samba” acentua o aspecto festivo de um desfile, enfatiza sua dimensão participativa obtida através da música, do canto e da dança. A idéia de... “visual”, que se refere à dimensão plástica do desfile, obtida com outros elementos expressivos – a fantasia, os adereços e as alegorias –, acentua seu aspecto espetacular. Ambas referem-se a processos igualmente coletivos.¹²⁴

Essa tensão, portanto, alinharia escolas como a Mocidade Independente de Padre Miguel ou a Beija-Flor de Nilópolis e seus simpatizantes a partir de uma identificação maior com a noção de “visual”, neste caso associada à ideia de *modernidade* e ao gosto pela inovação no âmbito da competição carnavalesca.

Percebendo num arranjo próprio os termos dessa mesma tensão, Maria Lúcia Montes observa como que dentro de uma certa visão tradicionalista do samba se costuma atribuir à figura de Joãozinho Trinta a grande responsabilidade por aquilo que muitos consideram a “descaracterização” do desfile carnavalesco, que teria perdido aos poucos sua “autenticidade”, a pureza de sua “essência negra”, conforme foi assumindo os contornos de um espetáculo de massa.¹²⁵ A exemplo disso, temos a posição sustentada pelo sambista Machado:

Inexplicavelmente a Beija-Flor apareceu... Desfilava com jacaré no chão, cobra no chão, bem escola de samba mesmo! Bem fiel à tradição, mas bem grotesca, digamos assim. E aí passou. Joãozinho veio e colocou as mulheres nuas, verticalizou o carnaval do ponto de vista das alegorias. Foi aquela grandiosidade de teatro de revista, misturou grande sociedade com escola de samba, porque aqui não tinha nada! Marchou. E nem marchou tanto, porque a Beija-Flor até canta samba. Era um samba ainda bem tosco, bem primitivo, mas é samba. Justiça seja feita aos compositores da Beija-Flor! Mas o Joãozinho imprimiu essa característica burguesa... A Beija-Flor é uma escola burguesa, é um bloco de luxo!¹²⁶

De acordo com Montes, esta seria apenas uma leitura possível acerca da mudança no tratamento plástico-visual das escolas de samba que teve suas origens nos anos 60 com Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, de onde surgiram quase todos os carnavalescos que viriam a se destacar nas décadas seguintes, como foi o caso de Joãozinho Trinta. Contudo, a autora contesta tal posição afirmando que a *refusão* de elementos dos ranchos e das sociedades a partir do trabalho desses artistas teria contribuído tanto para a projeção das escolas de samba ao primeiro plano das celebrações carnavalescas populares quanto para a manutenção de seu papel enquanto manifestações

¹²⁴ Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. p. 68,69.

¹²⁵ Montes, op. cit., p. 14.

¹²⁶ Entrevista concedida ao autor a 15 de jan. de 2007.

capazes de expressar uma presença e uma identidade negras no Brasil.¹²⁷ A propósito, vejamos os argumentos apresentados nas palavras do próprio Joãozinho:

Esse pessoal que fala em raízes, eles deveriam estar fazendo uma coisa muito boa pro Brasil. Eles deveriam estar plantando raízes de mandioca. Eles vivem falando em raízes... Eu acho que um grande mal que eu aprendi com a minha úlcera é que aqui no Brasil a gente mastiga muito mal as coisas. Por quê? Porque nossas coisas são tão abundantes que a gente devora. Nós não mastigamos nem a comida, nem as realidades, nem as palavras. Usamos as palavras sem saber o sentido delas. E nem analisamos muito as coisas, não é? Nós despejamos assim com uma facilidade... [...] Reparem bem: o que seriam as raízes do samba? Seria, numa comunidade como o Morro do Salgueiro, aquela reunião de pessoas que tinham um tempo e um espaço limitados. Não vamos dizer limitados. Um tempo e um espaço próprios, deles. Como o chinês, como o grego. Há 50 anos, quando as escolas se formaram, eles tinham seu espaço e seu tempo. E nesse círculo, nesse local fechado, eles criaram raízes realmente, mas, de repente, esse espaço e esse tempo do Salgueiro, da Mangueira, cresceram, mudaram, por quê? Porque o Rio aumentou. Vamos objetivar isso. Antes, há 50 anos, a pessoa que trabalhava no morro do Salgueiro trabalhava ali perto, na Tijuca. No máximo às cinco horas já estava em casa e tinha tempo para se dedicar à comunidade, à sua escola de samba. De repente, o Rio começa a crescer. Esse cara, que há 50 anos trabalhava na Tijuca e morava no Morro do Salgueiro, hoje mora no Morro do Salgueiro e trabalha no Leblon ou em São Conrado, entendeu? O componente da Beija-Flor que nasceu em Nilópolis e trabalhava em Nilópolis, hoje acorda às quatro ou quatro e meia da manhã, pega sua marmitta e vai trabalhar no Leblon. Só chega em casa às oito ou nove horas da noite. Que tempo essa pessoa tem para criar suas raízes como eram criadas antes, quando seu tempo e espaço eram outros? As pessoas, quando fazem as críticas, não analisam essas coisas primárias. [...] Não se pode falar em raízes quando o tempo e o espaço mudaram. As raízes não podem ser as mesmas. Eles criticam muito a minha figura de carnavalesco, dizem que eu englobo, que eu seguro. Mas “Seu” Carlos Drummond de Andrade diz que se não surgirem os artistas para segurarem os movimentos de arte popular, eles se defasam, eles somem, eles se diluem na grande cidade; que a grande cidade é massacrada com as ondas de *rock*, de tudo que vem de fora, que a televisão mostra, esses valores todos externos. E os movimentos de arte popular tendem a desaparecer. Daí eu me sentir muito valioso porque no meu trabalho de carnavalesco, dando exemplo para outros, eu segurei essa comunidade de trabalho que estava se diluindo. E exatamente em 1974, quando eu tive maior consciência dessa diluição, já até mesmo com o exemplo do rancho e da grande sociedade, que estavam desaparecendo, eu segurei as rédeas desse trabalho, trouxe os valores do rancho e da grande sociedade e transformei o desfile da escola de samba, botei pra vertical, aumentei os carros? Só por grandeza, só porque eu sou pequeno? Não. Porque eu tive a visão do espaço da arquibancada. Há 30 anos não era necessário fazer carros grandes porque o espaço era a Praça Onze, e uma população muito menor assistia ao desfile. Nem era necessário arquibancada. Havia os bancos e as pessoas levavam caixotes. Era muito pequena a dimensão de quem assistia. Quer dizer, o visual de quem está naquela arquibancada lá em cima é totalmente diferente do visual da Praça Onze de 30 anos atrás, que era corda, que era chão. Então, eu não fiz crescer o carro gratuitamente. Eu fiz crescer o carro na medida em que as arquibancadas cresceram, na medida em... que o Rio cresceu, na medida em que a população aumentou, na medida em que a escola de samba deixou de sair como saía há 30 anos, com 100, 200 pessoas, saindo hoje com 3000. Eu apenas acompanhei a dinâmica do tempo e do espaço.¹²⁸

¹²⁷ Montes, op. cit., p.22.

¹²⁸ Trinta, op. cit., p. 60, 61, 62 e 63.

Aquilo que Montes denomina como *refusão*, diz respeito a uma das dimensões do “papel de mediação” exercido pelos carnavalescos que, de acordo com Cavalcanti, se encarregaram de trazer para as escolas de samba concepções estéticas e dramáticas importadas de outros meios culturais. Esta última autora entende que o sucesso da atuação desses artistas teria repousado em duas condições:

De um lado, as inovações propostas eram compatíveis com a estrutura dramática já sugerida pelas escolas. De outro lado, o talento de alguns carnavalescos (e penso especialmente em Pamplona e Joãosinho) consiste também na capacidade de verbalizar, de forma muito didática e sistemática, os processos sociais em curso dos quais são partes integrantes. Os carnavalescos são intelectuais, muitas vezes com claras propostas de atuação na “cultura popular”.¹²⁹

Em relação ao segundo ponto, foi possível constatar em algumas opiniões sobre a figura de Joãosinho o quanto que apresentam uma carga ideológica explosiva, conforme ressalta Maria Lúcia Montes em seu artigo. Nosso propósito aqui não é tomar partido de nenhuma delas, mas apenas compreender como que o carnavalesco se tornou central no relacionamento da escola com setores de dentro e de fora do samba.

Por exemplo, Machado considera que a vinda de Joãosinho Trinta para a Beija-Flor tenha se dado à escola de samba uma tal interlocução com os meios de comunicação que, na sua opinião, isso talvez tenha sido mais interessante do ponto de vista do poder familiar do que a própria realização dos enredos que exaltavam a propaganda governista da ditadura militar:

Não ficava muito patente, muito gritante, a relação com o regime do ponto de vista do “puxa-saquismo”, que era deslavado! Mas o Joãosinho foi importante para dar aquilo que, na cabeça deles era criatividade, inovação. Aliás, eu não chamo nem de criatividade nem de inovação, eu chamo de ousadia, porque ele era ousado. Mas a ousadia do Joãosinho, para mim, é muito limitada. Ela gira em torno de um moralismo, ou de um contra-moralismo, de um pseudo contra-moralismo, na medida que ele coloca a imagem de Cristo com um pano preto por cima... “Olhai por nós!” “Não podemos sair com a imagem”. Bota mulher nua com as pernas abertas... “Não pôde sair porque a Igreja reclamou!” Todo ano o Joãosinho tinha uma polêmica dessa, porque a polêmica gera jornal! Ele trabalha com aquele conceito bem babaca, mas que funciona ainda. Aquele conceito que a população também tem: o que importa é estar na mídia. Como a Xuxa, o Romário, entende? “Dois assaltantes esbarraram no carro do Romário!” Sim, mas quatro ou cinco esbarraram no carro de todo mundo, de trezentos carros no Rio de Janeiro. [...] Você vê que Joãosinho a cada ano, a prática dele, quatro meses antes do carnaval ele já estava em manchete de jornal, por alguma razão. Tem carnaval, ele vende manchete, puxa uma polêmica. E a polêmica é com a Igreja Católica, a polêmica é com os centros de candomblé, a polêmica é com a polícia, a polêmica é com as forças armadas... É sempre uma coisa assim, que aí, ele vai dar o jeito. Ele vai desfilar com uma bunda de fora! Sempre assim, com umas saídas mirabolantes, e

¹²⁹ Cavalcanti, p.72

que na realidade só servem pra poder chamar atenção para o carnaval que ele vai fazer, para preparar o espírito em relação à figurinha dele. Talvez eu tenha até um certo desprezo por João, talvez seja isso. O João, intelectualmente, é muito ruim. Ele escreve mal! Ele escreve terrivelmente mal, e não é que escrever seja importante, mas é um indício bastante ruim, porque quem escreve mal é porque pensa mal. [...] Agora, o João sempre teve uma equipe muito boa! O maior momento do João, dentro e fora da Beija-Flor, foi quando Viriato trabalhava com ele. E o João foi perdendo aos pouquinhos a equipe; não era só o João! Você tem que falar de Viriato, de Amir Hadad, diretor de teatro. Tinha sempre essas pessoas ligadas a ele, mas que nunca colocavam na mídia. Ele era quem focalizava todas as atenções e todas as luzes! À medida que ele foi perdendo essas pessoas foi caindo, caindo...

Contudo, algo muito surpreendente foi ver como que alguns dos antigos componentes da escola, os quais manifestam sua identificação com o discurso da “autenticidade” do samba, em nenhum momento de suas entrevistas fizeram referência ao trabalho artístico de Joãosinho do ponto de vista da “descaracterização” dos desfiles e da “verticalização” do carnaval através do aumento do tamanho dos carros alegóricos. Reconhecem tensões entre setores da escola e o carnavalesco, atribuindo-lhe uma postura centralizadora, porém, se mostram identificados com as propostas inovadoras lançadas por Joãosinho na concepção dos desfiles. A exemplo disso, temos a fala de um ex-componente sobre a experiência pessoal que teve através da convivência com o carnavalesco nas atividades que desempenhava na Beija-Flor:

Depois que conheci João, apesar de não seguir essa área de artista plástico, mesmo no meu trabalho burocrático eu apliquei muito do que aprendi com ele. Infelizmente, essas coisas vão, a gente tem que colocá-lo sempre no passado como profissional, porque não dá mais para ser o profissional que ele foi. Mas está na história! [...] Eu, escriturário, contabilista, aquele negócio todo, ele fez um trabalho social comigo; eu aceitei fazer um trabalho social. A presença do João, a presença do intelectual, traz um benefício para quem lida com ele. Então, só a presença do João, sem criar as tais ONGs... Um intelectual igual ao João não precisa criar ONG. Conversando com ele, você já está aprendendo. Você, conversando com uma pessoa lúcida, só de bater um papo, como que a pessoa aprende, né? Às vezes você conversando com uma outra pessoa... Tudo deles aí é ter que criar alguma coisa, um movimento. Que nada! O João, a presença dele já veio trazer benefícios a todos aqueles que tiveram contato com ele.¹³⁰

A estética dos carnavais que fizeram da Beija-Flor motivo de orgulho para seus componentes, e símbolo da cidade de Nilópolis, não pode ser reduzida a um simples recurso a partir do qual o banqueiro do jogo do bicho passou a manipular corações e mentes em favor de seu poder pessoal e do esquema político que sustenta com apoio de familiares. Acreditamos que a compreensão do acúmulo de capital simbólico por parte do banqueiro, na medida em que este se torna patrono de uma escola de samba, requer uma abordagem profunda acerca do que venha a ser realmente esta instituição em termos da composição de

¹³⁰ Entrevista concedida ao autor na casa do ex-componente, a 29 de jun. de 2005.

sua base social. E nesse sentido, o carnavalesco Joãozinho Trinta como símbolo e agente mediador assumia papel importante, mas que precisa ser analisado de acordo com a rede que se constituiu para a confecção de um desfile, como veremos no terceiro capítulo.

6. “Alô, papai! A família Beija-Flor te ama!”

Quem é Anízio?

Falar sobre esse assunto será sempre um desafio.

Misturado no mito e nas lendas, existe um homem que somente quem conhece sabe quem é.

E para descobrir quem é esse homem, sem estereótipos, além dos mitos e das lendas, somente abrindo o coração e despindo-se de ideias preconcebidas para dar a si mesmo a oportunidade de conhecê-lo.

Aqueles que o fizeram, conhecem o seu valor e repetem em uníssono: “Anízio, aqueles que te conhecem sabem quem você é”.¹³¹

O “desafio” em que consiste falar da figura de Anísio Abraão se deve às ambiguidades e contradições inerentes a um personagem publicamente reconhecido por seu envolvimento com atividades legais e atividades ilegais, ao mesmo tempo.

Os “mitos” e “lendas” a seu respeito precisam, portanto, serem analisados como construções carregadas de significado porque provêm da vivência concreta do personagem no seio de uma família de imigrantes libaneses que se estabeleceram em Nilópolis, na vida comunitária com pessoas da localidade, no ramo de negócios do jogo do bicho e no universo da Escola de Samba Beija-Flor. Os “estereótipos” e “ideias pré-concebidas” a que se referem os autores do pequeno texto tem a ver com a construção de visões acerca de Anísio as quais dão ênfase aos aspectos da criminalidade como fonte exclusiva de seu poder.

O texto que abre nossa discussão faz parte de uma das publicações oficiais da Beija-Flor de Nilópolis cujo tema principal era o aniversário de 70 anos do presidente de honra da escola que seria comemorado em junho de 2007. A seção da *Revista Beija-Flor* a que estamos nos referido apresenta uma série de depoimentos sobre Anísio atribuídos a familiares, amigos e pessoas que fazem parte de seu convívio social, ou seja, todos aqueles que o “conhecem e sabem quem ele é”. Os depoimentos destacam inúmeros atributos positivos relacionados a Anísio que podem ser articulados da seguinte forma: primeiro, os valores relacionados ao compromisso com a memória dos pais e que norteiam a convivência com os parentes; segundo, os valores específicos relacionados à conquista da ascensão social, originários do

¹³¹ 70 anos de um guerreiro. Depoimentos. *Revista Beija-Flor de Nilópolis – uma escola de vida*. Nº 6. Fevereiro de 2007. p. 78.

mito do mascate; e por fim, aqueles relacionados à convivência com amigos e seus funcionários – respeito, seriedade, etc.

As falas expressam fundamentalmente uma forma dessas pessoas demonstrarem a gratidão pelo que Anísio representaria em suas vidas. Isto se concretiza apenas pela reconhecimento público de tal sentimento, o que confere ganhos simbólicos a Anísio.

O trabalho institucional dedicado à manutenção da imagem de Anísio como “benfeitor” e “protetor” não se reduz a uma simples estratégia baseada na manipulação ou na construção de “mitos” fundados em falsas histórias para a “limpeza simbólica” de sua associação com negócios ilícitos. Podemos verificar entre simpatizantes dos Sessim e dos Abraão a visão de que certos membros do círculo de poder familiar não seriam dignos da mesma posição de prestígio conquistada por Anísio. A ascensão política das famílias teria de certa forma instituído a ideia generalizada dos “turcos” como benfeitores, todavia, quanto a isto haveria algumas contradições que, como podemos perceber pela fala de Marisa na entrevista que realizei com ela e seu marido, fortaleceria a posição de Anísio:

[...] Não que hoje em dia todos os turcos façam, não é assim! Existem aqueles que fazem e existem os que não fazem nada, só querem o dinheiro daqui e moram na Barra, entendeu? Existem aqueles que têm nome aqui, que se projetaram aqui, mas não moram em Nilópolis. Agora, Anísio, a vida dele é Nilópolis! A justiça seja feita: ele é bom. E você sabe que ele não estudou, foi dos irmãos o que não estudou, não sabe nada. Mas carrega os irmãos nas costas, os irmãos formados, mas ele carrega porque é muito, muito rico, ele é milionário! O que o Anísio tem é incontável, no sentido mais amplo da palavra. [...] Existem pessoas que não tem conhecimento, ouvem falar de um cara que é do bicho... O cara que a gente conhece, realmente, é um cara que ajuda, que você chega lá com um exame caríssimo que não tem como fazer, mas ele dá o dinheiro, ajuda mesmo! Esse Anísio aí eu conheço, entendeu?

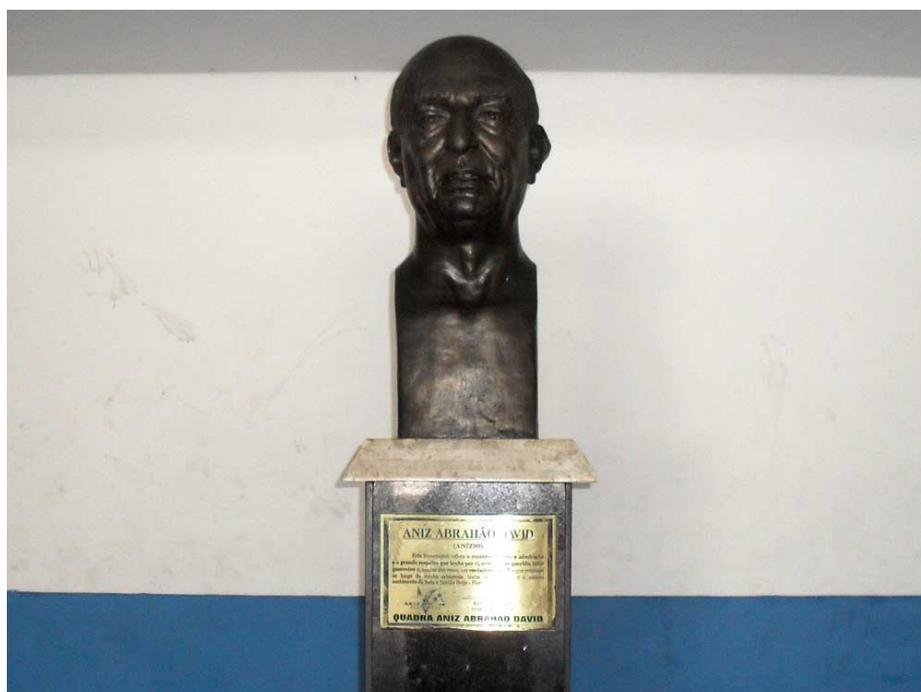
A ideia de que outros descendentes libaneses que tiveram ascensão social em Nilópolis – fizeram “nome” na cidade – não expressam gratidão ao “povo que os recebeu” confere, por tabela, espontaneidade às ações de Anísio, as quais constituiriam a manutenção do seu compromisso com a tradição de “ajudar ao próximo” atribuída aos Abraão. Levando-se em conta que Marisa constrói a visão dela num momento bem posterior à morte de Néilson Abraão David, que era detentor de uma fama de benfeitor em Nilópolis até maior que Anísio, é este quem agora encarna melhor a figura do homem que adquiriu fortuna, e não esqueceu dos parentes, dos amigos e do fato que muitas pessoas em Nilópolis precisam de “ajuda” para enfrentar difíceis condições de vida, assim como ele próprio enfrentou no passado.

Tudo isso não significa dizer que se desconheça a ligação de Anísio Abraão com a contravenção, algo que a própria entrevistada reconhece. Entretanto, o argumento do discurso

que enaltece a “bondade” de Anísio está no fato dele promover de alguma forma a redistribuição da riqueza que conquistou.

A inserção na localidade é concebida como tendo sido a base para a ascensão social das famílias, pois foi em Nilópolis que estabeleceram as raízes necessárias ao sucesso no ramo do comércio e, conseqüentemente, para a projeção dos descendentes no mercado de profissões liberais e na política. As trajetórias dos diferentes membros das famílias que conseguiram “fazer nome” por sua atuação nesses campos devem ser pensadas, portanto, a partir da posição privilegiada que tiveram enquanto filhos de comerciantes estabelecidos em Nilópolis, ou melhor, que conseguiram se adaptar ao padrão de sociabilidade do lugar.

Um olhar sobre o universo da Beija-Flor de Nilópolis no contexto atual, mesmo “de fora e de longe”, no sentido etnográfico atribuído por Magnani, seria suficiente para se perceber como a escola de samba propicia os melhores meios para criação do conhecimento e do reconhecimento da *generosidade* de Anísio Abraão. Basta uma visita à quadra de ensaios, que tem o nome do próprio, para que se veja vários símbolos que expressam a linguagem do *dom*. Partindo daquela que certamente é a homenagem mais significativa ao presidente de honra da escola, podemos tirar muitas conclusões a esse respeito. No ano de 2004, foi colocado um busto de Anísio na quadra, o qual pode ser visualizado na foto abaixo.



A placa de metal colocada na base do busto contém a seguinte mensagem atribuída ao presidente administrativo Farid Abraão:

ANIZ ABRAHÃO DAVID
(ANÍZIO)

Esta homenagem reflete o reconhecimento, a admiração e o grande respeito que tenho por ti, como irmão querido, líder guerreiro e, muitas das vezes, um verdadeiro pai. É o que constatei ao longo da minha existência: tenho certeza que é o mesmo sentimento de toda a família Beija-Flor.

G.R.E.S. Beija-Flor

Farid Abrão David
23 DE ABRIL DE 2004

QUADRA ANIZ ABRAHÃO DAVID

O monumento consagra o “reconhecimento” do que seria uma trajetória de liderança do personagem homenageado sobre os membros de seu grupo de parentesco direto e, ao mesmo tempo, sobre aqueles que fazem parte de sua rede social pelo parentesco indireto compondo a *família Beija-Flor*, símbolo representativo do que seria o domínio de Anísio Abraão David.

A categoria *família* passa a servir como principal referência para classificação dos tipos de vínculos estabelecidos entre os personagens inseridos no universo dos Abraão e, ao mesmo tempo, para determinar a forma de relacionamento que deve prevalecer entre eles.

Desse modo, a *família Beija-Flor* se constitui oficialmente a partir da figura do *pai*, Anísio, o que pressupõe a sua *generosidade* para com os *filhos* e a responsabilidade pela proteção enquanto “líder guerreiro”. A “comunidade” como sendo o conjunto de componentes que “ganha” fantasias do desfile em troca do compromisso com a presença nos ensaios representa aquele setor da escola mais subordinado à figura do *pai*. O termo “comunidade” atualmente aparece também nos discursos dos políticos das famílias Sessim e Abraão designando o conjunto dos indivíduos mais pobres da população local.

O *trabalho de memória* produzido através dos materiais de imprensa da Beija-Flor de Nilópolis apresenta uma versão muito bem elaborada sobre como teria se constituído essa liderança de Anísio no universo da escola de samba. Trata-se de uma versão oficial, mas que precisa ser analisada para que não se pense que está destituída de qualquer tipo de reconhecimento entre os atores sociais que fizeram parte do processo.

Antecipamos a percepção de que todo esse esforço institucional dedica-se à criação de uma figura mítica de Anísio, isto é, no sentido de uma mitologia política que chega a assumir uma forma atemporal, incorporando de forma coerente elementos cujo significado pode prescindir de fundamento real. Contudo, enquanto construção social, esse processo surge num

contexto determinado, no qual a figura de Néelson Abraão David não mais estaria cumprindo o tão importante papel de mediador da organização voltado para os setores da comunidade local, como aconteceu até o seu falecimento em 1991.

Para tanto, tomamos como inspiração o modelo de análise elaborado por Ângela de Castro Gomes em *A invenção do trabalhismo* para sua explicação acerca da lógica simbólica da *generosidade* que presidia a relação estabelecida entre Vargas e classe trabalhadora a partir do Estado Novo. Essa referência é relevante até pelo fato de que o projeto político criado nesse momento específico da história do Brasil teve desdobramentos importantíssimos para instituição de uma forte tradição política no país.

Os textos elaborados pelo aparato de comunicação da Beija-Flor colocam Anísio sempre como *sujeito da ação* no que se refere às realizações no âmbito da *família Beija-Flor*. Esta é a primeira indicação de que a lógica expressa nesse discurso se assemelha de uma certa forma àquela descrita por Ângela de Castro Gomes quando analisa as mensagens radiofônicas que constituíram uma das principais iniciativas da propaganda governamental durante o Estado Novo. De acordo com a linha de raciocínio da autora, a maior das qualidades atribuídas a Vargas enquanto grande estadista estaria associada à sua capacidade de se adiantar aos próprios acontecimentos da realidade com uma espécie de antevisão do curso da história, algo destacado como sendo a *clarividência* do líder.¹³²

É claro que estamos lidando com um tipo de liderança diferente, constituída no âmbito de uma estrutura local de poder que se baseia numa vasta teia de relações informais e na qual os atores sociais desenvolvem suas práticas de acordo com padrões de sociabilidade específicos. Contudo, verifica-se como o aparato de imprensa vinculado à escola de samba trabalha intensamente na transmissão de um discurso refinado, no qual se mostra apropriação de elementos originários da cultura política mais ampla e, de forma muito sutil, a articulação deles com a simbologia das religiões afro-brasileiras que, ainda hoje, tem muita força no contexto das grandes escolas de samba cariocas.

Isso se torna compreensível, se analisamos o texto de uma mensagem comemorativa do aniversário de Anísio do ano de 2005 que foi publicada pelo pesquisador Hiram Araújo em um dos “veículos oficiais” de comunicação do grêmio recreativo, o jornal *O Beija-Flor*. Convém ressaltar que o médico Hiram Araújo é uma personalidade muito respeitada no meio carnavalesco, pois fez parte da diretoria da Escola de Samba Portela nos anos 1960, realizou

¹³² Gomes, op. cit., p. 220,221

importantes trabalhos de pesquisa ao longo de sua trajetória¹³³, e hoje é Diretor Cultural da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA). Sendo uma pessoa de tamanho capital simbólico no mundo do samba e até no meio acadêmico, seus textos conferem um certo *status* aos periódicos da Beija-Flor de Nilópolis, para os quais contribui com regularidade sempre dando destaque à forte relação de amizade que tem com Anísio. Vejamos parte do texto intitulado *Mensagem a Anísio*:

Dia 7 de junho é data especial para todos nós, amigos e admiradores de Aniz Abraão David, a quem carinhosamente chamamos Anísio. É dia de seu aniversário. Anísio pertence à categoria de pessoas privilegiadas, dotadas de inteligência fora de série, que carregam o que o médico suíço C. G. Jung chamou de memória ancestral, que representa o acúmulo de experiências milenares da humanidade.

Essas criaturas são dotadas de inteligência fora do habitual. Aprendem ouvindo, guardam e sabem tudo, por isso independem dos conhecimentos teóricos ou de formações universitárias para manterem conversações de padrões intelectuais mais elevados.

Seus sentidos são apurados, enxergam o que nós, pessoas comuns, não conseguimos ver. De imediato percebem quando as pessoas se aproximam, se são do bem ou do mal. Adivinham suas intenções. Parecem que leem suas auras invisíveis.

Esses seres humanos possuem “chispas” no raciocínio. Suas respostas saem de pronto, imediato, não precisam de tempo para réplicas.

Quando seus neurônios são estimulados, logo se acendem as luzes do raciocínio, que funcionam como relâmpagos. As palavras, então, saem rápidas, galopantes, envolventes. E brilhantes.

Esses indivíduos são vitoriosos nas atividades que exercem na sociedade, como desbravadores de obstáculos, por isso são líderes.

Suas vidas flutuam entre a realidade e a ficção, passando rapidamente do plano real para os planos fictício e simbólico, mítico e ritual, alcançando a magia e o mistério.

Não há forma melhor de enquadrá-los senão pelo designativo de Rei. [...]

É dessa forma que nós, amigos de Anísio, o vemos. Ele é rei. Rei de Nilópolis. Rei do samba.

Rei de Nilópolis pelo trabalho que desenvolve através de inúmeras iniciativas: na creche Júlia Abraão David, entre outros benefícios.

Rei do samba através de suas atuações intensas e diversificadas na Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis e na Liga Independente das Escolas de Samba.

Parabéns, Anísio, e longa vida.¹³⁴

Na passagem, ressalta-se exatamente uma das duas qualidades que, segundo Ângela de Castro Gomes, constituiriam os fatores básicos sobre os quais repousava a possibilidade de realização plena da *clarividência* de Vargas. No caso de Anísio, a *inteligência fora de série* é destacada como uma espécie de dom divino, algo que, no entanto, foi desenvolvido por ele ao longo da vida, posto que não seria uma qualidade possível de lhe conferir *status* superior sem

¹³³ Destacamos entre suas obras: Araújo, Hiram. *Carnaval – Seis milênios de História*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 2000; Araújo, H. *Memória do Carnaval*. Rio de Janeiro: Riotur / Oficina do Livro, 1991; Araújo, H. e Jório, Amaury. *Natal: o homem de um braço só*. Rio de Janeiro: Guavira, 1975.

¹³⁴ O Beija-Flor, N° 7, Ano 2, p.4

mérito pessoal. E ainda, não o afasta do que entendemos como *sabedoria popular*, pelo fato de sua inteligência ser apresentada como sendo de um tipo que “*independe dos conhecimentos teóricos ou de formulações universitárias*”. O que aproxima ainda mais Anísio dessa sabedoria são os traços de sua personalidade apresentados por Hiram através de uma linguagem formal, mas que remetem a atributos das divindades masculinas do Candomblé. Podemos considerar a idéia da velocidade de raciocínio, com o estímulo de neurônios que “funcionam como relâmpagos”, como uma referência a Xangô, orixá da justiça, e que tem toda uma associação com a realeza. Além disso, a imagem de um indivíduo vitorioso em sua trajetória de vida, um “desbravador de obstáculos”, liga-se a Ogum, sincretizado no Rio de Janeiro com São Jorge.

O *status* que Hiram atribui a Anísio pelo designativo *rei* se justificaria em virtude de suas atitudes generosas. Não se trata de um homem extraordinário porque tem uma origem social distinta da maioria das pessoas com as quais conviveu em Nilópolis – *não nasceu em berço de ouro* –, o que reforçaria princípios excludentes, mas sim pela nobreza de seus gestos diante das dificuldades enfrentadas pelos artistas do samba e demais vítimas da pobreza e das injustiças.

Com isso, teríamos o elemento associado ao segundo fator para a realização plena da *clarividência* de Anísio, uma qualidade concebida como fruto de herança deixado por Júlia Abrão David a seus filhos, a dizer: uma *capacidade de se sensibilizar* diante da situação de dificuldade das pessoas, e de ajudá-las quando possível, tomando o cuidado de não causar humilhações em vista de suas carências; algo nos termos de uma amizade a que se pode recorrer nas horas mais urgentes.

Saindo um pouco da linha de raciocínio de Ângela de Castro Gomes, apenas para uma melhor adequação de seu modelo explicativo ao nosso contexto de pesquisa, devemos compreender que o conjunto de atos generosos atribuídos à pessoa de Anísio tem por base uma *razão de família* que remete, antes de tudo, à versão do *mito do mascate* baseada na “história de amor” iniciada pela família de imigrantes libaneses com o “povo de Nilópolis”.

Como fizemos referência anteriormente, os materiais de imprensa da Beija-Flor editados ao longo de 2007 deram grande ênfase às comemorações pelos 70 anos de Anísio. E cabe uma observação acerca do fato mais exaltado ter sido a *generosidade* do líder da *família Beija-Flor*, o que transformava a ocasião num momento especial para o reconhecimento das ações do patrono da escola de samba.

A matéria principal da revista, uma espécie de retrospecto da vida de Anísio e de suas realizações, conta como que seu enriquecimento teria resultado do trabalho em atividades

empresariais legais, o que revela um descarte de qualquer menção ao envolvimento dele com as atividades ilegais ligadas ao jogo do bicho. Em seguida, a história de sua relação com a Escola de Samba Beija-Flor é narrada da seguinte forma:

Com a vida financeira estabilizada, Anízio parte para novos desafios, investindo parte dos seus recursos em atividades sociais e na reconstrução da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, para fazer dela o que é hoje: a melhor escola de samba do mundo.

Sua chegada ao G.R.E.S. Beija-Flor foi através de seu irmão Néelson, que namorava Marlene, filha do presidente da Beija-Flor José Sennas. Anízio, que ia às festas e rodas de samba da escola, foi tomando mais gosto pela agremiação e resolveu puxar para si a responsabilidade de erguê-la para novos patamares.

O resto da história todos sabem: Anízio injetou recursos, que melhoraram as instalações, contrataram profissionais de qualidade e deram um novo ânimo à escola, até que no ano de 1976 uma desconhecida escola de samba da Baixada Fluminense invade a cidade do Rio de Janeiro e conquista o título de campeã do Grupo I do Carnaval Carioca, à época principal Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Consolidava-se, assim, uma fase na vida da Beija-Flor de Nilópolis, do povo nilopolitano e de todo o povo da Baixada, que encontrou na escola um motivo de orgulho e motivação.

O convívio com o mundo do samba mostrou a ele uma realidade muito triste: grandes artistas e suas famílias passavam enormes necessidades, apesar do importante trabalho que faziam na construção da identidade nacional do país. Sensibilizado, e sem entender bem o papel histórico que estava exercendo naquele momento, Anízio empreende uma luta pelo resgate do valor e da dignidade dos sambistas e dos Desfiles de Carnaval. Quem lembra muito bem esses acontecimentos é um dos mais respeitados sambistas de todos os tempos e um grande amigo de Anízio: Monarco, da Portela: “Anízio é uma pessoa bem intencionada, e as escolas de samba devem muito a ele. Se hoje sambistas e as escolas de samba estão na situação que estão – as autoridades e a sociedade olhando a gente com mais respeito – em grande parte isso se deve ao Anízio.”

Além de contribuir para a valorização do samba e das escolas de samba, Anízio vez por outra era procurado por sambistas e intérpretes da música popular brasileira que buscavam a inserção no mercado nacional. Para eles, sempre que podia, Anízio dava a sua contribuição, seja com apoio financeiro, seja através do seu relacionamento com pessoas importantes e bem-intencionadas. Dentre artistas do naipe de Agnaldo Timóteo e Leci Brandão, destacamos a atuação dos mecenas Anízio ao jovem Neguinho da Vala, hoje o internacionalmente conhecido Neguinho da Beija-Flor: “Talvez se não fosse Anízio, não existisse o Neguinho da Beija-Flor como ser humano. Minha vida teria tomado outro rumo, pelo pavio curto que sou. Se hoje eu sou um artista conhecido, com uma carreira organizada, eu não agradeço ao meu talento, eu agradeço a Anízio Abrão David, que me deu todas as oportunidades que precisei.”

É por isso que hoje Anízio é considerado um mecenas do samba (no dicionário Aurélio, mecenas significa “protetor das letras, ciências e artes, ou dos artistas e sábios”).¹³⁵

O que precisa ser observado como argumento da narrativa é como que as ações *generosas* de Anízio no “mundo do samba” extrapolariam a simples ideia da prestação de favores, algo que não possibilita a demonstração de talento ou valor por parte de quem recebe,

¹³⁵ Revista Beija-Flor, Ed. Fevereiro de 2007, p. 76,77.

apenas a simples gratidão. Além disso, a apropriação de termos de uma linguagem econômica do mundo empresarial – *estabilidade, investimento, recursos* – e da noção de *mecenato* originária do mundo das artes clássicas confere a ele uma legitimidade maior frente à ideia comum da *patronagem* dos banqueiros do jogo do bicho no carnaval.

A concessão de recursos financeiros para “reconstrução” da Beija-Flor é colocada como motor de uma transformação do *status* da escola de samba que, assim, inaugurava uma “nova fase” – seriam os “anos de sucesso” – ao deixar de ser a “desconhecida” da Baixada para se tornar vitoriosa entre as “grandes” do carnaval carioca. Passava a ser “motivo de orgulho” não só para os sambistas, mas também para o conjunto de moradores da região e, em especial, dos nilopolitanos, que ganharam um símbolo para afirmação de sua identidade.

Convém observar que a narrativa não faz qualquer menção mais significativa ao passado da Beija-Flor antes da direção dos Abraão David, algo muito comum nos materiais de imprensa da Beija-Flor. E apesar de ter sido feito no texto um reconhecimento das mediações constituídas por Néelson Abraão David para o ingresso do irmão na diretoria da Beija-Flor de Nilópolis – conforme vimos anteriormente e ainda vamos explorar no próximo capítulo –, elabora-se uma interpretação particular do processo, baseada na ideia de que a escola teria mudado definitivamente a partir do momento em que Anísio “resolveu puxar para si a responsabilidade de erguê-la para novos patamares”.

Em relação à figura mítica de Anísio, o princípio da ação generosa se estabelece mediante a sensibilização do homem ao perceber num certo momento as dificuldades por que passavam os sambistas e a inadmissível falta de valorização em relação a eles tendo em vista o papel que desempenhavam como legítimos representantes da cultura brasileira. Tais necessidades seriam de ordem material, no entanto, é preciso considerar que a “ajuda” financeira de Anísio sempre está condicionada ao vínculo direto e pessoal que cria com os sambistas. E quando o texto diz que ele iniciou uma luta, “sem entender bem o papel histórico que estava exercendo”, isto sugere que sua ação se deu de forma voluntária e no sentido de uma entrega total, entendendo-se que a ideia de uma batalha, além de ter relação com a noção de nobreza, supõe colocar a vida em risco.

Nas palavras atribuídas ao compositor Monarco, sem dúvida “um dos mais respeitados sambistas de todos os tempos”, não fica mencionado qualquer apoio em benefício próprio recebido por ele como presente de Anísio. Entretanto, a fala acaba assumindo a forma de um discurso em nome dos sambistas “da tradição” pelo reconhecimento da *generosidade* do presidente de honra da Beija-Flor, uma demonstração pública de gratidão, e que revela também a dimensão obrigatória do *dom*. Monarco falaria de um “dever” dos sambistas para

com Anísio, uma obrigação moral que não assume o formato de uma dívida material a ser paga num prazo determinado.

Sempre foi difícil para os artistas ligados ao universo das escolas de samba conseguirem projetar uma carreira profissional. No caso dos compositores, especificamente, a possibilidade de obterem ganhos financeiros com suas músicas costuma acontecer através da organização das tradicionais rodas de samba, das vitórias em disputas de samba-enredo, ou então, gravando algum sucesso com grandes intérpretes do samba. Sendo assim, raros são os casos de sambistas que conseguem viver exclusivamente da música, ainda mais porque a maioria deles não possui formação musical que viabilize a resolução de questões de ordem técnica no âmbito da carreira. Nesse sentido, o trecho da citação sobre o intérprete da Beija-Flor e a sua transmutação guiada por Anísio contém uma riqueza de significado que precisa ser mais explorada.

O destaque à passagem do *Neguinho da Vala* a *Neguinho da Beija-Flor* se justifica pelo que este personagem representa em termos daquilo que pode determinar o vínculo com a *família Beija-Flor*, e mais especificamente com o grande *pai*. A trajetória do intérprete se conforma num modelo quando a figura do jovem negro e pobre encarna a comunidade local e seus problemas, ao mesmo tempo em que expressa a possibilidade de superação desta situação proporcionada pela *generosidade* de Anísio. Para que isto fique mais claro, só mesmo explorando associações condizentes com o complemento “da Vala”, no sentido de mostrar a sua negação mediante a reconfiguração identitária a partir de “da Beija-Flor”.

Seguindo as indicações do próprio texto, a idéia de “vala” associada a um jovem negro originário da Baixada Fluminense remete ao anonimato das pessoas dessa região marcada pela pobreza e pela ineficiência de serviços básicos como coleta de lixo e saneamento básico. E por outro lado, “vala” se refere também à marginalidade, sendo o lugar em que são depositados os corpos de inúmeras vítimas da violência, como uma forma de aniquilação completa da pessoa. Em contraposição a tudo isso, tendo-se por base a *generosidade* de Anísio, o símbolo *Beija-Flor* abre um campo de possibilidades no qual se torna concebível a conquista da dignidade por parte dos moradores da cidade berço da escola de samba, posto que passam a contar com a chance de mostrar seu valor através da arte, associado ao luxo, à leveza e ao brilho característicos da fase de desfiles “grandiosos”.



Neguinho da Beija-Flor (ensaio na quadra em janeiro de 2010)

Contudo, a garantia do sucesso de Neguinho tem como condição a manutenção da relação de reciprocidade firmada com Anísio, o que pressupõe a retribuição em termos de *fidelidade* que se confirma pela permanência do intérprete durante tantos anos na mesma agremiação carnavalesca. Os convites para shows que Neguinho recebe, dito por ele em entrevistas de TV, devem-se em grande parte à ligação que tem com a Beija-Flor, que nos vem à mente sempre que vemos a figura do intérprete ou ouvimos a sua voz. Por outro lado, percebe-se o quanto que sua carreira está atrelada aos projetos da família Abraão David. Em todas as campanhas políticas municipais, sem exceção, a sua voz compõe a trilha sonora da propaganda oficial do candidato à Prefeitura apoiado pelos Abraão e pelos Sessim, e que geralmente é um membro direto de uma das duas famílias.

São inúmeros moradores da cidade que constroem sua identidade social a partir da inserção na escola de samba, sob diferentes graus de vinculação e níveis variáveis de capital simbólico acumulado em termos de pretígio e influência, mas atuando de acordo com a lógica expressa pelo modelo *Neguinho da Beija-Flor*. Portanto, consideramos o próprio intérprete como um dos símbolos que compõem o sistema centrado na imagem da *familia Beija-Flor*.

Atualmente, quando as publicações oficiais da Beija-Flor tratam da ascensão que a escola teve no carnaval carioca na segunda metade dos anos 70, a ênfase que os editores procuram dar aos textos confere às ações do patrono da escola um peso tão extraordinário que chegam a ponto de não trazerem sequer uma menção àquele que se tornou um dos maiores símbolos da marca de “grandiosidade” e “luxo” que se constituiu como padrão estético dos desfiles da Beija-Flor de Nilópolis, o carnavalesco Joãozinho Trinta. Provavelmente, isto se deva a sua saída conflituosa da escola em 1992, depois de ter passado 17 anos dirigindo a

confeção dos desfiles da Beija-Flor e, assim, ter assumido um verdadeiro papel de porta-voz da escola, talvez ofuscando a imagem do próprio patrono.

Joãosinho, mesmo subordinado a Anísio, respondia pelos assuntos relativos ao carnaval aos setores da imprensa, e por seu talento, fama, e capacidade de articulação, conseguiu atribuir a seu nome – mesmo vinculado à Beija-Flor – um valor simbólico tão extraordinário que, para fora do carnaval, no Brasil e o exterior, isto lhe dava uma grande autonomia em relação à figura do presidente de honra. Além disso, é preciso considerar o fato de que o atual Diretor de Carnaval, Laíla, seja um desafeto de Joãosinho e provavelmente intervenha para produção do *esquecimento* daquele personagem, o qual poderíamos dizer que também se tornou um *mito* no universo da Beija-Flor.

Outro elemento interessante na passagem da revista citada anteriormente é o destaque dado à atuação informal de Anísio como uma espécie de agenciador. Seria um indício de que sua rede de influência tem ampla extensão no meio artístico, ao que podemos associar o campo jornalístico, “através do relacionamento com pessoas importantes e bem-intencionadas”.

Ainda no âmbito da *generosidade* de Anísio exaltada através dos materiais de imprensa da Beija-Flor, um dos pontos que vem sendo até mais trabalhado no contexto atual se refere aos “projetos assistenciais” desenvolvidos através da escola de samba sob o patrocínio de seu “grande líder”. Nas palavras “cuidadasas” de um dos colaboradores da *Revista Beija-Flor*: “[...] Não se trata do assistencialismo do ponto de vista pejorativo que a palavra possa significar, mas sim de um trabalho intensivo, gratuito, feito por pessoas que, nem de longe, carregam em si aquele espírito político, de autopromoção ou coisa parecida. [...]”¹³⁶. Isto nada mais é do que uma confirmação do caráter “desinteressado” do *dom*.

Convém esclarecer que as edições da revista reproduzem a mesma estratégia de divulgação. Antes da introdução do argumento principal das reportagens, costuma aparecer a referência ao papel que as escolas de samba desempenham enquanto símbolos de nossa identidade nacional. Nesse sentido, as contribuições da Beija-Flor para o desenvolvimento do Brasil estariam confirmadas através de seus temas de enredo voltados tanto para apresentação das grandezas do país quanto para denúncia dos problemas sociais que ainda atingem duramente o povo brasileiro. Embora os editores da revista sejam cuidados ao reconhecerem que, num certo sentido de *tradição*, a escola de Nilópolis não pode ser equiparada a Mangueira, Portela, Império Serrano e Salgueiro, isto não impede que ela seja considerada

¹³⁶ **Maurício Louro. Beija-Flor de Nilópolis. Onde começa o amor pelo Brasil. Revista Beija-Flor – uma escola de vida.** Ed. Fevereiro de 2004. p.58

expressão de brasilidade, posto que: “... defende uma atitude de incondicional amor ao país e às suas manifestações culturais, propondo que cada cidadão demonstre com atitudes cotidianas o seu amor e respeito a essa pátria, que a todos acolhe com carinho e hospitalidade”.¹³⁷

Se atentarmos para o fato de que a família que controla a Beija-Flor é composta por descendentes de imigrantes libaneses, devemos pensar o quanto que sua associação com uma instituição que constitui um dos elementos mais significativos da identidade nacional brasileira contribuiu para sua aceitação por setores da comunidade local nilopolitana, rompendo de certa forma com o estranhamento expresso na imagem da “turcalhada”. De acordo com Roberto Da Matta, instituições como Escola de Samba, Jogo do Bicho, Futebol, são todas elas muito mais representativas de nossa nacionalidade para o conjunto da população do que as instituições e os símbolos da política oficial.¹³⁸

O discurso da revista apresenta uma apropriação da noção de patriotismo no sentido do que seria uma relação de *reciprocidade* amorosa. Ou seja, para que um indivíduo ame seu país, se faz necessário que o país ame esse indivíduo reconhecendo-o como cidadão de forma plena e lhe assegurando a identidade. Isso está longe de acontecer no Brasil, o que concretiza o problema-síntese para o qual se lançariam os projetos assistenciais da Beija-Flor.

O argumento central do discurso veiculado na revista se sustenta, portanto, na seguinte formulação: se o Estado não é capaz de garantir os direitos básicos do cidadão, iniciativas como as da Beija-Flor que acabariam cumprindo esse papel em meio à falta de compromisso dos políticos e à falta de atitude de intelectuais que tanto discutem, e nada resolvem. Pessoas como Anísio Abraão seriam “heróis”, na medida em que têm a capacidade de se *sensibilizar* diante dos problemas da população pobre, sabendo tomar decisões certas para ajudar a resolvê-los sem protelações. Sendo “honradas”, essas pessoas fazem valer a “sua palavra” cumprindo o que prometem.

O modo de apresentação dos trabalhos sociais se dá como se a equipe da revista tivesse realizado efetivamente uma visita às instituições, sugere um convite aos leitores para constarem o que Anísio “realmente faz”. Ressalta-se constantemente o caráter voluntário de seu investimento nas obras sociais, como algo sem o “menor interesse” de fazer promoção pessoal, mesmo que no cumprimento de um papel que deveria ser do Estado.

As instituições mantidas pelo patrono da Beija-Flor têm os nomes das personalidades mais representativas da família: Creche Júlia Abrão David, Educandário Abrão David e

¹³⁷ Revista Beija-Flor, Ed. Fevereiro de 2004, p. 58

¹³⁸ Da Matta e Soárez, op. cit., p. 23

Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abraão David. Trata-se de uma forma de manter a própria memória dos Abraão, e ao mesmo tempo fortalecer princípios fundamentais da *família Beija-Flor*: o *carinho* da mãe; a *educação* transmitida pelo pai; e o sentimento de *amor e irmandade* para com as pessoas da comunidade local. Contudo, a figura de Anísio é que desponta como grande responsável pela obra social, iniciada ainda nos anos 1980, no que teria sido uma manifestação de *inteligência e visão do futuro* com o intuito de proporcionar serviços de qualidade aos jovens pobres da cidade para que possam ter a “esperança de uma vida melhor”. As reportagens trazem muitas mensagens de gratidão a Anísio atribuídas aos ex-alunos das referidas instituições ou a seus pais, sempre no sentido de ressaltar as dificuldades comuns aos jovens de baixa renda da localidade, para os quais uma chance de conquistar dignidade e se preparar para a vida se daria mediante o ingresso nos projetos desenvolvidos pela Beija-Flor de Nilópolis.

A apreensão das articulações de uma rede social através dos referidos projetos não faz sentido se não for concebida em associação com uma teia de categorias que modulam as relações entre os atores envolvidos. Em nosso caso de estudo, essa teia se constitui amarrada àquela categoria que serve como referência da totalidade vivenciada pelos atores: a *família*. O próprio projeto pedagógico desenvolvido na Creche e no Educandário, segundo sua diretora, baseia-se na idéia de que a “família é o princípio de tudo”, e a partir dela é que a criança pode incorporar princípios fundamentais como *respeito, generosidade, amizade, carinho*, todos necessários para que possa ocupar seu lugar na própria sociedade¹³⁹.

Segundo esse discurso legitimador das ações de Anísio com base na lógica simbólica da *generosidade*, destacar apenas o lado marginal do personagem seria atitude comum de “quem não o conhece”, e nesta situação estariam os jornalistas e autoridades policiais preocupados apenas com fatos espetaculares associados a sua imagem de “fora da lei”. O trecho de um artigo publicado na revista Manchete em 1981, logo após o famoso caso “Misaque-Jatobá”, é revelador da percepção das ambiguidades da figura de Anísio:

Na verdade, quem é este homem? O herói de uma comunidade ou uma pessoa fria que à distância decreta sentenças de morte como nas séries policiais de televisão? O folclórico e paternalista banqueiro do simpático e honesto jogo do bicho – quem não gosta de fazer um fezinha? – ou um implacável vingativo que não admite qualquer arranhão na sua honra de intocável ou em seu patrimônio obtido na contravenção? O simplório morador típico do subúrbio que gosta de jogar *peladas*, tomar cervejas, andar de bermudas e chinelos, peito nu, ou o dono da política local... [?] [...] Ao mesmo tempo em que circula tranquilo e homenageado pelas ruas de Nilópolis, sua casa é um forte inexpugnável, com circuito interno de tevê e comunicação eletrônica, como se temesse a qualquer hora um ataque de

¹³⁹ Revista Beija-Flor, Ed. 2004, p. 83

inimigos. Se se for a Nilópolis, ou mesmo a qualquer escola de samba, fica-se sabendo que Anísio é um deus de bondade; os adjetivos em louvor do homem formariam uma série interminável. Por toda a Baixada Fluminense se encontra famílias inteiras devedoras de gratidão para com ele. Um remédio aqui, um dinheiro ali, uma fantasia para o carnaval – centenas delas – acolá. Socorro certo na fome e na dor, mas também no luxo glorioso do domingo de carnaval, Anísio é admirado, saudado e idolatrado pela gente simples de Nilópolis, cidade que ele domina. Domina sem subjugar. Reina sem cobrar dízimos. Mas mantém o controle de tudo. [...] ¹⁴⁰

É preciso compreender como que vários “eventos espetaculares” ao longo do tempo ficaram associados à figura de Anísio, porém, foram superados. Haveria uma extraordinária capacidade de preservação de sua reputação em virtude da relação que possui com o universo da Beija-Flor, a partir do qual se manifestam atos de exaltação de suas “boas ações” e demonstrações públicas de gratidão motivadas tanto por “amor” quanto por “medo” pelo débito de algum *dom* concedido pelo grande líder.

Um bom exemplo para a compreensão de como a escola de samba se tornou um canal essencial para a contestação dessa visão externa sobre a figura de Anísio pode ser tomado a partir das circunstâncias em que a frase “quem te conhece sabe que você é” assumiu a forma de um “grito” da *família Beija-Flor* em apoio a Anísio. Só depois de um certo tempo de pesquisa foi que percebi o fundamento da mensagem que eu já havia tido contato por passar inúmeras vezes em frente ao antigo barracão da escola que fica na esquina da avenida Rodrigues Alves com Barão de Tefé, no Rio. A parte externa da grande parede voltada para a rua Barão de Tefé dá suporte ao seguinte texto:

Alô, Anísio! Quem te conhece, sabe quem você é!

A família Beija-Flor te ama!

Este é nosso grito!

Trata-se de uma mensagem dedicada a Anísio em nome de toda a *família Beija-Flor*, e que manifesta apoio a ele nas circunstâncias difíceis de algum dos vários momentos de perseguição policial por qual passou em sua trajetória de vida. A mensagem contra-dialoga justamente com a versão do discurso de “quem não conhece Anísio”.

O mesmo grito, contendo algumas variações, costuma ser dado numa situação ritual muito significativa dos desfiles da Beija-Flor na voz do intérprete da escola, e este costume

¹⁴⁰ *Manchete*, fev. 1981.

faz com que a simples visualização da mensagem nos espaços da agremiação leve as pessoas a pensarem nas ideias de *união e harmonia* tão caras ao desfile de carnaval.



Manifestação de artesãos do barracão em apoio a Anísio (foto postada na Internet na época dos acontecimentos da Operação Furacão, dez. 2007 – jan. 2008)

Basta atentar para o fato de que nos últimos anos o chamado “esquenta da bateria”, momento que antecede a entrada da escola de samba na avenida Marquês de Sapucaí, tem sido tradicionalmente marcado por uma série de manifestações de incentivo aos componentes e de agradecimento, sendo a maior parte destas endereçadas ao presidente de honra da escola. O famoso grito que consagrou Neguinho da Beija-Flor – *Olha a Beija-Flor aí, gente!* – até perdeu espaço para outros que sugerem direta ou indiretamente a relação fundadora da *família Beija-Flor*. Por exemplo, no Carnaval de 2009, em meio à comoção decorrente do quadro de saúde do intérprete Neguinho da Beija-Flor, a apreensão sobre suas condições de saúde para cantar o samba-enredo era muito grande e isto logicamente atraiu ainda mais atenção dos telespectadores e das pessoas que assistiam ao espetáculo presentes no Sambódromo – cabe ressaltar que a transmissão da Rede Globo de Televisão atinge uma escala de projeção internacional. Nesse momento *mágico*, sob todos os olhares, o intérprete não deixou de fazer a seguinte saudação: “*Obrigado, Anísio! A família Beija-Flor te ama.*” Em outra circunstância também emblemática, a gravação do álbum de 2008 com os sambas-enredo das escolas de samba do Grupo Especial, a voz de Neguinho abria a faixa da Beija-Flor com uma saudação

equivalente, no entanto, exaltando explicitamente a figura paternal do patrono da escola: “Alô, papai! A família Beija-Flor te ama.”

No período pré-carnavalesco de 2008, poucas semanas após a chamada Operação Furacão, Neguinho da Beija-Flor compôs um samba em homenagem a Anísio que passou a ser cantado regularmente nos ensaios na quadra até a semana antes do desfile, isto numa manifestação de apoio ao presidente de honra que visava, logicamente, contagiar a “comunidade” e demais simpatizantes da escola. Eis a letra do “Samba do Anísio”:

Nasceu menino pobre
Guerreiro, brasileiro e sonhador
E foi com gesto nobre
Baleiro, engraxate e camelô
Desde criança não perdeu a esperança
De ser na vida tão sofrido um vencedor
Cresceu, venceu e hoje vive pra servir
É gostoso a gente ouvir
Beija-Flor te ama
Anísio Abraão David
O povo te chama, o rei da humildade
Anísio é simplicidade, tem dignidade
Anísio é samba, amor e amizade

Os elementos da letra reportam a toda análise que desenvolvemos ao longo deste capítulo relativa ao simbolismo da “origem pobre de Anísio”, ao fato de ter enriquecido, porém, não ter esquecido dos valores da vida simples na família de libaneses que lhe fazem reconhecer a importância dos parentes e dos amigos e de “ajudar” as pessoas a sua volta.

Interessante observar como que elementos centrais do *mito do mascate* estão presentes na letra como atributos de Anísio – *luta, perseverança, humildade, dignidade* – no sentido de afirmar que a conquista de sua riqueza se deve ao apego a tais princípios e, portanto, não teria necessariamente relação com a exploração de negócios ilícitos.

Embora a estrutura de poder das famílias Abraão e Sessim não se mantenha exclusivamente pelas articulações com setores da comunidade local, certificamos que é em função do discurso baseado na lógica simbólica da *generosidade* que se sustenta uma tradição de atuação política local fundada na aproximação significativa e personalizada entre o chefe do esquema e os membros da *família Beija-Flor*.

No próximo capítulo, vamos analisar como a escola de samba se tornou um instrumento fundamental para a ampliação da rede de relações dos banqueiros do jogo do bicho tendo em vista os contatos com setores externos ao samba, efetuados principalmente por conta do crescimento proporcionado pelas vitórias no carnaval.

Capítulo III

1. Nilópolis e seus centros de sociabilidade

Uns dizem que são da Mangueira
Outros dizem que são do Estácio de Sá
Finalmente, todos querem
Exaltar o seu lugar
Eu sou de Nilópolis
Terra de batuque de bamba
E de feitiço e de samba
Nilópolis, terra da magia
Quem é de Nilópolis é a mesma coisa que ser da Bahia
Em Nilópolis tem sol, tem campo de futebol
Terra de gente de raça
Temos parques e cinemas
Muitas louras e morenas
Que desfilam em nossas praças
E além de tudo isso,
Tem negro bom no feitiço
No samba tem professor
É de lá a Escola de Samba Beija-Flor

A letra do samba composto por Osório Lima expressa uma afirmação da identidade regional do nilopolitano pela exaltação das práticas culturais no âmbito das opções de lazer e devoção existentes no município, tendo centralidade a Escola de Samba Beija-Flor, que, do ponto de vista do autor, estaria no mesmo grau de importância para a cidade que certas escolas cariocas estariam para seus respectivos bairros de origem.

Osório Lima ficou conhecido como compositor da Beija-Flor por ter feito três sambas-enredo para a escola nos anos 50. Para o carnaval de 1954, em parceria com aquele que viria a ser um dos personagens centrais na história da Beija-Flor, Silvestre David dos Santos, popularmente conhecido como Cabana, o “mestre” Osório compôs “O caçador de esmeraldas”. No ano seguinte, sozinho, compôs “Páginas de ouro da poesia brasileira”, e depois, em 1958, foi o autor de “Tomada de Monte Castelo”.¹⁴¹

Osório teve passagem também pelo Império Serrano, chegando a ser parceiro de Mano Décio da Viola, um dos ícones da ala de compositores da verde e branco de Madureira, que, assim como a Portela, era uma grande escola de primeiro grupo com a qual os sambistas da Baixada tinham afinidade pela proximidade com a região.

Foi através do compositor Josiel que tomei conhecimento do samba “Nilópolis”, apresentado a ele pelo próprio “mestre” Osório numa conversa de bar no final dos anos 70.

¹⁴¹ MEMÓRIA. **Beija-Flor 50 anos – a trajetória de uma campeã.** *Revista Beija-Flor – uma escola de vida.* Ed. Fevereiro de 2004. p. 88-97.

Sendo crítico contundente da falta de reconhecimento dos “antigos” por parte da diretoria vigente na Beija-Flor, Josiel argumentava pela necessidade do samba em questão, dedicado à exaltação do município e da Beija-Flor, ter um registro fonográfico. Graças à vitalidade da tradição oral do samba, foi possível o acesso ao que se pode considerar um testemunho de um dos compositores do passado da escola. Sem saber a data de criação da música com exatidão, Josiel afirma que a letra faz referência à Nilópolis dos anos 1960.

Nota-se nos versos um discurso contrário à ideia de que o município, por ser uma área habitada em sua maioria por população pobre, seria desprovido de opções de recreação e, por essa razão, impossibilitado de desenvolver uma vida associativa mais intensa. A Baixada Fluminense carregou até o final dos anos 80 a marca de ser a região mais violenta e desprovida de serviços básicos no estado do Rio de Janeiro. Talvez por isso, além de “samba” e “feitiço”, o poeta tenha ressaltado o envolvimento dos moradores com outras práticas culturais, como por exemplo, praças, parques e cinemas.

Muitos elementos na letra indicam a existência do que seria uma *rede de lazer* no município, noção esta baseada na visão de José Guilherme Magnani acerca de opções de recreação que se desenvolvem fora do espaço do lar, porém, no âmbito da comunidade local. A ideia de “lugar” nos leva a pensar no tipo específico de sociabilidade no qual essas formas de lazer se constituíram, entretanto, isto não significa dizer que o município de Nilópolis fosse dividido em pequenas unidades territoriais estritamente delimitadas, mesmo tendo pequena extensão territorial e alta densidade demográfica; não é esse o princípio do conceito de Magnani, embora para o autor sejam dois os elementos básicos do padrão de sociabilidade que define: “um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais”. Sendo assim, alguns pontos servem de referência para a delimitação do núcleo de sociabilidade, entre eles Magnani cita aqueles que seriam típicos da vida social numa área periférica: “o telefone público, a padaria, alguns bares e casas de comércio, o ponto de ônibus, o terreiro e o templo, o campo de futebol e algum salão de baile”.¹⁴² Chegamos a discutir o papel dos pontos de referência do centro constituído na avenida Mirandela próximo à estação de trens em Nilópolis quando falávamos do estabelecimento das famílias libanesas no comércio local nos anos 1930.

¹⁴² Magnani, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª. Ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003. p. 115.

As entrevistas com antigos componentes da Beija-Flor apontam para a existência de dois centros de sociabilidade muito importantes no centro da cidade em função de pontos de referência localizados nas imediações dos dois lados da estação de trem.

O lado da praça Paulo de Frontin tem uma ocupação mais antiga. Foi onde se estabeleceu uma comunidade de imigrantes judeus que chegaram à localidade nos anos 1920, e deram impulso ao desenvolvimento comercial dessa parte da cidade. Até meados da década de 1970, momento da ascensão da Beija-Flor entre as grandes escolas de samba do carnaval carioca, o centro das manifestações públicas de Nilópolis era a referida praça, cercada por suas casas de comércio, padarias e bares. Nas imediações havia ainda um cinema, um salão de baile, e a catedral católica mais antiga, de Nossa Senhora da Conceição. Os campos de futebol não eram comuns até uma questão geográfica, pois esse lado de Nilópolis tem relevo bastante irregular. O palco do carnaval de blocos da cidade era justamente a praça Paulo de Frontin.

Já o lado da avenida Mirandela teve seu crescimento com a expansão urbana mais recente, fenômeno que costuma ser associado por muitos moradores à projeção da Beija-Flor de Nilópolis. O trecho da avenida mais próximo da estação de trem foi ficando progressivamente pontuado por casas de comércio, inclusive, foi onde os patriarcas das famílias Abraão David e Sessim tiveram suas primeiras lojas. Também havia bares, pontos de ônibus, os dois cinemas existentes é que ficavam um pouco mais distantes dessas imediações. A maior disponibilidade de terrenos facilitava para os moradores a organização de torneios entre times de futebol de várzea, muitos deles associados a blocos carnavalescos. Já nos anos 1960 existiam duas catedrais, a de Nossa Senhora Aparecida, na própria avenida Mirandela, e a de São Sebastião, no bairro de Olinda. A referência aos cultos afro-brasileiros no samba de Osório Lima, segundo o compositor Josiel, teria a ver com a presença maior de terreiros de candomblé e umbanda nesse lado de Nilópolis.

Os centros umbandistas tinham uma forte presença no município em meados dos anos 60 se comparados em número a outros centros religiosos, mesmo que isto não necessariamente corresponda a número de seguidores. Segundo as informações do livro de Raimundo Araújo *Figuras e Fatos de Nilópolis*, editado em 1964, haveria na cidade naquele momento doze igrejas evangélicas, quatro católicas, seis centros espíritas kardecistas e trezentos e seis centros umbandistas e quimbandistas.¹⁴³ Nessa mesma época já existiam os dois clubes mais importantes da cidade, que passariam a ter duas grandes sedes com salão de

¹⁴³ Araújo, Raimundo. *Figuras e fatos de Nilópolis*. Rio de Janeiro: Revista Continente Editora, 1964. p. 8. Talvez o dado do número de terreiros seja um tanto exagerado, mas o autor não define em seu texto o que poderia ser considerado um centro umbandista em termos de número de seguidores ou de estrutura espacial.

baile e piscina, eram eles: o Ideal Esporte Clube, localizado no bairro de Olinda, do lado da Mirandela, só que relativamente distante; e o Clube Nilopolitano, localizado no Centro, não longe da praça Paulo de Frontin.

Pelo fato de ser um dos menores municípios do Brasil, tendo também um dos mais altos índices de densidade demográfica, é muito comum em Nilópolis a ideia que “todos se conheçam”, e com isso somos levados a pensar que a vida social da cidade se resumiria aos dois núcleos de sociabilidade que descrevemos. No entanto, devemos pressupor a existência de outros centros não tão bem definidos quanto àqueles, e que a integração de suas redes constituíram a dinâmica social que está na base da formação da Beija-Flor.

A partir dessas considerações, vamos pensar a formação da escola de samba, desde sua fundação como bloco carnavalesco, tentando compreender como despontou em meio a uma *rede de lazer* que articulava indivíduos pertencentes a diferentes núcleos de sociabilidade da cidade, até se consolidar como ponto de articulação de redes de naturezas distintas constituindo um espaço de mediação entre o jogo do bicho e a ordem político-institucional.

2. Bloco Associação Carnavalesca Beija-Flor

O contato com diferentes narrativas acerca da fundação de associações carnavalescas e esportivas geralmente nos mostra a existência de controvérsias quanto à participação de certos personagens, e até mesmo no que se refere às ações daqueles considerados oficialmente fundadores. O que surge diante do pesquisador nesses casos de estudo é justamente um campo no qual os agentes envolvidos procuram afirmar autoridade de versões particulares a respeito dos acontecimentos do passado, os locais de ocorrência e, principalmente, as circunstâncias.

Nesse sentido, certamente existem pontos discutíveis em relação às “origens” da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Serão abordados alguns deles a seguir, mas convém adiantar que nossa análise não se prenderá a isso. A publicação produzida para divulgação da sinopse do enredo para o carnaval de 1975 da Beija-Flor foi um dos materiais mais antigos a que tive acesso no que diz respeito a informações oficiais do passado da agremiação. Trata-se de um pequeno texto composto na maior parte por citações de relato atribuído a um dos principais personagens envolvidos na fundação do antigo bloco Beija-Flor, e que será transcrito aqui para assinalarmos o modo como o personagem se reporta a certos nomes e fatos:

Conta Milton de Oliveira (Negão da Cuíca) que, nas comemorações do Natal de 1948, um grupo de integrantes do “Bloco do Irineu Perna de Pau”, que naquele ano desfilava pela última vez, comentava diversos assuntos, quando alguém sugeriu a formação de um bloco carnavalesco.

“A ideia ganhou corpo. A base seria o que restou do bloco extinto, com a experiência adquirida pelo grupo.”

Da conversa na esquina da Mirandela com a João Pessoa, à beira de um valão existente, Milton de Oliveira (Negão da Cuíca), Edson Vieira Rodrigues (Edinho do Ferro Velho), Helles Ferreira da Silva, Mário Silva, Walter da Silva, Hamilton Floriano (já falecidos) e José Fernandes da Silva, os integrantes do grupo, partiram para a ação.

Estava formado o bloco.

“Não possuíamos sequer um instrumento”, prossegue Milton. “Coube a Edinho providenciar a aquisição de algumas barricas de bacalhau, o que foi feito, conseguindo na Cidade Nova, do então Distrito Federal. O couro, nós conseguimos no matadouro de Nilópolis.”

“A primeira reunião oficial do bloco foi no Grêmio Teatral Nilópolis, dela fazendo parte outras pessoas.”

“Depois de muito discutido, foi escolhido o primeiro presidente, e que seria provisório. Foi ele Milton de Oliveira. Escolhido apenas um secretário, Edson Vieira Rodrigues. Os outros cargos seriam escolhidos mais tarde, assim que ficassem definidas as posições complementares.”

Tudo ia bem. Mas... e o nome?

“Várias sugestões. Discussão noite adentro. Até Flor do Abacate foi sugerido. Não chegaram a conclusão. Alta madrugada: ‘Vamos suspender a reunião pois já é tarde. Voltaremos a falar do assunto oportunamente’, ecoou acertadamente uma voz.”

Não houve reunião para que fosse discutido o nome a ser adotado e sim para aprovar o escolhido. Seria Beija-Flor. Associação Carnavalesca Beija-Flor, por sugestão de d. Eulália de Oliveira (já falecida) e mãe de Milton, que inspirou-se no Rancho Beija-Flor, então existente em Marquês de Valença. Dona Eulália foi admitida como fundadora. Seria a única do sexo feminino. As cores azul e branco seriam as adotadas e mantidas até hoje.¹⁴⁴

Entrevistando antigos componentes da Beija-Flor, obtivemos relatos que apresentam variações dessa versão. Por exemplo, no que se refere à escolha do nome, uma antiga baiana da escola observa: “Estávamos fazendo a reunião onde era uma casa de pasto e veio um beija-flor. Logo, decidimos colocar o nome Beija-Flor. O beija-flor veio desorientado, sem saber onde sair. E daí resolveram botar o nome de Beija-Flor”.¹⁴⁵

Miranda, antigo compositor, levanta mais duas hipóteses sobre a escolha das cores. Segundo ele, alguns dos fundadores que conheceu diziam ter sido a escolha uma espécie de homenagem à recente emancipação de Nilópolis, que a partir de 1947 passou a ter como cores oficiais de sua bandeira justamente o azul e o branco. Ele também aponta que um descendente da comunidade judaica, formada na localidade nos anos 20 e 30, acredita em possível associação com as cores da bandeira de Israel.

¹⁴⁴ A SUA ESCOLA COMEÇOU ASSIM. G. R. E. S. Beija-Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Luna, 1975. p. 4.

¹⁴⁵ Entrevista concedida ao autor a 15 de out. de 2005.

Deixaremos em aberto essas questões polêmicas, sem a pretensão de nos aprofundar, porque o foco de nossa análise recai sobre o surgimento do próprio bloco como uma das opções da rede de lazer em Nilópolis. Nesse sentido, vejamos o relato de Carvalho, um dos participantes do bloco que não fez parte da fundação, mas conta o que acompanhou da iniciativa do grupo de rapazes encarregados da formação:

Esse bloco foi formado em 25 de dezembro de 1948. Tinha uma rapaziada num bar da esquina da Avenida Mirandela, e eles estavam conversando. Na época se bebia muito guaraná! A turma tomando guaraná, a rapaziada e... “Puxa! Cara, a gente precisa fazer uma coisa aí, procurar algo pra se divertir no carnaval, não temos nada...” Tinha outros blocos, mas do outro lado, do lado de cá do município. Então, do lado da Mirandela não tinha quase nada. Aí, por intermédio do Edinho, Floriano, Helles, Nequinha... Esqueci o nome dos outros caras... Darci! A maioria já faleceu, eu acredito que vivo mesmo só esteja o Helles, eu acho que é o único vivo ainda; o resto todo já faleceu (...) No grupo, todos se cotizaram pra comprar instrumentos, aquele negócio, e formou-se o bloco. Por excelência, um grande bloco! No primeiro ano que nós desfilamos fomos campeões no município. Fomos tricampeões no município.¹⁴⁶

O único dado desse relato, tirando o possível acréscimo de alguns nomes – Nequinha e Darci –, que contrasta com texto inicial se refere à compra de instrumentos musicais para o bloco, pois nas palavras atribuídas ao fundador Milton de Oliveira, eles tiveram que improvisar com a construção artesanal dos instrumentos. Portanto, existem informações consistentes sobre a iniciativa dos rapazes frequentadores do bar que era um dos pontos de referência do centro de sociabilidade constituído nas imediações da Avenida Mirandela mais para perto da estação de trens. E o que confirma a existência deste centro de forma bem definida é justamente a oposição frente ao da Praça Paulo de Frontin – onde foi realizada a entrevista –, onde se encontravam os participantes dos blocos até então existentes na localidade. Assim, a fundação do bloco Beija-Flor teria acontecido no intuito da criação de uma associação voltada para o lazer com a qual os rapazes do bar da Mirandela tivessem identificação. A capacidade de mobilização daqueles jovens teria sido tanta, que conseguiram articular outras pessoas de seu convívio, partindo dos laços familiares para os de amizade, e assim formaram uma associação carnavalesca que começava vitoriosa nos desfiles organizados no município.

Por seu caráter mais espontâneo, e também pelo modo como organizam seu cortejo, os blocos carnavalescos tradicionalmente realizam ensaios em espaços públicos. E quando possuem sede, ela serve basicamente como ponto de encontro ou para guardar instrumentos musicais. Os entrevistados que falaram sobre os antigos blocos do município ressaltam

¹⁴⁶ Entrevista concedida ao autor a 30 jun. de 2005.

também sua base de organização familiar, como é o caso de Carvalho: “Era assim: reunia uma família, fazia um bloco; reunia outra família, fazia outro bloco. Era um negócio interessante, muito bom. Era, como se dizia, um bloco familiar”.

A ideia de uma organização em bases familiares, associada a agremiações carnavalescas, pode assumir diversos significados. No caso em questão, constituiu-se rede social que combina vínculos de parentesco, mas também de vizinhança e procedência.

3. Escola de Samba Beija-Flor

As vitórias do bloco Beija-Flor nos primeiros anos de sua formação, desfilando no concurso organizado no município de Nilópolis, certamente empolgaram seus integrantes. Entretanto, por iniciativa do compositor Cabana, um dos muitos moradores de Nilópolis que se havia transferido da cidade do Rio – sua família veio do Rio Comprido –, articulou-se o registro do bloco como Grêmio Recreativo Escola de Samba na Confederação das Escolas de Samba para o Desfile Oficial de Carnaval de 1954, no segundo grupo.

O feito do compositor é bastante lembrado entre os antigos componentes da escola. Josiel, por exemplo, só veio a fazer parte da Beija-Flor nos anos 60, mas avalia positivamente a importância das ações de Cabana:

Era difícil sair de Nilópolis e ir à cidade tratar desse tipo de coisa. As pessoas não tinham acesso, pessoas que não tinham habilidade com caneta, para se dirigir com palavras que são usadas no âmbito administrativo, e ele tinha esse acesso. Ele era um negro alfabetizado, falava melhor, escrevia bem e era ouvido. As pessoas davam ouvidos a ele, por causa da carreira dele como compositor ter sido bem-sucedida, ele foi um cara bastante importante [...].

Observa-se como o sucesso das escolas de samba, antes da transformação dos desfiles carnavalescos em espetáculo de massa, dependia muito das articulações de suas lideranças com setores externos. Myrian Sepúlveda dos Santos defende que, quanto mais bem articulados nesse sentido fossem os líderes, maior era seu poder no interior das organizações, desde que tivessem fortes vínculos também nesse âmbito, é claro.¹⁴⁷

A partir da oficialização da Escola de Samba Beija-Flor surgiram as necessidades básicas de organização nos moldes de uma agremiação. Em primeiro lugar, os componentes precisariam de um espaço para a realização de ensaios e demais atividades sociais de acordo com os costumes das escolas cariocas. A escolha do primeiro presidente está bastante

¹⁴⁷ Santos, Myrian Sepúlveda dos. “Mangueira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba”. In: Zaluar, Alba Alvito, Marcos. (orgs.) *Um século de Favela*. Rio de Janeiro, FGV, 1998. p. 127.

relacionada a isso, e pelas informações do texto de 1975 que conta as origens da escola, o primeiro presidente – nessa época não havia a figura do presidente de honra na Beija-Flor – foi o senhor José Rodrigues Sennas, que assumiu a escola em 1954 e permaneceu no cargo até meados dos anos 60.

Nesse período a Beija-Flor chegou a desfilar entre as escolas do primeiro grupo, tendo assim um início de trajetória marcado por vitórias. A família de José Sennas integrou-se totalmente à agremiação carnavalesca, e para informar como se deu a aproximação de “seu” José com a Beija-Flor contamos aqui com o relato atribuído a sua filha Marlene, viúva de Néelson Abraão David, transcrito em reportagem para a edição da *Revista Beija-Flor* dedicada às comemorações dos 50 anos de desfiles da escola de samba. Marlene Sennas David fala primeiramente sobre as circunstâncias do “convite” que foi feito a seu pai para que assumisse a presidência da Escola de Samba Beija-Flor:

A Beija-Flor era um bloco de carnaval que brincava pelas ruas de Nilópolis sem nenhuma pretensão de se tornar escola de samba, muito menos, como é hoje, uma das maiores escolas de samba do Brasil. O objetivo do pessoal de Nilópolis, na época, era apenas se divertir.

Um dia, a rapaziada do bloco resolveu mudar para escola de samba. Isso foi em 1953, e quem ficou responsável por ver como fazer essa mudança foi o Cabana. Enquanto isso, a turma que desfilava no bloco, o Helles Ferreira, Osório Lima, Nilo, Augusto Almeida, Vacele, Pardal, Josefa, Benedito dos Santos e o Timbó (Nicanor de Oliveira) entre outros, resolveram chamar o meu pai, José Rodrigues Sennas, para ser o presidente da escola, já que ele era uma pessoa séria, responsável, com uma respeitável folha de serviços prestados ao país como integrante da Marinha, com experiência em administração e muito bem relacionado com todos.

Quando meu pai assumiu a presidência, comecei a frequentar mais a escola, pois, apesar de ter na época apenas nove anos, gostava de participar das coisas que meu pai fazia.

Depois que o Cabana deu andamento à inscrição da Beija-Flor de Nilópolis na Associação das Escolas de Samba, meu pai assumiu a presidência da escola e o pessoal começou a se reunir lá na casa de papai, pois a escola nessa época ainda estava começando, e não tinha nada, nem mesmo uma sede para os seus fundadores se reunirem.

(...) Foi sempre com muita luta que a escola foi conquistando seu espaço, pois naquela época, as escolas não tinham muita ajuda. Eu mesmo me lembro de ter visto por várias vezes meu pai apreensivo e triste porque estava chegando perto do período de preparação do desfile e a escola não tinha dinheiro para botar a turma na rua... Ele sofria muito.

A Beija-Flor e outras escolas menores só conseguiam desfilar porque, assim como papai, criaram um livro de ouro que se passava no comércio da região.¹⁴⁸

Uma primeira observação a ser feita é que a escolha do primeiro presidente da escola de samba, ao contrário do que havia acontecido com o bloco, não foi de um dos rapazes que

¹⁴⁸ KARLA Legey. MARLENE Sennas David – de passista a porta-bandeira. *Revista Beija-Flor – uma escola de vida*. Ed. Fevereiro de 2004. p. 98.

se reuniam nas esquina da Mirandela. E também, entrevistando antigos componentes da Beija-Flor, eles não apontam nenhum indício de que o próprio Cabana, grande responsável pela oficialização da escola, tivesse pretensões de se lançar como primeiro presidente. Portanto, convidar uma pessoa do lugar que não era exatamente do convívio cotidiano dos rapazes mesmo sendo “bem relacionado com todos”, e que detinha *capital simbólico* considerável em termos de respeitabilidade e experiência, tendia a conferir à escola ganhos importantes. E por outro lado, “seu” José deu a oportunidade para que os sambistas pudessem ter um lugar onde poderiam fazer suas reuniões. Outros componentes que entrevistei ressaltam a concessão do espaço no terreno da família Sennas como sendo um dos elementos da autoridade de “seu” José como presidente. Dona Maria, por exemplo, diz que além do quintal para os ensaios, ele disponibilizava panelas, pratos e talheres da família para que fossem feitas as reuniões festivas dos sambistas, e também colaborava para a confecção das fantasias das baianas. Já em relação à passagem do “livro de ouro” no comércio local, trata-se de costume que não aparece nas recordações de outros componentes em associação com a figura de “seu” José; talvez isso esteja no relato muito mais pela força de uma memória de família que tende a enaltecer os feitos dos antepassados.

Fato importante que se deu durante o período em que José Sennas esteve à frente da escola foi o batizado da agremiação, tendo sido apadrinhada pelo Império Serrano. A esse respeito, em primeiro lugar, é preciso esclarecer que os sambistas da Baixada Fluminense sempre tiveram forte ligação com as grandes escolas de Madureira (Portela e Império). Como explicam os próprios componentes da Beija-Flor, até o momento em que a escola veio despontar no carnaval carioca, em meados dos anos 70, era comum muitos deles frequentarem as escolas de Madureira, em razão do prestígio que detinham, da proximidade em relação aos municípios da Baixada e até mesmo por conta do costume de boa convivência que já havia entre as pessoas do samba. Nesse sentido, Marlene destaca as boas relações do pai, enquanto presidente da Beija-Flor, com sambistas de outras agremiações, e ela conta isso falando justamente do batizado da escola pelo Império:

Depois que se tornou escola de samba e começou a desfilar, a Beija-Flor foi crescendo, ganhando a simpatia das pessoas que gostavam de samba e Carnaval. Meu pai, por sua vez, tinha muitos amigos nas outras escolas de samba. Um dia, em uma festividade em que o Império Serrano, que é madrinha da Beija-Flor, iria batizar a nossa escola, não havia uma porta-bandeira da Beija-Flor para receber a Império Serrano como deveria. Nessa hora, nos reunimos e decidiram que eu seria a porta-bandeira da Beija-Flor. Para mim, foi uma honra representar a escola que amo, e que sempre amei. Depois

desse acontecimento, acabei gostando e cheguei a desfilar como porta-bandeira na avenida.¹⁴⁹

Por conta das cores azul e branco serem distintivas da Beija-Flor, muitos chegam a pensar que a Portela seja madrinha da escola, e não o Império. Além de sua dimensão simbólica, o episódio nos mostra como nos primeiros anos da Beija-Flor ela já havia se inserido num circuito de atividades sociais do samba muito importante, dando a oportunidade para que seus componentes recebessem, ou fossem visitar, sambistas de outras localidades, mesmo que isto devesse acontecer numa lógica de reciprocidade.

No entanto, no contexto do município, a escola se encontrava em situação bastante delicada nos primeiros anos. Havia problemas com a vizinhança dos locais por onde passava, a começar pelo próprio terreno de “seu” José, de onde os sambistas teriam saído por conta da insatisfação de vizinhos, conforme lembrava o compositor Marcão, destacando o estigma de marginalidade que recaía sobre os sambistas da escola.

Quando recordam os espaços que serviram para as atividades da Beija-Flor, os sambistas apresentam informações um tanto imprecisas, e isso nos coloca diante de certas dúvidas no trabalho de comparação dos relatos. As informações disponíveis, contudo, indicam que, depois do terreno junto à casa da família Sennas, a escola passou por três lugares até chegar ao espaço no qual veio a ser construída sua primeira “quadra”.

Do terreno de “seu” José, teriam partido para espaço alugado no bairro de Olinda, de onde também foram obrigados a sair por conta das reclamações da vizinhança. E, segundo o compositor Germano, o espaço em Olinda era bom, mas não tinha cobertura. Assim, de lá foram para um local no recanto atual da praça da Rua Manoel Reis, onde até então eram realizadas rinhas de galo. Marcão recorda que o ambiente era frequentado por bandidos da época que criavam confusão:

Naquela época tinha uma rapaziada que inflamava tudo com boca de fumo. Uma vez teve tiroteio lá e foi um rolo danado! O couro comia, porque um tal de R infernizava isso aí. Uma vez foi para lá, os homens chegaram: tiroteio, correria, aqueles policiais daquela época... Uma tremenda de uma correria!

Depois da Manoel Reis, a Beija-Flor teria ficado num terreno nas imediações do atual Posto de Saúde por certo tempo; quando a Prefeitura precisou do terreno para a construção do referido prédio, os sambistas receberam do governo municipal o terreno da chamada “quadra

¹⁴⁹ idem

velha”, isso por volta de meados dos anos 60, depois que havia sido desativado desse terreno o campo do time de futebol de várzea chamado Flamenguinho.

4. As demais associações carnavalescas nilopolitanas na rede local de lazer

Entre os anos 60 e 70, a Beija-Flor não era a única escola de samba do município de Nilópolis e, além disso, convivia com uma série de blocos. Existiu uma escola de samba chamada Unidos de Nilópolis, de cores verde e branco, que estava organizada do lado oposto da cidade em relação à Beija-Flor. Conta-se que havia uma certa rivalidade entre ambas, mas que não chegava aos extremos, até porque os dirigentes da Unidos de Nilópolis pertenciam a um ramo da família do senhor Heitor Silva, que veio a ser um dos presidentes da Beija-Flor que permaneceu mais tempo neste cargo.

Os blocos carnavalescos formados no lado da Mirandela assumiram um papel importante nos festejos carnavalescos da cidade nesse período, como recorda o compositor Germano ao falar do pioneirismo do bloco Beija-Flor:

[...] O Bloco Beija-Flor foi assim quase que um pioneiro. Se havia outros, fuge ao meu conhecimento, porque já naquela época, em 1948, na década de 40, eu estava ainda muito pequeno para lembrar de certos detalhes. Mas eu lembro que havia muitos blocos aqui depois da década de 50 mesmo, 60. Alguns ligados ao futebol, outros eram ligados a determinadas famílias, que tinham assim uma certa tradição com o samba, mais por aí.

A falha na lembrança de Germano – segundo ele por conta da pouca idade que tinha ao ter acabado de se transferir com a família do subúrbio do Rio para Nilópolis – pode ser entendida como um sinal de que não havia realmente movimentação de blocos no lado da Mirandela pelo menos até a formação do bloco Beija-Flor. Anos depois foi que surgiram outros blocos que, além da característica organização em bases familiares, em alguns casos estavam também ligados a times de futebol de várzea.

Os amistosos e campeonatos disputados por esses times se destacavam como opções de lazer que preenchiam um vazio ao longo do ano no âmbito das atividades de diversão. A organização de campeonatos mobilizava geralmente os homens, e nesse caso, fazendo com que frequentassem outros lugares como jogadores ou mesmo torcedores dos times. E de certa forma, seria perfeitamente possível supor que alguns desses indivíduos com dotes musicais se encarregavam de animar os encontros para a cerveja após as “peladas” nos botequins dos arredores dos muitos campos de várzea que existiam no município, e nesse espírito de

confraternização alguns daqueles mais ligados ao futebol provavelmente se sentiam motivados a reforçar a composição dos blocos no período carnavalesco.

A respeito da interação da Escola de Samba Beija-Flor com os blocos carnavalescos existentes no município, alguns defendem que a ampliação da base social da escola não dependeu da incorporação dos componentes dos blocos, como é o caso de Josiel. Outros falam que havia realmente uma iniciativa por parte das antigas lideranças da Beija-Flor no sentido de arregimentar compositores e ritmistas que se destacavam nos blocos, algo que tem muito fundamento se observamos que aconteceu bastante do ingresso de sambistas na agremiação ter se dado pelo “convite” do compositor Cabana e do presidente Heitor Silva.

Contudo, o que parece ter acontecido na realidade foi um trânsito constante dos sambistas entre as opções de lazer de natureza carnavalesca existentes no município, incluindo aí a própria Unidos de Nilópolis, suposta rival da Beija-Flor. Participava-se, ao mesmo tempo, da escola de samba e de um bloco, ou então, dela e de um time de futebol de várzea, e isto logicamente teve implicações na organização da Beija-Flor, como veremos adiante. E para fora do município, como já mencionamos, havia o costume de frequentar as grandes escolas de samba de Madureira, como já ressaltamos.

Cabe ainda observar um último aspecto dos blocos carnavalescos que foi destacado por um ex-componente da Beija-Flor que atuou na harmonia dos desfiles do primeiro tricampeonato da escola, ele mesmo originário de um bloco. Para além do caráter popular apresentado por tais associações nos antigos festejos carnavalescos de Nilópolis, Ezequiel assinalava a predominância de população negra nessas associações:

[...] Ah! Quando se fala em grandes blocos de Nilópolis, a gente jamais pode esquecer de um dos melhores que existiram aqui: o Bloco dos Centenários. E, como a gente sabe, a maioria, pelo menos naquela época – hoje em dia está infestado de pessoa branca, não é racismo - era de pessoas negras. Pois bem, o Centenário apresentou um evento que era sobre a China. [...] Só que o negócio interessante: o interessante dos interessantes. Ficou interessantíssimo ver aquelas pessoas bem negrinhas mesmo, com aquele olhinho de China, feito à maquiagem, aquele negócio todo...¹⁵⁰

A história de vida do falecido Ezequiel foi marcada por sua militância na Pastoral do Negro da Igreja Católica, onde passou a atuar logo depois que decidiu abandonar o samba para, segundo ele, se dedicar mais à família. Por essa razão, podemos pensar que sua memória tenha sido construída por tal experiência de luta política, entretanto, outros entrevistados também associam as manifestações carnavalescas do município com sua população

¹⁵⁰ Entrevista concedida ao autor a 29 jun. de 2005.

majoritariamente negra. Uma constatação interessante que pude fazer ao longo da pesquisa de campo foi que todos os antigos componentes entrevistados por mim, sem exceção, eram pessoas socialmente consideradas negras.

Em sintonia com a tradição carnavalesca do Rio de Janeiro, verificamos que o crescimento da Escola de Samba Beija-Flor se deu em meio a um conjunto heterogêneo de manifestações da cultura popular que compunham uma rede local de lazer. Portanto, entendemos que a escola não despontou como a única opção de diversão do município.

5. A Escola de Samba Beija-Flor como uma alternativa de lazer

Na concepção dos componentes que vivenciaram a Beija-Flor dos anos 60, ela se teria afirmado como alternativa de lazer para as pessoas pobres do município, a maioria de origem negra. O compositor Josiel, que passou a fazer parte da escola em meados dessa década, descreve o papel da escola enquanto opção de lazer:

A escola era uma recreação, uma agremiação das pessoas carentes. Nós estávamos num município sem nenhuma chance de desenvolvimento. Todos trabalhavam fora de Nilópolis, iam buscar seu ganho de vida fora de Nilópolis. Então, aquele era o lugar do lazer que nós tínhamos para o fim de semana, a participação ativa da escola de samba era congregar as pessoas para o lazer naquele lugar. A gente não tinha acesso ao Nilopolitano, lá era um clube de classe média, e o “neguinho” da Escola de Samba Beija-Flor não tinha acesso; era da elite das pessoas de Nilópolis. (...) As pessoas ficavam motivadas de ir à escola porque sempre tinha alguma coisa acontecendo que era da nossa comunidade, e não do cara que era dono da empresa de ônibus, dos caras ricos do Nilopolitano. Eram as pessoas do povo que frequentavam a Beija-Flor.

Nota-se a interferência do mundo do trabalho na dinâmica de funcionamento da organização carnavalesca. A escola de samba aparece como uma das formas de lazer através da qual os moradores podiam usufruir seu tempo livre nos finais de semana e sendo acessível àqueles que não tinham boa situação financeira. Evidencia-se, entretanto, o contraste com opções de lazer que atendiam aos setores mais abastados da população local.

As escolas de samba são um tipo de organização que se caracteriza pela capacidade de agregar pessoas de todas as faixas etárias, atribuindo-lhes papéis importantes em sua estrutura interna e na composição das alas para o desfile e, ainda, dando-lhes oportunidade para que manifestem múltiplas possibilidades expressivas.

O ciclo carnavalesco sempre foi determinante na organização das escolas de samba; entretanto, as atividades mais especificamente relacionadas à dimensão plástico-visual dos desfiles só assumiram centralidade em sua confecção à medida que o processo de

mercantilização entrou em curso nos anos 60. Até então, a vida social das agremiações ao longo do ano era bem mais centrada em suas quadras ou “terreiros”, intensificada por conta das reuniões dos sambistas, dos concursos de “samba de terreiro” e de outras festividades.

Era entre as escolas consideradas pequenas, como a Beija-Flor até meados dos anos 70, que as atividades realizadas no “terreiro” assumiam importância. Mais uma vez convém transcrever trecho do relato de Josiel que se refere ao que os sambistas da Beija-Flor realmente promoviam em termos de atividades sociais:

Quando não era época de samba, tinha baile, tinha festa de ala, almoço... “A componente fulana de tal vai fazer o aniversário na quadra e vai dar uma feijoada; a dona fulana, que é baiana, vai batizar a filha dela e vai fazer uma comida”. Aí chegavam o cavaquinho, o violão e todo mundo tal... Quer dizer, era o ano inteiro, até chegar a época dos ensaios. De janeiro a agosto, ficavam as confraternizações sociais, depois eram os ensaios. Agora você não tem convivência de componente na mesma programação, no mesmo lugar, não tem mais isso... A escola ensaia exclusivamente cantando um samba. Não tem palma, o cara ensaia cantando até o fim, só a bateria, só a bateria... Acabou de tocar, acabou o ensaio! Agora tem sido assim.

Como já foi esclarecido, nota-se em praticamente todos os relatos sobre os primeiros tempos da Beija-Flor uma estrutura narrativa que se constrói a partir da oposição com a situação atual da escola, em quase todos os aspectos. Podemos, contudo, observar que entre as atividades dos sambistas nos tempos antigos havia entrecruzamento de celebrações de cunho familiar com aquelas propriamente ligadas ao universo do samba.

Não bastava, entretanto, apenas ser “pessoa do povo” para pertencer ao universo da Beija-Flor. Era preciso estar inserido nas redes de sociabilidade do lugar através de laços de parentesco, vizinhança e amizade, tecidos entre os sambistas. Daí a consideração da agremiação como “continuação da casa”, o que corresponde a certa ideia de “família”.

Importante constatação no que diz respeito à origem familiar dos colaboradores desta pesquisa aponta para traço característico do crescimento urbano de Nilópolis e dos demais municípios da Baixada Fluminense. Grande parte dos moradores dessa região veio transferida de áreas de favelas e do subúrbio do Rio e, assim, precisou “familiarizar-se” com as redes de sociabilidade dos locais em que passaram a residir, principalmente no caso de buscar inserção nas práticas culturais existentes.

Uma situação que nos mostra bem o peso de certos costumes no universo do samba foi apresentada no relato da antiga porta-bandeira Norma. Conta ela que tomou gosto pela dança da porta-bandeira acompanhando os ensaios da Mangueira, pois foi moradora do morro antes de se transferir com a família para a Baixada Fluminense, mais especificamente para Édén,

bairro do município de Nilópolis próximo da divisa com Mesquita. Em relação a sua chegada na Beija-Flor, Norma conta a seguinte história:

Mudei pra Éden e fui à escola de lá, cheguei, e pedi para dançar. Ninguém me conhecia. Comecei, perguntei à diretoria se eles podiam deixar dançar, eles me deram a bandeira e eu comecei a dançar. Pra quê, né? O pessoal ficou doido comigo! Aí as porta-bandeiras já começaram implicando, onde eu ia arrumava confusão com porta-bandeira. [...] Saí uns três anos em Éden, no desfile lá na praça Onze. O Dodô, mestre-sala, veio me chamar pra ir à Beija-flor. Aí, na Beija-flor, disseram assim: “Dodô, você quer sair aqui?” “Não posso sair, que eu tenho compromisso com a escola de Éden.” “Mas dá um jeitinho.” “Pra sair eu tenho que trazer a minha porta-bandeira que é a Norma.” “E quem é essa Norma?” Ninguém me conhecia, não. Aí disseram assim: “Traz, traz ela aqui.” E ele disse assim: “Não, se vocês mandarem um ofício, ela virá”. Recebi um ofício da Beija-Flor. Fui muito bem recebida. Era pobrezinha, era ali onde é o posto de saúde. [...] Tava tudo bem, quando me chamaram pra dançar, aí pronto, aí começou a dar confusão. [...] Era Heitor o presidente. Mas a escola estava arrasada mesmo, não tinha componente, tava na Praça Onze, né? Aí comecei a dançar com Dodô, o pessoal começou a aplaudir, todo mundo gostando, na diretoria ficou tudo doido comigo. Aí a porta-bandeira não gostou, veio, me tomou a bandeira da minha mão. Aí passou, vim embora pra casa. [...] Mandaram o ofício pra mim, foi o mestre de bateria Justino, pra comparecer na escola. Aí eu fui. Não, eu disse “Justino, eu não vou não porque aquelas mulheres vão querer me bater”. Ele disse: “que nada, vai sim!” Aí juntou uma turma lá de Éden e veio comigo pra escola. Aí eu entrei com as costas quentes, né? Entrei toda empolgada na escola, e elas estavam me esperando, brigavam mesmo, o negócio tava feio. Aí foi quando veio a Graça, que era primeira porta-bandeira da Beija-Flor, veio e me entregou a bandeira. Disse: “Olha, a primeira porta-bandeira daqui sou eu, não é Jurema, eu entrego meu posto pra você porque você dança muito.” Eu agradei, tudo bem, mas continuou a guerra comigo na escola. Entrou Cabana, uma turma lá contra mim, dizendo que eu era de uma outra agremiação e tava para entrar na Beija-Flor... Eles não concordaram de eu pegar o posto de primeira porta-bandeira, e deram pra Jurema. A outra me entregou, né? Mas a Jurema saiu de primeira porta-bandeira. [...] Sei que foi uma confusão e me perguntaram: “Você aceita sair na escola como segunda?” Eu falei: “Até como terceira, eu agora quero é sair na escola”. Fui me despedir de Éden e vim sair na Beija-Flor. No primeiro ano Jurema desfilou, Praça Onze, ela não conseguiu pegar a nota 10 da escola, a bandeira antigamente contava ponto. Deu dois pra ela e dois pra bandeira. Aí ela disse pra mim assim: “Norma, depois do carnaval você vai à escola numa reunião que eu quero conversar com você”. Queria saber o que era que ela queria! Vim pra Beija-flor depois do carnaval e ela entregou pra mim, dizendo que ela não tinha capacidade e que entregava pra mim. Entregou e eu já comecei a sair de porta-bandeira. Aí veio outra pra sair de segunda, ela não aceitou mais, nem primeira, nem segunda.¹⁵¹

Para ocupar um posto tão significativo na escola de samba, o talento era fundamental. No entanto, uma pessoa “de fora”, que não era conhecida, precisava de alguma forma se “familiarizar” com os componentes da escola. Segundo Norma, somente muita habilidade na dança ela conquistou de imediato a simpatia de grande parte deles. Contudo, uma importante liderança da época, o compositor Cabana, interferiu, com sua influência, a favor da reivindicação pelo respeito à componente que já estava na escola há mais tempo, sendo ela,

¹⁵¹ Entrevista concedida ao autor a 20 set. de 2005.

sobretudo, uma pessoa inserida naquele meio. E em vista da polêmica, não se deve perder de vista que tais conflitos às vezes chegavam a ponto da agressão física, lógico que dentro de uma moral compartilhada entre os próprios sambistas.

A figura de Cabana merece considerações especiais por tudo o que representou na história da Beija-Flor. Sua posição no episódio narrado por Norma expressa bem a ideia que os antigos componentes têm a respeito do sambista. Ele tinha um papel central na confecção dos desfiles da Beija-Flor dos “anos de sacrifício”, pois além de ser um compositor conhecido e respeitado no mundo do samba, atuava na elaboração dos enredos da escola, na confecção das alegorias e na própria organização dos eventos no terreiro.¹⁵² Como recorda Josiel:

Cabana era o “número um” depois do seu Heitor. O seu Heitor era o presidente que carregava a escola, e o Cabana ficava com a parte artística do samba, ou seja, a produção do carnaval. E era “indisciplina zero”, disciplina total, ele era um cara muito organizado, muito disciplinado, foi um personagem muito importante na história da Beija-Flor.

Um outro episódio que revela bem a postura disciplinadora de Cabana na organização da escola de samba envolveu o compositor Getúlio, como ele mesmo conta numa recordação que hoje faz de forma divertida:

Eu sempre gostei de samba, então, rapazinho, eu procurava ir para a Portela, para o Império Serrano; a Beija-Flor estava fazendo os ensaios por aí, eu também gostava de ir aos ensaios da Beija-Flor. E uma coisa engraçada, uma vez a Beija-Flor anunciou: fulano, beltrano, cicrano, Catoni! Vou até fazer uma passagem interessante aqui: meu ídolo no samba nos anos assim de garoto era o Catoni! Eu sempre gostei dele cantando, tinha a maior vontade de conhecê-lo. Anunciaram o Catoni, pensei: “Eu tenho que ir nesse samba de qualquer maneira. Eu estou duro, sem dinheiro, mas tenho que ir a esse samba”. Cheguei lá para entrar, mas aí o Cabana estava na portaria... Ele não quis me deixar entrar de jeito nenhum! “Não pode entrar” “Mas, Cabana!” Cabana era uma cara duro. “Não, não pode entrar!” Ali eu fiquei sem conhecer o Catoni, meio chateado, mas graças a deus, vim a ser amigo do Catoni na Beija-Flor, fomos parceiros, e tive a oportunidade de falar isso pra ele: que sempre foi meu ídolo no samba. Achei legal porque eu consegui falar isso antes dele morrer...¹⁵³

Uma das grandes dificuldades enfrentadas nos primeiros tempos da Beija-Flor foi a falta de um espaço definitivo para realização dos ensaios e demais atividades sociais. E por outro lado, também pesava muitíssimo a escassez de recursos para confecção do desfile. A estratégia para arrecadação dos recursos destinados ao carnaval se baseava justamente na realização de festividades e eventos através da escola de samba, como por exemplo: reuniões

¹⁵² Cf. autoria de enredos atribuídos a Cabana no Anexo 1 (pág. 234)

¹⁵³ Entrevista concedida ao autor a 27 de maio de 2005.

festivas das alas, bailes, almoços com bingos e rifas e também excursões. Além disso, havia a tradicional prática da passagem do “livro de ouro”.

O compositor Germano destaca que todo componente realmente envolvido com a agremiação carnavalesca poderia encontrar alguma forma de dar sua contribuição pessoal, mesmo que isto não fosse através de recursos financeiros:

Antigamente, todos contribuía. Até porque, se vamos fazer uma festa: aí pega ali um dinheiro com um, um dinheiro com outros. Então, todos faziam uma contribuição, de certa forma quase que geral. Aquele que não contribuísse com dinheiro, contribuía com o trabalho, até a presença se fazia importante, que é uma contribuição muito maior. Era uma contribuição inclusive espontânea, né? Mais solidária, havia mais solidariedade.¹⁵⁴

O reconhecimento de múltiplas possibilidades de colaboração para a manutenção da escola de samba em seus tempos remotos, o que dizia respeito especialmente à confecção de seu desfile, deve ser percebido aqui como uma crítica à institucionalização da patronagem. É nesse sentido que certos personagens aparecem nos depoimentos como sendo verdadeiros heróis no enfrentamento das dificuldades para a condução da agremiação carnavalesca. No caso da arrecadação de recursos, o personagem que figurava como grande agente do processo era o antigo presidente Heitor Silva.

Diferentemente de José Sennas, os principais atributos associados a Heitor Silva estavam relacionados a sua capacidade de articular os meios possíveis para obtenção dos recursos necessários à confecção do desfile. Costuma-se dizer que era uma pessoa que lidava bem com a promoção de bailes e festas, com a organização de excursões. E desse modo, Heitor conseguiu incorporar à agenda da escola de samba atividades associadas a outras opções da *rede local de lazer*. Podemos considerá-lo como alguém que foi capaz de mobilizar as pessoas através de meios disponíveis na ordem do *pedaço*, e assim, fazer a articulação das opções de lazer conhecidas a fim de realizá-las no âmbito da escola como atividades sociais voltadas, ao mesmo tempo, para a recreação e para o levantamento dos recursos necessários à confecção do desfile. Assim, entendemos que, já na administração de Heitor Silva, a Beija-Flor funcionava como ponto de articulação de uma rede social, porém, uma *rede de lazer* que estava institucionalmente atrelada a redes de negócios ilícitos. Coloca desta forma porque tendo a informação de que Heitor arrendava um pontos de bicho situado junto ao bar que lhe pertencia em Nilópolis, confirmamos aquilo que Chinelli e Silva nos falam sobre a presença

¹⁵⁴ Entrevista concedida ao autor a 20 de set. de 2005.

de bicheiros no samba antes de do relacionamento em termos organizacionais ter se estabelecido entre as escolas e o jogo do bicho¹⁵⁵.

Outro instrumento utilizado para o levantamento de recursos, o tradicional “livro de ouro”, requer uma análise mais detalhada. Em primeiro lugar, essa prática coloca em jogo uma série de valores, como vimos no capítulo anterior, posto que se dá mediante a circulação do “livro” de registros de doações no comércio local, feita por pessoas em nome de uma instituição e de uma causa específica. Nesse aspecto, destaca-se o prestígio pessoal de Heitor em vista das referências à passagem do “livro de ouro” feita por ele mesmo, prezando pelos valores de honestidade e a transparência diante dos componentes.

No entanto, explorando a prática do ponto de vista de sua funcionalidade, observamos o quanto que comportava um caráter flexível. Há relatos que apontam, por um lado, o fato de não ser apenas o presidente Heitor Silva o encarregado da passagem do “livro de ouro”, e por outro, que a assinatura do livro não era feita só através de doação em dinheiro. Sobre isto, a antiga baiana Maria relata:

A gente ia à porta dos negociantes pra pedir, para comprar roupa para porta-bandeira, baliza; sapatos, a gente ia numa sapataria. [...] Nunca fomos mal tratados. Eu mesma nunca fui mal tratada nem desrespeitada. Quando eu ia fazer a petição ali na... esquina do pronto-socorro [hospital municipal Juscelino Kubitschek], ali era uma fábrica de macarrão. Então, eu lá pedia pra assinar um bocado de macarrão para dar para o pessoal que estava trabalhando no Beija-Flor. Naquela época o Beija-Flor não era escola, era somente uma barraca e um quarto onde guardávamos os instrumentos da bateria. O homem aí apanhava cinco ou seis sacos de macarrão e dava pra mim. Não era só eu que pedia. Um ia ao açougue, outro ia ao verdureiro; cada um tinha o livro de ouro. E foi assim que a gente foi progredindo, foi subindo assim.

A questão do modo como os sambistas eram percebidos pelos comerciantes do município envolve controvérsias, pois há indícios em outros depoimentos a respeito do estigma de marginalidade que recaía sobre os primeiros. Na visão da porta-bandeira Norma – retomando depoimento citado no capítulo dois – pedir a colaboração dos comerciantes era algo bastante complicado para o departamento feminino da escola, pois ela coloca que:

Até chegar nesse comércio - que hoje em dia todo mundo é Beija-flor! - pedia pra assinar livro de ouro... “Não vou assinar não, eu? Essa escola que só tem piranha, vagabundo, maconheiro!” Falavam pra gente: “Não assino mesmo!” A gente saía sem graça, ninguém assinava, ninguém. [...]

¹⁵⁵Chinelli, Filipina. & Silva, Luiz Antônio M. da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (1), 1993: 42-52. p. 47.

A indicação de mulheres para a passagem do “livro de ouro” não necessariamente figurava como a melhor estratégia da diretoria da escola para tentar amenizar possíveis constrangimentos para os componentes. Todavia, as diferentes visões acerca da receptividade dos comerciantes locais nos levam a pensar que a inserção nas redes de relações do *pedaço* por parte de cada um dos componentes envolvidos na passagem do “livro de ouro” seria o que determinava as chances de colaboração dos comerciantes.

Em vista das muitas críticas à atual situação administrativa da Beija-Flor embutidas nos relatos dos antigos componentes, o que se compreende é a idéia de que a exaltação da patronagem do jogo do bicho tende justamente a descartar as possibilidades múltiplas de arrecadação de recursos com base na colaboração do conjunto de componentes, portanto, colocando-a como exclusiva e necessária. No momento presente, e podemos pensar nisso a partir da institucionalização das relações entre jogo do bicho e escolas de samba, os sambistas se mostram perfeitamente conscientes de tal situação, e embora não façam uma condenação moral do mecenato do jogo do bicho, procuram ressaltar que este não seria, portanto, o único fator para o sucesso de uma grande escola de samba.

Nessa mesma linha, em que as recordações do passado estão perpassadas por preocupações do presente, apresentam-se revelando um verdadeiro contraste os relatos acerca do sistema interno de poder que teria vigorado na Beija-Flor antes que a diretoria da escola passasse definitivamente “para as mãos” dos contraventores. A idéia de uma organização em bases democráticas aparece geralmente associada ao período da presidência de Heitor Silva, como se percebe em mais uma das falas de Josiel:

[...] Não existia um dono da Beija-Flor. Nós éramos todos da Beija-Flor e não existia um só mandando, o seu Heitor sozinho mandando em todos. Não era assim, ele tinha uma diretoria com ele, o poder era dividido, quer dizer, não existia poder pra nada, você ia ser poderoso do quê? De nada? [...] Depois, houve um tempo em que essa coisa não teve mais. Não se sabe mais dos cargos, quem é diretor de patrimônio, quem é o primeiro secretário, só se sabe que existe um presidente e uma escola de samba funcionando. Mas os segmentos, e a administração sendo aprovada por uma diretoria, não tem isso. Você não sabe quando a Beija-Flor dá prejuízo ou dá lucro, não sabe quem presta conta da vida administrativa para com os componentes. O que eu acho que existe na Beija-Flor hoje é uma oligarquia, uma ditadura. A Beija-Flor é conhecida pelas outras escolas – a minha experiência fora me deu esse conhecimento – como a “Ditadura do Samba”. Eu acho que não era para acontecer dessa forma. Se você for à Mangueira hoje, um diretor de bateria tem que ser votado pelos componentes. Não pode ser apontado como interventor, como acontece na Beija-Flor: não pode escolher o Manuel ou o Joaquim; aqui você recebe quem te apontam. A comunidade não tem mais voz na Beija-Flor, você não tem mais o que falar, nem com quem falar.

Dizer que não havia um “dono” da Beija-Flor mostra que há uma visão de que a escola de samba na atualidade seria domínio exclusivo de uma determinada liderança, logicamente, seu presidente de honra. Haveria um certo exagero por parte de Josiel quanto ao desconhecimento geral acerca dos ocupantes de cargos na diretoria. Talvez ele esteja querendo colocar que não seriam pessoas empossadas por vontade dos componentes. Contudo, fica claro que o poder dos banqueiros do jogo do bicho na organização das escolas de samba se baseia em grande parte na ocultação de informações sobre sua vida administrativa, especialmente a partir do momento em que elas passaram a gerar rendimentos através da cobrança de ingressos em ensaios e variados eventos realizados em suas quadras, de apresentações em clubes, transmissões de televisão e eventos externos, além das excursões em outros estados do Brasil e até fora do país.

Uma antiga componente afirma que à época de Heitor Silva as reuniões de diretoria não eram feitas às escondidas, como seriam nos dias de hoje, e que contavam com a participação dos componentes: “Botava a mesa assim. Eu falava, você falava, cada um dava um tiquezinho na tesoura”. Carvalho, por sua vez, conta que os processos eleitorais realizados a partir da oficialização, em 1954, até a eleição de Néelson Abraão em 1972 aconteciam normalmente através da votação dos componentes ativos (desfilantes, compositores, ritmistas, baianas, velha-guarda) e eram organizados com a composição de chapas, sendo assegurado a todo componente ativo o direito de se candidatar.

Notamos entre os antigos componentes da Beija-Flor forte tendência em afirmar que a primeira fase da escola foi um momento de maior participação nas decisões administrativas e na política interna. No entanto, não podemos perder de vista o grau de idealização dessa memória. Conforme assinala Myrian Sepúlveda dos Santos em suas observações acerca da suposta tradição democrática das escolas de samba do Rio de Janeiro, se é verdade que a entrada dos banqueiros do jogo do bicho nessas agremiações resultou numa forte concentração de poder em suas mãos, também é preciso considerar que antes disso havia formas de organização hierárquica, estando o poder nas mãos de outras lideranças¹⁵⁶. Portanto, entendemos que as duras críticas acerca do modo como a Beija-Flor vem sendo administrada a partir do “sucesso” precisam ser devidamente consideradas, mas, avaliadas de modo que não sejamos induzidos à elaboração de análises equivocadas nem acerca dos “anos de sacrifício” e nem do próprio surgimento da liderança dos banqueiros do bicho na escola de Nilópolis.

¹⁵⁶ Santos, op. cit., p. 138.

6. A aproximação dos Abraão David com a Escola de Samba Beija-Flor

Como falamos no começo do capítulo, os pontos de referência da praça Paulo de Frontin constituíam um dos principais núcleos de sociabilidade do município de Nilópolis nas décadas de 60 e 70. De acordo com Pedro, um antigo morador, em um dos sobrados do entorno da praça, encostado ao muro da linha férrea, funcionava uma sinuca muito frequentada pelos homens integrados àquele espaço. Na entrevista que me concedeu, ele recordava alguns episódios que dão ideia do tipo de convivência que se tinha no lugar, numa época que Anísio aparecia na sinuca apenas por ser mais um dos frequentadores:

Olha, antes do jogo do bicho, o que eu conheço de Anísio Abraão é que havia um salão de sinuca na praça Paulo de Frontin que ele costumava ir lá para olhar. Ele não era muito de jogar sinuca, mais às vezes ele ficava ali olhando o jogo. Nessa época ele já era adulto, foi próximo do golpe de 64. Essa sinuca existia ali perto da estação, tinha mesas oficiais, mesas grandes. Havia várias mesas. Vinham jogadores do Brasil inteiro para jogar ali. Ocorria de vir jogador de Minas. Era posto muito dinheiro em jogo. Normalmente, as mesas eram com os jogos apostados, entendeu? Jogo recreativo, de estar jogando assim colega com outro, talvez na parte da manhã, de dia e tal. Mas da tardinha para adiante, era disputa, e com grandes volumes de dinheiro. Havia a figura do “patrão”. O que era essa figura? Era o seguinte: se você era habilidoso no jogo, se você jogava sinuca bem, você podia não ter dinheiro, o jogador, mas tinha aquele cara que admirava a tua habilidade e “apostava no taco”. Então, quer dizer: surgiam as apostas! Às vezes tinha patrão de um lado e patrão do outro. Eles eram chamados assim: “os patrões”. Eles não sabiam jogar, então, financiaram e aí ficava 50% pra cada um. Se o jogador ganhasse: 50% era dele; os outros 50% ficavam para o patrão. Então, ali teve muito jogo, inclusive, tinha uma salinha interna que tinha o jogo de ronda. No jogo de ronda você tinha também bandido mesmo, que assaltava no Rio. Eu, uma vez, conheci lá um camarada, ele não jogava sinuca, só ia lá para jogar ronda. Ele chegava sempre com muito dinheiro. Era negro, forte, mas ele chegava com dinheiro e chegava armado. O dono de lá era brabo também. Na época, as mesas dele enchiam. Eram sinucas oficiais! E a entrada de mulheres era proibida. Um ou outro que entrava com a mulher, normalmente, era uma menina que estava solta por ali de madrugada, aí queria ver o jogo... Mas, normalmente, mulher não entrava. Então, o tal camarada do jogo de ronda, o mulato que levava muito dinheiro pro jogo, ele chegava armado, entregava a arma ao dono da sinuca, que botava lá no cofre, trancava. Depois disso, o camarada ia jogar. No caso, o dono era muito rigoroso. E ele era brabo também, andava armado. Então, ele avisava: “Comigo não tem esse negócio de bandido, nem nada!” E o pessoal respeitava. O tal camarada, eu brincava muito com ele, não sabia que era bandido, esse mulato, né? Às vezes eu brincava com ele falando assim: “Olha, eu te dou uma tacada!” Eu era bem novo, mas brincava com ele dessa forma: “Olha, você é forte, mas eu te dou uma tacada que você não consegue me achar de jeito nenhum! Como é que você vai me achar?” E diziam: “Olha, menino, não brinca assim, não! Ele ria... Aí, tudo bem, né? Às vezes, eu ia lá e olhava o jogo de ronda. Via aquele clima pesado... E numa ocasião que eu vou subindo para a sinuca, o Zé, que ficava ali e distribuía o jogo, organizava as mesas para o pessoal colocando as bolas, o Zé me chamou. Aí, fui falar com ele. Estava com o jornal *O Dia* na mão e disse assim: “Eu dizia para você não brincar daquele jeito com aquele camarada”. Eu perguntei por quê, e ele me mostrou o jornal dizendo que o camarada tinha sido morto! Era de uma quadrilha, bando de um tal assaltante que foi famoso na época... E o camarada era dessa quadrilha. Quer dizer, para você ver como era o jogo de ronda,

né? Não era uma coisa lúdica, era uma coisa que nego queria ganhar dinheiro, e só tinha brabo! Era uma atmosfera pesada... O Anísio não aparecia por lá muitas vezes, não. Ele às vezes subia ali e ficava olhando, né? Costuma ir de chinelo e tal, era um camarada simples, ficava lá olhando. Eu acredito que não estava no jogo do bicho, não. O que a primeira esposa dele falou numa declaração, acho que deixou até em carta, é que embalava droga com ele, né? Eu acredito que ele, na época, talvez fosse envolvido com esse tipo de coisa, mas de ter ponto de bicho, não tenho recordação disso, não.¹⁵⁷

Anísio não fazia parte do círculo de amigos de Pedro, mas se compreende que fosse uma pessoa do lugar até por conta da naturalidade com que figurava como frequentador da sinuca antes mesmo de se manifestar claramente sua relação com o jogo do bicho. O ambiente em questão afirmava-se, sobretudo, por seu caráter de socialização, posto que agregava indivíduos residentes e não residentes no município (envolvidos ou não envolvidos com a criminalidade), além disso, a dinâmica das atividades de jogos se dava tanto pela lógica puramente recreativa (durante o dia) quanto baseada em apostas envolvendo grandes somas de dinheiro (do fim de tarde para a noite).

O elemento do dinheiro nesse universo estaria, na verdade, mais associado à afirmação de valores como *honra*, *masculinidade*, *prestígio* do que ao aspecto do lucro financeiro propriamente dito. Tanto era assim que o “patrão” não figurava como um organizador de jogos dedicado a reverter tal atividade em negócio, ele era, sobretudo, um agente socializador que se destacava por oferecer condições para que o talento de jogadores desprovidos de dinheiro pudesse ser demonstrado numa situação ritual constituída a partir dos princípios mencionados. Nota-se, entretanto, uma distinção entre o jogo de sinuca e o jogo de ronda com cartas de baralho, pois este seria mais tenso e marginal – havia uma “salinha interna” mais reservada para a prática dessa modalidade de jogo. A “atmosfera pesada” do lugar impunha aos seus frequentadores o respeito a um código de ética baseado na *respeitabilidade*, o que se expressa na então postura “dura” do dono da sinuca e no tipo de brincadeira que Pedro, então garoto, tinha com um dos frequentadores.

Importante aqui é não pensar simplesmente que Anísio tenha se tornado contraventor por ser “produto do meio em que vivia”. Existem informações que asseguram sua inserção nos espaços da Paulo de Frontin através de laços de amizade tecidos pela participação em rodas de carteados – a respeito do envolvimento com tráfico de drogas não dispomos de informações além daquelas da carta-denúncia de Eliane, sua ex-esposa, que veio a público em 1991 – e num importante bloco carnavalesco da época.

¹⁵⁷ Entrevista concedida ao autor a 20 de set. de 2009.

Nos anos 60, o carnaval de blocos em Nilópolis tinha seu ponto máximo com os desfiles realizados na Paulo de Frontin. Quando falam do antigo Bloco dos Centenários de Nilópolis, os entrevistados costumam fazer referência à liderança que Anísio exercia sobre a turma do bloco formado do lado da praça. Dona Maria, por exemplo, fala do papel desempenhado por ele, mas aproveitando para assinalar que a trajetória da Beija-Flor seria bem anterior à presença de Anísio na diretoria da escola, e que antes disso ele alimentaria até mesmo um sentimento de rivalidade contra a agremiação por estar vinculado aos Centenários. A antiga baiana da Beija-Flor coloca o seguinte:

O Anísio era o comandante de lá. Ele era do Centenário, não era Beija-Flor. Quando a Beija-Flor chegava aqui na praça, ele junto com o doutor Lucas de Andrade Figueira apagava as luzes do coreto pra gente desfilar no escuro, e a gente desfilava sob a luz da lua. Eles achavam que a gente não tinha pique, não tinha peito...

O dado referente à ligação de Anísio com um antigo deputado do município sugere que o primeiro já dispusesse de certa influência política na localidade. Todavia, a liderança do bloco, como nos explica o compositor Marcão, que foi integrante do Centenário, teria se dado em bases mais sólidas. Marcão foi ritmista do bloco antes de ingressar na ala de compositores da Beija-Flor a convite do então presidente Heitor Silva, chegando a atuar nas duas organizações ao mesmo tempo. Perguntando-lhe sobre o envolvimento de Anísio com o bloco, colocou-me o seguinte:

Anísio foi presidente do Centenário uma boa etapa. E foi presidente assim, uns dois ou três anos... Nem chegou a isso tudo, uns dois anos. Nessa época ele já mexia com jogo, mas era negócio de dados, não era jogo do bicho. O jogo era escondido, era carteadado. [...] Então, a rapaziada lá do outro lado era muito familiarizada, a rapaziada ali da praça. Convidaram a ele pra ser presidente do Centenário. [...] Néelson foi sempre mais pro lado de cá.

Nota-se que as referências do “lado de cá” e do “outro lado”, em função da linha do trem, remetem ao lado de Nilópolis onde se situa a avenida Mirandela e ao lado da Praça Paulo de Frontin, respectivamente. Essa distinção das áreas em que Néelson e Anísio tiveram mais “familiaridade” na juventude passou a corresponder aos respectivos territórios sobre os quais vieram a exercer influência mais direta por conta da própria exploração do jogo do bicho. A ligação de Anísio com atividades de jogo se deve a sua inserção nessa parte mais movimentada da cidade, proporcionando a ele o estabelecimento dos contatos pessoais que foram decisivos tanto para a conquista de liderança no bloco quanto para o estabelecimento no ramo do jogo do bicho. Em entrevista com o compositor Germano, eu lhe perguntava sobre

a relação de Anísio com o bloco partindo da ideia de uma relação de posse, e ele foi bem enfático ao falar: “O bloco não era dele. Mas ele fazia parte lá, era diretor do grupo”.

Tudo isso mostra que a chegada de Anísio na escola de samba não foi como a de um aventureiro, ele contava com certa experiência no universo do carnaval. Na visão dos próprios componentes antigos, não teria sido ele um contraventor que, de uma hora para outra, resolveu ampliar sua influência social apoiando a agremiação carnavalesca.

Anísio teve uma ligeira passagem pela presidência da Beija-Flor já em meados da década de 1960. E como recorda Josiel: “Era mais para dar uma força pro seu Heitor. Seu Heitor precisava de uma coisa, corria no Anísio, e ele dava uma injeção de grana”. Nesse mesmo sentido, Norma coloca o seguinte: “Anísio já era presidente da escola naquela época, mas era por trás, não aparecia, não fazia nada também. Foi só o nome”. As falas indicam que o contraventor não teve inicialmente um envolvimento profundo com a agremiação carnavalesca, algo que podemos entender até pelo fato de não estar estabelecido na organização do jogo do bicho, como chegamos a mencionar no primeiro capítulo.

Sendo Heitor uma pessoa ligada à atividade do jogo do bicho – ele era arrendatário de um ponto – numa época em que Anísio estava se afirmando como grande banqueiro em Nilópolis, podemos supor que eles tivessem realmente um bom entrosamento. Todavia, não há indícios de que Anísio estivesse disposto, naquele momento, a transferir uma quantidade mais significativa de capital para a Beija-Flor sem que estivesse à frente da agremiação uma pessoa da sua mais estreita confiança, já que ele não teria condições de cumprir as atribuições de mediador para dentro e para fora da escola. Isto nos faz retomar o depoimento de Marcão, quando informa que os laços de sociabilidade de Néelson Abraão estavam mais voltados para o lado da cidade onde estava a Beija-Flor.

Foi porque se afigurava como mais uma das alternativas de lazer do lugar que a Beija-Flor de Nilópolis passou a fazer parte da vida de “Nelsinho”, como era chamado de forma afetiva o “irmão do Anísio” pelos moradores do município onde nasceu e se criou. O costume de frequentar as atividades sociais da escola de samba, segundo contam vários dos componentes entrevistados por mim, teria dado oportunidade para que Néelson conhecesse Marlene, filha do primeiro presidente da escola, e desse início à relação amorosa que aparece nos relatos dos antigos componentes como um marco de sua aproximação com o universo da Beija-Flor. Marcão tem exatamente essa recordação:

Nelsinho conheceu a esposa através de ir aos ensaios. A esposa dele era filha do primeiro presidente da escola, seu Sennas. Então, ele ia muito para o ensaio e

conheceu a Marlene. Foi através dela que ele foi se familiarizando lá com a escola, com a família... Sempre ele ia para lá como namorado dela.

O casamento com Marlene consagrou a inserção de Nélsion num universo social do qual não era originário, embora fosse uma pessoa “conhecida” dos sambistas por pertencer a uma família de imigrantes libaneses bem estabelecida no município pela prosperidade adquirida no ramo do comércio. E assim, passou a ter acesso à rede de relações existente no âmbito da organização carnavalesca de modo que isto veio a se tornar fundamental para sua candidatura à presidência em 1972, iniciativa esta que é considerada por todos como uma atitude voluntária de Nélsion, o que não quer dizer que não tenha sido influenciado pelos seus conhecidos. Havia uma grande expectativa de que ele pudesse solucionar o principal problema de escola, que era o de ordem financeira, e não só porque naquele momento tivesse envolvimento com o negócio do jogo do bicho, mas especialmente porque era o “irmão do Anísio”, que no início dos anos 70 já havia se afirmado como banqueiro de Nilópolis e adjacências.

A questão financeira era importante não só pelo aspecto quantitativo, as expectativas se justificavam também pela “qualidade” do dinheiro de um banqueiro do jogo do bicho, alguém que lida com dinheiro “na mão”, possibilitando acesso fácil e rápido a recursos materiais. Além desse fator, e de Nélsion ser membro de uma família “conceituada” na cidade e “bem querido” pelo pessoal do samba, lembra Germano que ele teve ainda o “respaldo” do então presidente Heitor Silva, que teria feito sua “indicação” para os componentes. Segundo a baiana Maria, havia na verdade um apelo para que Heitor permanecesse no cargo, mas como não tinha como obter recursos para melhorias na escola, o grupo de pessoas ligadas a ele teria decidido em reunião pela indicação de “Nelsinho” como candidato de Heitor na eleição oficial, que teve mais dois concorrentes.

Esclarecendo como o processo se dava pela composição de chapas, Carvalho conta como foi convidado a compor a vaga de vice-presidente na chapa de Nélsion. Explica que estava um tanto afastado da escola, mas que continuava a frequentá-la apenas sem se envolver com atividades administrativas, e sentia que havia muitas dificuldades, a Beija-Flor estava no terceiro grupo. Carvalho era uma pessoa que tinha trajetória na escola, pois estava presente desde os tempos do bloco. Em suas palavras, assim teria surgido o convite:

[...] Quando eu estava para me aposentar houve a eleição para Beija-Flor, me convidaram e eu fui eleito vice-presidente na chapa do Nelsinho, Nélsion Abraão.
[...] Eu estava sempre em contato com eles ali na esquina, a turma parava na esquina, eu parava também e nós ficávamos batendo papo. Então, o Teófilo falou:

“Olha, nós queremos formar uma chapa para a mudança da direção da Beija-Flor, e eu já achei duas pessoas que servem para isso: uma é o Néelson, irmão do Anísio; e você, pra vice-presidente. Você já ajuda muito a gente lá na cidade...”. Eu fazia pequenas relações públicas da escola lá no Rio. Aí ele me chamou, me convidou. Eu pensava era no meu trabalho, tinha que cumprir, isso ia dar muito trabalho... “Não, aceita sim, aceita, aceita!” Ficou dizendo, e eu acabei aceitando. A chapa foi vencedora e nós começamos a trabalhar em prol do carnaval. Carnaval foi bom, quando foi em 74 eu me afastei, meu trabalho apertou muito, havia sido promovido para outra função no trabalho, e eu não tinha tempo, aí eu me afastei, mas continuei acompanhando; só não dava aquela assistência, que eu sempre estava presente, todo dia, mas o trabalho apertou muito.[...] Quando eu fui eleito vice-presidente da Beija-Flor: “Ah, você agora é vice-presidente de escola de samba, você conhece isso aí?” “Conhecer eu não conheço, mas estou no meio e vou aprender”. Aí aprendi, e daquilo ali nós fizemos amizades na Mangueira, Portela, Salgueiro, Império Serrano, nas escolas todas nós fizemos amizades nesse anos.

Em primeiro lugar, observa-se que Carvalho estava plenamente inserido no contexto da convivência entre os componentes da Beija-Flor. Eram pessoas que se encontravam após a jornada de trabalho para trocar experiências cotidianas, e no caso dele havia um diferencial pelo fato de trabalhar na cidade do Rio, podendo assim trazer informações para os amigos que tinham uma vida mais restrita à localidade ou mesmo ajudar-lhes a resolver questões de ordem pessoal, além de ter maior facilidade para tratar de assuntos da escola na Associação das Escolas de Samba. A aliança política com Carvalho contava, portanto, muitos pontos para a candidatura de Néelson.

Observa-se como que a dedicação exigida no trabalho como vice-presidente da escola de samba era algo difícil para um profissional formal, tanto em relação ao emprego quanto às demais obrigações na esfera do lar, isso justifica muito a ideia da “abnegação”. Mas por outro lado, percebe-se o quanto que um posto de “diretor” numa escola de samba, mesmo pequena como era a Beija-Flor, conferia prestígio no lugar, e também fora dele, no espaço de outras agremiações carnavalescas e até mesmo ambiente de trabalho.

Em outro momento de sua entrevista, ao qual vamos nos referir aqui de forma indireta, Carvalho afirma em relação à participação dos componentes que somente aqueles “ativos” tinham o direito a voto e à composição de chapas, eram basicamente os membros da ala de compositores, bateria, baianas e velha-guarda. E de um modo geral, entre os entrevistados não há menção à condição de se estar contribuindo com algum tipo de mensalidade para participar do processo, provavelmente isso se definia pela própria convivência entre eles. Além disso, temos a ideia de que a participação se dava de forma direta, embora não fique muito claro como era feita a contabilização de votos para escolha do vencedor.

A percepção que se tem é da existência de um sistema político interno plenamente democrático na organização carnavalesca, ou seja, diferentemente da situação atual em que as relações de poder prevalecem excludentes em relação ao conjunto de componentes.

Há indícios de que houve concorrência na disputa, pois, como afirma Josiel, a escolha de Néelson teria sido decidida realmente em função do número de votos a seu favor:

Nós fomos lá e votamos, porque tinha outros candidatos concorrendo com ele que eram o seu Helles, e um outro também que não me lembro o nome. Eram três candidatos: Seu Helles, Néelson e esse outro que estou esquecendo agora... O Néelson foi eleito pelo voto, agora não existe mais voto, agora não. Há uns vinte anos ninguém mais vota pra escolher presidente!

Concluimos que a chegada de Néelson Abraão David à presidência administrativa da Beija-Flor envolveu uma série de fatores, e que nenhum deles pode ter sua importância menosprezada diante do suporte financeiro vislumbrado em virtude da ligação de Néelson com Anísio nos negócios do jogo do bicho. Vimos a que ponto estava inserido no universo social dos sambistas à época de sua eleição, e que tinha a seu favor o apoio do então presidente Heitor Silva, detentor de grande capital simbólico em termos de prestígio e autoridade, constituindo assim uma interferência de peso no processo.

O que simboliza bem essa passagem de poder, considerando-a no âmbito de um relacionamento entre líderes, é quando os entrevistados falam do assunto dizendo que Heitor teria “passado a Beija-Flor para as mãos de Néelson”, dando a entender que foi gesto voluntário marcado pela sensação de dever cumprido por tudo aquilo que fez por amor ao samba, dentro de suas possibilidades, em função do prestígio que detinha e até mesmo de sua condição física, posto que já estava cansado por conta da idade avançada.

Em relação à composição da dupla presidente administrativo / presidente de honra pelos dois irmãos, alguns entrevistados lembram que isto não se definiu logo no primeiro ano da gestão de Néelson. Só com a consolidação de sua posição de comando foi que o irmão Anísio teria decidido assumir de vez o papel de “patrono”, conforme fala Marcão:

Foi Nelsinho quem entrou primeiro, ele que deu essa alça para a escola, e depois veio o Anísio na cobertura. Anísio era sempre uma espécie de presidente de honra, e sempre na frente dele foi Nelsinho, Nelsinho, Nelsinho... Como se diz, era o elo. Sempre funcionou assim. Quem sabe é Anísio, mas na frente, sempre ficaram os irmãos. No caso, o Nelsinho faleceu; está o Farid.

Os laços de parentesco foram a principal via para transmissão de poder e tomada de decisões no âmbito da organização do jogo do bicho chefiada pelos Abraão David. Além

disso, a expansão dos negócios nesse ramo se estruturou a partir de uma rede informal onde os principais agentes assumiram modos de atuação bem definidos, a ponto disto ter influenciado nos papéis que passaram a desempenhar na própria organização carnavalesca.

Em 1975, a Presidência da Beija-Flor já estava ocupada pelos dois irmãos conforme a lógica que veio a se tornar convencional no decorrer dos anos. Anísio tinha em Nélsion uma pessoa de sua total confiança, através da qual poderia transferir sob controle recursos financeiros provenientes da organização do jogo do bicho para a escola de samba. Com base na entrevista feita com Carvalho, compreende-se que a visão de Nélsion acerca da administração da escola seguia exatamente o discurso da “modernização” defendido pelo conjunto dos banqueiros do jogo do bicho que estavam no comando de escolas de samba nos anos 70. Ele seria uma pessoa muito objetiva e ágil na resolução dos problemas de ordem material, mostrava-se disposto a realizar projetos que fossem possíveis e lhe interessassem, assim teria sido com a feitura do piso de concreto da chamada “quadra velha” e, pouco tempo depois, com a cobertura desse mesmo espaço, algo fundamental para que a escola pudesse realizar suas atividades sociais.

E Carvalho lembra também que, pelos menos nos primeiros anos da gestão de Nélsion, o presidente costumava ouvir as propostas de componentes para melhorias na escola. É provável que isto de certa forma acontecia, pois se verificarmos a composição da diretoria da Beija-Flor no ano de 75, vamos notar que lideranças antigas da escola estavam ocupando cargos importantes, como por exemplo: Heitor Silva (Vice-Presidente de Carnaval); Ramílton Fernandes (Vice-Presidente de Finanças), era um dos fundadores do bloco; Cabana (Diretor de Harmonia). Isso revela a posição de legitimidade a partir da qual os banqueiros do jogo do bicho assumiram o comando da administração da Beija-Flor.

As recordações dos antigos componentes acerca da figura de Nélsion indicam que, enquanto presidente administrativo, ele atuava como uma espécie de mediador “para dentro da escola de samba”, isto é, seria um dirigente dedicado ao relacionamento com os componentes (especialmente compositores, baianas, ritmistas), mais presente no centro de relações definido a partir da quadra de ensaios. Isto se deve à inserção que teve no universo da escola antes mesmo de ocupar a presidência e à forte ligação que constituiu com setores da comunidade local.¹⁵⁸ Na entrevista feita com Josiel, o compositor demonstrava uma percepção

¹⁵⁸ A ideia a respeito das lideranças de uma escola de samba atuando como mediadoras em duas perspectivas básicas – para dentro e para fora da escola – é desenvolvida por Santos. Op. cit. e por Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

que podemos tomar como sendo representativa do conjunto de componentes acerca dos diferentes papéis exercidos por Anísio e Nélsion na agremiação:

Anísio sempre foi patrono, ativo dentro da Beija-Flor era o Nélsion. Não era difícil de se chegar até ele, o Nélsion não era difícil. Era um cara que andava na rua, parava lá na Mirandela com uma porção de gente em volta dele conversando, ele era um cara de rua. Ele era um cara do povo que ficou rico. Primeiro, ele era conhecido na comunidade, conhecido na cidade, e depois ficou rico. [...] Ele era bicheiro, ficou rico por causa do jogo do bicho, depois de ter sido comerciante. A fonte de origem da riqueza dele é o jogo do bicho. Ficou rico, mas continuava no meio da massa dando acesso às pessoas. [...]

Tal percepção expressa bem a ideia dos banqueiros do jogo do bicho como agentes acessíveis no cotidiano de suas áreas de atuação, estando disponíveis para prestar auxílio aos que lhes pedem ajuda financeira ou que intercedam na resolução de problemas pessoais. Nisto reside muito do “carisma” dos banqueiros do bicho, fato que está associado à memória dos componentes entrevistados por mim que nutriam grande simpatia por Nélsion.

Um reflexo disso pode ser verificado na carga emocional diferenciada presente nas referências aos três irmãos que tiveram envolvimento direto com a administração da escola de samba até os dias de hoje. “Nelsinho” seria o membro da família Abraão David mais irmanado com as pessoas de Nilópolis, daí a forma do diminutivo no tratamento, numa demonstração maior de intimidade. Nélsion era visto como “um cara do povo”, ele “era povo”, alguém capaz de abrir sua intimidade para componentes que se tornassem pessoas do seu relacionamento mais próximo, ou então de ir até a casa de um diretor da escola de samba conhecido seu quando precisasse tratar de alguma questão. Sendo assim, o perfil de Nélsion estaria numa forte oposição ao de Farid, visto com maior distanciamento pelos componentes, e considerado uma pessoa de hábitos elitizados que não teria identificação com o universo do samba. A ideia é que seria o irmão mais novo, teria encontrado a “casa pronta” por obra de seus irmãos mais velhos. Anísio, por sua vez, figura como alguém verdadeiramente preocupado com a organização carnavalesca, não medindo esforços para mantê-la na posição a que foi alçada. Nota-se um tom mais respeitoso que marca a forma de tratamento dos componentes para com ele – atualmente é tratado como o “seu” Anísio, o “pai da Beija-Flor”, a “alma da Beija-Flor”. No entanto, isto não significa dizer que Anísio fosse naquela época desprovido de vínculos na comunidade local, muito pelo contrário, mas seu modo de atuação se consolidou realmente como sendo de um “mediador para fora” da escola de samba, o que estaria relacionado ao conjunto de suas atribuições enquanto chefe da organização do jogo do bicho: fazer a articulação do sistema de proteção policial dos seus agentes; agir em nome da

Beija-Flor junto às entidades representativas das escolas de samba; negociar apoio com autoridades de órgãos públicos e políticos de fora da “família”; arbitrar disputas internas no seio do poder familiar que possivelmente interferissem na agremiação carnavalesca.

7. Voltando à questão dos enredos de exaltação do regime militar

No primeiro capítulo foi feita uma abordagem da problemática política que envolveu a série de enredos que tiveram como proposta divulgar as “realizações” do regime militar e foram apresentados pela Beija-Flor nos três primeiros carnavais sob a presidência de Néelson Abraão David. Não dispomos de informações detalhadas acerca do acordo para a escolha dos temas, apenas se sabe que a decisão teria partido da cúpula da diretoria e que a elaboração das sinopses durante os três anos ficou a cargo do professor e jornalista Manuel Antônio Barroso, provavelmente uma pessoa de fora do universo da escola, mas sobre quem também não se pode afirmar que tivesse alguma ligação institucional com o regime. E na preparação dos desfiles de 1974 e 1975, a escola contou ainda com a participação da jovem carnavalesca Rosa Magalhães, originária do famoso grupo de artistas do Salgueiro liderado por Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, para o desenho de figurinos.

Inúmeros indícios apontam que as escolhas dos enredos de 1973, 74 e 75 pela diretoria da Beija-Flor estavam relacionadas a uma estratégia política mais ampla que vinha sendo implementada pelas famílias Sessim e Abraão David. No entanto, é preciso aprofundar a questão para que não façamos uma redução da montagem do esquema de poder familiar ao simples oportunismo baseado numa troca utilitária de “espaço de propaganda” por tolerância aos negócios ilícitos do jogo do bicho. Essa visão desconsideraria como a organização sócio-cultural de uma escola de samba se estrutura a partir de redes que asseguram uma base para interações entre distintos setores sociais e, principalmente, as condições para o estabelecimento e renovação de alianças políticas.

É claro que os vínculos de parentesco foram centrais para articulação do esquema de poder em Nilópolis, e a própria entrada dos Sessim no universo da Beija-Flor precisa ser pensada a partir disso. Todavia, sendo as escolas de samba organizações que oficialmente se apresentam como tendo um caráter “a-político”, surge a necessidade de explicação a respeito da forma como a diretoria comandada pelos irmãos Néelson e Anísio teria conseguido introduzir de forma legítima no espaço da escola de samba o deputado arenista Jorge David e então o prefeito de Nilópolis, Simão Sessim, aos dois irmãos e correligionários. O parentesco com o presidente da escola poderia não ser suficiente para desfazer uma possível visão –

potencialmente negativa em relação aos “políticos” – de que estavam se aproximando pura e simplesmente por conta de “interesses” eleitorais, como diria Josiel, “para pegar os votos da escola”. É por essa razão que defendo uma análise mais profunda acerca do significado político dos chamados enredos de exaltação do regime militar e, para tanto, recorro a uma brilhante definição do que vem a ser o “enredo” no processo de confecção de um desfile carnavalesco proposta pela antropóloga Maria Laura Cavalcanti:

No caso do desfile, a tessitura da vasta rede de relações que o realiza e sustenta – do bicheiro ao artista renomado, do destaque ou figurante de ala da alta sociedade ao estudante que trabalha no barracão, do trabalhador ao bandido que tocam na bateria da escola – repousa sobre um campo por assim dizer neutro, sobre o qual estão todos de antemão de acordo. Cada ingresso nesse processo anual supõe uma adesão tácita: há um enredo a ser apresentado. O enredo é o elemento básico de definição e negociação dessa realidade carnavalesca, e o vetor de uma vasta rede de reciprocidade. Como os colares e braceletes descritos por Malinowski (1976), e retomados no “Ensaio sobre a dádiva” de Mauss (1978), o enredo é, ao mesmo tempo, aquilo que permite a troca e, sobretudo, o vetor de uma troca mais ampla: aquilo por meio do que valores se trocam. Num certo plano, ele transcende a diversidade dos atores envolvidos: é o enredo da escola de samba que abre gradualmente as suas portas a todos. Em outro plano, ele está sujeito a um conjunto de transformações que o concretizam em música, fantasias e alegorias, submetendo-o a diferentes leituras e interpretações, e ocupa mesmo maior ou menor importância na autopercepção dos diferentes setores da escola. Sem enredo, entretanto, não há desfile. Ele não só define a natureza dessa forma cultural – um cortejo carnavalesco que narra anualmente uma nova história –, como também possibilita a vinculação social que constrói a especificidade do desfile na festa carnavalesca.¹⁵⁹

Com base nessas considerações, podemos compreender que a entrada dos políticos arenistas parentes do presidente no universo da escola de samba era justificável pelo fato dos temas do enredo tratarem das “realizações” do governo que estavam apoiando. Como chefes do diretório local da Arena – fica aqui em aberto a discussão sobre a possibilidade de terem viabilizado a execução dos enredos seguindo orientações partidárias de esferas superiores – figuravam como representantes legítimos das autoridades do regime, e nessa linha de raciocínio faz sentido pensar que, no âmbito da política municipal, a estratégia de apresentação dos enredos propagandistas foi muito mais positiva do que negativa, pois serviu, sobretudo, para consagrar a unidade entre as duas famílias no poder local.

Além de “abrirem as portas da escola” para os Sessim, é preciso reconhecer que os enredos foram compreendidos pela maioria dos componentes que estavam envolvidos na luta pela projeção da escola de um ponto de vista pragmático, acreditavam que a escolha dos temas havia sido realmente uma aposta inteligente da diretoria para impulsionar o crescimento da Beija-Flor. Tratar-se-ia de uma interpretação possível, segundo a perspectiva de

¹⁵⁹ Cavalcanti, op. cit., p. 89.

Cavalcanti, e não necessariamente de uma leitura distorcida através da alienação política dos sambistas que estariam sendo manipulados por sua “ignorância”.

8. *A contratação do carnavalesco Joãosinho Trinta*

Podemos dizer que durante os três primeiros anos em que Néelson Abraão esteve no comando da parte administrativa da Beija-Flor, Anísio não se demonstrou em condições ou disposto a transferir uma soma de recursos financeiros da organização do jogo do bicho para a escola da samba a ponto de promover uma mudança completa no tratamento plástico-visual dos desfiles. Tanto que até 1976, a montagem das alegorias ficou sendo feita num espaço do bairro de Nova Cidade, em Nilópolis, onde funcionava o “barracão” pelo qual, segundo contam, “Nelsinho” tinha um grande apreço em razão do que representou no início de sua fase como presidente. Isso revela que o carnaval da Beija-Flor até então não havia assumido grandes proporções, a finalização dos trabalhos de montagem costumava acontecer no dia do desfile, com as peças das alegorias, em partes destacadas, sendo transportadas de caminhão para o local de formação da escola de samba no Centro do Rio.

A proposta da diretoria da Beija-Flor para o carnaval de 1976 em apresentar um enredo cujo tema era o “jogo do bicho” foi o ponto de partida para a mudança radical promovida na concepção dos desfiles da escola. Primeiramente, é preciso considerar que isto talvez não representasse uma ruptura total com a linha dos enredos para divulgação dos projetos de impacto do regime militar. Nesse sentido, Gomes e Villares consideram a possibilidade de uma suposta intenção das autoridades na regulamentação do jogo do bicho como uma loteria a ser administrada pela Caixa Econômica Federal e, com base nisso, os autores sugerem que a proposta da diretoria da Beija-Flor controlada pelos banqueiros do jogo do bicho estaria mais um vez em sintonia com o governo, e envolvendo interesses específicos quanto à exploração do jogo do bicho¹⁶⁰. A questão da regulamentação desta modalidade de jogo já foi motivo de discussão, inclusive, no Congresso Nacional, sendo incrementada pela atuação de parlamentares ligados aos setores da contravenção, só que isto mereceria uma discussão mais profunda que não vamos desenvolver neste trabalho.

Na tentativa de contratar o carnavalesco Joãosinho Trinta para coordenar a produção artística do desfile de 1976, a diretoria da Beija-Flor nas pessoas de Anísio e Néelson Abraão já teria então o tema de enredo definido sobre o jogo do bicho, a ser desenvolvido com foco

¹⁶⁰ Gomes, Fábio e Villares, Stella. *O Brasil é um luxo: trinta carnavais de Joãosinho Trinta*. São Paulo: CBPC – Centro Brasileiro de Produção Cultural: Axis Produções e Comunicação, 2008. p. 76.

numa homenagem ao famoso banqueiro e patrono emérito da Portela, Natal. Essa exigência, entretanto, não teria constituído um entrave para a decisão do carnavalesco em se transferir para a escola de Nilópolis, e por outro lado, mesmo que se mostrasse bastante insatisfeito com as condições de trabalho no Salgueiro e desejoso por sair da agremiação, as vitórias obtidas nos carnavais de 74 e 75 haviam consagrado de tal forma a trajetória que Joãozinho havia iniciado há aproximadamente uma década na equipe de Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues que isto lhe conferiu prestígio suficiente para impor também suas exigências e propostas na negociação com a diretoria da Beija-Flor, mas nem isso teria esbarrado na questão do tema de enredo pré-estabelecido.

Segundo declarações do próprio Joãozinho feitas por diversas vezes na imprensa, seu maior desafio na Beija-Flor foi lidar com o forte estigma de “apologista da ditadura” que havia recaído sobre a escola em função da apresentação dos três carnavais anteriores à chegada do carnavalesco, em uma dessas declarações ele coloca o seguinte:

Tive um problema que é bom explicar. Em 1974, 1975, eu andava na companhia de Fernando Pamplona, Arlindo Rodrigues, Teresa Aragão, Ferreira Gullar, todos de esquerda. Por isso mesmo, chamava a Beija-Flor de ‘Unidos da Arena’, que vinha com enredos como Mobral. Foi a época de muitos intelectuais chateados com a Beija-Flor. Em 1976, descontente porque eu queria fazer um trabalho com a comunidade e o Osmar Valença [então banqueiro do bicho e patrono do Salgueiro] não atendia, resolvi sair da escola. Quando anunciei isso, ainda era chefe do guarda-roupa do Teatro Municipal e a porta dos fundos parecia reunião de banqueiros do jogo do bicho, todos lá querendo falar comigo. Mas eu não queria ir para escolas grandes porque sabia que elas não fariam um trabalho social. A Beija-Flor só tirava os últimos lugares e eu falei então ao Anísio: “Por que a Beija-Flor só faz temas falando de Funrural e Pis / Pasep? Vocês têm alguma ligação com o governo?” O Anísio disse que não, o máximo que recebiam era o telegrama de uma autoridade elogiando – mas é claro que tinham alguma ajuda porque o Haroldo Costa [atual comentarista dos desfiles das escolas de samba na Rede Globo] me falou que recebia ordem da televisão para não meter o pau na Beija-Flor. Aí, iniciei na Beija-Flor um novo período, ganhando outros carnavais. [...] ¹⁶¹

Durante o período da carreira em que esteve responsável pela concepção artística dos carnavais da Beija-Flor, Joãozinho Trinta enfrentou duras críticas, construídas sob duas perspectivas que geralmente se entrecruzavam. Uma delas estava relacionada com a associação entre a Beija-Flor de Nilópolis e a ditadura militar, e isto fez com que alguns setores da imprensa e do meio artístico atribuíssem a ele uma postura política direitista, condizente com o perfil da família Abraão David. E por outro lado, constituiu-se a ideia de que o amplo processo de transformação dos desfiles das escolas de samba em espetáculo de massa teve na figura do carnavalesco seu principal agente, e assim, de acordo com uma certa

¹⁶¹ PLAYBOY entrevista Joãozinho Trinta. *Playboy*. São Paulo: Editora Abril, Ano XXIII, nº 271, p. 29-45, fevereiro, 1998. p. 30.

visão tradicionalista do samba compartilhada por intelectuais de esquerda, Joãozinho teria incentivado a “descaracterização” dos desfiles com o “luxo” e a “grandiosidade” dos carnavais financiados pelo dinheiro do jogo do bicho. Esse foi o contexto que o levou a cunhar a famosa frase: “Pobre gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual”.¹⁶²

Cavalcanti entende que a relação de Joãozinho Trinta com a diretoria da Beija-Flor se baseava numa “adesão moral” à patronagem do jogo do bicho, visão esta fundamentada pela autora na ideia de que o artista considerava a legitimidade do modo como os contraventores agiam no âmbito das organizações carnavalescas controladas por eles. Cavalcanti faz referência a declarações públicas de Joãozinho nesse sentido. A título de exemplo, menciono trechos selecionados de uma entrevista concedida pelo carnavalesco:

[...] Quando você depende de uma pessoa para fazer alguma coisa, é preciso que ela faça. Quando eu fui para a Beija-Flor impus que... Bom, primeiro eu já fui porque senti no Anísio a disponibilidade de fazer as coisas. O Osmar Valença é tão frouxo, que é o único bicheiro cujo ponto de bicho foi assaltado por um componente da própria comunidade. [...] Lá em Nilópolis só de alguém pensar em fazer alguma coisa já amanhece no dia seguinte com a boca cheia de formiga. [...] (39) Todas as escolas de samba, no dia 4 de fevereiro de 1984, vão estar na Marquês de Sapucaí com seus carros alegóricos, bem ou mal, quebrando ou não quebrando, mas estarão lá, com suas alas, seus destaques, seu samba, sua bateria, irão lá como estão indo desde que começaram, há 50 anos. Agora, quem é que atrapalha? Exatamente aqueles que vieram depois. Aqueles que não têm porra nenhuma a ver com elas, que são os que dirigem, ou seja, a Riotur. É essa que atrapalha. De repente, se não houvesse a Riotur, garanto que o pessoal do samba... Porque não tem gente mais organizada que os corretores zoológicos. Organizados por quê? Porque eles são os únicos britânicos que existem na face da terra. Eu já vi, numa esquina de Nilópolis, serem pagos 400 milhões em dinheiro [da época] enebado, aquele dinheiro de bicheiro, na esquina, em um ou dois sacos da Casa da Banha [antiga rede de supermercados], sem um papel, sem uma assinatura, apenas com aquilo que consideram o termo *homem*. Quer dizer, você é homem, então você tem palavra. É na palavra, é na voz, é no som, é no verbo. Não precisa ter nada. É quando eles dizem: “Esse cara é homem”. (54) É o crédito deles. Mas não brinca no serviço, não. Não brinca, porque aí... [...] Se, de repente, deixassem esse país entregue aos corretores zoológicos, eles pagariam as dívidas externas e internas. (55)¹⁶³

A posição de Joãozinho se revelava, na verdade, de uma forma muito ambígua. Se há indícios na sua fala que apontam para a adesão à lógica da patronagem, também é preciso considerar o contexto da entrevista em que ele debatia questões mais amplas relacionadas ao universo das escolas de samba e que nos levam a crer que estivesse apresentando constatações que poderiam ser feitas por qualquer pessoa envolvida na produção do carnaval de uma grande escola do Rio de Janeiro, e assim precisaria do mínimo de afinidade com os códigos daquele universo para poder realizar seu trabalho.

¹⁶² Montes, Maria Lúcia Aparecida. “O erudito e o popular, ou as escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa”. In: *Revista USP*, 32 (1996-1997): 6-25. p. 9.

¹⁶³ Trinta, Joãozinho. *Psicanálise Beija-Flor – Joãozinho Trinta e os Analistas do Colégio*. Rio de Janeiro, Aoutra / Taurus, 1991. p. 39, 54 e 55.



Revista *Veja*, ano 1, número 1, maio de 1978, página 71. “O presidente e seu estado-maior, da esquerda para a direita: Bonzão, assessor; Roberto, assessor de Anísio; Nélson, o presidente; Joãosinho Trinta; China, relações públicas; Anísio, presidente de honra (irmão de Nélson); Manoel, assessor; Ramílton, tesoureiro.”

A aceitação da proposta de Joãosinho quanto à realização de um “trabalho social” através da Beija-Flor como condição para sua transferência do Salgueiro não resultou, num primeiro momento após sua chegada, no desenvolvimento de projetos vinculados à escola de samba voltados para a assistência social, conforme aconteceria na década de 1980, e por iniciativa do próprio carnavalesco com apoio da diretoria da Beija-Flor e do então Prefeito Miguel Abraão David.

A ideia de Joãosinho se concretizou, a princípio, com um investimento na base social da agremiação através da ampliação das alas, estimulando a participação de moradores do município e das adjacências, e com a formação de passistas e casais de mestre-sala e porta-bandeira visando o futuro desses segmentos na escola. E nesse sentido, o próprio carnavalesco reconhece o papel da direção dos contraventores:

[...] Em Nilópolis, a escola de samba não tinha essa força de uma escola de morro, como uma Mangueira, como o Salgueiro, por exemplo. E isso percebi imediatamente. Agora, tive a facilidade de Nilópolis ser, primeiro, uma comunidade grande em número, mas pequena em geografia, e, sobretudo, ter a Beija-Flor uma diretoria muito ligada a essa comunidade, que são os corretores zoológicos. Os corretores zoológicos têm uma profunda penetração, ainda mais porque eles não são de fora. O Anísio e o Nélson nasceram lá. O Nélson é casado com a filha de uma fundadora da Beija-Flor. Eles não são pessoas que vieram de fora para implantar o jogo do bicho. Estão muito enraizados em Nilópolis e isso me facilitou muito esse trabalho de implantação da escola. [...] ¹⁶⁴

¹⁶⁴ idem, p. 34.

O relacionamento com setores da comunidade local vinculados à escola de samba era central para o sucesso do trabalho do carnavalesco. Ele precisava construir sua aceitação especialmente “para dentro” da Beija-Flor, já que chegava com a incumbência de coordenar uma equipe vinda “de fora” com a missão de promover uma mudança radical na concepção dos carnavais da escola. Algo que expressou muito bem a iniciativa de Joãozinho nesse sentido foi sua decisão em ter uma residência em Nilópolis, logo passou a morar em um dos apartamentos do conjunto que existe até hoje em frente à “quadra velha”.



Conjunto próximo da “quadra velha” em que residiu Joãozinho Trinta (apartamento da direita para quem olha a foto)

E a escolha desse local não se resume a uma medida puramente prática tendo em vista as exigências das atividades ligadas ao carnaval que aconteciam no centro espacial em questão (ensaios, reuniões, eventos). Isso envolve a história de uma das baianas mais prestigiadas da Beija-Flor, “dona” Liberdade, lembrada nos relatos de diversos componentes que acompanham a escola desde anos 1970. Ela foi doméstica da família Abraão e também da família Sessim, e em decorrência de tal proximidade teria sido recomendada a dar assistência a Joãozinho na residência que ocupou em Nilópolis durante os anos de Beija-Flor. Quem conta essa história é uma ex-baiana que conheceu Liberdade:

Ela amava de paixão a Beija-Flor, ali era o prazer dela, a vida dela. Dançou muito, adorava dançar. Ela ia pro Caiçara, ia pro Elite do Méier, Elite perto da Central. Mas o negócio dela era a Beija-Flor. O ano que ela não podia desfilar, ela parecia que ficava doente. Ela era doente pela Beija-Flor! [...] E é aquele negócio, dentro da escola você tem as suas considerações: tem quem goste de você, tem quem não goste de você. Mas a Liberdade sempre soube fazer as amizades dela, e foi uma pessoa muito querida! Sendo real ou não, era uma pessoa querida. Ela sabia receber as pessoas. [...] João Trinta, quando veio para a Beija-Flor, ele se aposentou lá dentro da casa dela. Assim que ele chegou, ele resolveu por a bolsinha dele lá... “É por aqui que eu vou ficar...” E ficou durante 14 anos, ele morou com a família de dona Liberdade. [...] É aquele negócio: ele

veio e foi apresentado à “mãe preta”; as pessoas sempre ficavam na casa porque era em frente à quadra velha e dali eu acho que ele olhou pra dona Liberdade, simpatizou com ela e foi: “É aqui que vou ficar!” Tanto é que houve um período que quando a irmã do Joãozinho descobriu onde ele estava, ela bateu lá na casa direitinho; pelas reportagens de jornais e revista. Aí a irmã veio ao Rio, porque ela é do Maranhão. Então, ela conheceu dona Liberdade, conversou, agradeceu muito por estar cuidando dele.¹⁶⁵

A escolha de Joãozinho acerca do lugar onde se estabeleceria em Nilópolis tem dois aspectos extremamente significativos. Em primeiro lugar, ele teria sido apresentado a uma pessoa muito próxima dos dirigentes da escola por circunstâncias afetivas, pois se fala que dona Liberdade teria sido uma espécie de babá de Néelson e Anísio, e por essa razão chamada por eles de “mãe preta”.

A partir disso tudo se criou uma situação interessante envolvendo a disputa pela memória da colaboração na criação dos filhos de “dona” Júlia, a mãe de Anísio e Néelson, algo que parece ter surgido em decorrência de uma resposta à projeção de “dona” Liberdade no universo da Beija-Flor pelo seu vínculo com os Abraão e, conseqüentemente, pela proximidade com Joãozinho, mesmo que ela não tivesse o posto de baiana “mais antiga da escola”. O compositor Marcão faz um comentário em sua entrevista que nos leva a entender a situação dessa forma. Vejamos o que ele fala:

Existem muitas coisas deturpadas que dizem aí sobre a trajetória da Beija-Flor, por exemplo, a baiana mais antiga, dona Letícia, morreu. A outra ainda é viva. É a mais antiga da escola. Essa eu sei que é, mas eles falavam que era dona Liberdade. Não era nada dona Liberdade! Ela nem era envolvida na Beija-Flor, era empregada da dona Júlia, mãe do Anísio. Entendeu? Depois que o Nelsinho pegou a presidência da escola, aí que ficaram falando isso...

Contudo, a simpatia do carnavalesco por uma senhora com tal popularidade e a decisão de residir no lugar em questão, sob os cuidados dela, e não em qualquer outro imóvel mais luxuoso concedido pela família Abraão, era também uma demonstração de que Joãozinho estava disposto a se integrar de alguma forma à comunidade local. E ele ainda se mostrou extremamente habilidoso numa situação posterior ao apaziguar a divisão que havia em função das duas principais baianas no interior na ala, e assim, ter viabilizado o sucesso de seu próprio trabalho, conforme nos conta a baiana Valquíria: “Quando João entrou eram duas alas: “Cidade Alta” e “Cidade Baixa”. Uma ala era Maria quem organizava e outra ala era dona Liberdade. Eu não cheguei a desfilar nessa época, mas sei que João acabou com aquele negócio de “Cidade Alta” / “Cidade Baixa” e colocou uma ala só”.¹⁶⁶

¹⁶⁵ Entrevista concedida ao autor a 19 set. de 2005.

¹⁶⁶ Entrevista concedida ao autor a 13 de ago. de 2005.

Outro exemplo da tentativa da estratégia de aproximação de Joãozinho com as bases da agremiação se deu através da solicitação feita a Heitor Silva, então Vice-presidente de Carnaval, para que convidasse jovens para a formação de alas. Quem conta essa experiência é um antigo presidente de ala da escola:

Quando Joãozinho chegou na Beija-Flor, algumas pessoas foram chamadas pelo antigo presidente Heitor: “Oh, tem um carnavalesco novo que quer um grupo aí”. E eu fui apresentado ao João. Ele simpatizou muito com meu grupo, tanto que nós fomos das primeiras pessoas a irem na casa dele, ficar no apartamento lá em frente à quadra. A entrar lá, éramos nós, lá do meu grupo! E João pegou essa confiança na gente, né. E aí, começa também com João a primeira ala de comunidade, porque não tinha isso. Só que naquela época éramos nós que fazíamos as fantasias, com João montando o modelo com a gente. As pessoas não pagavam. No caso da nossa ala a fantasia era dada como é dada agora, só que a gente fazia as fantasias, não era o barracão, quem montava era a gente. Fazíamos os adereços. Num dos carnavais do tri-campeonato, a gente montou a roupa todinha. A gente cortou, fez todo trabalho artesanal, em metal. [...] ¹⁶⁷

Observamos como a escola já dava sinais de que estava fazendo a incorporação de pessoas que não eram necessariamente originárias do universo do samba, e de uma forma muito mais autônoma, porque a ideia da “ala da comunidade” baseada no esforço coletivo de um grupo de jovens componentes que davam sua contribuição para a confecção do desfile revela um contraste com a ideia atual de “ala da comunidade”, esta baseada no princípio de que as pessoas apenas “ganham” a fantasia, e assim devem assumir uma série de obrigações impostas pela direção da escola através dos presidentes dessas alas.

Outros componentes que desfilaram nessa época falam que havia uma iniciativa dos diretores da Beija-Flor para convocação de participantes dos antigos blocos da cidade, esse seria o caso de Ezequiel, um dos que ingressou na escola dessa forma. Uma antiga componente fala da suposta tentativa de Anísio em fundir a Escola de Samba Unidos de Nilópolis com a Beija-Flor, mas que teria sido recusada pelas lideranças daquela agremiação carnavalesca.

A partir dos relatos apresentados podemos observar aspectos da confecção do desfile que indicam o papel central desempenhado pelo carnavalesco no processo, e fica claro como que, mesmo ocupando uma posição de destaque, era fundamental para ele se articular com todos os seguimentos da escola de samba. Segundo Cavalcanti:

A confecção de um desfile transcorre entre dois centros especialmente definidos e um outro universo descentrado que se estende por diferentes bairros da cidade, as alas. Quadra, barracão e alas organizam redes sociais e processos culturais específicos que se articulam na confecção de um desfile. A quadra sintetiza a relação da escola com o mundo do samba, o barracão com o “visual”; entre esses

¹⁶⁷ Entrevista concedida ao autor a 10 de set. de 2006.

dois pólos, espalham-se as alas, com redes múltiplas de sociabilidades particulares.¹⁶⁸

Como assinala a autora, além de outras que tomamos como referência para compreensão do processo de confecção de um desfile carnavalesco¹⁶⁹, a definição do enredo, cujo tema pode ser sugerido pelo carnavalesco, acertado entre ele e a diretoria, ou mesmo imposto por esta, seria a primeira etapa do processo. E depois da elaboração da sinopse feita pelo carnavalesco ou sua equipe, ele, juntamente com a diretoria, se encarrega de transmitir a proposta para a ala dos compositores através da leitura e explicação do texto.

9. O samba-enredo e a quadra

Como relembra Josiel, assim seria o procedimento básico para a apresentação das sinopses aos compositores “da ala” nos primeiros anos do carnavalesco:

Ele fazia reuniões com a gente antes de entregar a sinopse, uma reunião sobre a história que ele tinha em mente. “Esse ano eu vou falar sobre um enredo tal e tal”. Antes, ele fazia uma conferência com a gente, só os compositores e a diretoria, que não era para outros componentes saberem da história e saírem comentando errado. Havia esse circuito fechado. O carnavalesco mostrando a ideia dele para os compositores, e a partir daí você começava a ter uma visão daquelas coisas que ele estava querendo fazer. “Semana que vem nós vamos ter uma reunião para a entrega da sinopse, hoje foi só um esclarecimento”. No tal dia da reunião estavam os compositores para pegar a sinopse, aí ficavam os compositores numa sala fechada e ele entregava a sinopse na mão de cada um, abordava os assuntos que ele já tinha falado, e às vezes estava escrito no papel mais alguma coisa, além do que ele tinha relacionado, então grifava algumas frases que eram obrigatórias na história. “Essas têm que entrar!” Ele botava em letra maiúscula as que tinham que entrar porque era impossível deixar aquilo de fora, porque estava sendo colocado no enredo. O nome tal, ele tinha um carro alegórico que seria usado para aquele determinado nome. Então, tudo isso foi difícil para o compositor compreender tecnicamente. “Vai ter no início um carro alegórico – um Netuno! Então vai ser preciso aparecer esse nome”. “Ah, João, vou colocar só embaixo”. “Não, tem que ser nesse lugar, porque o carro do Netuno vem no início, então não vai botar Netuno no final da letra do samba”. Essa sequência foi difícil de assimilar para o samba-enredo.

No caso da Beija-Flor, durante o período de Joãozinho Trinta, o referido grupo talvez tenha sido o que se mostrou mais resistente às inovações adotadas por ele, embora não fosse uma postura generalizada na ala. Na verdade, a grande queixa dos compositores revelava claramente a tensão estruturante definida por Cavalcanti entre o “visual” e o “samba”. A

¹⁶⁸ Cavalcanti, op. cit., p. 86.

¹⁶⁹ Refiro-me ao trabalhos de Blass, Leila Maria da Silva. *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do Carnaval*. São Paulo: Annablume, 2007 e Montes, Maria Lúcia Aparecida. “O erudito e o popular, ou as escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa”. In: *Revista USP*, 32 (1996-1997): 6-25.

contestação do que seria uma posição centralizadora do carnavalesco consistia na imposição de uma adequação da letra do samba à lógica de apresentação do enredo proposta na sinopse, ou seja, os versos do samba-enredo deveriam trazer os elementos do tema que seria apresentado numa certa correspondência com a lógica da narrativa visual do desfile. E até hoje os compositores reclamam ao lembrarem que, após o resultado final da seleção de samba-enredo, Joãozinho costumava interferir indicando alterações a serem feitas na letra do samba vencedor. Isso era sentido com bastante incômodo por alguns dos compositores, como por exemplo, Getúlio:

Joãozinho veio do Salgueiro, todo mundo o conhecia, mas ainda não tinha o nome que ele fez aqui na Beija-Flor, até porque o Anísio deixou Joãozinho à vontade, não sei se foi contrato deles, não sei o que resolveram, mas sei que ele ficou bem à vontade na Beija-Flor. Então, ele pode fazer o que queria, mandava e desmandava. Anísio deu “carta branca” a ele; dinheiro não faltava, enquanto que no Salgueiro, não, ele fazia aquele carnaval num sacrifício danado! O presidente do Salgueiro era bicheiro, mas não dava tanto dinheiro na mão dele quanto o Anísio, e aí na Beija-Flor ele estourou. [...] Às vezes ele interferia no trabalho dos compositores, fazia o enredo e queria que a gente seguisse à risca a proposta dele. Minha opinião é a seguinte, quem era o artista na época? Era ele; e então devia ser assim: o samba que foi campeão, ele deveria pegar e fazer o enredo em cima daquilo. Mas não, ele fazia o enredo de um jeito – Joãozinho é exigente pra caramba, e na época ele podia também, porque estava com a corda toda –, e você tinha que fazer um samba que batia exatamente com aquilo que ele queria; era difícil. “Ganhou o samba! Mas tem que modificar isso assim... tem que botar aquilo... tem que fazer tal coisa”. Aí aconteciam esses problemas com Joãozinho, a gente tinha sempre esse problema com ele.¹⁷⁰

A questão a que Getúlio se refere, sobre as modificações na letra dos sambas, depois ainda veio se somar à problemática da junção de dois sambas, algo que talvez já contasse com algum tipo de interferência do então diretor geral de harmonia, Laíla. Ele sempre se envolveu bastante no processo de seleção do samba-enredo, até porque se trata de um elemento fundamental para a boa performance no desfile de uma escola de samba.

Outros compositores já não viam a questão como problema, e assim acontecia com Josiel, que embora tenha se mostrado na entrevista um crítico de muitas das transformações que aconteceram na organização carnavalesca após a série de vitórias que consolidaram sua posição entre as grandes escolas do carnaval carioca, acredita ter sido um grande aprendizado a tentativa de seguir em suas composições as orientações de Joãozinho:

Muitos reclamavam, mas eu nunca reclamei, e sempre gostei disso. A mim, ele desafiava, foi difícil para muita gente que não aceitava a técnica dele, o fato de ser exigente, de você ter que seguir a sequência de uma história. Então, com ele, tinha que se fazer o samba na sequência da história que estava sendo relatada no enredo, aquele que conseguisse relatar melhor era o escolhido.

¹⁷⁰ Entrevista concedida ao autor a 27 de abr. de 2005.

Josiel ainda lembra com humor o samba que um prestigiado compositor da Beija-Flor teria composta acerca dessa situação das imposições de Joãozinho:

Um compositor, um grande mestre que passou por aqui, ele era um cara rápido, tudo que acontecia respondia cantando. E tem um samba que fez depois de ter sido cortado da disputa de samba-enredo, e ele chegou na Mirandela e me mostrou a música. O samba dele tinha sido cortado naquela semana, e ele fez assim: Você com sua vaidade me prejudicou / mas mesmo assim não há valor, nem há moral / Você com sua vaidade me prejudicou / mas mesmo assim não há valor, nem há moral / eu sou sambista de fato, tenho o samba no meu coração / não vou esquentar a cabeça com qualquer João / mas se minha escola perder, você vai ter que dar explicação / mas se minha escola perder, você vai ter... / você vai ter que me dar explicação / samba é arte de bamba, conteúdo da inspiração, mas o veneno que se chama... / chega primeiro, só nos resta a frustração... Então, ele compôs esse samba! Mas o negócio é que a Beija-Flor sempre ganhava naquela época, aí não tinha jeito com Joãozinho...

Acontecia, entretanto, dos compositores serem convidados a fazer os acertos finais na composição dos sambas na casa de Anísio ou na casa de Néelson, em Nilópolis. E isso geralmente se dava com uma recepção festiva, em clima de descontração, o que mostra o grau de intimidade que os contraventores, enquanto comandantes da escola, “conhecidos”, “criados juntos”, foram cultivando com esses artistas. Essa e outras situações permitiram a constituição de vínculos que muitas vezes colocavam os compositores numa situação de dependência pessoal, já que vinham também a Néelson e Anísio para pedir ajuda através de recursos financeiros, recomendação para trabalho e uma série de tipos de favores.

Em benefício dos compositores, Néelson Abraão teria criado o costume de dispensar a parte da escola na premiação em dinheiro para os compositores do samba-enredo vitorioso. Além da popularidade já tida por “Nelsinho” entre os segmentos tradicionais da escola (baianas, bateria, compositores), isto lhe conferiu ainda mais prestígio.

Nos anos 80, quando Anísio esteve na Presidência da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), uma de suas realizações teria sido a facilitação da concessão dos direitos autorais dos sambas-enredo aos seus compositores, sem que ficassem em prejuízo diante da gravadora e mesmo da organização carnavalesca a qual estivessem vinculados.¹⁷¹ E também, levando em consideração o acúmulo de capital pessoal por Anísio em termos de influência no meio jornalístico e musical, podemos imaginá-lo como uma espécie de agenciador, atraindo cantores em busca de oportunidades para shows e até mesmo apoio para produção de trabalhos artísticos.

¹⁷¹ Revista Beija-Flor, Ed. 2004, “Os 20 anos da Liga”. p. 101.

E o acirramento da disputa de samba-enredo foi obrigando cada vez mais os compositores a buscarem apoio no comércio local para reprodução de cópias da letra do samba e mobilização de torcida com churrascos e pagamento de bebidas. E nesse circuito também entravam, logicamente, os políticos locais, e nem requer muito esforço para se perceber as vantagens dos políticos das famílias Sessim e Abraão e seus aliados, pois raros seriam os compositores a arriscar seu sucesso na disputa declarando no prospecto da letra do samba o apoio de algum político que não fosse, ao menos, aliado das famílias.

Já nos primeiros anos em que Joãozinho Trinta esteve como carnavalesco da Beija-Flor, a disputa para seleção de samba-enredo dava sinais de que a tendência era a transformação dessa etapa da confecção do desfile num evento cada vez mais aglutinador. E nisso se destaca a trajetória daquele que se tornou um dos principais personagens e símbolos da escola de samba, o compositor e intérprete Neguinho da Beija-Flor.

Na seleção para a escolha do samba de 1976, Neguinho despontou com sua primeira vitória como compositor e ainda assumiu o posto de intérprete, isto em decorrência do falecimento daquele que ocupava esse lugar até então, Bira Quinho, compositor do samba-enredo de 1975 – “O grande de decênio” – que morreu assassinado numa briga. Compositores que participaram da disputa na época ressaltam o fato de que Neguinho era uma pessoa “de fora” de Nilópolis e da própria Beija-Flor, como fala Getúlio:

Ele era do Leão de Nova Iguaçu. Tito, que era um dos *crooners* da Beija-Flor, foi lá com o pessoal do Anísio e trouxe o Neguinho para cá. Foi o Neguinho entrar e ganhou logo um samba! O pessoal ficou até meio descontente, porque era um compositor de fora que estava vindo para cá e ganhando um samba já no primeiro ano, aquele negócio todo; mas ele teve mérito, e ganhou.

Na falta de inserção no universo da escola para ter o apoio de componentes para escolha do samba de Neguinho, alguns atribuem a ele a criação de uma estratégia que veio a se tornar prática comum no âmbito das disputas de samba-enredo, é o que nos fala Josiel:

O Neguinho foi o pioneiro nessa coisa de trazer “galera” em competição de samba-enredo. Nas escolas de samba, hoje, todo mundo leva, mas começou em Nilópolis, com o Neguinho. Ele não era daqui, era de Nova Iguaçu, e só depois é que veio morar em Nilópolis, um ano depois de ter cantado o samba-enredo. Em 78, ele já estava aqui há quase dois anos, mas não tinha acesso a ninguém, intimidade. [...] Você ganhava um samba quando era preferência da maioria, o critério era que fosse o melhor para a escola, e o melhor para a escola era aquele que o componente se manifestava a favor, escolhia. Depois, o Neguinho veio com uma galera que se manifestava pelo samba dele, parecia que aquela multidão de gente queria aquele samba, porque a influência era mostrar muita gente querendo o teu samba. Ele trazia dois ônibus de contra-ataque pra cantar o samba dele, porque ele não tinha acesso na comunidade para pedir a ninguém que aderisse ao samba dele, ele não era da cidade. Então, como ele não tinha acesso aos componentes da

escola, simpatia pra atrair as pessoas para escolherem o samba dele, ele vinha com um grupo de contra-ataque que ficava se manifestando na hora que ele cantava, parecia que todos os componentes estavam querendo aquele samba. Por isso, os critérios para escolha começaram a mudar. Aí surgiu a onda de trazer galera para a disputa de samba-enredo... No início, pegou o pessoal de surpresa, não se esperava. As pessoas viam aquela multidão querendo que cantasse aquele samba, você não podia dizer não. Aí começaram a se organizar aqui pra fazer frente à galera dele. Começavam a procurar uns amigos daqui, uns iam pedir aos componentes das alas para dar apoio ao samba. Outros buscavam amigos que moravam no bairro, na rua, para competir com a aquele cara que tinha maior vantagem.

O fato é que Neguinho não era do lugar. E foi, portanto, o acirramento da disputa de samba-enredo que impôs a necessidade dos compositores locais acionarem suas redes de sociabilidade para fazer frente à estratégia desse compositor que vinha “de fora”. Getúlio conta como ele e seu parceiro Josimar se articulavam na “defesa” de seu samba:

O Josimar morava lá dentro da Chatuba [bairro na divisa entre Nilópolis e o município de Mesquita]. Ele tinha um bloco, e quando a gente ensaiava para fazer um samba-enredo, a gente ia lá para dentro do bloco, que era o Dragões de Nilópolis. Então, a gente ensaiava no bloco, o samba e tal, aí chegava perto da disputa: “Ah, vai começar, é hoje, o sábado é o dia da disputa do samba-enredo”. Então, Josimar e a mulher dele faziam uma comida, juntando um dinheiro, cada um dava uma parte. Eles pegavam as cadeiras, fechavam a rua e davam a comida para o pessoal do bloco; porque quando nós saíamos, não sabíamos a que horas seria cantado o samba. Então, umas sete e meia da noite reunia o pessoal do bloco todinho, e quando a gente vinha de lá, a gente já vinha direto com o bloco, cantando pelo meio da rua, assim já ensaiavam o nosso samba. O samba era todo ensaiado, o bloco imenso, entrando naquela quadra da Beija-Flor – que a quadra da Beija-Flor na época era a quadra velha. Então, nós descíamos com o bloco, e quando chegava na hora da gente cantar era muito mais fácil. O bloco estourava lá dentro, era uma coisa! A gente passava pelo Neguinho, ele tinha a mãe que morava ali perto da quadra da Beija-Flor mesmo, e também saía dali com o pessoal dele. Então, o nosso bloco passava por ali de provocação mesmo. Mas para enfrentar o Neguinho dentro da quadra, eu acho que o esquema nosso só podia ser esse mesmo. Era muito difícil, porque o Neguinho cantava muito bem, sempre cantou bem, e tinha ainda o Nêgo, o irmão dele que hoje canta nessas escolas grandes por aí; a irmã também era *crooner*. A família dele era uma família de músicos, era muita gente ajudando a cantar o samba, e muita gente boa, muita gente com um vozeirão. E a gente com nossa voz bem pequenininha. Aí, um dia eu falei: “Ô, Josimar, a gente tem que arrumar um *crooner* para disputar, porque não está dando resultado, não tá dando certo, não”. Foi aí que veio uma pessoa, depois teve um outro menino que cantou com a gente também, aí ficou mais folgado. E uma coisa engraçada que me lembro é que quando a gente chegava no samba, a mãe de Neguinho sempre estava com ele, todo mundo se conhecia, e ela adorava o nosso samba, principalmente pelo Josimar, de quem ela gostava muito. Toda vez que ele cantava, ela mandava o Neguinho chamá-lo, e vir sentar ao lado dela para o Josimar cantar o samba... E ele ia lá, que era muito delicado também, sentava, e cantava o samba pra mãe do Neguinho. Ela chamava o Neguinho e falava: “Olha, o samba tá muito bom”. Na época ainda era mais assim, eu gostava muito porque não tinha negócio de querer forçar, brigar, até quase matar o outro por causa de samba; e não era o meu objetivo. O meu objetivo na escola de samba era outro, era me divertir; eu trabalhava, não vivia daquilo, o meu negócio era fazer samba para me divertir, extravasar, muita gente era assim também. Agora não, parece que o pessoal quer viver disso, sei lá, ou acha que é muito importante ter o nome na escola de samba, ter não sei o quê... Eu nunca achei isso, até hoje eu não acho nada

demais fazer samba, samba-enredo. “Ah, com o samba-enredo se ganha milhões de dinheiro!” Pra mim é novidade, que eu nunca ganhei tanto dinheiro assim.

O crescimento das disputas incrementou a vida noturna em Nilópolis em função de estabelecimentos do entorno e das proximidades da quadra. Havia a interação de compositores, componentes e “torcedores dos sambas” nos bares da Mirandela, e um deles ficou especialmente famoso, até por ser localizado na esquina desta avenida com a rua da Beija-Flor, o Bar do Russo Feio. A interação entre as atividades da escola e associações locais foi tão importante que, nesse sentido, houve a aquisição do espaço para construção da quadra atual, após a fusão com o Esporte Clube Santa Rita, que além do time de futebol de várzea tinha um bloco carnavalesco que desfilava pelas ruas de Nilópolis.

Por volta de 1978, a Beija-Flor já realizava ensaios no campo do time de futebol do Santa Rita, no terreno em que veio a ser construída a “super quadra” em 1986. Em ralação ao acordo que foi feito com a diretoria do Clube existe certa polêmica, posto que nem todos estiveram de acordo com a concessão do terreno, como me informou o compositor Germano. O Presidente do Conselho Deliberativo da Beija-Flor, o senhor Ari Rodrigues, que na época era um dos principais diretores do Santa Rita, teria articulado a fusão em troca da posição que ocupa há anos na agremiação carnavalesca. Examinando o Estatuto do G.R.E.S. Beija-Flor, aprovado em maio de 1979, logo no primeiro artigo do documento se verifica um “Parágrafo Único” sobre o referido processo, e que diz assim:

A fusão do G.R.E.S. Beija-Flor e E.C. Santa Rita nasceu da necessidade adaptá-la à realidade social das duas agremiações e ao desenvolvimento do município de Nilópolis, estado do Rio de Janeiro. Em assembléia geral dos associados do G.R.E.S. Beija-Flor e dos sócios-proprietários do E.C. Santa Rita, dia 06 de maio de 1979, ficou deliberado por unanimidade a fusão das duas agremiações; que os sócios-proprietários continuariam com seus direitos já adquiridos. Que o nome da agremiação será Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor, e que o G.R.E.S. Beija-Flor absorve todos os bens móveis e imóveis do E.C. Santa Rita.¹⁷²

Seria necessária uma análise acerca da realização da assembleia a que se refere o documento e das próprias circunstâncias de sua elaboração. No entanto, basta assinalar a oficialização de uma situação que foi central para que, na administração de Farid Abraão como presidente da Beija-Flor, acontecesse a construção da atual quadra de ensaios, inaugurada na final da disputa de samba-enredo para o carnaval de 1987.

¹⁷² Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor. *Estatuto de 06 de maio de 1979*. Título I – Das disposições preliminares. Capítulo I – Denominação, Finalidade, Natureza, Sede, Foro. Art. 1º. Parágrafo Único.



Distintivo do Esporte Clube Santa Rita (esquina da rua Alberto T. da Cunha com Wallace Paes Leme)



Diretoria do Santa Rita (continuação do muro virando à esquerda da Alberto Teixeira da Cunha para Wallace Paes Leme)

A chamada “super quadra” é ainda hoje considerada a maior frente às quadras das outras escolas de samba do Rio de Janeiro, e dispõe de uma estrutura grandiosa, tendo em vista sua área coberta, os camarotes amplos, a iluminação, o que possibilita a realização de diversos tipos de eventos, rendendo bilheteria ou dinheiro de aluguel para a agremiação. Até mesmo por uma questão de falta de espaços, a quadra da Beija-Flor passou a centralizar a realização de grandes eventos promovidos na cidade.



Portaria da quadra nova da Beija-Flor (rua Wallace Paes Leme)



Bilheteria ao lado da portaria



Escadaria que desce para a quadra



Palco



Bar e camarotes de frente para o palco



Boutique, busto de Anísio Abraão, vitrine dos troféus, camarote comum da lateral esquerda da quadra e o camarote exclusivo de Anísio Abraão



Boutique Beija-Flor



Vitrine dos troféus

Por fim, um último ponto a ser analisado em relação aos compositores se refere ao fato de terem sido eles os que mais “perderam” em decorrência da expansão da base social da escola de samba e da “comercialização” da disputa de samba-enredo. Segundo contam, em razão do número crescente de eventos que passaram a ser realizados na quadra, ainda na “quadra velha”, eles foram ficando impossibilitados de utilizar o espaço para as tradicionais rodas de “samba de terreiro”, ou “samba de meio de ano”, que aconteciam desde os “anos de sacrifício”. Era justamente nesta situação que tinham a chance de apresentar publicamente suas composições fora do contexto da disputa de samba-enredo, o que servia como um estímulo da criatividade de todos e também como uma espécie de ritual que provava se a pessoa tinha realmente capacidades para se dizer um compositor “de verdade” ou se era apenas um oportunista que entrava “de aba” nas parcerias de samba-enredo.

Progressivamente, a ala de compositores, que era um circuito relativamente fechado, e no qual os membros estabeleciam os critérios de pertencimento, foi perdendo esse caráter mais rígido por pressão da diretoria, até o ponto em que a participação na seleção de samba-

enredo deixou de ser exclusiva dos compositores membros da ala. Nesse sentido, e falando mais especificamente da situação extrema do contexto atual, Germano formula uma crítica contra a “comercialização” das disputas e a “abertura” da ala:

Existem as parcerias. Por exemplo, eu não sou compositor, você é. Aí então você faz a música, e, vamos dizer: eu tenho dinheiro, eu entro com dinheiro para bancar gravação, prospecto... E hoje em dia, tem esse negócio de galera, eu vou bancar a galera, vou fazer o churrasco da galera, alugar ônibus para levar a galera, e no fim das contas bota meu nome e eu viro compositor também. É o que acontece aí. Mas isso acontece em qualquer escola de samba, em todas elas. Não existe uma em que não ocorra isso. Ainda vou te dizer mais, isso acontece com muito mais frequência no Grupo Especial do que nas escolas de terceiro, quarto e quinto grupos. Porque aquelas escolas, elas ainda mantêm uma certa tradição, um pessoal, um ou outro, é, digamos assim, tem um valor natural. Desde o momento em que não é preciso o cara meter a mão no bolso para bancar nada, ele vai simplesmente fazer o trabalho dele da forma mais natural. E às vezes vai se desenvolvendo, o cara vai se valorizando como compositor e tudo mais. E vai aparecendo de forma natural, mostrando um talento nato que não é coisa que se vê aí. [...] Quem não é, não adianta. Eu dizer para você que eu sou compositor, e vou conseguir te enganar? Porque, veja bem, aqui a gente observa da seguinte forma: nós temos uma média de 45 compositores efetivos. Mesmo dentro desse grupo efetivo às vezes tem lá um cavaquinho, o violão, o tantã, o pandeiro, coisa e tal, aí tem um grupo ali que na realidade gosta de música. Você conta a dedo os que podem sentar para cantar contigo. “Vamos cantar um partido alto aí, vamos versar de improviso”. Aí toca o celular! Ele vai lá para o canto; tem um que a mulher chama, e vai embora; tem outro que vai embora na hora do almoço, mas não volta... Só pára ali, só senta ali para cantar com a gente, com a gente e com outros, quem é compositor. Quem não é, vai sentar para apreciar ou bater palma, porque não vai participar da forma como a gente participa. Aí você já vai notando que o cara não é de compor, você vai vendo que não é compositor, ele está ali enganando. Mas quando chega na hora do samba-enredo, ele pula. E se você bobear, o samba-enredo nem dele é. Até porque, hoje em dia existem “escritórios” por aí que fazem samba. Se você não sabia disso, você vai ficar sabendo agora. Eles fazem samba. Você encomenda, eles fazem. Eles fazem assim: você fala o enredo e como quer o samba. Tudo bem. Aí diz quem vai ser seu parceiro? “Ah, fulano de tal”. “Você é de onde?” “Sou da Beija-Flor”. Então eles entram na parceria com você. [...] Esse grupo é formado por quinze, até vinte pessoas. Ali no meio há compositores, mas a grande maioria são financistas. O cara diz assim: “Olha vamos fazer o samba da Grande Rio, fazer o samba da Mangueira, fazer o samba da Beija-Flor, fazer o samba da Portela”. Ali eles fecham aquele grupo. Por exemplo, eles vão fazer para oito escolas, aí eles fazem investimentos. “Como é que está o samba da Beija-Flor?” “Ah, está bom. Então, na Beija-Flor temos chance de ganhar”. Eles vão investir na Beija-Flor. “Como é que está Grande Rio? Dá para ganhar lá também. Então, investe lá”. Então eles fazem esse investimento, e quando chega no final de tudo, se ganharem em três escolas, das oito ou dez que ele se propuseram a fazer, então, o que acontece? Hoje em dia o samba-enredo está rendendo uma faixa de 120 até 150 mil. Eles vão botar a mão numa grana boa, né? Eles fazem o rateio e todo mundo ganha. A coisa está funcionando assim. E não adianta dizer que não, porque todas as escolas funcionam com o tal “escritório”. E na realidade, quem faz parte desse tal “escritório” às vezes não é compositor. Então, o compositor: “Eu vou fazer um samba para dividir com mais dez... Agora, se eu arranjar um financista, aí vai ser interessante”. Para alguns interessa, entendeu? “Eu vou fazer e o cara vai bancar”. E na realidade, quer saber de outra coisa? Quem não tiver dinheiro, não precisa nem se envolver com esse negócio de samba-enredo, porque não vai pagar nem para si. Vai ficar longe, vai continuar no ostracismo, porque não tem como competir. Hoje em dia manda, aliás, como desde o princípio, manda quem pode.

Esse quadro que leva muitos compositores a se afastarem das disputas de sambanredo – hoje elas configuram um verdadeiro circuito – está relacionado a um conjunto mais amplo de transformações no carnaval carioca. No caso da Beija-Flor, quero frisar que os reflexos dessa situação passaram a ser sentidos especialmente quando os banqueiros do bicho deixaram de ser apenas patrocinadores e se afirmaram no comando da escola na condição de verdadeiros “donos”, processo este generalizado no contexto carnavalesco dos anos 70, conforme assinalam Chinelli e Silva¹⁷³.

Isto não ocorreu de forma mecânica, o processo se fundamentou na constituição de hierarquias segundo a lógica simbólica da *generosidade*. Daí termos críticas dirigidas à forma de relacionamento com os componentes que até o “carismático” Néelson teria adotado a partir do momento em que a Beija-Flor consolidou sua ascensão. Josiel, uma pessoa que reconhece muitos pontos positivos nas realizações de Néelson, entende que através do “sucesso” da escola o antigo presidente teve de fato mudanças em sua postura:

Ele foi um cara útil para a Beija-Flor no sentido que trouxe a escola do Segundo Grupo e colocou campeã, o que foi muito difícil; uma escola pequena ganhar das quatro grandes, nós conseguimos! O Néelson meteu a mão nas economias dele pra que sustentasse isso e depois as coisas não mudaram mais. Ele fez a coisa boa que foi trazer o progresso, o sucesso, e através do sucesso ela progrediu. Eu acho que a participação positiva dele foi nesse lado aí, ninguém contesta. Mas tem o lado negativo disso que foi o desinteresse pelo componente, como quem diz “Eu não preciso de você, eu tenho o dinheiro para dar o sucesso à escola. Se estiver insatisfeito, pode ir embora, eu ponho outro no seu lugar”. Então, o componente começou a ficar descartado. E como a força do poder da grana foi dando certo, aquilo foi se confirmando, de não precisar do componente, eles foram confirmando que não precisavam de você. O batuque qualquer um vem e faz, aí o camarada quer vir porque tá tendo sucesso, aparece outro cara que faz a mesma coisa que você para entrar no seu lugar, são dois ou três pra entrar no seu lugar...

Esse “desinteresse pelo componente”, com a abertura das portas para pessoas “de fora” só passou a acontecer porque a escola de samba entrou numa fase marcada, em primeiro lugar, pelo impacto positivo da superação de uma situação que até então era impensável no contexto do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, ou seja, uma escola considerada “desconhecida”, “pequena”, “sem expressão”, “do subúrbio”, conseguia romper a hegemonia das quatro grandes nos desfiles de Primeiro Grupo – Portela, Mangueira, Império Serrano e Salgueiro. Sobre isto nos fala o ex-diretor Carvalho:

Antes, lá na cidade do Rio, viam a Beija-Flor como uma escolinha do subúrbio, eles nem diziam subúrbio, era “escolinha da roça”. Depois que foram vendo a evolução – a escola começou a aparecer, a mostrar para o que veio – eles começaram a mudar de ideia, e passaram a admirar a escola, inclusive, passaram a

¹⁷³ Chinelli e Silva, op. cit., p. 48.

frequentá-la. Você pode observar o número de automóveis que vem do Rio aqui para os ensaios, é uma coisa absurda! Então, eles passaram a observar melhor a escola, gostaram do modo do pessoal, do acolhimento, e muitos hoje fazem parte dela. Tem muitas pessoas de fora que fazem parte aqui, tem pessoas de São Paulo que vem desfilar na Beija-Flor, de Minas, vem aqui só para desfilar na Beija-Flor. [...] O pessoal das grandes escolas teve que aceitar. Eles torceram o nariz e tudo, mas tiveram que aceitar, porque se viu a realidade da coisa. Estavam naquele cotidiano deles, e então nós aparecemos com um negócio diferente, e quando viram: “Caramba, esse negócio aí tá diferente!” Sentiram o impacto do negócio, só que uns acompanharam e outros não, a Mocidade, pelo menos, acompanhou, evoluiu; a Viradouro acompanhou, evoluiu; as outras, não sei porque razão, não quiseram vir conosco.

Por outro lado, o também desconhecido município de Nilópolis passou a contar com notoriedade por conta das vitórias da escola de samba local, como os componentes costumam reconhecer: a Beija-Flor fez com que Nilópolis ficasse conhecido nacionalmente e internacionalmente. E com isso, se as pessoas vinculadas à Beija-Flor estavam ficando insatisfeitas com o fato das relações no âmbito da organização carnavalesca estarem ficando progressivamente mais impessoalizadas – fala-se no cerceamento de certos costumes, como por exemplo, a utilização da quadra para festividades familiares dos componentes, a proibição da livre entrada para os componentes “conhecidos”, assim como o acesso aos camarotes e ao palco, este especialmente para os compositores desejosos de cantar sambas de sua autoria que não só o samba-enredo do carnaval – em decorrência da transformação do padrão de sociabilidade até então vigente através do processo de expansão da base social da escola, essas mesmas pessoas passavam a ter condição de desfrutar do prestígio de pertencerem a um universo que, a partir daquele momento, assumia os atributos do “luxo”, da “beleza” e da “grandiosidade” associados à nova fase do carnaval. Os ensaios da Beija-Flor, e não só os desfiles, se tornavam eventos que aglutinavam pessoas “de fora”, e assim moradores poderiam se dar o prazer de convidar amigos que quisessem conhecer a Beija-Flor, o programa mais prestigiado da cidade.



Foto geral do ensaio na quadra (janeiro de 2010)



Ala das baianas ensaiando na quadra



Bateria fazendo a volta no chão da quadra



Passistas mirins



Passista mirim



Claudinho e Selminha Sorriso (casal de mestre-sala e porta-bandeira na quadra em janeiro de 2010)



Claudinho e Selminha saudando a bateria no palco



Exibição diante do palco



Saudação a São Jorge – Ogum



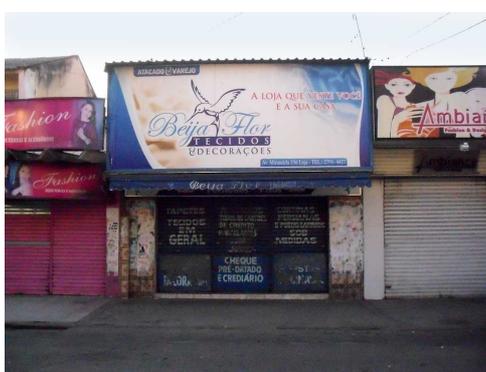
Saudação a São Jorge – Ogum

No plano simbólico, houve uma conquista inegável, pois a Beija-Flor de Nilópolis passou a ser o elemento central na construção da identidade do morador da cidade. Tornou-se um ponto de aglutinação capaz de promover a vinda até a cidade de artistas de televisão, jogadores de futebol e demais pessoas da alta sociedade simpatizantes da escola de samba, algo que não costuma ocorrer em outras cidades da Baixada Fluminense.

Compreende-se, portanto, a razão do belo e gracioso passarinho ter se espalhado como símbolo na medida em que foi sendo associado ao nome dos mais variados tipos de empreendimentos da localidade (Beija-Flor Tecidos, Beija-Flor Tintas, Farmácia Beija-Flor, Imobiliária Beija-Flor, Beija-Flor Rádio Táxi) ou então estampado em camisas, faixas e adesivos de carro fazendo referência à agremiação carnavalesca; e ainda, inscrito em paredes e painéis funcionando para o estabelecimento de marcos territoriais.



Loja *Beija-Flor Tintas* (Centro de Nilópolis, Praça do Estudante)



Loja *Beija-Flor Tecidos* (Centro de Nilópolis, avenida Mirandela)



Lavanderia Beija-Flor (esquina da rua Alberto Teixeira da Cunha com a rua Pracinha Wallace Paes Leme, subindo para a quadra nova da Beija-Flor de Nilópolis)

O ícone que se concretiza na figura do pequeno pássaro pode ser interpretado de diversas formas, dependendo da dinâmica em que se encontram os atores sociais e do modo como se apropriam do significado atribuído a ele. Só não se deve perder de vista que sempre supõe uma relação de poder, pois mesmo que sua ostentação permita uma afirmação de orgulho, ou então proporcione outras formas de promoção pessoal, estará sugerindo a existência do domínio político familiar estabelecido. E mais especificamente, um possível vínculo pessoal a esse mecanismo de poder.



Pórtico do Beija-Flor na entrada de Nilópolis (para quem chega do Rio)



Logotipo da atual gestão do Governo Municipal de Nilópolis



Posto de Saúde do Município, rebatizado na gestão do Prefeito Sérgio Sessim para Centro de Saúde Dr. Jorge David (homenagem ao tio do Prefeito)



Escola Municipal construída na gestão do Prefeito Farid Abraão David (homenagem do Prefeito ao irmão Anísio Abraão)



Prefeito Sérgio Sessim saudando o público no desfile da avenida Mirandela (março de 2010)



Claudinho e Selminha no desfile da avenida Mirandela

As críticas de antigos componentes da Beija-Flor em relação às transformações dos “anos de sucesso”, ao prevaletimento do “poder da grana” não são formuladas no sentido de atribuir aos banqueiros do bicho uma preocupação em obter lucros financeiros através da escola de samba – é comum a ideia de que eles nunca precisaram da agremiação carnavalesca para a obtenção de sua riqueza –, ou que depois do “sucesso” não mais se dedicaram tanto a ela, pelo menos no que diz respeito a Néelson e Anísio. Isso é um indicativo de como que a lógica do *dom* continuou se reproduzindo nos anos que se seguiram às vitórias da Beija-Flor.

Portanto, do ponto de vista dos sambistas, o problema central da nova fase da Beija-Flor deve ser pensado a partir do que entendemos como sendo uma *massificação* das relações no âmbito da organização carnavalesca, ou seja, já não se tratava de um espaço de convivência onde “todos se conheciam” em função de laços de parentesco e vizinhança, tanto que se fala que ela passou a ter mais “frequentadores” do que propriamente “componentes”.

Dessa forma, o conflito entre os “de dentro” e os “de fora” tornou-se uma questão importante da nova fase da Beija-Flor. No fundo, revelava-se a necessidade da diretoria da escola, sobretudo em função da figura de Anísio, em aproveitá-la ao máximo enquanto espaço de mediação com setores externos ao samba a fim de fortalecer o projeto político familiar. A baiana “dona” Maria tem uma clara percepção de como as posições de prestígio e comando foram sendo negociadas para a ampliação das relações de Anísio:

Tem tanta gente importante que sai lá na Sapucaí, e não sabe onde é a Beija-Flor aqui; da comandita do Anísio, já vou falando logo, esses que ele dá a camisa de diretor. É gente de Copacabana, onde eles moram. Só conhecem Copacabana, Nilópolis eles não conhecem! Vêm a uma festividade na Beija-Flor, e não sabem vir. Aí eles querem botar a gente para trás e eles para frente. Mas, graças a Deus, comigo ele não mexe. Eu não tenho nada com a vida dos outros. Não tenho nada com o que Anísio vista, com o que calça, se compra terreno, isso a mim não interessa, porque eu não tenho olho grande em nada de ninguém. [...] Agora não tem mais como ter aquele Beija-Flor como tinha, não. Hoje tem gente que não merece cargo, mas o Anísio quer que tenha... Somente ele enxerga. Gente que veio ontem tem um cargo, gente que não conhece Beija-Flor nem de onde Beija-Flor partiu tem um cargo. Aí Anísio abre as portas para eles. Agora, para mim, que tenho anos na escola, não tem a porta aberta.

Os cargos a que “dona” Maria se refere, numa organização carnavalesca, são basicamente aqueles de ordem administrativa ou então diretamente relacionados à confecção dos desfiles. Estes bens constituem uma verdadeira moeda de troca nas mãos dos banqueiros do jogo do bicho, especialmente no que se refere ao barracão da escola de samba, como veremos mais adiante. O atual Conselho Deliberativo da Beija-Flor tem como representantes praticamente todos os membros das famílias Abraão e Sessim que são figuras públicas em Nilópolis e, além deles, compõem o Conselho “amigos” e políticos aliados do poder familiar,

algo que gera enorme insatisfação nos componentes por acharem que tais pessoas nunca tenham tido qualquer relação mais próxima com o universo do samba, e mesmo assim estejam ocupando posições por “motivos políticos”. São essas pessoas, além de outros “amigos” de Anísio, que no dia do desfiles saem com “roupa de diretor” aparecendo ao lado dos membros das famílias Abraão e Sessim.

10. A dimensão espetacular dos desfiles da Beija-Flor

Sobre a *performance* nos desfiles que deram à Escola de Samba Beija-Flor o tricampeonato dos anos de 1976,77 e 78, convém esclarecer que não vamos desenvolver aqui uma análise profunda. Um ótimo estudo sobre os referidos desfiles foi realizado na área de Comunicação Social por Marcelo Pereira de Mello, ele mesmo um dos espectadores presentes nas arquibancadas da presidente Vargas na época, tendo se dedicado a uma análise detalhada de materiais iconográficos produzidos pela imprensa escrita e gravações do espetáculo realizadas pelas redes de televisão. Mello sustenta que a ascensão da Beija-Flor no carnaval carioca esteve relacionada à patronagem do jogo do bicho e à contratação de um grande carnavalesco, entretanto, envolvendo uma bem sucedida estratégia discursiva verbal e visual na apresentação dos desfiles que articulava diferentes níveis de interação com o público (das arquibancadas e da televisão) e com o júri dos concursos dentro do que chamou de “reinvenção do carnaval carioca”.¹⁷⁴

Primeiramente, o autor observa que o sucesso da escola não deve ser atribuído pura e simplesmente à “genialidade” de Joãozinho Trinta, como tende a crer Maria Lúcia do Pazo Ferreira, autora de um estudo sobre o trabalho artístico do carnavalesco¹⁷⁵. Mello defende que a ascensão seja pensada como algo construído pelo conjunto da organização carnavalesca e, a partir disso, sua ideia de “reinvenção” se fundamenta no entendimento de que os desfiles da Beija-Flor não foram somente “inovadores”, porque além da bem sucedida adaptação ao contexto carnavalesco que exigia das escolas um novo modo de interação com a disposição espacial das arquibancadas e com a cobertura foto-jornalística, especialmente no que se refere às transmissões de televisão, os desfiles da Beija-Flor conseguiram expressar a apropriação de

¹⁷⁴ Mello, Marcelo Pereira de. *Olha a Beija-Flor aí gente! : comunicação e cultura na reinvenção do carnaval carioca*. Dissertação (Comunicação, Imagem e Informação) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2002.

¹⁷⁵ Ferreira, Maria Lúcia do Pazo. *O Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis: sob a direção artística do carnavalesco João Jorge Trinta*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

elementos mais remotos de uma certa tradição carnavalesca, o que conferia legitimidade à referida estratégia. Nesse sentido, Mello analisa elementos do enredo representados nas alegorias e fantasias da Beija-Flor, e mostra como que a escola conseguiu expressar em seus próprios desfiles o discurso da reversão do *status* de “escola pequena” para “escola grande”.

Pretendo me voltar aqui para a análise da percepção de atores sociais envolvidos na realização de tais desfiles como componentes da Beija-Flor e tentar desfazer alguns equívocos que surgiram nas interpretações que sustentam a ideia de que a concepção espetacular do evento associada à figura de Joãozinho Trinta teria contribuído para uma “descaracterização” dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Tomo como orientação, portanto, a perspectiva de Montes acerca da *manutenção de uma estética negra na transformação dos desfiles em espetáculo de massa*. Assim, duas indagações elaboradas pela autora nos servirão como referência para a compreensão das múltiplas possibilidades de interpretação de um desfile carnavalesco – conforme observa Cavalcanti – e também como um indicativo de que as fronteiras entre o *erudito* e o *popular* são muito mais indefinidas do que supõem as visões “puristas” associadas ao universo do samba, o que vamos problematizar na discussão a ser feita sobre as etapas da confecção do desfile realizadas no espaço do barracão – considerado quase que um outro universo dentro de uma escola de samba. Diante dessa problemática, Montes desenvolve uma profunda reflexão acerca da capacidade de persistência e recriação das formas de expressão da cultura do negro nas Américas, que ao fazer a incorporação de elementos novos recombina-os com antigos na construção de novos significados. A autora coloca os seguintes questionamentos:

Mas não se estaria assim, nesse processo, *reencontrando* precisamente as características e a grande estrutura do cortejo barroco, evento multimídia e polissêmico, *fato social total*, que infunde sua lição nos corações e nas mentes por uma pedagogia dos cinco sentidos, e que constitui a origem remota não só da própria escola de samba como também de todas as demais expressões culturais *negras* que se fundem em suas raízes e que tem lugar desde os tempos coloniais? [...] Não teria assim a escola de samba reapropriado, agora como expressão de uma manifestação cultural que se *reinventa como caracteristicamente negra*, precisamente o esplendor barroco que, nas filigranas da história, uma memória acostumada ao teimoso ofício de não se esquecer foi capaz de conservar e recriar?

176

Com base nessas considerações, assinalamos a necessidade de considerar as possibilidades múltiplas de interpretação de um enredo apresentado nos termos da “linguagem polissêmica da arte” presente no evento “multimídia” que se tornou o carnaval. Para que fique mais claro onde estamos querendo chegar, vejamos um trecho da entrevista que realizei com

¹⁷⁶ Montes, op. cit., p. 22.

Ezequiel, na qual o ex-componente apresentava sua leitura dos enredos apresentados nos anos do primeiro tricampeonato da Beija-Flor:

Em cada ano o desfile foi num sentido: o primeiro ano foi no sentido da Praça da Bandeira para a Praça Onze, quando nosso barracão era na Joaquim Palhares. A Beija-Flor foi campeã em 1976 com “Sonhar com rei, dá leão”, samba do Neguinho. E o que acontece é o seguinte: o jogo, ele sempre foi uma coisa folclórica. Todos gostam do jogo do bicho, todos! Às vezes tem aquela pessoa que diz: “não, que eu não jogo”. Eu já dei flagrante até num padre, uma vez jogando, no bicho, olhando para os lados meio desconfiado... “O senhor quer o quê?” “Não, estou querendo ver se deu pavão”. Aquele negócio todo... Então, no bicho, todo mundo joga. O desfile foi um sucesso total, as pessoas ali. Talvez nenhuma escola tivesse a coragem de apresentar aquele enredo. Todo mundo sabe de onde vem o patrocínio das escolas de samba... E a Beija-Flor conseguiu falar do tema de uma maneira bem alegre, que aí é o caso do João Trinta. Tudo que o João Trinta fala é de uma maneira alegre e inteligente. Não é o caso de ser alegre que deixa de ser inteligente. Nem tudo que é inteligente pode deixar de ser alegre. Tem que trazer a alegria junto! Tudo bem. Aí veio 1977. Quer dizer, no primeiro ano nós falamos sobre o jogo do bicho, quer dizer, o patrocínio das escolas de samba. No segundo ano, nós já falamos sobre como começaram as escolas de samba e o movimento do carnaval, foi o enredo “Vovó e o Rei da Saturnália”. O que era isso? Esse enredo falava de uma velhinha assistindo aos desfiles na televisão, trazendo aquela recordação do carnaval da época dos entrudos. Que ali, inclusive, o primeiro verso do samba dizia: “Caiu dos olhos da vovó uma lágrima sentida”. Quer dizer que, quando ela viu o desfile na televisão, ela começou a lembrar da época dela, dos carnavais passados. E esse carnaval, o sentido geográfico do desfile já foi o inverso: foi da Praça Onze para a Praça da Bandeira. O samba até foi de autoria de dois grandes amigos meus. Foi bom, a Beija-Flor bicampeã, tudo certinho. Fomos então para “A Criação do Mundo na Tradição Nagô”, que foi o carnaval de 1978. Então, você vê nessa sequência a genialidade de João Trinta. Primeiro ele falou sobre os patrocinadores do carnaval, todos nós sabemos de onde vem o dinheiro. Depois, ele falou da criação do carnaval, e, como não é de menos saber, o carnaval tem muito a ver com o culto afro, tem muito a ver... Inclusive, muitas escolas, quando você escuta esses enredos falando sobre orixás, aquilo ali requer uma permissão para sair. Você visitando todas as quadras de escolas de samba, se não vê de tacada, é só chegar numa pessoa mais antiga, e perguntar onde tem lá um congazinho, uma afirmação, um “pedir licença”. Vai estar em algum lugar da quadra! Nós temos lá na Portela, que você chega, você dá de frente com Nossa Senhora da Conceição. E tem também lá no Salgueiro, quando você chega dá de frente com o santos protetores, com os orixás protetores, como também aqui na Beija-Flor nós temos São Jorge. As escolas têm muitas pessoas da umbanda e do candomblé. Inclusive, o candomblé é uma festa. Então, o Joãozinho Trinta veio com “A criação do mundo na tradição Nagô”. E geograficamente, o desfile já foi em outro sentido, que foi lá no Mangue que começou, lá do Cemitério do Catumbi em direção à Presidente Vargas.

A forma espetacular do desfile da Beija-Flor em 1976, na visão de Ezequiel, não teria se mostrado incompatível com o desenvolvimento de um tema de enredo que explorava a dimensão simbólica de uma modalidade de jogo que estava profundamente vinculada ao imaginário popular da sociedade do Rio de Janeiro. O compositor Josiel, por exemplo, recorda como os componentes ficaram “deslumbrados” com a grandiosidade das alegorias, pelo tamanho e o tratamento das esculturas dos bichos possíveis do jogo. E mesmo considerando o tema do enredo do ponto de vista oficial, já que a exploração do jogo do bicho

se tratava de uma atividade ilícita, não teria sido por essa linha de “seriedade” que o carnavalesco se propôs a abordar o tema, pois ele soube dialogar com a visão da grande maioria dos atores envolvidos no universo social dos sambistas acerca do costume do jogo do bicho, uma visão perpassada pela linguagem do riso da alegria – típica do carnaval – e que assim possibilitava o tratamento de um tema por si só transgressor.

E mesmo o enredo de 77, que fazia referência a um dos ícones da *modernidade*, a televisão, sugeria a ideia de que o novo não necessariamente se impõe descartando os elementos da *tradição*, pois a personagem da vovó tinha a possibilidade de relembrar seu passado nos carnavais justamente por meio desse recurso. E quanto ao enredo de 1978, observamos como que dialogava, sobretudo, com a matriz afro das escolas de samba. Embora precisássemos fazer uma análise mais profunda dos elementos que constituíram “A criação do mundo na tradição Nagô”, podemos concluir que as críticas lançadas contra Joãosinho quanto à promoção de uma “descaracterização” dos desfiles precisam ser relativizadas, e que o conjunto de transformações dos desfiles carnavalescos não podem ser atribuídas a ele, exclusivamente, e da mesma forma, o “sucesso” da Beija-Flor.

Portanto, no que se refere à tônica das críticas que os antigos componentes elaboraram acerca das transformações que a escola de samba teve a partir do “sucesso”, isto é, a partir do momento em que consagrou sua ascensão no carnaval carioca, seguida da expansão extraordinária da base social da escola proporcionada pela patronagem do jogo do bicho, observa-se que esses atores tendem a não se manifestar especificamente contra o padrão estético do “luxo” e da “grandiosidade” que veio a prevalecer na concepção dos carnavais da escola, mas contra o que seria a imposição por parte da diretoria de restrições quanto à ingerência sobre os ganhos simbólicos e materiais provenientes desse “sucesso”.

Como vimos, por várias razões os campeonatos conquistados pela Beija-Flor na segunda metade dos anos 70 alcançaram uma repercussão extraordinária. Em primeiro lugar, causou verdadeiro impacto o rompimento da hegemonia das quatro “grandes” do carnaval carioca, ainda mais com o feito de uma então desconhecida escola da Baixada Fluminense que se dispôs a bancar a proposta de um carnavalesco que concebia os desfiles recorrendo a grandes alegorias e fantasias luxuosas. Além disso, as redes de televisão se voltavam cada vez mais para cobertura dos desfiles, obrigando as escolas de samba a terem uma interação com as transmissões desse meio de comunicação. E o carnaval carioca assumiu de vez a tendência de se fortalecer enquanto evento turístico internacional.

A partir desse quadro, as vitórias da Beija-Flor trouxeram para a escola convites para inúmeras apresentações fora do contexto do carnaval. E pelo fato de ter se tornado uma

personalidade da cultura nacional e, em certa medida, porta-voz da Beija-Flor, Joãozinho Trinta assumiu o papel de grande articulador das excursões feitas para estados brasileiros e para o exterior do país. Segundo informações do “Histórico” da escola apresentado no livreto da sinopse para o carnaval de 1984, a Beija-Flor desfilou em 1977 e 1978 em Paris, a convite da prefeitura da capital francesa; desfilou em junho de 1981 em Lisboa, e em dezembro desse mesmo ano foi recebida pelo rei Hassan II, do Marrocos, no palácio real; e em 1982, a escola voltaria à França para passar quatro meses fazendo apresentações por outras cidades. Ao mesmo tempo em que aconteciam as excursões pelos países europeus, outros grupos vinculados à escola se apresentavam em países latino-americanos e cidades brasileiras.¹⁷⁷

As baianas que entrevistei fizeram parte de muitas dessas viagens, e demonstram uma enorme “gratidão” a Néelson Abraão e Joãozinho Trinta, enquanto articuladores das “saídas”, pela oportunidade que tiveram de conhecer lugares que, segundo elas, jamais teriam conhecido se não fosse através do “sucesso” da Beija-Flor. Muitos ritmistas e passistas tiveram, inclusive, a chance de receberem cachês pelo reconhecimento de seu trabalho artístico, e até conseguiam fazer apresentações fora do roteiro da escola. A organização dessas viagens gerava, entretanto, disputas entre os componentes.

A baiana Laura esteve em muitas excursões da Beija-Flor, e conta como foi gratificante para ela participar das apresentações por países europeus, nos EUA, e ainda nas comemorações de Ano Novo na corte do rei do Marrocos:

É o que eu digo sempre: agradeço a Deus, agradeço à minha mãe por ter me posto no mundo e agradeço ao João. Por eu ser uma pessoa de baixa renda, não ter nada, e conhecer os países que eu conheci, tudo em hotel cinco estrelas. Todas as viagens com o João foram sucesso! Às vezes o pessoal viaja, e quando volta, diz que a viagem foi isso e aquilo... O João fazia viagens e em primeiro lugar era a moradia, a alimentação e o transporte para as pessoas. Para fazer uma viagem dessa tem que ter dinheiro, porque a passagem é cara, uma diária num hotel desses, nós ficamos nos melhores hotéis de cinco estrelas! Eu digo que me sinto feliz, como pobre rodar todos os países que eu rodei! Eu fui cinco vezes pro Marrocos, três vezes pra Portugal, fui pra Inglaterra, pra Itália, Las Vegas, fui a Mônaco. Andei naquele principado todo, trabalhei lá dentro, é um sonho! Então, quer dizer, só de estar diante de príncipes, princesas foi fantástico.

A viagens para o Marrocos, por exemplo, reuniam em média quarenta pessoas. Muitos saíam com planos de seguir carreira artística trabalhando em casas de show dos países da Europa, algumas das mulatas carregavam consigo o sonho de encontrarem um grande amor. Segundo Laura, as excursões costumavam ser acertadas em termos contratuais formais, entre um representante de Joãozinho e outro do estabelecimento ou evento em que haveria

¹⁷⁷ G.R.E.S. Beija-Flor apresenta “O gigante em berço esplêndido. Carnaval de 1984 de João Jorge Trinta. Rio de Janeiro: Rio Set Gráfica, 1984. p. 4.

apresentação dos sambistas. A organização carnavalesca tinha sua parte no acordo e os artistas recebiam cachês e garantias de sua integridade. A antiga baiana lembra da preocupação de Joãozinho para que não houvesse problemas que atingissem sua reputação, especialmente em relação ao perigo de passistas se desvincularem do grupo e serem cooptadas por agentes das redes internacionais de prostituição:

Nessa parte, com todo mundo, o João sempre foi muito honesto. Se você fosse com ele, você tinha que voltar com ele. Você podia arrumar quem você quisesse arrumar. Agora, se você realmente tinha condições, como muitas meninas viajavam, mas diziam: “João, depois que terminar o show eu quero ficar para ir pra tal lugar assim, assim...” Mas só ficava se ele realmente soubesse quem eram as pessoas e quais eram as condições. Mas se você, como menina, recebia uma proposta lá, e insistia em ficar... Então, não. Porque, se ficasse e acontecesse alguma coisa, era o nome de João Trinta que ia rodar.

Esse relato nos dá a noção do quanto o carnavalesco ficou conhecido e, com ele, a Beija-Flor de Nilópolis. Não dispomos de relatos sobre articulações diretas do presidente de honra da escola com autoridades ou artistas estrangeiros. Seria o caso de se explorar mais profundamente as relações para a realização dessas viagens, especialmente no caso daquelas feitas para cassinos em Las Vegas, sobre as quais há indícios de que aconteceram.

Fica muito claro o quanto que a escola de samba obteve ganhos simbólicos a partir das viagens, especialmente as internacionais. Em apresentação de trabalho acadêmico em função desta pesquisa, na cidade de Belo Horizonte, pude perceber que outros símbolos da escola, como por exemplo, a figura do intérprete Neguinho da Beija-Flor, são mais conhecidos do que a figura do presidente de honra, especialmente reconhecido no universo da escola de samba. Isso nos mostra a necessidade deste último em se associar a tais símbolos para poder se integrar a outros espaços sociais. Na época de Joãozinho na Beija-Flor, o nome do carnavalesco é que despontava como uma espécie de “embaixador” da escola no exterior.

11. O barracão

Em relação à expansão da base social da escola de samba nos anos 70, pretendemos desenvolver agora uma análise centrada na ampliação da influência dos banqueiros do jogo do bicho, através da Beija-Flor, para fora do contexto carnavalesco. Isto envolve a polêmica acerca do papel do carnavalesco enquanto um mediador também no sentido da viabilização da integração dos banqueiros à sociedade metropolitana. Para tanto, uma incursão ao espaço do barracão, centro que organiza redes sociais e práticas culturais fundamentais na confecção do

desfile de uma grande escola de samba, ilumina aspectos importantes da composição da rede social dos banqueiros do jogo do bicho.

Para o carnaval de 1976, a montagem de alegorias consideradas “grandes”, segundo o padrão de confecção do desfile adotado pela Beija-Flor, exigiu a busca de um espaço localizado no Centro do Rio, nas imediações da avenida onde eram realizados os desfiles. Por essa razão, a diretoria da escola tentou obter um primeiro galpão na rua Joaquim Palhares, só que este teria sido tomado de forma inoportuna pela equipe de carnaval da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro¹⁷⁸. Em vista do contratempo, outro espaço na mesma rua veio a se tornar o primeiro barracão da Beija-Flor na cidade do Rio.

No entanto, os colaboradores desta pesquisa que trabalharam sob a supervisão de Joãozinho Trinta relatam basicamente experiências que tiveram na confecção dos carnavais da década de 80 e começo dos anos 90, quando o barracão da escola ficava localizado na rua Aníbal Benévolo, no bairro carioca do Catumbi. As recordações dos referidos personagens envolvem situações específicas da confecção dos desfiles, da montagem das alegorias até a preparação para a entrada da escola de samba na Marquês de Sapucaí. Portanto, precisam ser analisadas levando-se em consideração a perspectiva cíclica em que se desenvolve todo o processo de confecção. Segundo Cavalcanti:

Esse ciclo anual se move numa temporalidade própria, regida pela data do carnaval, ao qual todo o ciclo se dirige. Como os preparativos se iniciam num ano, e o Carnaval se realiza no ano seguinte, desde o momento em que o processo se põe em marcha, estamos no Carnaval do ano seguinte. [...] A relação de um desfile com o tempo é obsessiva. Cada ciclo anual é apenas um pedaço de tempo culturalmente pleno, com princípio, meio e fim: em cada ciclo, o Carnaval nasce, morre e renasce de forma ininterrupta. Um ciclo muitas vezes penetra no outro de tal forma que nenhum tempo seja deixado vazio e o ano rotineiro seja sempre o ano do Carnaval. [...] Há, é certo, o triste no Carnaval. Mortes, doenças, acidentes, problemas. Um temor sub-reptício de que o inesperado interrompa o ciclo inexorável de comemoração da alegria. O Carnaval lida com esse temor, recupera-se perante a dor, vai em frente sempre ao encontro de seu dia.¹⁷⁹

Convém esclarecer que não pretendemos fazer uma descrição do modo como cada uma das fases da montagem das alegorias costumava acontecer no barracão da Beija-Flor durante o período de Joãozinho Trinta. Com base na literatura especializada acerca dessas práticas, temos algumas orientações básicas sobre como funcionam e são organizadas.

Em se tratando da montagem, há uma sequência básica que costuma ser seguida mesmo nos dias atuais, e que começa depois da elaboração dos projetos dos carros alegóricos pelo carnavalesco e sua equipe. Em primeiro lugar vem a montagem das estruturas metálicas,

¹⁷⁸ O PALPITE certo é Beija-Flor. *Revista Beija-Flor – uma escola de vida*. Ed. de fevereiro de 2006. p. 50.

¹⁷⁹ Cavalcanti, op. cit., p. 87.

onde se destaca o trabalho dos ferreiros. Logo em seguida, entram em cena os profissionais de marcenaria para a formação da base onde serão colocadas as esculturas com seus adereços, e nisso teríamos o trabalho de outros artesãos. Cabe ressaltar que as inovações introduzidas ao longo dos anos na construção dos carros alegóricos propiciaram a entrada de outros profissionais no processo de montagem, entre eles podemos mencionar mecânicos, eletricitas e até mesmo arquitetos e engenheiros.

No barracão, se faz necessário compreender que o carnavalesco se afirma, sobretudo, como um “articulador de práticas de trabalho e emprego” desse conjunto de artistas e profissionais. Esta é a perspectiva de Blass, e segundo ela, o carnavalesco seria “uma figura síntese que condensa e agrega em si uma pluralidade de funções e múltiplas tarefas na produção artística de um desfile de carnaval”.¹⁸⁰ A autora, que se dedica ao estudo da questão do “trabalho” no âmbito do carnaval, entende que esta noção deva ser considerada segundo a lógica desse contexto social específico:

... trabalho e emprego são re-significados na teia de relações sociais e de convivência, aliadas ao sentimento de pertencimento a uma escola de samba. Nem as práticas de trabalho, nem as de emprego são predefinidas pelo lugar social em que se desenrolam porque, inclusive, acontecem em outro lugar, ou seja, na construção de uma festa, no lazer. Um lugar associado, em geral, ao mundo do não trabalho.¹⁸¹

Partindo desse pressuposto, Blass chama atenção para dois aspectos relevantes de uma noção “alargada” de trabalho que se constitui no contexto do carnaval. Primeiramente, destaca o fato de o trabalho recobrir um campo amplo de práticas e atividades que extrapolariam o emprego ou o trabalho assalariado nas indústrias e/ ou nas grandes empresas. E por outro lado, essa prática social comportaria a possibilidade “das mesmas atividades serem executadas pelas mesmas pessoas e adquirirem diferentes sentidos para quem as executa de acordo com o contexto das relações sociais em que se inserem”. De uma forma mais explícita, a autora coloca o seguinte: “o que faz um serralheiro, dentro e fora da produção artística dos desfiles de carnaval, e como executa as suas atividades, se assemelham... mas as práticas de trabalho e emprego assumem outro significado”.¹⁸²

Não podemos dizer que tenha existido uma regra quanto ao modo como cada “trabalhador” ingressava nos quadros do barracão da Beija-Flor na época em que Joãozinho Trinta foi carnavalesco da escola de samba, mesmo considerando que o pertencimento à

¹⁸⁰ Blass, op. cit., p. 97.

¹⁸¹ idem

¹⁸² idem, p.121,122

escola ou o fato de ser “de Nilópolis” influenciasse bastante, já que entre aqueles que se enquadravam numa dessas situações havia os que chegavam através de contatos de amigos e outros que eram incorporados por indicação dos membros da família Abraão.

Segundo contam os entrevistados, desde que acontecesse uma boa integração desses “indicados” ao trabalho, Joãosinho conseguia lidar bem com eles, e dizem até que realmente gostava de trabalhar com esse grupo em razão da “identificação” com a Beija-Flor.

Por outro lado, o próprio carnavalesco tinha autonomia para convocar profissionais que julgasse competentes para determinadas tarefas exigidas na confecção do desfile. E, além disso, também existiam aqueles que chegavam sem nenhuma referência, e que muitas vezes se adaptavam tão bem ao trabalho no carnaval que acabavam sendo incorporados. Outro ponto que mereceria até uma análise mais profunda diz respeito ao grande número de profissionais e artistas assumidamente homossexuais que atuam na confecção dos desfiles das escolas de samba e se integram completamente a este universo desfilando ou então assumindo a direção de alas. Uma situação interessante que observei em visita ao atual barracão da Beija-Flor na Cidade do Samba, e que mostra bem a representação desse grupo no universo da escola, foi a divisão dos banheiros segundo: homens, mulheres e *gays*.

As três pessoas que entrevistei se tornaram informantes-chave pela relação próxima que tiveram com o carnavalesco Joãosinho Trinta, mesmo exercendo atividades distintas. Por exemplo, o caso de Laura é interessante porque ela trabalhou com Joãosinho durante todo período do carnavalesco na escola, de 1975 a 1992. Exerceu variadas funções entre costura, adereços e forragem dos carros alegóricos. Sua proximidade com o carnavalesco foi um desdobramento de laços de amizade com membros da família Abraão, tanto que se tornou uma das poucas mulheres a ser admitida para o trabalho de montagem dos carros, já que isto não era bem aceito pelo carnavalesco por achar que a presença feminina seria um elemento complicador num meio majoritariamente masculino. Pelo grau de confiança que Joãosinho depositava em sua pessoa, Laura esteve com ele em excursões da Beija-Flor por estados brasileiros e pelo exterior.

Outro colaborador foi Roberto, funcionário de um importante espaço cultural da cidade do Rio de Janeiro, no qual conheceu Joãosinho e recebeu dele o convite para fazer os desenhos de uma exposição relacionada aos preparativos para a Copa de 1982. A partir dessa experiência, Joãosinho lhe convocou para fazer projetos para o carnaval da Beija-Flor, e assim, Roberto foi gradativamente assumindo a parte de figurinos e desenhos dos modelos das alegorias durante o período de 1983 e 1992.

Clemente, enquanto componente da escola, conta que gostava de ir ao barracão para saber como transcorria a montagem das alegorias, e numa dessas ocasiões, nos preparativos para um dos carnavais dos anos 1980, a pedido de Joãosinho, se dispôs a “dar uma mãozinha” para a finalização do carro abre-alas, já que a turma do barracão não estaria conseguindo concluir uma parte de difícil montagem deste carro. Assim, tanto Joãosinho quanto o então figurinista Viriato Ferreira, pediram que Clemente se integrasse à equipe de montagem dos carros, e dali ficou até a saída de Joãosinho da Beija-Flor, em 1992.

As lembranças de tais profissionais conduzem à visão de um ambiente “confuso” e “desorganizado” por uma série de razões, entre elas: as difíceis condições de trabalho, as disputas internas de poder e o próprio modo como Joãosinho criava e transmitia ideias para realização das tarefas. Eles são unânimes ao falarem que o carnavalesco dispunha de plenos poderes no tocante à coordenação dos trabalhos voltados para a produção dos desfiles, e sua presença era constante, tanto que se dizia que Joãosinho tinha “residência no barracão”.

Clemente destaca a centralidade exercida por Joãosinho no processo afirmando que isto trazia certas dificuldades para o desenvolvimento dos trabalhos:

Daí começa o processo difícil na Beija-Flor, porque, com o João, tinha uma coisa engraçada: desde o ferreiro, poderia ser o mais famoso, até o varredor, era ele quem mandava em todos. Ele supervisionava tudo no barracão. Ele decidia tudo! Era muito desgastante; as coisas não terminavam, sempre. Tinha essa dificuldade nos carros, por exemplo; ele sempre mudava as coisas. E uma vez ele falou: “Olha, no dia em que eu parar de mudar as coisas, eu paro de fazer Carnaval. Eu paro de criar”. Assim, ele chegava num dia, você tinha virado a noite com ele vendo os carros, e em segundos ele mudava tudo!¹⁸³

Todos demonstram enorme admiração pela capacidade criativa de Joãosinho e por sua dedicação ao trabalho, e chegam a considerá-lo “o maior carnavalesco de todos”. Todavia, não esquecem a dificuldade que era lidar com a maneira do artista conduzir a montagem das alegorias, principalmente pelo zelo excessivo de Joãosinho com a manutenção do “segredo” no processo. No tocante às atividades do barracão, fala-se que a montagem dos carros alegóricos transcorria de forma demorada justamente porque o carnavalesco jamais apresentava uma ideia pronta e acabada das alegorias, que ficavam passíveis de modificações até os momentos finais antes do desfile.

Sendo assim, na leitura desses artesãos isto seria, na verdade, um misto de desorganização, associada também ao cuidado do artista quanto às pessoas com as quais trabalhava, e nas quais precisava depositar confiança. Assim relembra Clemente:

¹⁸³ Entrevista concedida ao autor a 15 de set. de 2006.

O carnaval do João era muito solto. Você não sabia o que estava fazendo... As pessoas iam fazendo o carnaval, mas você não via os desenhos dos carros. Você trabalhava criando em cima, mas sem ter ideia do desenho. Só o figurinista que tinha os desenhos. A gente não tinha acesso.

Surgem dois aspectos muito importantes a partir da forma como Joãosinho conduzia os trabalhos, e que segundo opinião da professora Maria Lúcia Montes constituiriam um traço próprio do artista. Aquilo que pode parecer uma preocupação excessiva com a perfeição ou com o medo de ter as ideias roubadas criaria uma situação “confusa” para os artesãos, porém, dava-lhes grande liberdade para que pudessem manifestar sua capacidade criativa com base nas ideias de Joãosinho. Nesse sentido, a professora recorda situações que observou em pesquisas de campo realizadas por ela no barracão da Beija-Flor:

No ano do enredo de “Alice no país das Maravilhas” [1991], havia carros inteiramente recobertos de espelho e o encarregado do setor fez umas amostras com o desenho dos fragmentos que o João tinha pedido. O encarregado, experiente, achou que naquela forma os pedaços não iam colar direito, e então fez outro, com outro desenho, mostrou pro João, explicou, e aí teve “carta branca” pra fazer do jeito que precisava. Um dos aderecistas sempre foi encarregado do carro do abre-alas e podia inventar à vontade, em cima do desenho do figurinista. Tinha também um escultor, santeiro nordestino, foi quem fez por conta da própria cabeça os maravilhosos ratos do enredo de 89, “Ratos e urubus, larguem minha fantasia”. E eram os ferreiros que sempre encontravam por conta própria a solução para a construção da “talha” que se dobrava para fazer caber no barracão as grandes alegorias dos carros – hoje acho que nem precisa mais, a transformação técnica e a dimensão dos novos barracões tornaram a talha desnecessária. Não custava nada chamar um engenheiro pra definir com precisão aquelas estruturas da talha, mas isso nunca aconteceu. Tenho a impressão de que era um respeito instintivo do João por aqueles criadores populares e, no caso dos ferreiros, por aqueles trabalhadores orgulhosos da própria competência e domínio técnico do seu trabalho, e que sempre foram uma elite no barracão, tanto que na hora do jantar, eram eles que eram servidos em primeiro lugar... Talvez evocando inconscientemente o respeito misturado com temor que os ferreiros sempre suscitaram entre os povos africanos... Gente de Ogum, dono do ferro, aquele que é maravilha (do ferro se faz o arado) e perigo (do ferro se faz a espada) por sua capacidade de transformar a natureza. Ao mesmo tempo, o João, como bom artista, ia vendo os carros prontos e mudando a posição deles no barracão, pra ter uma idéia melhor de como ficariam, um atrás do outro, no desfile. Aí, às vezes um carro já estava pronto e ele mandava mudar o fundo, porque já não ia combinar com o carro que viria a seguir, e cuja posição definitiva ele tinha acabado de decidir... Por isso ouvi muitas vezes gente do barracão dizer que João era “desorganizado”, “confuso”... Mas de que outro jeito um artista cria que não seja no próprio processo de invenção e produção da coisa que tinha vagamente como ideia na cabeça e só ia ver como ia ficar ao ato de vê-la realizada? Um vez, ouvi do pessoal da direção da escola a seguinte frase: “Meus Deus, já estamos em novembro e João Trinta ainda está criando!”¹⁸⁴

Temos, portanto, um reforço do argumento do próprio Joãosinho Trinta quando contra-atacava os seus críticos dizendo que a produção do “espetáculo” carnavalesco envolvia o trabalho de artistas populares representantes das “raízes” da nossa cultura (ver citação da

¹⁸⁴ Informações concedidas ao autor por meio de correio eletrônico, a 25 de jan. de 2010.

página 100). E por outro lado, o contato com o universo do carnaval sempre possibilitou a pessoas que chegam aos barracões sem nenhuma formação profissional aprenderem algum ofício, por terem a sua disposição oportunidades relacionadas a múltiplas capacidades, o que oferece grandes chances de adaptação a uma função para a qual tenham mais aptidão. Como explica Blass:

Técnicas variadas e um sem número de macetes, detalhes, minúcias e segredos compõem o “trabalho no carnaval” que requer imaginação, criatividade, inventividade, responsabilidade, e capacidade de comando adquirida com o passar dos anos e pela convivência [...]. Assim, a formação profissional é, basicamente, prática e desenrola-se no barracão e nas oficinas, através da transmissão oral de um conjunto de informações e conhecimentos relativos ao fazer carnaval. Para tanto, as relações com os mais experientes que podem ser os próprios familiares, parentes ou vizinhos são fundamentais. Revela-se, assim, a dimensão pedagógica das escolas de samba como acontece, há anos, na cidade do Rio de Janeiro e cidades vizinhas.¹⁸⁵

Foi o que relatou Clemente ao mencionar o caso de um grupo de jovens originários de um conhecido morro carioca que haviam ingressado no barracão para se protegerem de perseguição em função de seu envolvimento com o tráfico de drogas:

Tem aquela história de que durante o carnaval “vão passar o rodo”. Então, eles corriam pra escola de samba, quem estava pra morrer corria pra escola porque era o único lugar que tinha proteção. Ninguém mexia com o bicho! Ninguém tinha a ousadia de entrar no barracão e matar um daquela galera. Nas escolas ninguém botava a mão! Agora eu não sei, mudou um pouco. Naquela época se respeitava muito. E esses meninos eram ótimos pra trabalhar. Eles aprendiam e tinham a oportunidade de virar artistas, né. Quem não tinha profissão, passava ter. Esse era o grande lance do João! Acho que ir atrás do João também possibilitava às pessoas que não tinham nenhum conhecimento técnico a aprender alguma coisa. A pessoa começava varrendo; daí João botava pra ajudar na carpintaria. Se gostasse, a pessoa ficava. Se fosse bom pra pintura, ia pra lá. Ou ainda podia ir para a fibra ou para os carros alegóricos, ajudar nos adereços. E dali muitos começavam. Hoje, tem pessoas profissionais que começaram assim.

Para a montagem dos carros, Joãosinho contava com oito chefes de equipes que ficavam encarregados de transmitir as orientações para os demais componentes. Esses chefes eram pessoas de origem social variada, alguns eram profissionais liberais que se envolviam por gosto, outros eram artistas populares ligados ao teatro. Como explica Roberto:

Cada carro tinha uma equipe. As pessoas diziam na época: “O meu carro é o do Lixo Abre-Alas!” [referência ao carnaval de 1989] Elas tomavam posse, realmente. E isso era interessante porque eles vestiam a camisa mesmo! Tinha um chefe que passava o serviço pra eles e ficava coordenando as coisas.¹⁸⁶

¹⁸⁵ Blass, op. cit., p. 106.

¹⁸⁶ Entrevista concedida ao autor em fev. de 2007.

Clemente, por sua vez, fala dessa dedicação lembrando como todos ficavam absorvidos pelo trabalho no barracão. Conforme se aproximava a chegada do carnaval, o ritmo de trabalho se intensificava a tal ponto que grande parte dos membros das equipes ficavam permanentemente no barracão, e chagavam a trabalhar até em dois turnos. O entrevistado apresenta ainda como razão para os atrasos constantes o fato de alguns dos próprios chefes de equipe não cumprirem o cronograma proposto pelo carnavalesco, o que criava complicações para Joãosinho. E além das mudanças que ele costumava fazer na montagem, muitas vezes os chefes de equipe precisavam lidar com trabalhadores que de fato ingressavam no barracão sem nenhum tipo de experiência, como relata Clemente:

A gente não tinha mão-de-obra especializada, a não ser quando tinha um período de empreitadas. Mas antes não era empreitada, era feita a escolha de quem ia fazer as coisas no barracão mesmo. E João gostava de pegar o pessoal de Nilópolis, as pessoas que não tinham nenhuma possibilidade de emprego iam trabalhar no barracão e acabavam ficando empregadas.

Daí podermos perceber o quanto que a imagem do patrono da escola, enquanto benfeitor, tendia a se fortalecer nesse processo. Ele não teria em suas mãos um simples empreendimento para oferta de trabalho posto que o barracão se apresentava especialmente através desse caráter, e nem porque dava oportunidade a quem não tinha formação, mas, sobretudo, porque o barracão permitia às pessoas encontrem uma atividade de trabalho com a qual se realizassem, e a partir dela afirmavam sua capacidade produtiva e de criação de acordo com aquilo que se compatibiliza melhor com suas habilidades.

Pelas entrevistas, percebemos que o carnavalesco exercia forte influência sobre o trabalho daqueles que estavam mais diretamente voltados às atividades da confecção do desfile. Havia os mais “chegados” a ele, aqueles que, por competência e determinação, tinham a confiança de Joãosinho e assim acabavam ficando como “funcionários” do barracão, ou então, tinham a garantia de que seriam “chamados” para o próximo carnaval.

Já em relação ao pessoal administrativo, a tensão com o carnavalesco era forte. A princípio, podemos supor que, pelo fato de estarem desligados da dimensão mais criativa e artística do trabalho no barracão, tivessem menos compreensão quanto ao modo como era coordenada a confecção do desfile. Blass chama atenção para a existência de diferentes esferas de conflito numa organização carnavalesca, e neste caso era justamente entre o pessoal administrativo que havia um maior número de “indicados”, não necessariamente pela competência, mas que assumiam posições-chave na estrutura administrativa do barracão em decorrência de relacionamentos com o patrono em outras esferas de negócios. Por exemplo, indivíduos ligados ao serviço de segurança do contraventor são até hoje contemplados com

cargos de diretoria na escola de samba, e nisso estariam incluídos certos postos de comando no barracão. Portanto, o controle de uma grande escola de samba representa uma fonte extraordinária de recursos materiais e simbólicos que oferecem ao banqueiro do jogo do bicho inúmeras possibilidades de trocas que constituem laços de dependência pessoal. E o mais importante é observar que, se a escola confere ao banqueiro de bicho uma forma de ser aceito socialmente, isto também pode ser trocado por ele com agentes da Polícia e das Forças Armadas envolvidos nos seus negócios ilícitos. A explicitação desse mecanismo nos mostra como que o sistema de proteção policial da organização do jogo do bicho chefiada por Anísio Abraão, além do provável esquema de propinas, teve como fator para seu fortalecimento as indicações de policiais para posições de comando e prestígio na organização carnavalesca.

Acerca do relacionamento de Anísio com profissionais do barracão, notamos que o fato de muitos serem originários de Nilópolis significava que ali havia uma certa reprodução dos laços de convivência que os “conhecidos” do contraventor tinham com ele na cidade. Dessa forma, Anísio passava a ter pessoas de sua confiança no barracão, e por isso dispensava a elas um tratamento diferenciado, como relata Clemente:

Eu via essa relação muito forte entre Anísio e o pessoal de Nilópolis. Eles buscavam o Anísio como um pai! Néelson era uma pessoa assim, mas o Anísio era mais. Tanto que ele às vezes chegava no barracão de madrugada, entrava, metia a mão no bolso cheio de dinheiro e dava para todo mundo. Gastou muito dinheiro assim. O pessoal vibrava, era uma festa! Agora, ele fazia isso mais com o grupo dos ferreiros, carpinteiros, que era o pessoal que ele conhecia há mais tempo, que era o pessoal dele, há muito tempo no barracão.

O interessante dessa situação é perceber como que a presença do “homem”, ao invés de gerar temor nos profissionais do barracão, transformava-se numa ocasião festiva. Como eu mesmo já presenciei em aparições de Anísio na quadra da Beija-Flor, tornou-se um costume ele fazer a distribuição de algum bem quando está presente em lugares públicos, sejam camisas da escola, lembranças na missa de São Jorge, ou mesmo dinheiro. Um funcionário da prefeitura de Nilópolis certa vez comentou comigo, “hoje em dia até os seguranças do Anísio ajudam na distribuição de dinheiro, carregando pacotes na mão”.

O artesão Clemente relata que as equipes dos carros tiveram que enfrentar sérios problemas decorrentes dos conflitos entre Joãozinho e os responsáveis pela administração do barracão, que apresentavam muita rejeição à figura do carnavalesco, quando não queriam “boicotá-lo” por insatisfação com o poder que era delegado ao carnavalesco por Anísio. Na memória acerca desses embates, nos quais a maioria dos chefes de equipe geralmente se colocava ao lado de Joãozinho, notamos um certo “ressentimento” por parte dos entrevistados.

Clemente, por exemplo, fala das experiências difíceis que tiveram que enfrentar pela realização dos carnavais e critica o que seria a falta de uma postura mais firme de Joãosinho pela valorização dos profissionais do barracão frente à diretoria da escola, no sentido de terem melhores condições de trabalho e pagamento, obterem fantasias para o desfile, e também para que tivessem certo reconhecimento enquanto artistas.

Contudo, o poder de decisão atribuído ao carnavalesco nos assuntos relativos ao carnaval sempre foi fruto de um acordo estabelecido com o patrono, autoridade máxima da escola de samba, e na visão do artesão isto deixaria Joãosinho numa posição de subserviência. Tanto Laura quanto Clemente mencionam os “sacrifícios” que passaram por conta de uma série de acidentes ocorridos na montagem das alegorias no barracão, assim como na entrada na Marquês de Sapucaí, os quais obrigavam os membros das equipes dos carros a terem um enorme desgaste para que desse tudo certo no espetáculo da escola.

É importante perceber a força do imaginário religioso afro-brasileiro no universo do carnaval na leitura desses acontecimentos como sendo parte de uma atmosfera de *caos*. Os relatos de incêndios, de quebra das alegorias, e de outros acidentes que chegaram a causar mortes de pessoas são atribuídos a procedimentos equivocados – numa certa lógica simbólica – quanto ao uso de símbolos das religiões afro-brasileiras nas alegorias.

A professora Maria Lúcia Montes apresenta uma interpretação particular acerca do “ressentimento” que alguns dos artistas populares que trabalharam com Joãosinho demonstram. Para ela, haveria uma certa indignação pelo fato dos próprios artistas terem desejado um reconhecimento enquanto tais por parte do carnavalesco e da própria escola, o que nunca teria acontecido. Outra situação nesse sentido, que provavelmente reforçou esse “ressentimento”, tem a ver com o foco da mídia sempre ter recaído sobre o “grande artista” atribuindo-lhe todos os méritos pelas criações bem sucedidas nos carnavais da Beija-Flor.

Essa questão do reconhecimento pelo “trabalho” tem de fundo a dimensão coletiva da produção de um desfile carnavalesco. Ao mesmo tempo em que os artistas envolvidos não podem se dizer donos da “obra”, eles têm plena consciência de sua devida parte na construção, e que ela está voltada para um objetivo maior porque o “trabalho” no carnaval tem toda uma dimensão subjetiva, como explica Blass:

Quem produz a festa de Carnaval, a faz, antes de tudo, para si mesmo e não para outros. Uma escola de samba representa um bairro, seus moradores e componentes. A sua glória na avenida, mesmo efêmera, decorre [...] de um envolvimento efetivo e afetivo de quem faz acontecer o desfile e o produz. Todos ganham ou perdem o Carnaval, não apenas a diretoria ou o carnavalesco. Todos são protagonistas, produtores e consumidores dessa festa e, enquanto tais, são

responsáveis pelo resultado alcançado. Dessa perspectiva, as práticas de trabalho e de emprego são re-significadas devido aos sentimentos mobilizados por essas práticas que expressam o contexto social no qual se inserem.¹⁸⁷

Veja-se que mesmo no âmbito da produção de um grande “espetáculo”, preservam-se valores e estruturas que estão na base do mecanismo que permite a transmutação de recursos econômicos em capital simbólico pelo banqueiro do jogo do bicho. No tocante a essa discussão, Cavalcanti assinala a impossibilidade de um certo discurso modernizador baseado na linguagem empresarial dar conta do que seria de fato o processo de confecção de um desfile carnavalesco. Segundo a autora,

... o lugar onde o Carnaval é aparentemente mais “moderno” é justamente aquele no qual as redes de relação que o produzem são poderosamente perpassadas pela patronagem, por códigos de comportamentos mais afeitos ao qualificativo “tradicional”, em que a honra à palavra dada e o recurso à violência, se necessário. No contexto do Carnaval carioca, se quisermos caracterizar uma escola de samba como “empresa”, é preciso acrescentar imediatamente, sob o risco de incompreensão, que se trata de uma empresa de natureza muito peculiar, uma empresa pessoalizada a serviço da patronagem, pois não gera necessariamente ganhos em dinheiro: seu lucro final é obtido numa moeda de natureza não econômica, o prestígio do banqueiro do jogo do bicho, sobreposto por meio do Carnaval a uma “comunidade” popular agregada em torno da escola de samba.¹⁸⁸

Blass assinala por um outro véis o equívoco que se coloca na suposição de que a produção de um desfile carnavalesco aconteça nos moldes de uma produção industrial, a autora argumenta apresentando duas razões básicas:

Em primeiro lugar, o enredo renova-se todos os anos, impossibilitando qualquer padronização de uma linha de montagem e, por conseguinte, da produção em massa e o processo de acumulação de capital. Em segundo lugar, os desfiles resultam do trabalho coletivo no barracão, na quadra e nas oficinas, sendo *sempre* produtos únicos nos quais atuam o carnavalesco, as equipes de trabalhadores e trabalhadoras no barracão na construção dos carros alegóricos e as das oficinas que confeccionam fantasias e adereços, além dos brincantes que narram um enredo na avenida, durante o tempo regulamentar do desfile de Carnaval.¹⁸⁹

A renovação dos temas de enredo apresentados pela escola de samba assegura que o presidente de honra possa, anualmente, ampliar e renovar relações pessoais em termos de “amizade” e alianças com agentes atuantes em diversos campos (artístico, jornalístico, empresarial, político). É a lógica narrativa do enredo que vai dar legitimidade à ocupação de posições de destaque por parte de atores, esportistas e “celebridades” no desfile da escola de samba e à presença de autoridades governamentais, empresários e políticos nos espaços da agremiação carnavalesca. Seria preciso uma análise profunda desse mecanismo de trocas

¹⁸⁷ Blass, op. cit., p. 133.

¹⁸⁸ Cavalcanti, op. cit., p. 152.

¹⁸⁹ Blass, op. cit., p.135.

através do exame de todos os temas de enredo apresentados pela Beija-Flor, e também dos materiais que nos permitem avaliar a performance da escola em seus desfiles.

Contudo, podemos sugerir que haveria pelos menos três fases na concepção dos carnavais da escola de samba sob o comando dos membros da família Abraão: a fase dos enredos de exaltação da ditadura, entre 1973 e 1975; a fase dos enredos desenvolvidos por Joãozinho Trinta, que vai de 1976 a 1992, sendo que desse período não destoam tanto os enredos desenvolvidos por Maria Augusta, em 1993, e pelo carnavalesco Milton Cunha, entre 1994 e 1997; e de 1998 até o presente momento, a confecção dos desfiles da Beija-Flor vem acontecendo sob os cuidados de uma comissão de carnaval comandada pelo antigo diretor de harmonia e atual diretor de carnaval, Laíla. Essa última fase revela a consolidação de uma estratégia da diretoria para a realização de temas de enredos que propõem algum tipo de homenagem a cidades de diversos estados brasileiros (ver anexo sobre a listagem dos carnavais da Beija-Flor), e assim tenta-se viabilizar a obtenção de patrocínio oficial. E segundo comentários que surgem nos bastidores do carnaval, isto teria também uma relação com a negociação de garantias políticas para a expansão dos negócios do jogo do bicho e, mais recentemente, do ramo dos caça-níqueis.

12. Toma lá, dá cá

Há quase meio século, as famílias Sessim e Abraão iniciaram a montagem da estrutura de poder local que possibilitou a conquista de muitos mandatos políticos por membros dos dois ramos, passando assim a exercerem um domínio generalizado de recursos no âmbito da política municipal.

O primeiro representante do grupo a começar na carreira foi o doutor Jorge David, ele teve uma série de mandatos consecutivos como deputado estadual a partir de 1962 até se tornar Prefeito de Nilópolis em 1988. Pelo lado dos Abraão, Miguel Abraão David, irmão mais velho de Anísio, esteve a partir de 1969 em três legislaturas consecutivas na Câmara Municipal até se lançar na disputa para prefeito em 1982, da qual se saiu vitorioso.

Contudo, convém lembrar que o primeiro a assumir o cargo maior do executivo municipal foi Simão Sessim, tendo entre 1973 e 1977 a sua primeira experiência no exercício de um cargo público eletivo. Em seguida, ingressou na carreira parlamentar através das eleições de 1978, quando teve início sua série de oito mandatos consecutivos como deputado federal que tem grandes chances de ser renovada agora em 2010.

É importante observar que, desde as eleições de 1978, quase sempre o poder familiar em Nilópolis conseguiu fazer a dupla de representantes diretos no legislativo (Simão, no federal, e seu irmão Jorge David, no estadual). Tanto que, quando Jorge David deixa a carreira no legislativo em 1986, para depois se lançar na corrida pela Prefeitura em 1988, quem vai se encarregar de dar prosseguimento ao poder familiar no legislativo estadual será o irmão mais novo de Anísio, o advogado Farid Abraão. Este passa a compor a dupla com Simão, no lugar de Jorge David, licenciando-se do cargo em 1999 para concorrer à Prefeitura, quando se torna vitorioso após o período de dois mandatos em que a “família” esteve sem o comando do executivo municipal. Farid foi reeleito em 2004.

Uma segunda geração de políticos “da família” começou em 2000, com o mandato de vereador Abraão Neto, filho do falecido Miguel. Nas eleições de 2004 e de 2008, “Abraãozinho”, como é popularmente conhecido, conseguiu manter a continuidade de seu primeiro mandato. Em 2002, Farid conseguiu “fazer” seu filho Ricardo Abraão deputado estadual, sendo que nas eleições de 2006 o jovem político não conseguiu votação suficiente para se reeleger, ficando como suplente do partido na legislatura que se seguiu.

O atual prefeito de Nilópolis é Sérgio Sessim, filho do deputado federal Simão Sessim, e graças ao capital político do pai e de todo o suporte proporcionado pelo esquema da família, conseguiu se sair vitorioso numa disputa apertada que envolveu o ex-prefeito e ex-deputado estadual Manuel Rosa, o Neca, e também o ex-deputado Alessandro Calazans. Sérgio não figura exatamente como herdeiro político do pai. Durante a gestão de Farid, ele havia ocupado a Secretaria de Obras Públicas sem ter uma grande expressão, assim, a indicação de seu nome para ser o candidato do grupo dominante local parece ter surgido pela falta de um outro mais representativo. Hoje, o prefeito tem seu irmão, o médico Marcelo Sessim, à frente da Secretaria Municipal de Saúde.

A partir desse quadro é possível perceber o quanto que, em Nilópolis, o parentesco e a aliança com o grupo dominante se tornaram fatores centrais para o sucesso de qualquer novato na carreira política. E, além disso, observa-se no contexto atual um trabalho para transmissão do patrimônio político da família para uma segunda geração.

De acordo com a visão de certos moradores do município, com os quais costumo ter conversas informais por também residir em Nilópolis, o controle político estabelecido pelas famílias Sessim e Abrão com apoio de seus aliados estaria baseado no tradicional clientelismo. O morador Miranda, por exemplo, faz o seguinte comentário:

Você sabe que no nosso município os políticos, todos eles, têm o costume de “dar para receber”; é fisiológica a política. A pessoa vai trocando as coisas, vai trocando favores: dando isso aqui, fazendo festas, dando ônibus, comprando tijolo... Essa é a prática dos políticos daqui! Pensei que isso ia mudar, mas não mudou até hoje, a mediocridade continua.

Nesse sentido, poderíamos supor que o funcionamento do mecanismo de intercâmbio de favores em Nilópolis se baseia naquilo que Eli Diniz classifica como *clientelismo personalista*, isto é, um tipo de relação clientelista que se constitui em função de grupos de vizinhança ou comunais, a partir dos quais representantes do círculo de dirigentes locais podem estabelecer contatos pessoais vinculando líderes e seguidores para a distribuição de vantagens e realização de favores endereçados a atores individuais.¹⁹⁰

Por outro lado, alguns dos traços do esquema de poder familiar em Nilópolis que foram apresentados no primeiro capítulo deste trabalho podem também nos levar a pensar que tal esquema estaria em correspondência com o princípio organizacional das chamadas *máquinas políticas*. Contudo, considerando o impacto sobre a política carioca e fluminense do fenômeno que ficou conhecido como “chaguismo”, assinalamos o desenvolvimento da chamada política de máquina num contexto específico. A organização político-partidária chefiada por Chagas Freitas, estruturada através da seção local do MDB da Guanabara a partir de meados da década de 60, consolidou-se com a nomeação do político para o governo do referido estado em 1970. Só após a fusão com o antigo estado do Rio em 1975 foi que a máquina chaguista entrou num processo de penetração no eleitorado fluminense.

Este esclarecimento é importante tendo em vista a possibilidade de se fazer a abordagem das formas de controle do poder local na Baixada Fluminense, tanto antes quanto depois da interferência militar na região, com base no conceito de máquina política. Este é o caso do trabalho de José Cláudio Alves, embora este autor não apresente uma reflexão tão profunda acerca do referido conceito como faz Eli Diniz.¹⁹¹

Para Diniz, ante de tudo se faz necessário o afastamento dos enfoques a respeito do modo de atuação das máquinas políticas quando isto envolve a simples atitude de denúncia acerca de seus métodos ilícitos, sem análise do que realmente assegura a conquista e manutenção de seu poder. E por outro lado, também seria importante evitar perder de vista a especificidade do objeto que se pretende analisar, para não se pensar, por exemplo, que qualquer tipo organização partidária caracterizada por uma estrutura de poder centralizada

¹⁹⁰ Diniz, Eli. Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 36,37.

¹⁹¹ Alves, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias-RJ: APPH,CLIO, 2003. p. 106.

venha a ser uma máquina. Tomando como referência autores que consideram os efeitos integradores das máquinas políticas e seus aspectos não destrutivos, e em especial as contribuições de Robert K. Merton, Diniz assinala que a fonte de poder das máquinas:

... derivaria de sua capacidade de estender raízes por todo o tecido social, penetrando nas várias subunidades da coletividade local, desde os bairros aos quarteirões. A máquina encararia o eleitor não como uma abstração, porém como um ser real com problemas e aspirações pessoais concretas. Desta forma, seu poder mobilizacional não decorreria de suas preocupações com os grandes temas políticos, abstratos, gerais e distantes, porém de apelos mais específicos, baseados numa teia de relações diretas, quase feudais, entre os representantes locais da máquina e os eleitores de um quarteirão. Tais representantes e agentes locais prestariam todo tipo de assistência e ajuda pessoal, independente do status ou categoria social do solicitante, o que teria um efeito basicamente integrador. A máquina, do ponto de vista de suas funções sociais, seria um sistema centralizado de prestação de serviços, atendendo a diferentes tipos de clientela, desde homens de negócios integrados à estrutura social vigente, a contraventores atuando à margem da estrutura legal oficial. Assim, todo um conjunto de subgrupos segregados, marginalizados e semi-marginalizados seriam também incorporados a sua rede, tendo acesso a canais e mecanismos alternativos para o atendimento de suas demandas. Abstraindo-se as preocupações de ordem moral e ética, a percepção da amplitude do raio de ação da máquina, beneficiando os negócios legais e ilegais, tornar-se-ia possível, permitindo, assim, a compreensão do seu real significado.¹⁹²

De acordo com os traços básicos destacados por Diniz com o intuito de explicitar o princípio organizacional sobre o qual as máquinas políticas baseiam seu funcionamento, confirma-se, portanto, uma série de aspectos relacionados ao esquema de base local montado pelas famílias Abraão e Sessim em Nilópolis.

De imediato, uma série de indícios permitiria sustentar que a utilização de incentivos e recompensas materiais seria a base para conquista e manutenção da lealdade dos agentes vinculados, das mais diversas formas, à rede clientelista das referidas famílias. Isto, em razão do controle exercido pelo círculo de dirigentes da organização política sobre a gestão de fontes estratégicas de recursos no âmbito local, possibilitando assim a formação do sistema de incentivos necessário ao atendimento de filiados, adeptos e eleitores.¹⁹³

Através de conversas informais com funcionários da Prefeitura de Nilópolis, estes revelam que muitos são os “apadrinhados” a ocuparem cargos na administração pública municipal por meio da manipulação e da influência dos dirigentes da organização política das famílias, e com o privilégio de não precisarem trabalhar; outros são beneficiados com a exclusividade da assinatura de contratos de fornecimento de bens e serviços para órgãos governamentais, como é o caso da publicação das portarias do município, que é feita através

¹⁹² Diniz, op. cit., p. 25, 26.

¹⁹³ idem, p. 43.

do jornal *A voz dos municípios fluminenses*, de propriedade de um vereador aliado do grupo dominante e que também faz parte da diretoria da Beija-Flor de Nilópolis.

Em relação à concessão de licença para exploração de transportes coletivos, percebe-se o favorecimento de somente duas empresas que operam no município e ficam livres para a cobrança de passagens com preços abusivos. O asfaltamento de ruas também foi algo muito marcado pela influência política na escolha daquelas que seriam as primeiras a receber o pavimento. Na esfera dos favores pessoais, o não pagamento de débitos com impostos prediais e demais taxas municipais costuma ser tratado como objeto de negociação, assim como o não cumprimento de normas para construção ou regulamentações relativas à utilização de calçadas pelos proprietários de lojas e vendedores ambulantes. De acordo com Diniz, práticas dessa natureza oferecem inúmeras oportunidades para o exercício da pressão política contra adversários.¹⁹⁴

Contudo, em função das relações entre membros do ramo dos Sessim atuantes no campo político-institucional e membros do ramo dos Abraão David envolvidos com a contravenção, o que se configurou como sendo a particularidade da forma de controle político exercido pelas famílias em Nilópolis, não podemos enquadrar o esquema perfeitamente no modelo explicativo proposto pela referida autora. E isto não tem ver somente com o fato de Nilópolis ser uma cidade muito menor que o Rio de Janeiro, onde foram fundadas as bases da máquina chaguista. Embora os políticos das famílias tenham assumido o controle dos diretórios locais dos partidos a que pertenceram desde a ditadura, a grande liderança do grupo se constituiu na figura do chefe de uma das organizações do jogo do bicho mais poderosas do Rio de Janeiro, o banqueiro Anísio Abraão David. Este nunca exerceu qualquer tipo de cargo eletivo ao longo de sua trajetória, e mesmo no âmbito da organização carnavalesca que controla sempre se colocou como “presidente de honra”.

Num primeiro momento, os chefes partidários locais realmente trouxeram sob sua influência os parentes ligados à contravenção. A exploração do jogo do bicho na região pôde se desenvolver à sombra da proteção política garantida pelas articulações entre tais agentes, porém, mesmo isto não nos leva a pensar que já houvesse um nível de organização do poder familiar a ponto de se ter constituído uma máquina. A prática das atividades ilícitas ficava, portanto, protegida por conta da influência exercida sobre autoridades e demais elementos-chave ocupantes, muitas vezes por indicação do grupo, de postos nas agências encarregadas de fazerem cumprir a lei.

¹⁹⁴ idem, p. 27,28.

Conforme explicam Silva e Chinelli, as organizações do jogo do bicho seriam por si só um importante reduto eleitoral¹⁹⁵, e com a institucionalização de suas relações com as escolas de samba, a capacidade de mobilização de votos por parte dos banqueiros do jogo do bicho cresceu de forma exponencial. Sendo assim, no caso da organização chefiada por Anísio Abraão David, a transferência de recursos financeiros e a canalização dos votos da clientela privada do banqueiro para seus candidatos passaram a operar de tal forma que, embora a estrutura de poder montada pelas famílias sempre tenha contado com membros tanto do lado dos Abraão David e quanto dos Sessim em seu círculo de poder, foi na figura de Anísio que hierarquia interna do grupo passou a ser reconhecidamente centralizada.

Em conversas informais com dois funcionários de órgãos ligados à Prefeitura de Nilópolis, um deles concursado e o outro contratado de firma prestadora de serviços, obtive informações que indicam como a divisão das secretarias e a distribuição de cargos comissionados na administração municipal são manejadas pelo próprio Anísio no sentido de apaziguar eventuais divergências entre os dois ramos do domínio familiar.

O fato do esquema se assentar num sistema de incentivos que funciona predominantemente a partir de recursos materiais traz um elemento complicador. A expectativa dos membros da organização quanto à distribuição de recursos propicia entre eles o surgimento de atritos. E no próprio círculo de dirigentes se configuram divergências em torno de lideranças concorrentes, a exemplo disso, temos informações de conhecimento público na cidade acerca de situações de instabilidade e de tensão entre os Sessim e os Abraão pela maior aquisição de recursos de poder para satisfação de clientelas particulares.

Contudo, o caráter informal da rede de relações que constitui o esquema de base local montado em Nilópolis também não deixa de apresentar um forte componente de lealdade e dependência pessoal que vincula os diversos agentes inseridos na estrutura de poder com seu círculo de dirigentes. Falando das máquinas políticas, Diniz afirma:

[...] Os valores de lealdade e confiança interpares são reforçados pela situação de isolamento a que são submetidas, dadas as avaliações negativas que pesam sobre sua forma de fazer política e seu estilo de ação. A hostilidade do meio externo, ligada a seu baixo prestígio na comunidade política estimulam, assim, um clima de solidariedade e de cumplicidade internas, articulando entre si os vários núcleos de lealdade.¹⁹⁶

¹⁹⁵ Chinelli, Filipina. & Silva, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (1), 1993: 42-52. p. 43

¹⁹⁶ idem, p. 42.

Nesse sentido, o fato dos vínculos que estabelecem a hierarquia no esquema de poder montado em Nilópolis se constituírem com base no parentesco seria talvez o fator central da força e da estabilidade de toda estrutura.

Entre os parlamentares diretamente ligados às famílias em questão, o deputado federal Simão Sessim foi aquele que conseguiu encarnar ao longo de sua carreira o estilo de ação do “político de comunidade” atribuído por Diniz a muitos dos parlamentares da corrente chaguista. Embora tenha sido arenista durante toda vigência do bipartidarismo, o fato de ter a maior parte de seu eleitorado em Nilópolis faz com que atribua o êxito de sua carreira ao relacionamento que estabelece com a base eleitoral, colocando-se como “representante de Nilópolis” na Câmara Federal. Recordo aqui um momento marcante da política nacional em que Simão, da forma mais objetiva possível, manifestou-se reforçando sua identidade de representante de Nilópolis. Refiro-me ao à votação do *impeachment* do presidente Collor, em 1991. A sessão na Câmara era transmitida em rede nacional, e no momento de apresentar abertamente seu voto, o político disse: “Sim, por Nilópolis!”.

Em razão de ser um município pequeno, sem potencial industrial, e que vive basicamente do comércio, Nilópolis apresenta grande dependência de recursos complementares para a realização de obras e projetos de maior impacto. Nisso entra em destaque a atuação de representantes do legislativo estadual e federal, sendo que a votação concentrada no município, que embora pequeno possui alta densidade demográfica e alto índice de eleitores, torna-se bastante representativa na eleição de pelo menos um deputado federal e dois estaduais, conforme se observa os resultados das eleições dos últimos anos.

Simão conseguiu se afirmar como uma figura carismática e mitológica na política local, e isto se confirma no reconhecimento de que ele não teria a mesma postura agressiva característica da maioria dos políticos da região, entre eles membros de sua própria família.

Marisa, esposa de Emad, descendente libanês que foi colaborador desta pesquisa, faz parte do setor da população que considera o fato do deputado ser originário de Nilópolis um ponto importante na definição da intenção de voto. Ela chega a falar com entusiasmo:

Simão é um político que você não tem noção, o cara é bom! O cara é bom no trato com o povo, vai ganhar sempre, tudo a que ele vier ele ganha, porque é um cara que tem um amor sobrenatural por Nilópolis. Aquilo de apertar a mão, beijar, abraçar, é tudo verdade! Olha que eu sou uma pessoa inteligente, gosto de política e entendo, ele é bom no que faz, é o único.

O relato de um conhecido meu reforça justamente a ideia de que o político transformou numa marca sua o costume de saudar a pessoas pelas ruas, estar presente em

eventos públicos, algo que outros políticos do lugar não popularizaram como perfil de atuação. O comerciante meu conhecido colocava o seguinte:

Numa dessas campanhas, o Simão estava passando aí pela praça apertando a mão de todo mundo, aquela coisa... E quando percebi que ele vinha chegando pro meu bar, eu logo me virei de costas pro balcão e comecei a lavar uns copos, de propósito. Ele sabe que nunca votei nele! Mas foi pedindo licença pro pessoal, veio chegando dentro do bar pra me abraçar, eu todo suado... E ele na frente dos fregueses dizendo que contava comigo!

Um antigo componente da Beija-Flor que estava em companhia do compositor Josiel certa vez que os encontrei na feira de domingo, em Nilópolis, entrou numa conversa sobre política e fez um comentário na mesma linha daquele apresentado anteriormente, e dizia:

Rapaz, o Simão não é brincadeira! Uma vez eu estava lá dentro da Chatuba, e chega ele com uma turma fazendo campanha. Tinha um pessoal reunido na rua, e na frente de uma casa estava o garotinho de uma senhora que era paralítico, uma doença assim, de cadeira de rodas. O Simão passou por todo mundo, e com quem ele foi falar primeiro? Ah! Ele foi direto no moleque; beijou, abraçou, e aí depois é que saiu falando com os outros. Eu fiquei pensando: esse só podia ser político mesmo. Simão não é mole, não!

Esses episódios nos levam a pensar como que o deputado Simão Sessim conseguiu criar para si a imagem do político acessível que procura atender as demandas de seus eleitores através de um tratamento personalizado. Mesmo pessoas que têm um posicionamento completamente crítico em relação ao modo de atuação de Simão Sessim reconhecem a eficácia da estratégia do político, como é o caso do militante de esquerda Pedro, que foi um das maiores colaboradores desta pesquisa:

Ele tem esse tipo de trabalho, aquela voz mansa, cumprimenta todo mundo: pratica o clientelismo. Ele tem popularidade, porque a população não vê nele agressividade. Normalmente, as pessoas vêem o Farid com uma certa distância, uma pessoa que você não pode falar qualquer coisa, pois há um certo receio, né? Com o Simão já há uma abertura maior. A pessoa, sempre que tiver que fazer uma crítica, pode fazer que ele absorve, tem a maneira dele de sair e tal. Então, ele tem uma imagem política para população de que é bom mantê-lo como representante na Câmara, que trabalha por favores pessoais... Ele recebe na casa dele! A pessoa marca, e vai lá conversar com ele. [...] Vejo pessoas entrarem e saírem de lá, pessoas comuns! Entram, saem... É muito melhor de se trabalhar a nível individual, né? É a prática dos políticos antigos: você faz um favor, ganha a pessoa. Agora, na questão dos recursos, o Simão traz quando a família está no governo. Aí ele traz os recursos! E sobre a atuação dele como deputado lá em Brasília é interessante que ele tem nota elevada pelo DIEESE. E isso tem muito a ver com o fato dele votar nos projetos da CUT, do PT, ele sempre esteve votando junto, mesmo quando o partido dele tinha um pensamento contrário. Isso fez com que o DIEESE sempre desse nota alta a ele. Eu, por exemplo, por várias vezes conversei com Simão, e ele sempre citou isso, eu acompanhava e sabia que era mesmo.

Por ser morador do município, noto realmente uma tendência muito forte no eleitorado para a escolha de representantes legislativos que sejam “do lugar”, e isto até se sobrepõe ao fato do candidato ser membro de uma das famílias dominantes. Em sua fala, Pedro reconhece o respaldo que Simão possui de setores da população local, especialmente porque observa como o intercâmbio de favores aparece perpassado por certos valores que influenciariam na decisão de moradores quanto a encaminhar seus pedidos e problemas à pessoa do deputado – ele não seria agressivo; tem o costume de receber pessoalmente; absorve certas críticas.

Uma constatação interessante que faço enquanto morador de Nilópolis está relacionada à visão que eleitores do deputado Simão Sessim têm de sua atuação política, pois observam uma descontinuidade do estilo do político nas carreiras dos representantes da família pertencentes à nova geração. Destaca-se o fato destes viverem “fora” de Nilópolis, e por isso não terem constituído a mesma ligação com o “povo” da cidade tida pelos representantes políticos da primeira geração de descendentes das duas famílias.

Um estudo profundo acerca da atuação direta dos políticos das famílias Abraão e Sessim, do ponto de vista das ações assistencialistas, exigiria uma investigação completa acerca da composição de suas assessorias e da forma como desenvolvem o atendimento das demandas de seus eleitores. Embora Nilópolis seja um município pequeno que, muitas vezes, chega a ser confundido com um bairro do Rio, seria necessário uma pesquisa dedicada à análise específica da atuação de todos os políticos da família, tendo em vista a existência de tantos membros com carreiras nesse campo. Na pesquisa realizada por Kuschnir sobre a atuação da família Silveira no subúrbio carioca, centrada nas figuras do deputado estadual Fernando Silveira e de sua filha e herdeira política Marta Silveira, a autora analisa a carreira dos políticos a fundo, mostra a composição de suas equipes de assessores e, além disso, como o trabalho de atendimento se divide em diferentes frentes para resolução de problemas e pedidos da “comunidade” que corresponde à área de atuação da referida família¹⁹⁷. Não temos tal pretensão no âmbito deste trabalho, entretanto, cabe considerar o que possibilita a posse de um mandato político para termos uma compreensão da força representada pela estrutura de poder construída pelo grupo.

A estrutura de poder montada pelas famílias Sessim e Abraão possui um diferencial que despertou mais nossa atenção, pois se baseia numa rede de interconexões entre políticos,

¹⁹⁷ Kuschnir, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

jogo do bicho e escola de samba. Portanto, o foco deste trabalho recaiu sobre a organização carnavalesca enquanto espaço de mediação entre o jogo do bicho e a ordem político-institucional, e assim, destacamos o funcionamento dos mecanismos que fizeram com que os *acessos* dos políticos da família passassem a ser canalizados em grande parte em benefício do banqueiro do jogo do bicho e presidente de honra da Beija-Flor de Nilópolis, o que contribuiu para o crescimento da mesma, no entanto, assumindo a função de um importante instrumento eleitoral para os políticos da família.

A mediação dos agentes da contravenção com a recomendação dos “apadrinhados” para a ocupação de cargos públicos na administração municipal, ou então para resolução de problemas que não pudessem ser solucionados diretamente pelos banqueiros do jogo do bicho, manteve firmes os vínculos de dependência pessoal e, de certa forma, direcionou o trabalho de atendimento dos políticos da família. Isto permitiu o fortalecimento do esquema de base local como um todo.

Para uma reflexão acerca do sistema de utilização de recursos públicos sob o controle do poder familiar em Nilópolis, se faz necessário compreender como que esses bens estão vinculados à posse de um mandato político, como foi dito há pouco. E nesse sentido, tem uma grande contribuição a dar o estudo de Kuschnir. Partindo do pressuposto que “a posse de um mandato é a condição fundamental para se ter acesso aos recursos públicos, sejam eles cargos, bens, obras, benefícios legais, burocráticos ou simbólicos”¹⁹⁸, a autora analisa como que “redes de acessos” são formadas nas secretarias de governo e nos órgãos vinculados a elas no âmbito de uma administração municipal.

Com base no referido estudo, entendemos como que redes de tal natureza funcionam fundamentalmente por meio de contatos pessoais. Elaborada a partir da categoria nativa presente no universo de valores dos políticos estudados pela autora, a noção de *acesso* corresponde a uma perspectiva dinâmica da atividade política, como algo que precisa de renovação em termos de negociação e estabelecimento de alianças para o reforço e ampliação dos *acessos* conquistados.

Nessa linha de raciocínio, o situacionismo passa a ser considerado fator importante no jogo político, entretanto, não significa definitivamente a conquista de estabilidade para esquemas de base local como os que estão em questão. Daí percebermos a centralidade do principal cargo do executivo municipal para a manutenção do poder familiar em Nilópolis, no sentido de assegurar o gerenciamento dos recursos disponíveis no âmbito local, o que leva o

¹⁹⁸ idem, p. 88.

grupo manifestar uma pressão agressiva em vista da inviabilidade do seu sistema de alianças e da ameaça de concorrentes no campo eleitoral. No relacionamento do prefeito com sua base de apoio, mesmo os aliados disputam entre si um maior grau de proximidade com o chefe do Executivo. E por outro lado, torna-se importante para o prefeito buscar apoio entre candidatos ao Legislativo Municipal, até porque são poucos os representantes diretos da família para assegurar sua hegemonia nessa esfera.

Desse modo, o grupo dominante se vê diante da necessidade de renovar suas bases de sustentação regularmente. As concessões de cargos públicos e demais benefícios para aliados não se encerram na simples troca de favores em cumprimento dos acordos políticos, pois boa parte dos beneficiados fica encarregada de cumprir o importante papel de intermediação entre o círculo de dirigentes e os órgãos públicos aos quais estão ligados.

13. Os projetos assistenciais da Beija-Flor de Nilópolis

Faremos a seguir uma breve descrição dos projetos assistenciais desenvolvidos através da escola de samba, a partir das informações de divulgação fornecidas pela *Revista Beija-Flor*, e sendo assim, vamos apenas atentar para os traços que confirmam a lógica do *dom* na realização dos projetos sem explorar a fundo sua dinâmica de funcionamento.

Um estudo específico nesse sentido foi desenvolvido na área de Serviço Social por Rosemere Santos Maia, e para o seu trabalho a autora tomou como caso justamente os projetos da Escola de Samba Beija-Flor. A pesquisa de campo foi feita do final dos anos 80 para o início da década de 90, momento em que Néelson Abraão David se mostrava extremamente ativo enquanto benfeitor da “comunidade”, assumindo a direção dos projetos.¹⁹⁹

Maia faz toda uma abordagem da questão da patronagem do jogo do bicho no carnaval carioca e mostra como que a implementação dos projetos assistenciais não foi uma prática isolada da diretoria da agremiação carnavalesca nilopolitana. Além de ter analisado o funcionamento da creche e do educandário, ela acompanhou também a fundação do Centro de Atendimento Comunitário da Beija-Flor, que meses depois do suicídio de Néelson Abrão exatamente neste lugar, passaria a ter o seu nome. Naquele contexto, havia um discurso muito

¹⁹⁹ Maia, Rosemere Santos. *Franjas do Estado: assistência nas escolas de samba do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1993.

forte de Nélon no sentido de afirmar que os projetos não recebiam recursos de órgãos públicos e nem de instituições privadas, sendo mantidos só com apoio da família Abraão.

Atualmente, a Beija-Flor conta com um verdadeiro aparato para a oferta de serviços nas áreas de Educação, Esporte e Cultura. A primeira iniciativa foi a creche, em 1980, fundada com o nome Creche Beija-Flor, e depois rebatizada com o nome da matriarca dos Abraão David. Embora tenha havido a participação de Nélon na fundação, isto vem sendo suprimido nos materiais de imprensa pela afirmação de que Anísio sempre foi o grande mantenedor dos projetos. O educandário, batizado com o nome do patriarca da família, foi criado em 1987, e de acordo com a então diretora das duas entidades, isto não teria sido possível sem a “compreensão de Anísio sobre a necessidade de dar continuidade às atividades da creche”. A partir de citação da revista, expressam-se as palavras atribuídas ao próprio:

Acompanhava o desenvolvimento das atividades da Creche, quando vi que, passados sete anos, as crianças que estudavam lá desde a fundação estavam ameaçadas de ver seu desenvolvimento educacional suspenso. Até aquele momento, o futuro delas era sair da Creche e ser “jogadas” na rede pública de ensino, que, à época, não era como é hoje em Nilópolis. [...] Essa preocupação fez com que eu resolvesse patrocinar a construção de uma obra educacional mais ampla. Mais completa. Uma obra que fosse capaz de cuidar das crianças a partir dos seis anos, até sua adolescência. Assim, as crianças que estivessem saindo da Creche, por causa da idade, ingressariam automaticamente nessa nova obra, que chamamos de Educandário Abrão David. [...] ²⁰⁰

Outro aspecto que merece atenção, revelando elementos fundamentais que asseguram as bases de uma *economia do dom*, diz respeito ao tipo de relação que Anísio estabelece com os profissionais atuantes nos projetos. São pessoas diretamente vinculadas a ele, “dedicadas e escolhidas pessoalmente”, e num certo sentido poderíamos dizer que o próprio Anísio estaria encarnado nessas pessoas no atendimento que fazem à comunidade local. A diretora responsável conjuntamente pela creche e pelo educandário é apresentada como uma pessoa integralmente dedicada às obras, e que honra a confiança nela depositada desde que iniciou seu trabalho junto à família Abraão David. É colocada como um exemplo de liderança a servir de modelo para os demais profissionais no dia a dia das atividades.

No caso do Centro de Atendimento Comunitário (CAC), instituição inaugurada em agosto de 1991, e para ser supervisionada por Nelson Abraão David, o atual coordenador é colocado como “braço direito” de Anísio no projeto. Atuante desde a fundação, hoje ele se responsabiliza pela condução dos cursos profissionalizantes que lá são ministrados em parcerias com SENAI, SENAC e CEFET – Química. Não temos informações precisas sobre

²⁰⁰ Revista Beija-Flor, Ed. Janeiro de 2005, p. 86

como são feitas as articulações com tais instituições, o que podemos supor é que o CAC se torna uma agência a serviço da família Abraão David que recebe e centraliza recursos para o desenvolvimento de projetos sociais, e que poderiam estar sendo tocados por outras organizações da localidade desvinculadas do poder da referida família.



Fachada do Centro de Atendimento Comunitário Nelson Abraão David (CAC – NAD), prédio da “quadra velha” na rua Pracinha Wallace Paes Leme



Paredão do Parque Aquático da Beija-Flor



Vista geral das piscinas, vestiários e bar (fundos da quadra)

São poucos os projetos culturais realizados na cidade contando com apoio de importantes instituições privadas ou governamentais que se desenvolvem sem a interferência das lideranças políticas locais. Sendo morador da cidade, já ouvi diversos comentários acerca da influência do deputado federal Simão Sessim na unidade do CEFET – Química existente em Nilópolis. Embora não tenhamos informações consistentes a esse respeito, a situação nos mostra como os *acessos* dos políticos da família estão a serviço, sobretudo, do patrono da escola de samba e chefe do esquema de poder local.

Numa parceria com a Prefeitura de Nilópolis e com a Beija-Flor, a referida instituição federal coordenou entre 2005 e 2008 a realização de um projeto voltado para a profissionalização de jovens em diversas especialidades da confecção dos desfiles carnavalescos. A escola de samba representa muito em termos de prestígio para instituições que se associam a sua imagem.

Outro ponto forte do domínio das famílias Sessim e Abraão David sobre as agências locais se dá na área de saúde. Em entrevista concedida à edição de 2006 da Revista Beija-Flor, o médico Marcelo Sessim, um dos filhos do deputado federal Simão Sessim, falava de sua decisão em manter um consultório no município de Nilópolis mesmo depois de ter feito especializações no exterior, e com isso, ter tido a possibilidade de exercer a profissão para uma clientela de maior poder aquisitivo na cidade do Rio. Acredita ele na importância de prestar serviços de qualidade à população da área de origem de sua família, onde tem fortes laços de amizade. Na concepção de Marcelo Sessim, essa seria sua “prova de amor à Nilópolis”. Vejamos sua fala sobre como se integra à “família Beija-Flor”:

Apesar de fazer parte do Conselho da Beija-Flor de Nilópolis, minha atuação dentro da família Beija-Flor é bem mais voltada à minha especialização. Acredito que cada um deve dar a sua parcela de contribuição à agramação, de acordo com o seu potencial pessoal e profissional. Eu, como médico, tenho certeza de que minha atuação em favor dessas crianças e desses jovens é nessa área. Por isso, além de atuar como médico da creche, do educandário e do CAC, atendendo as necessidades de seus alunos, atendendo inúmeros casos que me são trazidos pelo meu pai, Simão, pelos tios Anízio e Farid, pelo meu irmão, Sérgio Sessim, e pelos meus primos Ricardo e Abraãozinho.

Em todos os caso procuramos ajudar os pacientes no que precisam. Nesse sentido, quero abrir um parêntese para destacar a importância do tio Anízio nessa história toda: na grande maioria das vezes, ele mesmo, sabendo do caso e da necessidade do paciente, faz a doação dos aparelhos de surdez para essas crianças. Tio Anízio não deixa passar o problema sem resolver.

Com isso, resolvemos muitos problemas e evitamos que outros problemas maiores surjam e atrapalhem a vida dessas pessoas. [...]

Desde os anos 1970, as famílias Abraão David e Sessim são reconhecidas como as “donas do pedaço” em Nilópolis. Em suas mãos, está grande parte das agências locais de

serviços urbanos, como: clínicas médicas, concessionárias de automóveis, transporte público, gráficas, casas noturnas, supermercados, além dos mais variados estabelecimentos de comércio varejista e, cabe ressaltar, as imobiliárias. Especialmente na área de saúde, mesmo os membros das referidas famílias que nunca exerceram cargos eletivos foram beneficiados pela ligação com o poder através da realização de convênios de suas clínicas com o serviço público, algo que posso atestar enquanto morador da cidade que já utilizou tais serviços.



Laboratório que pertenceu ao falecido médico Jacob Sessim



Antiga clínica que pertenceu ao médico Jorge David

As palavras de Marcelo Sessim apontam para as bases desse esquema político, tendo em vista que as referidas famílias dispõem de suporte material para prestar os mais diversos tipos de serviços, recorrendo ou não à utilização máquina pública municipal, e isto sem falar que possuem representantes nas três esferas de poder.

Não procuramos atestar a qualidade dessas agências, o que interessa explicar aqui é como que a partir delas se mantém a lógica simbólica baseada nas ações *dar, receber e retribuir*. Basta pensar que o atendimento prestado pelos projetos assistenciais da Beija-Flor

aos jovens da cidade faz com que seu “benefício” seja reconhecido por pais e demais parentes, amigos da escola, da igreja, vizinhos. Além disso, esse seria apenas um dos níveis de ramificações da rede que mantém o sistema de trocas, porque ela também é capaz de articular instituições. Como fica mencionado nas reportagens da Revista Beija-Flor, existiriam parcerias com o comércio local e demais agências de serviço na Baixada Fluminense para onde esses jovens seriam indicados depois de sua formação.

14. As festas religiosas promovidas por Anísio

Considerando que festas religiosas tradicionalmente constituem eventos importantes nas *redes de lazer* de áreas periféricas, vamos analisar como algumas delas foram incorporadas ao calendário da Beija-Flor configurando ocasiões-chave para a aproximação significativa e personalizada de Anísio com a base social da escola de samba e com setores da comunidade local. Assume importância o fato de serem datas religiosas ligadas a uma forte tradição popular tanto para os cultos afro-brasileiros quanto para o catolicismo, e com as quais a figura de Anísio tem uma identificação especial. São elas: o dia de São Jorge, 23 de abril; o dia de São Cosme e São Damião, 27 de setembro; e o Natal, 25 de dezembro.

O 23 de abril, quando “a família Beija-Flor se reúne em oração a São Jorge”, revela o sincretismo das tradições religiosas afro-brasileiras e do catolicismo popular. Em ambas, cultua-se uma entidade protetora e que tem muito a ver com a superação de situações adversas. São Jorge não figura como protetor de uma só instituição, categoria profissional ou cidade em particular. O santo é considerado protetor da Beija-Flor de Nilópolis, e de outras escolas de samba, sendo zelador também dos banqueiros do jogo do bicho e dos populares apontadores, conforme me explicou a antiga baiana Laura:

O Anísio é devoto mesmo de São Jorge. Eu não sei se você sabe, mas a maioria dos banqueiros e bicheiros são devotos de São Jorge, a maior parte deles. Agora até não é muito, mas anos atrás você podia ver. Você sabia quando ele era um banqueiro e era um bicheiro pelo anel e pelo cordão que eles sempre usaram com a imagem de São Jorge. Como antigamente você sabia, tinha certeza, quando o cara era presidiário: pelas tatuagens. E quando era bicheiro sempre teve uma tatuagem de São Jorge ou no peito, ou no braço, ou nas costas. Aí você sabia que era bicheiro. Porque bicheiro é um, e banqueiro é outro. Banqueiro é o dono do negócio e bicheiro é quem escreve, são os escreventes. E Anísio sempre foi devoto, sempre, sempre. [...]

Refletindo sobre a devoção ao santo por parte desses setores, somos logo levados a pensar no seu envolvimento com a marginalidade, o que faz com que lidem constantemente

com situações de risco. Sendo São Jorge o Ogum dos terreiros de Candomblé, “vencedor de demandas”, isto reforça ainda mais essa relação. Merece destaque, no entanto, o dado relativo aos sinais que apontam para a forte inserção do jogo do bicho no imaginário popular, visto que cordões e tatuagens são elementos que expressam exatamente uma linguagem visual em correspondência com o tipo de sociabilidade com a qual estamos lidando. Os bicheiros são agentes que atuam no contato direto com os apostadores, que tomam parte nas conversas sobre os acontecimentos da localidade onde estão inseridos. Daí a tão afirmada popularidade do jogo do bicho.

Sabe-se que desde os tempos da quadra antiga se atribuía ao santo o papel de protetor. Havia uma imagem que era “cuidada” às terças-feiras, regularmente, por pessoas que tinham preparo para tanto, de acordo com preceitos das religiões afro-brasileiras. E isto acontecia também no barracão, com a troca das flores e das velas que acompanhavam a imagem.

De acordo com outras informações que me foram passadas pela referida componente, a devoção do patrono da Beija-Flor fez com que sempre acompanhasse os festejos também na igreja do Centro do Rio, tendo até um “lugar reservado”. Isto mostra o nível de institucionalização dessas relações. Componentes da bateria são convocados para animar em ritmo de samba a espera pela missa das cinco horas da madrugada no Centro. Ao mesmo tempo, acontece a tradicional queima de fogos na quadra da Beija-Flor.

A realização da Missa teria passado a acontecer em meados da década de 1990, por iniciativa do Diretor Geral de Carnaval e Presidente da Comissão de Carnaval, Laíla, uma pessoa de longa trajetória no mundo do samba, e que tem enorme poder de decisão na confecção dos desfiles, embora muito contestado pelos componentes mais antigos.

A ideia teria se concretizado a partir da sugestão de Laíla para a construção do altar que hoje existe na área do estacionamento onde está colocada uma grande imagem de São Jorge. Ela tem aproximadamente seis metros de altura, e foi confeccionada originalmente como escultura para composição de um carro alegórico. Depois de todo um trabalho de restauração, e lavados em consideração os preceitos condizentes com a religiosidade afro-brasileira, a imagem passou a representar o protetor da Beija-Flor de Nilópolis na quadra, embora já existisse uma imagem mais modesta na entrada ao lado da bilheteria.



Pequena imagem de São Jorge na parede de frente para a escadaria da quadra



Imagem grande de São Jorge no estacionamento da quadra nova

De início, a missa era celebrada no estacionamento, diante da grande imagem, porém, a partir de 2006, passou a acontecer definitivamente na parte coberta da quadra, somente com a Bênção Final do padre concedida do altar ao pé da imagem, sempre em companhia dos principais membros da família Abraão David. Configura-se, portanto, uma ocasião-chave em razão de ser o primeiro encontro público dos membros da *família Beija-Flor* após o Carnaval, assumindo a função concreta de agregar os componentes para o início do novo ciclo carnavalesco e, de modo especial, mostrar que mesmo uma possível derrota não pode ser motivo para lamentações, mas, razão ainda mais forte para celebrar a unidade da escola.

Existe um aparato de comunicação que se encarrega anualmente de fazer toda cobertura deste evento, assim como dos outros que compõem o calendário festivo da escola de samba, trata-se dos seguintes jornais: *A voz dos municípios fluminenses*, que pública

oficialmente as portarias do município de Nilópolis desde 1958; e *O Beija-Flor*, “veículo oficial” da agremiação carnavalesca, com suas publicações mensais acontecendo desde 2004, sendo que houve uma interrupção entre meados de 2008 e junho de 2009.

Inicialmente, quem fazia celebração era o Frei Luiz, da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, localizada próximo à estação de Nilópolis. Depois, passou a ser feita pelo emblemático Frei Geraldo Magela, que sempre manifestou uma identificação forte com a escola de samba, por ser mais “liberal”. O jornal *O Beija-Flor* de 2006 trouxe uma entrevista com o padre, visto pelos editores como sendo “moderno e antenado”. O religioso manifestava muita indignação diante da recente chacina de trinta pessoas na Baixada Fluminense, aproveitando o momento para explicar como que a imagem do Santo Guerreiro matando o dragão tornava-se uma representação muito forte na vida do povo da Baixada, associava o mal combatido pelo santo com a chacina. Segundo ele, a fé não resolveria os problemas, mas daria coragem e força para a luta cotidiana das pessoas. Na homilia que desenvolveu na missa daquele ano, o padre teria colocado explicitamente a necessidade de se abominar a violência e repudiar-se a impunidade para que a justiça possa prevalecer.

Contudo, o mais relevante na figura deste padre seria realmente sua identificação com a escola de samba, já que desde sua infância em Queimados, município da Baixada, nutria enorme gosto pelo Carnaval, tanto que chegou a desfilar pela escola no ano de 2000. Para ele, não haveria problema religioso com o Carnaval:

...vejo o carnaval como uma expressão genuína do povo, que deve ser valorizada. Não vejo pecado algum no carnaval. Claro que existem exageros como existe em qualquer outra manifestação. Mas é bonito demais. É ali que o povo extravasa toda sua angústia e tristeza, guardada e sufocada durante todo o ano. O carnaval para mim não é uma festa profana, mas sim uma festa popular. E enquanto não me calarem a voz, eu vou estar presente no carnaval.²⁰¹

A identificação com a escola fica reafirmada no encerramento da entrevista, quando diz que se sente “parte desta casa”, ou seja, parte da *família Beija-Flor*. A valorização do discurso do padre revela uma clara tentativa de aproximação da *família Beija-Flor* com a Igreja Católica, relação por muito tempo conflituosa, em função da postura artística de Joãozinho Trinta. Basta lembrar a polêmica do carnaval de 1989, quando a escultura do “Cristo Mendigo” entrou na avenida coberta por um plástico preto e com a faixa dizendo: “Mesmo proibido, olhai por nós”.

²⁰¹ O Beija-Flor. Nº 18. Ano 3. p. 8

Os preparativos do evento vinham sendo conduzidos nos últimos anos pelo então Secretário de Cultura do Município, logicamente, uma pessoa que possui fortes vínculos na estrutura de poder local. A sua trajetória na agremiação carnavalesca lhe conferiu prestígio suficiente para que assumisse o cargo na última gestão do Prefeito Farid Abraão (2004-2008). Tal incumbência aconteceu de forma estratégica, tendo em vista que se trata de alguém bastante experiente na promoção de atividades comunitárias, como festas de rua e academias de danças, e logicamente na produção de outros eventos no município, como shows. Além disso, teve um passado ativo na Igreja Católica atuando em grupos jovens, chegando inclusive a ser seminarista. Provavelmente, esse deve ser o traço diferencial de sua trajetória que lhe qualifica para tomar frente nas articulações necessárias à organização da Missa de São Jorge. Era o próprio ex-Secretário quem convidava a equipe responsável pela parte litúrgica da celebração, que assume contornos de uma típica celebração da Renovação Carismática Católica – caracteriza-se assim basicamente pelos cânticos, pela dinâmica interativa baseada em coreografias e pelo longo tempo de culto –, em sintonia com os Grupos de Oração da RCC.

Uma breve reflexão sobre o conjunto das igrejas católicas do município revela que o poder familiar tradicionalmente exerceu mais influência nas Paróquias de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião do que na Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. As irmãs de Anísio e as irmãs do deputado Simão Sessim sempre foram atuantes na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, certamente por uma questão de proximidade em relação às suas residências e pelo fato de estar localizada no lado da cidade de ocupação mais antiga. Isto fica patente quando observamos que os padres convidados para fazerem a celebração costumam ser originários de uma dessas duas paróquias.

E presença das autoridades municipais no evento, além de todo gerenciamento do Secretário de Cultura, garante naturalmente o suporte da máquina municipal, com disponibilidade de uma ambulância e muitos agentes da Guarda Municipal. Trata-se de um evento religioso, de ordem pública, que foi incorporado ao universo da Beija-Flor.

Tendo início o ritual, o referido Secretário assume a função de comentarista da celebração, reafirmando que se trata de um dia especial no qual se torna importante o comparecimento da “comunidade”. Transmite os informes necessários, dando as boas vindas aos presentes em nome de toda Diretoria da Beija-Flor de Nilópolis e, especialmente, em nome do “seu” Anísio, destacando sua presença na celebração. Aqui temos o ponto central para o argumento sustentado descrição analítica da Missa que acompanhei no ano de 2009.

Sempre ocorre a distribuição de algum tipo de “brinde” relacionado ao Santo Guerreiro. Podem ser panfletos com a Oração de São Jorge, camisas contendo sua imagem estampada, ou então, rosas artificiais vermelhas. Anísio geralmente “entra em cena” ajudando na distribuição, entregando os “brindes” de mão em mão, conforme vai cumprimentando as pessoas com abraços, apertos de mão ou beijos, acenando para os que estão mais afastados, e às vezes indo ao encontro de pessoas que desejam cumprimentá-lo pessoalmente, mas que não podem se locomover até ele por razão de saúde. Perto de ser concluída a distribuição, o comentarista começa a chamar os “escolhidos” para tomarem assento nas cadeiras dispostas no lado direito do palco – para quem está assistindo –, e são eles os principais membros das famílias Abraão David e Sessim, algumas autoridades municipais e representantes de cada um dos segmentos da escola de samba, basicamente diretores e presidentes de alas não comerciais (Comunidade, Baianas, Compositores e Velha Guarda).

Embora a celebração seja longa, todos no altar permanecem até o final. Os momentos mais significativos, no entanto, são o Ofertório, quando o Mestre-sala e a Porta-bandeira conduzem ao altar o pavilhão da Beija-Flor, e a Leitura das Preces, ocasião para os agradecimentos e pedidos em nome da *família Beija-Flor*.

De acordo com a liturgia do catolicismo, os elementos essenciais do Ofertório são pão e vinho, que depois de consagrados devem ser considerados, de acordo com a crença, o próprio Corpo e o Sangue de Cristo. São sempre os primeiros elementos a entrarem na procissão das ofertas e, geralmente, quem os leva ao altar são pessoas da família Abraão David, como já aconteceu com o próprio Anísio e uma de suas irmãs. Na verdade, são ofertados símbolos centrais da religião em si e da escola de samba, aqueles que podem sintetizar toda tradição de ambas. Nas Preces são feitos explicitamente pedidos para que a “família se mantenha unida”, e que “seu líder tenha saúde e luz para continuar à frente de seus seguidores”.

Em decorrência das acusações contra Anísio Abraão pelo crime de sonegação fiscal que aconteceram em dezembro de 2008, os pedidos na celebração do ano de 2009 ficaram muito centrados em sua figura. O texto preparado para as Preces expunha o questionamento sobre o fato de um homem que teria conseguido construir um “Império”, sem nunca esquecer de compartilhar sua riqueza com aqueles que precisam, ter sido “humilhado” e “irridicularizado” em meio a um processo “injustificável”. Importa saber que este ponto de vista é compartilhado por muitas pessoas em Nilópolis. E foram distribuídas inúmeras camisas em homenagem a São Jorge que traziam nas costas a oração do santo, e acima “Apoio – Anísio 2009”.



Celebração de São Jorge na quadra da Beija-Flor. Momento de saudação à imagem trazida da Igreja em procissão da Igreja de São Sebastião (23 de março de 2010)



Fiéis tocando a imagem e pegando as flores abençoadas



Anísio no momento do toque do soldado do Corpo de Bombeiros

Antes da Bênção Final, abre-se um momento para que o comentarista de celebração faça uma série de agradecimentos à “comunidade”, às pessoas que contribuíram na preparação da missa, e então conceda a palavra às principais autoridades presentes, como Prefeito e deputados da família. Por fim, quem fala é o próprio Anísio, “expressando sua firme convicção e gratidão pelo tipo de relação estabelecida com o povo de Nilópolis”. Ele agradece pela presença de todos, pelas orações em seu nome e de seus familiares, pela amizade, pela confiança nos políticos de sua família, enfim, pela amizade do povo, numa “demonstração de humildade”. No ano de 2009, um elemento de sua fala serviu como justificativa para a origem de toda sua devoção ao Santo Guerreiro, Anísio lembrou que o primeiro estabelecimento comercial de seu pai, um armarinho, foi inaugurado com o nome “Armarinho São Jorge”. Seria a prova de uma devoção antiga, de base realmente familiar.

Com a Bênção Final, concedida pelo padre do altar embaixo da grande imagem de São Jorge, seguem para lá os membros mais ilustres da *família Beija-Flor*: Anísio, seu irmão Farid e também o Deputado Federal Simão Sessim. A imagem do santo é abençoada, o padre faz os votos para que todos sigam em paz e, depois disso, as pessoas têm permissão para se aproximar e acenderem suas velas. Este ato geralmente é praticado também por Anísio, e quando termina, sua saída é bastante demorada, existe sempre um grande número de pessoas que desejam cumprimentá-lo com abraços, apertos de mão, beijos, numa reação “espontânea” em agradecimento a sua atitude de promover uma festa considerada tão bonita e emocionante.



Bênção Final do padre Edmilson junto com as lideranças das famílias Sessim e Abraão – Prefeito Sérgio Sessim, deputado federal Simão Sessim, ex-prefeito Farid Abraão, vereador Abrão Neto, Anísio e o ex-deputado Ricardo Abraão (março de 2010)

Após essa comemoração é que se inicia realmente o ciclo carnavalesco. Aproximadamente um mês depois, anuncia-se o tema para o próximo carnaval, e então a comissão de carnavalescos se lança num trabalho intenso de pesquisa para desenvolver o enredo, estruturado em setores compostos pelas alas. Com isso, são elaborados os desenhos de carros alegóricos e fantasias para serem apresentados na festa de lançamento dos protótipos, ou seja, uma espécie de desfile em que são apresentados os modelos de cada uma das fantasias a serem entregues aos presidentes das alas, isto por volta de agosto / setembro, quando já está em curso o processo para seleção do samba-enredo.

No mês de setembro é que temos a segunda data que compõe o calendário festivo da Beija-Flor de Nilópolis, o dia 27, dia de São Cosme e São Damião.

De acordo com Maria Lúcia Montes, na tradição católica original Cosme e Damião eram poderosos como curadores, médicos e taumaturgos da Antiguidade, que morreram como mártires. Eles foram objeto de grande devoção no catolicismo do Brasil colonial, sendo cultuados na instituição que mantinha a Santa Casa de Misericórdia, único hospital destinado aos pobres. E também são celebrados na festa dos erês, espíritos infantis que, na fase de iniciação dos adeptos do candomblé incorporam os filhos de santo para que aprendam os segredos dos ritos (diz-se que apreendem em “estado de erê”) e no final de algum rito mais “pesado” ou festa para entidade “perigosa” (como Obaluaiê, dono da peste, Nanã e Oxumaré, ligadas à morte) podem incorporar em todos os filhos de santo da casa para “limpar” as pessoas e o ambiente. Na Bahia, a celebração de Cosme e Damião é com o chamado caruru, comida de Xangô, porque os gêmeos são assimilados aos Ibejis, filhos do orixá da justiça, que precisa sempre dos dois pratos da balança para pensar o Bem e o Mal e ser de fato justiça. Na tradição do sudeste, mais banto e menos iorubá que na Bahia, a festa é mesmo para as crianças, com doces e bolos e farta distribuição de balas e brinquedos entre elas. Mesmo fora das festas dos terreiros, as pessoas costumam dar doces e brinquedos para as crianças no dia 27 de setembro, em suas casas ou quando as encontram nas ruas.²⁰²

A festa promovida por Anísio é famosa entre os moradores de Nilópolis, sendo considerada um evento “tradicional”. Por volta de 1970, ele teria tomado parte no costume da distribuição de doces, brinquedos e materiais escolares em sua mansão, localizada na rua Mena Barreto, em Nilópolis²⁰³. Isto tem relação com sua devoção religiosa pela umbanda, algo que antigos moradores atribuem à influência da ex-esposa Eliane Müller. A festa foi

²⁰² Informações concedidas por correio eletrônico ao autor, em junho de 2009.

²⁰³ A mansão ainda existe, sendo uma propriedade da família. Durante os dois mandatos do Prefeito Farid Abraão (2000-2004 e 2004-2008), foi sua residência oficial.

transferida para a grande quadra da Beija-Flor depois que Anísio passou a residir em Copacabana, por conta da separação do casal.

Analisando os contornos rituais da festa, deve-se levar em consideração que sempre atraiu uma multidão de pessoas, não assumindo, por assim dizer, a forma de uma mera distribuição de doces e brindes aos necessitados do lugar. A realização a partir de um espaço definido – a casa de Anísio – reforçava, sobretudo, o seu *status* de “promotor” da comemoração, e afirmava também uma distinção diante de tantas outras iniciativas por conta da dimensão pública da festa de São Cosme e São Damião.

Como afirmou uma antiga componente da escola de samba: “a festa sempre foi uma coisa do Anísio”. Os outros irmãos nunca estiveram associados a ela, nem mesmo o carismático Néelson Abraão. O ex-prefeito Farid demonstraria até mesmo uma postura completamente avessa ao espírito da festividade, visto que quando está presente sempre o faz de forma rápida, cumprimentando as pessoas muito formalmente, e logo se retirando.

De acordo com a entrevista da referida componente, o momento de maior agitação da festa marcava-se pela hora em que Anísio começava a jogar dinheiro de sua casa para que as pessoas disputassem “no avanço”, pelo meio da rua. “Era um empurra daqui, um empurra de lá”. O fato por si só seria motivo de diversão, pois mesmo se a pessoa não quisesse entrar na “briga”, poderia acompanhar toda a cena e dar boas gargalhadas ao ver os demais entrarem num jogo tão brusco e, ao mesmo tempo, muito estimulante.

Sabe-se que a tradição nos terreiros de umbanda também envolve o costume de se jogar dinheiro para as pessoas que vão buscar a distribuição de doces. Isto foi uma coisa incorporada à festa promovida por Anísio e, portanto, leva-nos a pensar que a chave explicativa para esse elemento diferencial só pode estar na importância simbólica que o dinheiro assume nessas circunstâncias. Semelhante ao que acontece na briga de galos estudada por Clifford Geertz, a “aposta” concorre justamente para o “aumento do significado do fato como um todo”²⁰⁴, quer dizer, o “desperdício” do dinheiro colabora ainda mais para chamar atenção do público para a ocasião da festa, no que entra verdadeiramente em jogo, a *honra*, a *confiança*, a *simpatia*, o *respeito*, a *dignidade*, ou seja, tudo aquilo que confere prestígio ao banqueiro do jogo do bicho.

Na realidade, o que se configura é uma possibilidade fantástica de acúmulo de capital simbólico através da transmutação de recursos materiais em bens simbólicos, algo que passou a se processar na proporção em que a festa veio crescendo, com a quantidade de doces e

²⁰⁴ Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 99, 200.

brinquedos distribuída para um número maior de pessoas. Atualmente, a festa realizada na quadra aciona uma ampla rede que não se restringe apenas aos componentes da escola de samba. Ocorre a distribuição antecipada de cartões em certos locais da cidade, mas a questão é que a entrega desses cartões, no sentido de organizar a distribuição dos doces e brindes, fica a cargo dos representantes das alas e de outras lideranças da escola, assim, o vínculo pessoal se torna um fator fundamental na decisão de quem vai ganhar ou não o convite para a festa. Ela se dá durante um dia inteiro, com a presença de Anísio, podendo continuar no dia seguinte, como explica a antiga baiana Laura:

Ele chega às nove horas da manhã, só vai embora quando termina, cinco horas, cinco e meia da tarde. Se tiver muita gente, ele vai até cinco e meia. A partir desse horário, ele manda parar para saber a quantidade de cartões e ver se vai ter que continuar no dia seguinte. Mas ele fica ali, juntinho!

Consagrou-se, portanto, uma ocasião-chave na estruturação da aproximação significativa e personalizada entre Anísio e setores da comunidade local, algo que passa pelo fato dos doces serem entregues pessoalmente por ele durante todo o tempo da festividade, mas também pela questão de sua identificação com o universo afro-brasileiro, algo extremamente significativo em se tratando de uma família de origem libanesa.

Dois situações que me foram relatadas pela antiga baiana “dona” Maria mostram como que a abertura para esse universo sócio-cultural tende a ampliar o circuito de trocas generosas. Sendo ela mãe-de-santo de um centro umbandista na cidade, algo que revelou com certa reserva, apresenta-se como uma pessoa muito simpática às crianças, e por essa razão tem grande prazer em promover a festividade para elas em seu centro, fazendo também a tradicional distribuição de doces. Em sua fala, podemos perceber o quanto que a necessidade de redistribuição da riqueza se afirma enquanto princípio profundamente instituído no universo social em questão. Argumentando a partir de uma suposta doação de brinquedos feita por Anísio a uma campanha da Rede Globo, a senhora dizia o seguinte:

Anísio mandou dois ou três caminhões de brinquedos lá pra Globo, aí eu cheguei perto dele e disse: “Pôxa, Anísio! Eu tenho o centro lá e você não me ajuda em nada, isso é covardia!”. Aí ele começou a me mandar uns doces e tal... Mas eu perguntei a ele porque não mandava uns brinquedinhos para as crianças, se ele mandava pra Globo... Agora, soube que Farid mandou pra Globo um carro cheio. Vou perto dele agora quinta-feira dizer que estou precisando de uns brinquedos para as crianças... Ele já veio aqui no meu centro, eles têm que me ajudar. Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

Ora, caminhões carregados de brinquedos para a Globo, o exagero aponta para dois sentidos. Primeiro, para a questão do *status*, que é colocado em jogo ao envolver o reconhecimento do prestígio e da honra de Anísio, e por outro lado, algo que está diretamente vinculado à promoção da circulação da riqueza. No argumento da entrevistada, se uma pessoa dispõe de recursos para fazer uma doação à Rede Globo, teria obrigação de contribuir com instituições mais humildes no âmbito da localidade. Isto permite pensar no campo de possibilidades que se abre por meio da tradição festiva de São Cosme e São Damião, que passa a ser potencializada a partir da base social de uma agremiação carnavalesca como a Beija-Flor de Nilópolis.

A visita de Farid a que “dona” Maria se refere diz respeito a uma comemoração de Dia das Mães, quando o ex-Prefeito foi até a casa dela. Uma situação genuinamente política, mas que do ponto de vista dos próprios atores sociais não assume uma conotação de simples oportunismo, posto que resulta do estabelecimento de laços de amizade tecidos no decorrer de uma longa convivência no município de Nilópolis, quer dizer, são pessoas que “se conhecem”. Nas circunstâncias do encontro, portanto, o grau de proximidade autorizou a antiga componente a realizar o pedido de um presente para sua filha:

Ela gostaria de ter uma ala na Beija-Flor. Vejo todo mundo com ala. Aí eu fui e perguntei ao Farid se queria me dar um presente; era Dia das Mães. ‘O presente não é pra você me dar nem prata, nem ouro, nem brilhante. Não. O presente é pra você deixar minha filha botar uma ala’. E ele aprovou na hora. Ele assinou um papel, eu cortei o bolo com ele e logo ele me deu o papel pra ela chegar na secretaria e registrar. Foi o presente que ele me deu, meu filho de criação.

Veja-se o quanto que o princípio da troca de presentes requer uma linguagem a partir da qual as partes possam se entender. Certamente, se o pedido fosse realizado numa outra circunstância, num lugar fechado, sem a presença de público, talvez ficasse só na promessa. A obrigação moral que recaiu sobre o ex-Prefeito se deve à força da simbologia do Dia das Mães, e principalmente pelo tipo de vínculo que tem com a referida senhora, que trabalhou como doméstica e sua casa, e por essa razão considera carinhosamente o ex-Prefeito como seu “filho de criação”.

Em relação à Festa de Natal promovida por Anísio na quadra da Beija-Flor, realizada aproximadamente uma semana antes do dia 25, podemos afirmar que cumpre o mesmo papel de promover sua aproximação com a comunidade local. E sendo assim, a distribuição de presentes está ligada ao processo de transmutação de recursos econômicos em bens simbólicos que permite a ele fazer continuamente o acúmulo de capital desta ordem. Seria

preciso uma etnografia mais completa dessa festividade, no entanto, vamos aqui destacar apenas um ponto importante. A festa também envolve a dimensão lúdica, porque nela são realizados sorteios de eletrodomésticos que potencializam ainda mais o evento, além de estar em sintonia com o sistema do próprio jogo do bicho. Assume importância também a participação do filho mais novo de Anísio, o que fortalece a associação da ideia de “família” com a festividade.

Conclusão

A argumentação do trabalho foi construída a partir da formulação de duas hipóteses principais. A primeira delas considerava que a montagem do esquema de poder das famílias Abraão e Sessim em Nilópolis teve como fator importante a reestruturação promovida pela ditadura no poder local da Baixada Fluminense. E diante de informações que indicavam as articulações entre políticos e agentes do jogo do bicho como traço particular do esquema, uma segunda hipótese surgiu baseada na ideia de que a eleição de Néelson Abraão David para presidente administrativo da Beija-Flor, em 1972, deu início à transformação da escola de samba num espaço de mediação entre o jogo do bicho e a ordem político-institucional.

Analisando relatos de entrevistas realizadas com moradores que acompanharam a mudança no quadro político da cidade, e também examinando fontes documentais e jornalísticas sob a luz da pequena bibliografia existente sobre tema, foi possível demonstrar como a interferência militar de fato favoreceu as lideranças das duas famílias. Em primeiro lugar, houve uma diminuição da concorrência na disputa pelo eleitorado local em função da perseguição aos opositores do regime, e assim, aqueles que haviam se aliado à ditadura encontraram facilidades para ter sua ascensão política e, conseqüentemente, a conquista de *acessos* no sentido de influência sobre órgãos da administração pública e agências fiscalizadoras da lei. Por essa razão, as conexões do banqueiro do jogo do bicho Anísio Abraão com parentes pertencentes ao partido da situação trouxeram garantias fundamentais para o fortalecimento do sistema de proteção policial de sua organização, e daí surgiram condições para que assumisse o controle do jogo na Baixada Fluminense.

Na medida em que a contravenção se tornava central para sustentação do esquema, surgia, porém, a necessidade de lidar com um elemento complicador. O perfil governista dos políticos ligados aos dois ramos do poder familiar não conferia, por si só, legitimidade às relações informais que eles estabeleciam com a organização chefiada por Anísio.

A relação entre jogo do bicho e escola de samba passa a fazer parte do esquema local por conta dessa problemática. Contudo, isso não se reduz a uma conspiração envolvendo unilateralmente as decisões dos membros do círculo de poder, pois como apontam as entrevistas dos antigos componentes a patronagem do jogo do bicho se instituiu a partir de uma série de mediações estabelecidas pelos contraventores com antigas lideranças da escola, o que vai além da simples ideia do suporte financeiro concedido com a intenção consciente de dar legitimidade a atividades ilícitas e assegurar uma estratégia de manipulação capaz de retirar das mãos dos sambistas a direção de sua agremiação.

O envolvimento com a escola de samba não teria sido tão bem sucedido se não fossem os contraventores indivíduos adaptados ao padrão de sociabilidade que determinava as normas de convivência naquele universo social. Anísio e Néelson eram especialmente reconhecidos pelo seu pertencimento à localidade e, além disso, a motivação para suas práticas generosas passou a ser interpretada entre os próprios atores sociais não só como uma imposição social decorrente da exploração de atividades ilícitas, mas também como herança de uma tradição familiar de *ajuda ao próximo*, somada ao gosto pelo samba.

Embora os relatos nesse sentido apresentem o caráter ambíguo típico da lógica do *dom*, a concepção do poder pessoal dos contraventores não aparece como pura expressão da marginalidade, até porque a própria atividade do jogo do bicho seria vista como respeitável em relação a outras atividades ilegais, como por exemplo, o roubo e o tráfico de drogas.

Abordar a relação entre contraventores e setores da população em sua área de atuação pela lógica do *dom* foi o caminho para a validação da segunda hipótese do trabalho. Contudo, a ideia de que a escola de samba serviu para ampliar as possibilidades de trocas no sistema de poder montado pelas famílias precisou ser demonstrada com base numa investigação acerca da dinâmica social nos dois tipos de organizações, considerando o modo como ambas estruturam redes específicas. Nesse sentido, a perspectiva etnográfica foi decisiva para apontar como a noção de *rede* deveria ser empregada em cada contexto.

A análise seguiu uma certa ordem de complexidade na aplicação da noção de rede, começando pela descrição do padrão de sociabilidade que prevalecia na convivência dos moradores de Nilópolis entre os anos 50 e 70 nos termos da noção de *pedaço*, segundo a definição do antropólogo José Guilherme Magnani. Isso serviu de base para a explicação do modo como a Escola de Samba Beija-Flor se formou em meio a uma *rede de lazer* que envolvia várias opções de recreação organizadas na localidade em função de laços de parentesco, vizinhança e procedência. E justamente por serem indivíduos que estavam inseridos no lugar foi que os banqueiros do jogo do bicho tiveram uma bem sucedida aproximação com a escola de samba, como ressaltamos há pouco. É preciso assinalar, no entanto, o fato de que a rede do jogo do bicho tem uma natureza específica, e que na sua estruturação os laços de parentesco foram centrais em razão da impossibilidade do estabelecimento de relações contratuais formais entre os membros da organização.

A escola de samba, por sua vez, tem a dinâmica de funcionamento determinada pela lógica ritual do processo de confecção do desfile carnavalesco, em função disso são organizadas redes sociais entre seus dois centros espaciais: a quadra e o barracão. A partir do momento em que a patronagem do jogo do bicho viabilizou a mudança no padrão de

confeção dos desfiles da Beija-Flor, em meados dos anos 70, os banqueiros do bicho tiveram a chance de aumentar consideravelmente sua influência social. Mostramos que esse processo se desdobrou em duas perspectivas: através de Néelson Abraão eram feitas as mediações “para dentro da escola”; através de Anísio eram feitas as mediações “para fora”.

No caso de Anísio, podemos afirmar que foi mais bem sucedido do que o irmão em relação a sua integração à sociedade metropolitana enquanto banqueiro do jogo do bicho. O papel de mediador exercido pelo carnavalesco Joãosinho Trinta nesse processo não deve ser interpretado como o de um serviçal do presidente de honra da Beija-Flor encarregado de atrair com seu prestígio de artista pessoas da “sociedade” para fazerem parte da escola de samba. A aceitação social do banqueiro do bicho fora do universo da escola tem a ver justamente com o fato do enredo de cada carnaval – e no caso da Beija-Flor nos tempos de Joãosinho os temas costumavam se escolhidos por ele – ser o vetor do sistema de trocas que está na base da produção do desfile carnavalesco. Anualmente, fortaleciam-se laços e se estabeleciam relações entre o presidente de honra da escola e pessoas de diversos setores da sociedade, e neste último caso de acordo com a confeção de um novo carnaval.

O papel de Anísio enquanto principal articulador do sistema de trocas que mantém a estrutura de poder familiar em Nilópolis é o que assegura sua liderança. Trata-se de um personagem que lida com recursos econômicos e bens simbólicos atuando em atividades legais e ilegais as quais podem envolver, dependendo das circunstâncias, pessoas da classe baixa e da classe alta. Anísio é alguém capaz de “jogar em diversos campos” sabendo conciliar regras da economia dos bens simbólicos com regras da economia do lucro. Dessa forma, tanto a organização carnavalesca quanto o braço político da contravenção, composto por representantes dos Sessim e dos Abraão, estão atrelados ao poder pessoal do banqueiro do bicho e presidente de honra da escola de samba Beija-Flor.

Em relação às *redes de acessos* constituídas pelos políticos diretamente ligados ao esquema de poder das famílias, procuramos ressaltar no trabalho como que tais recursos estão à disposição do banqueiro do jogo do bicho Anísio Abraão e, assim, podem ser utilizados para o atendimento de demandas de componentes da escola de samba. Essa é uma das razões básicas para que a agremiação funcione efetivamente como um instrumento eleitoral, pois seria um equívoco acreditar que apenas comandar a diretoria sem concessão de nenhum benefício material para elementos-chave da organização carnavalesca seria suficiente para explorar seu potencial eleitoral, como se fosse um “curral” nos moldes da estrutura clientelista da Primeira República. Embora essa reflexão tenha sido suficiente para reforçar nossa última hipótese de trabalho, seria interessante numa outra oportunidade aprofundarmos a relação

direta dos referidos políticos com seu eleitorado e a formação de suas assessorias e estratégias de articulação para obtenção de aliados na política local.

Quanto a contribuições específicas acerca da história da organização carnavalesca, o estudo traz uma reconstituição de suas origens como bloco e mostra que, ao contrário do que se tende a pensar numa primeira aproximação com a Beija-Flor de Nilópolis, ela tem um rico passado anterior ao controle de sua diretoria pelos membros da família Abraão David ligados ao jogo do bicho, despontava já nos anos 50 e 60 como uma das principais opções na rede de lazer local, e contava com lideranças do próprio meio do samba.

Em relação à polêmica questão dos enredos de exaltação da ditadura apresentados nos três primeiros anos da presidência de Néelson Abraão, vimos que seria simples demais reduzi-la a uma mera troca de favores entre as lideranças da Beija-Flor e o governo. Entendemos que se tratou de uma estratégia política, não resta dúvida, mas que não pode ser pensada de forma tão mecânica. Isso se comprova logo num primeiro exame das fontes orais obtidas no âmbito da pesquisa, pois se a escola de samba foi beneficiada pelo caráter propagandista dos referidos enredos, ela também teve que conviver a partir dali com o peso do estigma de escola de samba “apologista da ditadura”. E a partir disso foi que tivemos a oportunidade de reconsiderar alguns posicionamentos críticos acerca do processo de criação do carnavalesco Joãozinho Trinta e da forma como passou a coordenar a equipe que promoveu a mudança radical no tratamento plástico-visual dos desfiles da Beija-Flor.

Entre muitas interpretações que podem ser feitas acerca da concepção artística do carnavalesco, não se deve deixar de reconhecer que a Beija-Flor adquiriu uma nova imagem a partir de Joãozinho. Embora ele tenha alegado por inúmeras vezes ter sido vítima do estigma de escola de samba do regime militar que permanecia associado à Beija-Flor, o fato é que a estética baseada na impressão de “luxo” e “grandiosidade” que passou a ser a marca dos carnavais da escola foi abraçada pelos componentes e fez com que a agremiação carnavalesca se tornasse motivo de orgulho para os moradores da cidade de Nilópolis.

Fontes

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

Fundo Polícias Políticas. Setor: Secreto; pasta 156; folhas 437 a 458. “Jogo do bicho e tráfico de tóxicos em Nilópolis (1976)”

Fontes orais

- 1 - Machado, compositor; nunca fez parte da Beija-Flor. Entrevista realizada em 15/01/07.
- 2 - Getúlio, compositor da Beija-Flor. Entrevista realizada em 27/05/05.
- 3 - Lorde, ex-ritmista da Beija-Flor. Entrevista realizada em 28/05/05.
- 4 - Ezequiel, ex-componentes. Entrevista realizada em 29/06/05.
- 5 - Carvalho, ex-diretor. Entrevista realizada em 30/06/05.
- 6 - Josiel, compositor. Entrevista realizada entre os dias 10, 12 e 17/08/05.
- 7 - Afílton, compositor. Entrevista realizada em 20/08/05.
- 8 - Cícero, antigo morador de Nilópolis e ex-diretor da Beija-Flor. Entrevista realizada 14/09/05.
- 9 - Laura, antiga baiana. Entrevista e adrecista do barracão. Entrevista realizada em 19/09/05.
- 10 - Norma, antiga porta-bandeira. Entrevista realizada com a participação do compositor Josiel no dia 19/09/05.
- 11 - Germano, compositor. Entrevista realizada em 20/09/05.
- 12 - Valquíria, antiga baiana. Entrevista realizada no dia 13/10/05.
- 13 - Maria, antiga baiana. Entrevista realizada em 15/10/05.
- 14 - Marcão, compositor. Entrevista realizada em 16/10/05.
- 15 - Clemente, ex-artesão do barracão. Entrevista realizada em 15/09/06.
- 16 - Roberto, artista da equipe de Joãosinho. Entrevista realizada em três etapas ao longo de fevereiro e março de 2007.
- 17 - Miranda, antigo morador de Nilópolis. Entrevista realizada em 19/01/09.

18 - Emad e Marisa, descendente libanês e esposa “brasileira” moradores de Nilópolis. Entrevista realizada em 27/04/09.

19 - Pedro, antigo morador de Nilópolis e militante da esquerda. Entrevista realizada em 20/09/09.

Periódicos

NILÓPOLIS afasta prefeito Cardoso. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 fev. 1970.

Manchete, fev. 1981.

ANÍSIO confirma: houve o almoço com policiais antes do seqüestro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1981. Grande Rio.

MEDO é a marca e estilo de fazer política. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1989. Brasil.

CASO MISAQUE-JATOBÁ será reaberto. *O Dia*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1991.

PLAYBOY entrevista Joãozinho Trinta. *Playboy*. São Paulo: Editora Abril, Ano XXIII, nº 271, p. 29-45, fevereiro, 1998.

OTÁVIO, Chico. ENREDO de jogo e política. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 abr. 2010. O país.

Documentos oficiais e materiais de imprensa da Beija-Flor

Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil. Carnaval de 1975. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Luna, 1975.

G.R.E.S. Beija-Flor apresenta “O gigante em berço esplêndido”. Carnaval de 1984 de João Jorge Trinta. Rio de Janeiro: Rio Set Gráfica, 1984.

Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor. *Estatuto de 06 de maio de 1979*.

Revista Beija-Flor – uma escola de vida. (Edições: fevereiro de 2004, janeiro de 2005, fevereiro de 2006, fevereiro de 2007)

O Beija-Flor. Nº 7. Ano 2.

O Beija-Flor. Nº 18. Ano 3.

Internet

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Simão Sessim – PP / RJ*. (biografia, mandatos eletivos, filiações partidárias, atividades partidárias, atividades profissionais e cargos públicos, estudos e graus universitários, atividades parlamentares, condecorações, obras publicadas, missões oficiais. Documento produzido em 17/11/2009.

Disponível em: <http://www.camara.gov.br>.

Acesso em: 15 de junho de 2010.

NÚCLEO DE MEMÓRIA POLÍTICA CARIOCA E FLUMINENSE. *Gilberto Rodrigues*.

Disponível em: http://www.alerj.rj.gov.br/memoria/historia/prealerj/gilberto_rodrigues.html

Acesso em 15 de junho de 2010.

SITE OFICIAL DO G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS. *Colocações*.

Disponível em: <http://beijaflor.com.br/2010/por/index.html>

Acesso em 20 de junho de 2010.

Site APOTEOSE.COM – o point do samba na net: *Menu principal. Outros carnavais*.

Disponível em: <http://www.apoteose.com/>

Acesso em 20 de junho de 2010.

Bibliografia

- Abreu**, Alzira A. de *et alii*. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*, 2^a ed. rever. e trad. v. II, Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- Alves**, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias-RJ: APPH,CLIO, 2003.
- Alvito**, Marcos. *As cores de Acari – Uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- Araújo**, Hiram. *Carnaval – Seis milênios de História*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 2000.
- Araújo**, Raimundo. *Figuras e fatos de Nilópolis*. Rio de Janeiro: Revista Continente Editora, 1964.
- Augras**, Monique. *O Brasil do Samba-enredo*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- Bakhtin**, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. 5^a edição. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.
- Beloch**, Israel. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o Povo da Baixada*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- Blass**, Leila Maria da Silva. *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do Carnaval*. São Paulo: Annablume, 2007.
- Bosi**, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3^a ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- Bourdieu**, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____, Pierre. “Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom”. In: *Mana* 2(2): 7-20, 1996.
- _____. *Raisons pratiques – sur la théorie de l’action*. Trad. Marcos Alvito. Paris: Seuil, 1994.
- Brasil Nunca Mais**. 14^a edição. Petrópolis, Vozes, 1986.
- Cabral**, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- Cardoso**, Ciro Flamarion S. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- _____ & **Vainfas**, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- Cavalcanti**, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.
- Costa**, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.
- Chinelli**, Filipina. & **Silva**, Luiz Antônio Machado da. “O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho”. *Revista do Rio de Janeiro*, 1 (1), 1993: 42-52.
- Diniz**, Eli. *Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Da Matta**, Roberto e **Soárez**, Helena. *Águias, burros e borboletas – um estudo antropológico sobre o jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- Ferreira**, Maria Lúcia do Pazo. *O Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis: sob a direção artística do carnavalesco João Jorge Trinta*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.
- Ferreira**, Marieta de Moraes e **Amado**, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- Fico**, Carlos. *Como eles agiam*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- Freitas**, Valter. *Famílias ilustres nilopolitanas*. s.d. 2000
- Freixo**, Adriano de e **Munteal Filho**, Oswaldo (org.). *A ditadura em debate: estado e sociedade nos anos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- Gáspari**, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Gattaz**, André Castanheira. “Líbano uno e diverso: as múltiplas identidades entre imigrantes libaneses no Brasil”. In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, vol 10, n.1, Rio de Janeiro, jan-dez, 2006: 43-61
- Geertz**, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- Ginzburg**, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Goldwasser**, Maria Júlia. *O Palácio do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

- Gomes, Ângela de Castro.** *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, FGV: 2005.
- Gomes, Fábio e Villares, Stella.** *O Brasil é um luxo: trinta carnavais de Joãozinho Trinta*. São Paulo: CBPC – Centro Brasileiro de Produção Cultural: Axis Produções e Comunicação, 2008.
- Hobsbawm, Eric & Ranger, Terence (Orgs) .** *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Kuschnir, Karina.** *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- Leopoldi, José Sávio.** *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- London, Esther.** *Vivência judaica em Nilópolis*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.
- Magalhães, Felipe Santos.** *Ganhou leva... Do vale o impresso ao vale o escrito. Uma história social do jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890 – 1960)*. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- Magnani, José Guilherme Cantor.** “De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, nº 49, São Paulo, junho de 2002: 11-29.
- _____. *Umbanda*. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- _____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª. Ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.
- Maia, Rosemere Santos.** *Franjas do Estado: assistência nas escolas de samba do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1993.
- Martin-Barbero, Jesús.** *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003.
- Malinowski, Bronislaw.** *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Os pensadores)
- Mauss, Marcel.** “Ensaio sobre a dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naif: 2003.
- Mello, Marcelo Pereira de.** *Olha a Beija-Flor aí gente! : comunicação e cultura na reinvenção do carnaval carioca*. Dissertação (Comunicação, Imagem e Informação) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2002.
- Memorial nilopolitano**, tomo I [concepção, organização e pesquisa, Marcus Antônio Monteiro Nogueira; pesquisa auxiliar Sérgio Linhares Miguel de Souza; textos Ernesto

Cardoso, Marcos Antonio Monteiro Nogueira]. Nilópolis, RJ: Prefeitura Municipal, 2009.

Mendonça, Sônia Regina R. & Fontes, Virgínia M. *História do Brasil recente*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1994.

Menezes, Ulpiano T. Bezerra de. “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais.” In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, nº 34, 1992: 9-24.

Montes, Maria Lúcia Aparecida. “O erudito e o popular, ou as escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa”. In: *Revista USP*, 32 (1996-1997): 6-25.

_____. *Oficinas do Sonho: a Beija-Flor Vista do Barracão* (curadoria e catálogo da exposição). São Paulo, MAC/USP, 1993.

Pollak, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989: 3-15.

_____. “Memória e identidade social” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, 1992: 200-212.

Portelli, Alessandro. “A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais” In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 2, dez. 1996:59-72.

Prandi, Reginaldo. *Herdeiras do Axé – sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Reis, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Sahlins, Marshal. “On the sociology of primitive exchange” In: **Banton**, Michael (ed.), *The Relevance of Models for Social Antropology*. London, Tavistock Publications: 1965.

Sodré, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

Soihet, Rachel. *A subversão pelo riso. O carnaval da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____; Bicalho, Maria Fernanda Baptista; Gouvêa, Maria de Fátima (orgs.). *Culturas políticas – ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. V.1

Torres, Gênesis (Org.). *Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política*. São João de Meriti, RJ: IPAHP Ed., 2004.

Thompson, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Trinta, Joãozinho. *Psicanálise Beija-Flor – Joãozinho Trinta e os Analistas do Colégio*. Rio de Janeiro, Aoutra / Taurus, 1991.

Vianna, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / UFRJ, 1995.

Zaluar, Alba e **Alvito**, Marcos (orgs.) *Um século de Favela*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

Whyte, William Foote. *Sociedade de esquina*. Trad. De Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Anexo 1 – Os carnavais do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis*

Ano	Grupo	Classificação	Enredo	Autor
1954	2	1º	O caçador de esmeraldas	Cabana
1955	1	6º	Páginas de ouro da nossa história	Nilo
1956	1	10º	O Gaúcho	Nilo
1957	1	7º	Riquezas áureas do Brasil	Augusto de Almeida
1958	1	7º	Tomada de Monte Castelo	Benedito dos Santos
1959	1	12º	Copa do Mundo	Augusto de Almeida
1960	1	9º	Regência Trina	Augusto de Almeida
1961	1	9º	Brasília	Josafá
1962	1	3º	Dia do fico	Josafá
1963	1	s/ class.	Peri e Ceci	Josafá
1964	2	s/ class.	Café, riqueza do Brasil	Cabana
1965	3	3º	Lei do Ventre Livre	Cabana
1966	3	4º	Fatos que culminaram com a independência do Brasil	Augusto de Almeida
1967	3	2º	A queda d monarquia	Augusto de Almeida
1968	2	9º	Exaltação a José de Alencar	Augusto de Almeida
1969	2	10º	O pacote do exílio	Cabana
1970	2	6º	Quatro séculos e glórias	Abílio
1971	2	6º	Carnaval – sublime ilusão	Abílio
1972	2	6º	Bahia dos meus amores	Abílio
1973	2	2º	Educação para o desenvolvimento	Manoel Antônio Barroso
1974	1	7º	Brasil: ano 2000	Manoel Antônio Barroso
1975	1	7º	O grande decênio	Manoel Antônio Barroso
1976	1	1º	Sonhar com rei, dá leão	Joãosinho Trinta
1977	1	1º	Vovó e o rei da Saturnália na corte egípciana	Joãosinho Trinta
1978	1	1º	A criação do mundo na tradição Nagô	Joãosinho Trinta

* Fontes: Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil. Carnaval de 1975. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Luna, 1975; SITE OFICIAL do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. <http://beija-flor.com.br/2010/por/index.html> Acesso em 20 de junho de 2010.

1979	1	2°	O paraíso da loucura	Joãosinho Trinta
1980	1	1°	O sol da meia-noite: uma viagem ao País das Maravilhas	Joãosinho Trinta
1981	1	2°	Carnaval do Brasil, a oitava da sete maravilhas do mundo	Joãosinho Trinta
1982	1	6°	O olho azul da serpente	Joãosinho Trinta
1983	1	1°	A grande constelação das estrelas negras	Joãosinho Trinta
1984	1	3°	Um gigante em berço esplêndido	Joãosinho Trinta
1985	1	2°	A Lapa de Adão e Eva	Joãosinho Trinta
1986	1	2°	O mundo é uma bola	Joãosinho Trinta
1987	1	4°	As mágicas luzes da ribalta	Joãosinho Trinta
1988	1	3°	Sou negro do Egito à liberdade	Joãosinho Trinta
1989	1	2°	Ratos e urubus, larguem minha fantasia	Joãosinho Trinta
1990	Especial	2°	Todo mundo nasceu nu	Joãosinho Trinta
1991	Especial	4°	Alice no Brasil das maravilhas	Joãosinho Trinta
1992	Especial	7°	Há um ponto de luz na imensidão	Joãosinho Trinta
1993	Especial	3°	Uni-duni-tê, a Beija-Flor escolheu você	Maria Augusta
1994	Especial	5°	Margaret Mee: a dama das bromélias	Milton Cunha
1995	Especial	3°	Bidu saião e o canto cristal	Milton Cunha
1996	Especial	3°	Aurora do povo brasileiro	Milton Cunha
1997	Especial	4°	A Beija-Flor é festa na Sapucaí	Milton Cunha
1998	Especial	2°	O mundo místico dos caruanas nas águas do patu-anu	Comissão de Carnaval
1999	Especial	2°	Araxá, lugar alto onde primeiro se avista o sol	Comissão de Carnaval
2000	Especial	2°	Brasil, um coração que pulsa forte. Pátria de todos ou terra de ninguém?	Comissão de Carnaval
2001	Especial	2°	A saga de Agotimê – Maria Mineira Naê	Comissão de Carnaval
2002	Especial	2°	O Brasil dá o ar da sua graça – Ícaro a Ruben Berta, o ímpeto de voar	Comissão de Carnaval
2003	Especial	1°	O povo conta a sua história: “Saco vazio não pára em pé” – A mão que faz a guerra faz a paz	Comissão de Carnaval
2004	Especial	1°	Manoa, Manaus, Amazônia, Terra Santa... Que alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz	Comissão de Carnaval
2005	Especial	1°	O vento corta as terras dos Pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Guarani. Sete	Comissão de Carnaval

			povos na fé e na dor... Sete missões de amor	
2006	Especial	5°	Poços de Caldas: derrama sobre a terra suas águas milagrosas	Comissão de Carnaval
2007	Especial	1°	Áfricas: do berço real à corte brasileira	Comissão de Carnaval
2008	Especial	1°	Macapaba Equinócio Solar, viagens fantásticas ao meio do mundo	Comissão de Carnaval
2009	Especial	2°	No chuveiro da alegria, quem banha o corpo lava a alma na folia!	Comissão de Carnaval
2010	Especial	3°	Brilhante ao sol do Novo Mundo, Brasília do sonho real à realidade, a Capital da Esperança	Comissão de Carnaval

Anexo 2 – Os compositores campeões*

Ano	Compositores
1954	Osório Lima
1955	Osório Lima
1956	Cabana
1957	Cabana
1958	Osório Lima
1959	Pardal
1960	Cabana
1961	Cabana
1962	Cabana
1963	Cabana
1964	Cabana
1965	Timbó (Nicanor de Oliveira)
1966	Timbó e Jair
1967	Anézio
1968	Anézio
1969	Ivancué
1970	Walter de Oliveira
1971	Walter de Oliveira e João Rosa
1972	Isaías Pereira, Sebastião, Adílson e Adelson
1973	César das Neves e Darven Valentin
1974	Walter de Oliveira e João Rosa
1975	Bira Quinho
1976	Neguinho da Beija-Flor
1977	Luciano e Savinho
1978	Mazinho, Gílson Castro e Neguinho da Beija-Flor
1979	Luciano, Savinho e Walter de Oliveira
1980	Zé do Maranhão, Wilson Bombeiro e Aluízio Santos
1981	Neguinho da Beija-Flor, Dicro e Picolé
1982	Wilson Bombeiro, Carlinhos Bagunça e Joel Menezes
1983	Neguinho da Beija-Flor e Nêgo
1984	Neguinho da Beija-Flor e Nêgo

* Fontes: Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor Acompanha com Ordem e Progresso o Desenvolvimento do Brasil. Carnaval de 1975. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Luna, 1975; Revista Beija-Flor – uma escola de vida. Edição de fevereiro de 2004; Site Apoteose.com – o point do samba na net: *Menu principal. Outros carnavais*. Disponível em: <http://www.apoteose.com/>. Acesso em 20 de junho de 2010.

1985	Zé do Cavaco, Carlinhos Bagunça, Carnaval, H. O. e Patrício
1986	Betinho e Canuto
1987	Mazinho e Gílson Castro
1988	Aluízio Santos, Ivancuê, Marcelo Guimarães e Claudinho Inspiração
1989	Betinho, Glyvaldo, Zé Maria, Osmar
1990	Betinho, Bira e Aparecida
1991	Pelé, Claudinho Inspiração, Tonho Magrinho e Paulo Roberto
1992	Dinoel Sampaio, Itinho e Neguinho da Beija-Flor
1993	Wilson Bombeiro, Edeor de Paula e Sérgio Fonseca
1994	Arnaldo Matheus, J. Santos, Almir Moreira
1995	Bira, Zé Carlos do Cavaco, Tão Barbudo, Dequinha Pottier e Jorginho
1996	Miro Barbosa
1997	Wilson Bombeiro, J. Santos, Arnaldo Matheus e Almir Sereno
1998	Alencar de Oliveira, Wilsinho Paz, Noel Costa, Baby e Marcos
1999	Wilsinho Paz e Noel Costa
2000	Igor Leal e Amendoim da Beija-Flor
2001	Deó, Caruso, Cléber e Osmar
2002	Wilsinho Paz, Elcy, Gil das Flores, Alexandre Moraes, Tamir, Igor Leal e Tom Tom
2003	Betinho, J.C. Coelho, Ribeirinho, Glyvaldo, Luís Otávio, Manoel do Cavaco, Serginho Sumaré, Vinícius
2004	Cláudio Russo, Zé Luiz, Marquinhos, Jessi e Leleco
2005	J.C. Coelho, Ribeirinho, Adílson China, Serginho Sumaré, Domingos P. S., R. Alves, Sidney de Pilares, Zequinha do Cavaco, Jorginho Moreira, Wanderley Novidade, Walnei Rocha e Paulinho Rocha
2006	Wilsinho Paz, Noel Costa, Alexandre Moraes e Sílvio Romai
2007	Cláudio Russo, J. Veloso, Carlinhos do Detran, Gílson Castro
2008	Cláudio Russo, Carlinhos do Detran, J. Veloso, Gílson Castro, Kid, Marquinhos
2009	Tom Tom, Marcelo Guimarães, Lopita, Jorge Augusto e Veni Vieira
2010	Picolé da Beija-Flor, Serginho Sumaré, Samir Trindade, Serginho Aguiar, Dison Marimba e André do Cavaco

Anexo 3 – Letras dos sambas-enredo de 1973 a 1978

1973 – Educação para o desenvolvimento (César das Neves e Darven Valentin)

Veja que beleza de nação/ O Brasil descobre a educação/ Graças ao desenvolvimento/ E a reforma do ensino/ O futuro, o amanhã/ Estão nas mãos destes meninos/ Vamos exaltar
Vamos exaltar/ As professoras/ Que ensinam o bê-a-bá/ E relembramos os jesuítas/ Os primeiros colégios criaram/ Para dar aos brasileiros/ Cultura e educação/ Brasil terra extraordinária/ Venham ver a nossa/ Cidade Universitária/ Uni-duni-tê/ Olha o A-B-C/ Graças ao MOBRAL/ Todos aprendem a ler

1974 – Brasil no ano 2000 (Walter de Oliveira e João Rosa)

É estrada cortando/ A mata em pleno sertão/ É petróleo jorrando/ Com afluência do chão/ Sim, chegou a hora/ Da passarela conhecer/ A idéia do artista/ Imaginando o que vai acontecer/ No Brasil no ano dois mil/ Quem viver verá/ Nossa terra diferente/ A ordem do progresso/ Empurra o Brasil pra frente/ Com a miscigenação de várias raças/ Somos um país promissor/ O homem e a máquina alcançarão/ Obras de emérito valor/ É estrada cortando/ A mata em pleno sertão/ É petróleo jorrando/ Com afluência do chão/ Na arte na ciência e cultura/ Nossa terra será forte sem igual/ Turismo o folclore altaneiro/ Na comunicação alcançaremos/ O marco da potência mundial

1975 – O grande decênio (Bira Quininho)

É de novo carnaval/ Para o samba este é o maior prêmio/ E o Beija-Flor vem exaltar/ Com galhardia o grande decênio/ Do nosso Brasil que segue avante/ Pelo Céu, mar e terra/ Nas asas do progresso constante/ Onde tanta riqueza se encerra/ Lembrando PIS e PASEP/ E também o FUNRURAL/ Que ampara o homem do campo/ Com segurança total/ O comércio e a indústria/ Fortalecem nosso capital/ Que no setor da economia/ Alcançou projeção mundial/ Lembraremos também/ O MOBRAL, sua função/ Que para tantos brasileiros

1976 – Sonhar com rei, dá leão (Neguinho da Beija-Flor)

Sonhar com anjo é borboleta/ Sem contemplação/ Sonhar com rei, dá leão/ Mas nesta festa de real valor, não erre não/ O palpite certo é Beija-flor/ Cantando e lembrando em cores/ Meu Rio querido, dos jogos de flores/ Quando o Barão de Drummond criou/ Um jardim repleto de animais/ Então lançou.../ Um sorteio popular/ E para ganhar/ Vinte mil réis com dez tostões/ O povo começou a imaginar.../ Buscando... no belo reino dos sonhos/ Inspiração para um dia acertar/ Sonhar com filharada... é o coelhinho/ Com gente teimosa, na cabeça dá burrinho/ E com rapaz todo enfeitado/ O resultado pessoal... É pavão ou é veado/ Desta brincadeira/ Quem tomou conta em Madureira/ Foi Natal, o bom Natal/ Consagrando sua Escola/ Na tradição do Carnaval/ Sua alma hoje é águia branca/ Envolta no azul de um véu/ Saudado pela majestade, o samba/ E sua brejeira corte/Que lhe vê no céu

1977 – Vovó e o rei da Saturnália na corte egípciana (Luciano e Savinho)

Caiu dos olhos da vovó/ Uma lágrima sentida/ Lembrando imagens de criança/ Do velho tempo que passou/ O seu pranto é colorido/ Nas vivas cores da televisão/ Que hoje assiste recordando/ Formosos ranchos/ e grandes sociedades/ No esplendor da noite/ Como era lindo a presença do dia/ A corte egípciana/ Enredos de nostalgia/ Não chore não vovó/ Não chore não/ Veja quanta alegria dentro da recordação/ Relembre a graça do estruído/ E o fascínio do baile de Veneza/ Lá em Roma Pagã/ Para festejar a primavera/ Colhiam frutos e faziam orgias/ Que começavam/ ao romper do dia/ E vinha um rei/ Num belo carro naval/ Alegando a saturnália/ Inventando o carnaval/ De lá pra cá/ Tudo se transformou/ Mas a vitória da folia ficou/ No encanto do meu povo/ que brinca sambando/ quando samba a Beija-Flor

1978 – A criação do mundo na tradição Nagô (Mazinho, Gílson e Neguinho da Beija-Flor)

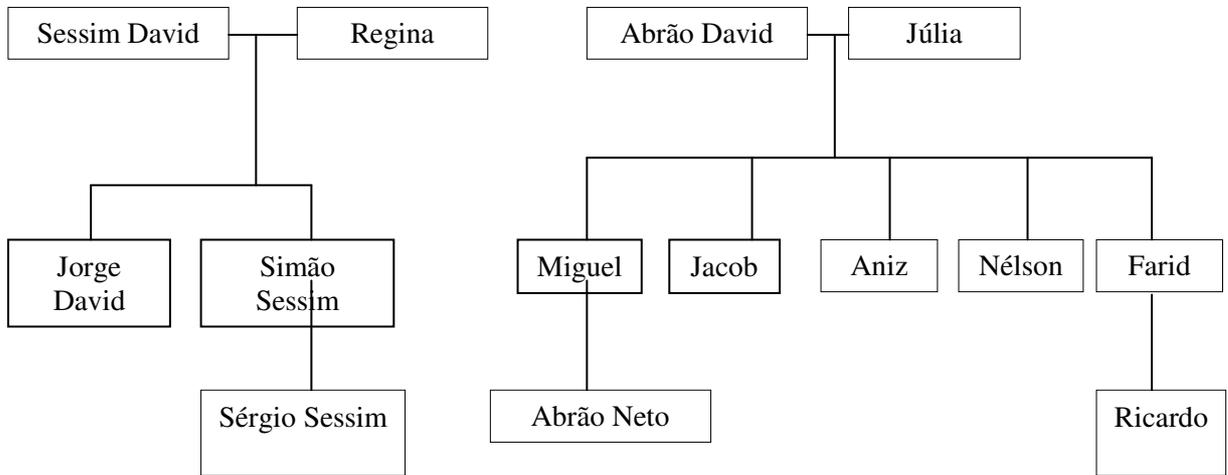
Bailou no ar/ O ecoar de um canto de alegria/ Três princesas africanas/ Na sagrada Bahia/ Iyá Kalá, Iyá Detá, Iyá Nassô/ Cantaram assim a tradição Nagô/ Olurun! Senhor do infinito!/ Ordena que Obatalá/ Faça a criação do mundo/ Ele partiu, desprezando Bará/ E no caminho, adormecido, se perdeu/ Odudua/ A divina senhora chegou/ E ornada de grande oferenda/ Ela transfigurou/ Cinco galinhas d'Angola e fez a terra/ Pombos brancos criou o ar/ Um camaleão dourado/ Transformou em fogo/ E caracóis do mar/ Ela desceu, em cadeia de prata/ Em viagem iluminada/ Esperando Obatalá chegar/ Ela é rainha/ Ele é rei e vem lutar/ Iererê, ierê, ierê, ô ô ô ô/ Travam um duelo de amor/ E surge a vida com seu esplendor

Anexo 4 – Listagem dos prefeitos de Nilópolis*

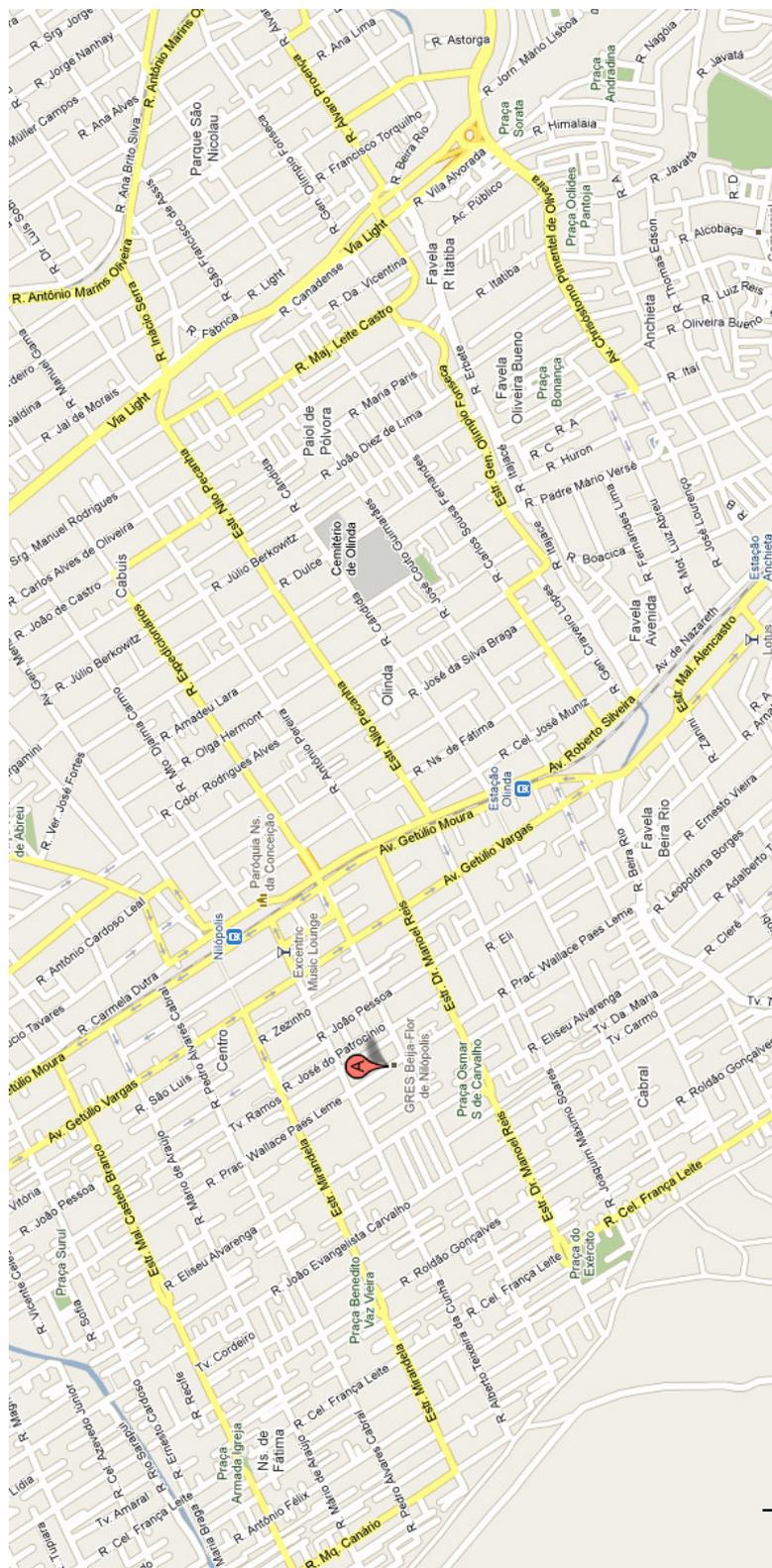
1947 a 1951 – João Moraes Cardoso Júnior
1951 a 1955 – Egídio Mendonça Thurler
1955 a 1959 – João Moraes Cardoso Júnior
1959 a 1963 – Alfredo de Almeida Alantejano
1962 – Thales do Couto (vice-prefeito em exercício)
1963 a 1964 – Eracydes Lima de Carvalho
1964 a 1966 – João Batista da Silva
1966 – Zélio Sabino Barbosa (vice-prefeito em exercício)
1966 a 1967 – Francisco Gonçalves Filgueiras (interventor)
1967 a 1970 – João Moraes Cardoso Júnior
1970 – Gilberto Castro Rodrigues (vice-prefeito em exercício)
1971 – Reinaldo Doile Maia (interventor estadual)
1971 a 1973 – Sérgio Cardoso
1973 a 1977 – Simão Sessim
1977 a 1981 – João Batista da Silva
1981 a 1982 – Zélio Sabino Barbosa (vice-prefeito em exercício)
1983 a 1988 – Miguel Abraão David
1988 a 1992 – Jorge David
1992 a 1996 – Manoel da Silva Rosa
1996 a 2000 – José Carlos Cunha
2000 a 2008 – Farid Abraão
2008... – Sérgio Sessim

* Fonte: Torres, Gênesis (Org.). *Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política*. São João de Meriti, RJ: IPAHP Ed., 2004. p. 170.

Anexo 5 – Genealogia dos dois ramos do poder familiar



Anexo 6 – Mapa das principais ruas e avenidas do município de Nilópolis*



* Fonte: Google Maps Brasil. Acesso: agosto de 2010.